

Luzes, câmera, emoção!

Echo of thunder

Maura Seger



Ambição, amor e poder no fascinante mundo da televisão.

Envolta nas sombras do crepúsculo, a casa de praia guardava lembranças dos momentos de paixão e delírio que Alexis e James tinham vivido. Absorto, James aguardava a mulher amada com o coração em tumulto e a nítida impressão de que a deixara escapar por entre os dedos, entregando-a a outro homem, a quem agora ela devia dar seu corpo perfumado nas longas noites de amor. E tudo porque Alexis competia com ele no apaixonante campo da televisão. Eram idênticos: obstinados, ambiciosos, determinados a vencer a qualquer preço. E, acima de tudo, dispostos a sacrificar qualquer coisa por seu ideal. Mas talvez nem tudo estivesse perdido. Ele ainda tinha um trunfo a usar, uma última proposta a fazer para a mulher que agora vinha ao seu encontro...

PROJETO REVISORAS

Digitalização: Silvia
Revisão: Débora



Querida leitora,

Os Romances Nova Cultural trazem muita emoção todos os dias para você. Histórias maravilhosas, modernas, de época, com todos os ingredientes que um romance de amor precisa. Não perca! Todos os dias nas bancas tem um romance novo esperando por você!

Janice Florido
Editora Executiva

Maura Seger
Luzes, câmera, emoção!

A AUTORA E SUA OBRA

Copyright © 1985 by Maura Seger

Publicado originalmente em 1985 pela Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada por acordo com a Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra, salvo os históricos, são fictícios. Qualquer outra semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: *Echo of Thunder*

Publicado originalmente pela Editora Nova Cultural em 1986

Tradução: Elsa Joana Frezza

Editor: Janice Florido

Chefe de Arte: Ana Suely S. Dobón

Paginador: Nair Fernandes da Silva

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Rua Paes Leme, 521 - 10º andar CEP 05424-010 - São Paulo - Brasil

Copyright para língua portuguesa: 2000 EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

FOTOCOMPOSIÇÃO: Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo.

PARTE I

1946 — 1951

CAPÍTULO I

Os elegantes edifícios de apartamentos de Beekman Place pareciam sentinelas perfiladas de encontro a um céu cor de chumbo. Do lado leste, uma chata deslizava lentamente pelo canal que unia Manhattan a Welfare Island. Do oeste, uma extensa fila de carros movia-se ao longo da Rua 49, em direção à Broadway, onde os teatros não tardariam a abrir suas portas.

Oculto nas sombras da entrada de serviço, junto ao imponente portão principal do Edifício Beekman, James Callahan consultou o relógio. Quase oito horas. Se sua informante estivesse certa, a mulher que iria conhecer deveria chegar a qualquer momento.

O vento que soprava do rio estava cortante de tão frio. Ele estremeceu e ergueu a gola do sobretudo, sem deixar de perscrutar as imediações com olhos atentos de um homem que ainda não se habituara à relativa segurança dos tempos de paz.

Seis meses antes, era um major dos fuzileiros sediado em Manila, à espera de ser embarcado para Okinawa e de lá para o Japão. Após quase quatro anos de combate, a sorte que o mantivera vivo até então parecia a ponto de abandoná-lo. Embora nunca tivesse perdido tempo em questionar sua própria mortalidade, não esperava voltar vivo da guerra. Mas voltara, e agora o futuro era seu, se fosse inteligente e rápido o bastante para conquistá-lo.

A mulher que esperava podia ter a chave disso.

Consultando novamente o relógio, tentou imaginar o motivo do atraso. De acordo com sua informante, uma secretária da United Broadcasting Company, Alexis Brockton era de uma pontualidade britânica. E a festa a que devia comparecer havia começado por volta das sete e meia. Pensou, com um sorriso irônico, se a distinta dama não estava querendo fazer uma entrada triunfal.

Fosse qual fosse o motivo, não gostava de ficar parado ali, no frio da noite, à sua espera. Acendeu um cigarro e o fósforo brilhou um instante, iluminando-lhe o rosto parcialmente oculto pela aba do chapéu de feltro cinzento.

Nesse instante, um velho táxi de antes da guerra encostou no meio-fio e o porteiro fardado correu para abrir a porta, tirando o quepe. James estudou com admiração a mulher que saltou do carro. Era muito bonita. Alta e esbelta, possuía uma graça natural evidente mesmo daquela distância. Os cabelos loiro-platinados desciam pelos ombros, no estilo pajem, criando uma luminosidade em torno do rosto oval. Era também muito elegante. Usava um vestido cinza-prateado sob o curto casaquinho de vison.

A descrição que lhe haviam feito de Alexis Brockton era exata, mas não estava preparado para o impacto de sua beleza. Jogando fora o cigarro, puxou o chapéu por cima dos olhos e passou pelas grandes portas envidraçadas com passos rápidos e determinados.

Ela estava no saguão do mármore, à espera de que o porteiro anunciasse sua chegada aos donos da casa. Aproveitando o instante em que o homem estava de costas, James esgueirou-se sem ser notado até os elevadores.

Até aí, tudo bem. Contando mentalmente até dez, esperou que a bela dama se aproximasse para abrir a porta do elevador. Quando entraram, tirou o chapéu e ela lhe agradeceu com uma breve e educada inclinação de cabeça.

Vista de perto, Alexis Brockton era ainda mais bonita. Sabia que ela tinha vinte e quatro anos, fato confirmado pelo suave acetinado de sua pele. A cabeça bem equilibrada sobre o tronco, as sobrancelhas arqueadas, o nariz de corte delicado e o queixo resolutivo. Os olhos cinzentos refletiam o brilho opalescente do vestido, e os lábios perfeitamente delineados estavam discretamente pintados de rosa.

Aqueles lábios adoráveis entre abriram-se inesperadamente e uma voz graciosa, com um leve tom rouco que lhe dava mais encanto, fez-se ouvir:

— Conheço-o?

Surpreso, James fitou a mulher que estava diante dele, as mãos sumidas no abrigo, o pescoço esguio emergindo das peles.

— Desculpe-me...

— Pelo modo como está me olhando, pensei que talvez nos conhecêssemos de algum lugar.

A frieza de seu tom, combinada com seu olhar levemente irônico, deixava bem claro que ela tinha certeza de que nunca se haviam visto antes.

Reagindo ao inesperado desafio, James declarou:

— Não... ainda. Mas vamos nos conhecer.

Alexis fitou-o, incrédula, e depois riu. Um som suave, lembrando o vento de primavera soprando por entre as folhagens novas.

— Vai também à reunião dos Dunleavey?

Ele encolheu os ombros.

— Não é para lá que todos estão indo?

A porta do elevador abriu-se e ela sentiu no braço a mão do estranho. Saiu com ele para o vestibulo.

— Faz tempo que os conhece? — perguntou ela.

— Não... exatamente. Na verdade, sou amigo de um amigo do casal.

— Sei como é. Alguém convida mais alguém que traz consigo uma namorada ou um namorado, e, no final, ninguém conhece ninguém.

— Mas você veio sozinha — observou James, desabotoando o sobretudo.

— Sim... Liz telefonou-me e eu não pude recusar. Poderia parecer desinteresse de minha parte.

— E você está desinteressada? — disse ele, enquanto entregavam seus abrigos a um mordomo de meia-idade.

— Não, claro que não. Apenas ocupada. Há tanto para fazer, agora que a guerra acabou!

— Sim... Isso mudou muito as coisas.

Alexis, que o estivera observando discretamente até então, pôs-se a estudá-lo sem reserva. Deu-lhe uns trinta anos, todos eles bem evidentes no rosto forte e ainda queimado de sol. Abundantes cabelos pretos, luminosos olhos azuis, maçãs proeminentes denunciando a existência de um eslavo dentre os irlandeses morenos que deviam ter sido seus antepassados. O nariz era reto, e quadrados os maxilares, que revelavam teimosia, impressão amplamente confirmada pela linha firme da boca.

Era mais alto do que a maioria dos homens que conhecia. O terno jaquetão cinzento era bem talhado, a camisa branca impecável e a gravata de seda marrom de bom gosto. Tudo muito alinhado, mas incapaz de esconder a grande força que havia nele, tão determinada e irresistível a ponto de fazê-lo parecer perigoso.

Perigoso? Alexis pensou se não estaria exagerando. Naquele ambiente ultracivilizado, era um absurdo sentir-se ameaçada por aquele homem. Não obstante, não podia negar que a idéia lhe provocava um arrepio de excitação. Talvez isso tivesse algo a ver com a luz possessiva que ardia nos olhos dele, ao deslizarem por seu colo e braços nus.

— A propósito... — disse ele, fitando-a nos olhos. — Sou James Callahan.

— Alexis Brockton — respondeu ela maquinalmente, aceitando a mão que ele lhe oferecia. Sentiu o calor e a firmeza do aperto, que durou alguns segundos a mais do que o convencional.

— Vamos entrar? — sugeriu ele, fazendo um gesto na direção das grandes portas e mostrando o salão apinhado de gente. — Não quer tomar alguma coisa?

Alexis concordou. Embora conhecesse a maioria dos convidados, não tinha pressa em separar-se de James Callahan. Ao contrário, queria conhecê-lo melhor, ainda que ele não fosse o tipo de homem a que estava acostumada. O hábito de freqüentar as altas rodas de Nova York e Connecticut predispuera-a a buscar a companhia de homens poderosos como seu pai. Eles eram invariavelmente educados, divertidos e convenientemente reservados. O que significava que não tinham nada a ver com James Callahan.

— O que vai querer? — perguntou ele, quando alcançaram o bar situado no fundo do salão.

O jovem barman esperou atenciosamente, enquanto ela corria os olhos pela fileira de garrafas expostas no pequeno balcão.

— Estou com vontade de experimentar “brisa-marinha”. Ouvi dizer que esse coquetel está fazendo muito sucesso.

O jovem fez um sinal de assentimento e olhou para James.

— Que deseje, senhor?

— Uísque escocês com água.

Pegaram seus drinques e foram sentar-se num canto relativamente tranqüilo, ao lado do terraço que dominava o rio. Um pianista negro tocava músicas suaves que se perdiam em meio ao murmúrio das conversas dos convidados.

— Está bom? — disse James, quando Alexis provou a mistura de gim e suco de limão.

— Nada mau. Quer experimentar?

Ele sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não, obrigado. Meu pai ensinou-me a não misturar bebidas.

— Sábio conselho. É uma pena que a maioria das pessoas não observe essa regra. Desde que a guerra terminou, todos parecem ansiosos por se divertir, beber e comer. As festas se sucedem, umas após as outras. Já estava na hora de começarem a pensar em coisas mais sérias.

James considerou que já havia muita gente pensando em coisas sérias, embora isso não fosse o sinal para um nostálgico retorno ao mundo de antes da guerra. As condições eram outras. E aquele mundo, no qual uma pequena minoria havia monopolizado a riqueza e o poder, desaparecera para sempre. Ele, pelo menos, não o lamentava nem o queria de volta.

— Você não pode censurá-los por quererem comemorar a vitória. — Havia um tom de cautela em sua voz, traduzindo o cuidado de um homem que está pisando em terreno desconhecido.

Alexis encarou-o com firmeza.

— Não sei se há algo para comemorar. Acabei de chegar da Europa e vi com meus próprios olhos como continua feia a situação por lá. Aquela gente precisa de tudo: alimentos, remédios, roupas... quase tudo o que você possa imaginar. E a situação no Pacífico não deve ser melhor. Em vez de pensarmos unicamente que a guerra terminou, deveríamos considerar que tipo de paz iremos ter.

Embora ela falasse serenamente, era impossível não notar a convicção de sua voz ou a agudeza de suas observações. James olhava-a, enquanto tomava seu drinque. Havia em Alexis Brockton muito mais do que sua aparência exterior faria supor. Ela era inteligente, além de bonita. E, o que era ainda mais surpreendente, não tinha medo de expor idéias que outras mulheres de sua classe social deveriam considerar impróprias.

Observando-a, percebeu que também ela o estudava. Discretamente, claro. E que não iria revelar nada do que havia atrás de seus expressivos olhos cinzentos.

— Você é diferente, Alexis Brockton. Inteligente e bela. Uma combinação formidável.

Apesar de seu autocontrole, ela sentiu um rubor de perturbação invadir seu rosto. Não tinha experiência em tratar com homens daquele tipo. Sua absoluta autoconfiança a desconcertava, assim como a força de aço que transparecia atrás de sua postura despreocupada.

Seus olhos fixaram-se no peito amplo e depois deslizaram pelas pernas longas e vigorosas. Teve um arrepio involuntário que não tinha nada a ver com pensamentos racionais. Nunca havia sentido uma atração tão repentina e poderosa!

As coisas estavam acontecendo rápido demais! Por um instante, Alexis foi tentada a contornar a situação, afastando-se dali com uma desculpa qualquer. Mas era contrário a seu caráter bater em retirada. Além do mais, suspeitava que James Callahan não teria permitido que ela se afastasse.

— Obrigada pelo elogio, mas chega de falar de mim. Que tal falarmos um pouco de você?

Ele desviou os olhos dela, fixando-os em seu copo.

— Não há muito o que dizer...

— Mas deve haver! O que eu acho surpreendente é que, sendo amigo dos Dunleavey, não nos tenhamos encontrado antes.

James sorriu ironicamente.

— De fato. Mas é que eu estava viajando.

— Verdade? Onde?

— Em alguns lugares da moda. Guadalcanal, Nova Bretanha, Manila...

Toda a cor fugiu do rosto de Alexis. Com voz sumida, ela perguntou:

— Estava servindo no Exército ou na Marinha?

— Em nenhum dos dois. Eu era fuzileiro.

— Devia ter imaginado...

Foi a vez de ele surpreender-se.

— Por quê?

Ela o considerou um momento, antes de dizer:

— Porque ouvi dizer que os fuzileiros não perdem tempo em conseguir seus objetivos.

— Está querendo dizer que sou impetuoso?

— Não, em absoluto. Tenho a impressão de que é um homem muito determinado e que não está particularmente preocupado com as convenções sociais.

— Mas faço questão de observá-las. Veja: vesti-me apropriadamente... estou procurando seguir as regras.

— Não todas. — Chegando mais perto, ela murmurou; — Deixe-me dar-lhe um pequeno conselho: gente correta não entra sorrateiramente na casa dos outros.

— Quem? Eu? Está me ofendendo, srta. Brockton!

Ela riu e informou-o, com um prazer indisfarçável na voz:

— Os Dunleavey moram na Sutton Place. Nossos anfitriões são os Carlisle.

Imprecando intimamente por não ter-se informado devidamente sobre o nome dos donos da casa, James tentou dominar a situação.

— Então por que me perguntou se eu não conhecia os Dunleavey?

— Notei quando você entrou sorrateiramente pela portaria. Foi muito esperto, e eu estava querendo saber quais eram suas intenções. Afinal, há muita gente rica aqui. Você tanto podia ser um tira... quanto um escroque.

— E agora? O que acha que sou? Tira ou escroque?

— Não tenho ainda opinião formada. Você é muito indisciplinado para ser um tira. E não tem jeito de escroque. — Alexis sorriu e completou: — Espero que não seja, pelo menos.

— Não acha que este é um assunto impróprio para pessoas corretas? E você? Não seria por acaso uma impostora?

Ele estava brincando, sabia perfeitamente bem quem ela era. Por isso surpreendeu-se ao ver o sorriso desvanecer-se de seu rosto e uma estranha expressão passar-lhe pelos olhos e desaparecer antes que ele pudesse compreendê-la.

— Pode ser que eu seja. Mas não importa, eu ainda sei onde estou. Há alguém aqui que você queira conhecer?

“Sim”, pensou James, “você”.

E, por uma razão desconhecida, isso o incomodava. Sentia-se vagamente culpado por ter de usá-la, apesar de intimamente convencido de que não tinha outra alternativa.

Pondo seu copo numa mesinha ao lado do sofá, sugeriu:

— Já que estamos ambos convencidos de que não há ninguém interessante nesta festa, por que não vamos embora?

Alexis hesitou. Não conhecia o homem, e sua primeira impressão fora a de um sujeito perigoso. Ele a perturbava e ao mesmo tempo a fascinava.

— Muito bem — concordou por fim. — Mas antes quero apresentá-lo a Liz.

— Liz Carlisle?

— Ela mesma.

A dona da casa era uma mulher de seus quarenta anos, muito bem vestida. Seus olhos escuros brilhavam, iluminados por uma vivacidade irresistível.

— Alexis, minha querida! — exclamou, quando a jovem apareceu diante dela. — Você veio, afinal. Que bom! Já era hora de sair um pouco.

Voltando-se para James, a mulher estendeu-lhe a mão carregada de brilhantes.

— Onde é que arranjou esse homem tão encantador? — disse ela, olhando-o com um sorriso cordial.

James apertou a mão dela e inclinou-se galantemente.

— É um prazer, sra. Carlisle. Sua casa é encantadora.

— É muito amável. Mas é apenas um cantinho que usamos quando estamos na cidade.

— Liz e Charles criam cavalos de raça — explicou Alexis. — Têm um lindo rancho no Connecticut.

— Por favor, querida! Não me inclua nisso. Não suporto aqueles animais malcheirosos! Mas Charlie fica tão feliz quando está no rancho...

Após mais algumas trocas de gentilezas, ambos cederam seu lugar a outros convidados que queriam aproximar-se da efervescente mulher. A caminho da porta, Alexis murmurou:

— Não se deixe enganar por Liz. É uma mulher muito observadora, e o casal tem muita influência nos altos círculos de Nova York. Mais do que qualquer político ou homem de negócios.

— Não diga! — comentou James, tomando o casquinho de peles das mãos do mordomo e ajudando-a a vesti-lo.

— Liz faz parte da diretoria de algumas das maiores instituições de caridade do país, do Museu de Arte Moderna e da Ópera Metropolitana!

— Impressionante! — exclamou ele, enquanto se encaminhavam para o elevador. Abotoando o sobretudo com uma das mãos e segurando o chapéu com a outra, ele perguntou: — Você também faz parte dessa roda?

— Já cheguei a fazer.

— E agora?

— Não. Eu... — Alexis interrompeu-se, quando as portas do elevador abriram-se. Depois de entrarem, completou: — Algumas mulheres contentam-se em preencher sua vida dedicando-se à caridade. Eu prefiro algo... mais prático.

— Algo ligado ao cotidiano?

Ela endereçou-lhe um sorriso de anuência.

— Exatamente. Trabalho para a United Broadcasting Company.

— E o que faz lá?

Alexis fez uma careta.

— Sou responsável pelos projetos especiais.

Enquanto saíam do elevador, James comentou:

— Pode significar muita coisa... ou nada em particular.

— Nada em particular... — admitiu ela, com admirável franqueza. — Mas pretendo mudar esse estado de coisas.

— Como?

Atravessaram o vasto saguão de mármore em silêncio. Uma brisa fresca e convidativa chegava pela porta de entrada. Alexis respirou fundo e virou-se para James.

— É difícil explicar.

— Não quer fazer isso durante o percurso? Gostaria de levá-la para casa.

— Está bem. Mas vamos a pé. É uma noite muito bonita para ser desperdiçada dentro de um táxi. Moro no Central Park, setor sul.

Isso significava uma distância de pelo menos dez quarteirões. James olhou com preocupação a altura dos saltos dela.

— Está mesmo certa de que quer caminhar?

— Naturalmente — afirmou ela, tomando-lhe o braço. Caminharam em silêncio durante algum tempo. Ao passarem diante do Hotel Shelton, viram um grupo de oficiais do Corpo Aéreo que estavam de partida.

— Provavelmente, devem ter chegado há pouco do front — observou James. — Eu tive mais sorte. Meu destacamento foi um dos primeiros a serem desmobilizados.

— Quando voltou?

— No começo de dezembro.

— Eu estava na Inglaterra, nessa época.

— Por algum motivo particular? — perguntou James, cuidando para que sua voz soasse com naturalidade.

— Havia uma pessoa que eu queria conhecer... Um cientista.

James sorriu com naturalidade.

— Que interesse uma linda mulher como você pode encontrar num cientista?

— Ele é autoridade num assunto que me interessa profundamente: transmitir imagens através de ondas de baixa frequência.

— Televisão? Li alguma coisa a esse respeito.

— Vai ser a grande sensação do mundo e eu gostaria de convencer certas pessoas disto.

— Da United Broadcasting?

— Exatamente. Lá, todos só pensam em rádio.

— Mas você tem de admitir que radiodifusão é rádio. É difícil que eles possam pensar em outra coisa além disso.

— Vão ter de pensar — disse Alexis com firmeza. — Quando eu puder desenvolver meu projeto especial.

James não pôde deixar de admirar sua determinação e sua visão do futuro. Estava também convencido de que a televisão iria ter uma poderosa influência no mundo de após-guerra. E achava que, como ele, muita gente acreditava nisso.

— Não será fácil transmitir imagens claras para os receptores espalhados pela cidade e seus arredores — aventurou James, enquanto atravessavam a avenida ainda muito movimentada.

— Não pretendo enfronhar-me na parte técnica. Mas quero ter a pessoa certa trabalhando para mim.

— Como esse cientista?

Ela confirmou com a cabeça.

— O professor Wilcox é uma das maiores autoridades em radar. Obteve avanços fantásticos na transmissão de imagens a grande distância.

— Ele parece ser a pessoa certa... se você está interessada nisso.

— Estou. E o resto do mundo logo vai estar.

Ela o fitou, esperando que ele compartilhasse de seu entusiasmo. Era frustrante perceber que a invenção que iria revolucionar os meios de comunicação parecesse inconseqüente para a maioria das pessoas. Na UBC, por exemplo, ninguém parecia interessado nisso. Especialmente seu pai, que, como presidente da empresa, ainda detinha nas mãos o poder da decisão, ou seu irmão Graham, que estava destinado a substituí-lo, quando fosse o momento.

— Esse professor Wilcox poderá ajudá-la? — perguntou James.

— Assim espero. Ele chegará aos Estados Unidos no começo da semana que vem. Se eu puder interessá-lo com um contrato atraente, talvez ele possa levar isso em consideração.

— Imagino que seu preço seja alto.

— Engana-se. O professor não está interessado em dinheiro. Infelizmente. O que ele quer é autonomia e liberdade para dar prosseguimento às suas pesquisas. E isso eu não posso prometer.

Mas James podia. Como dono de uma pequena empresa, isso era tudo o que poderia oferecer. Lutando para sufocar sua inesperada excitação, ele comentou:

— Ele deve ser louco se recusar sua proposta. A United Broadcasting é uma das maiores e mais lucrativas empresas do país.

— Tenho receio de que isso não vá impressioná-lo. Ele prefere atuar numa empresa menor.

“Ótimo”, pensou James. “Vamos de bom a melhor.”

— Quem sabe... Se ele gostar mesmo dos Estados Unidos, e resolver ficar por aqui, talvez aceite sua proposta. Você disse que ele chega na semana que vem?

Alexis fez um sinal afirmativo, pensando distraidamente em por que estavam falando tanto de seu trabalho.

— Na segunda-feira, pela Pan Am.

Era tudo o que James queria saber. Astutamente, ele mudou de assunto e logo Alexis viu-se contando as últimas novidades de Paris.

— Christian Dior parece determinado a fazer uma revolução na moda feminina — explicou ela.

— Por quê? Como está parece-me ótima.

— As mulheres estão cansadas de fazer economia. Querem algo diferente. Dior introduziu o que ele chama de new look, uma nova aparência.

— O vestido que você está usando segue essa nova tendência?

Ela riu suavemente.

— É uma das primeiras criações de Dior. Minha mãe era uma de suas clientes mais fiéis, e ele teve a gentileza de fazê-lo para mim, quando estive em Paris.

James admirou-o, imaginando quanto ela não devia ter pago por aquela gentileza.

— É muito bonito. Mas é uma pena que esconda suas pernas.

— Acho que o que não pode ser visto é mais desejável.

— Talvez para um costureiro francês. Mas não para um sadio americano.

“E você é certamente isso”, pensou ela.

Sadio, forte, inteligente, viril. E, principalmente, muito, muito atraente. Se não se cuidasse, ela poderia perder a cabeça. E isso era algo que não podia deixar acontecer. Se quisesse ter alguma chance de introduzir a televisão na UBC, teria de dedicar todo o seu tempo e toda a sua atenção ao novo projeto. O que era realmente uma pena, porque gostaria de aprofundar um conhecimento com o primeiro homem que despertara verdadeiramente seu interesse.

Ao chegarem diante dos Estúdios Gainsborough, onde morava, Alexis voltou-se para ele.

— Gostaria de convidá-lo para entrar, mas é muito tarde.

James fitou-a por um momento. Era melhor que ela pensasse que não se veriam nunca mais. Não demoraria muito a perceber que estava enganada e então iria ficar muito surpresa e até mesmo enraivecida.

Um sorriso distendeu-lhe os lábios, ao pensar nisso. Ela era fria e distante. Sua beleza aristocrática conferia-lhe um ar altivo que, não entendia a razão, provocava-lhe um certo

ressentimento. Cedendo à inesperada tentação de abater-lhe o orgulho, curvou-se e beijou-lhe levemente os lábios.

O toque foi tão gentil e delicado que Alexis teria a impressão de estar sonhando, se uma súbita onda de calor não lhe percorresse o corpo. Tomada de surpresa, correspondeu ao beijo com mais ardor do que teria feito em outras circunstâncias.

James hesitou. Tivera a intenção de beijá-la e depois afastar-se. Mas não era fácil resistir, sentindo que ela se enleava na sua fascinação. Quis estreitá-la nos braços e cobrir-lhe de beijos.

Mas a prudência falou mais alto. Se passasse a noite em sua companhia, não seria capaz de sair de seus braços livre e desimpedido no dia seguinte. Muitas vezes, antes disso, tivera de tomar decisões difíceis. Decisões que haviam significado a diferença entre a vida e a morte.

Mas, agora, ele estava lutando por um bem mais precioso: seus sonhos. E a menor vacilação poderia representar a diferença entre a vitória e o fracasso. Recuou de um passo, dando tempo a Alexis de se recuperar da surpresa de desejá-lo, e então murmurou:

— Boa noite, Alexis.

CAPÍTULO II

— Não entendo — disse Alexis pausadamente. — O professor Wilcox não pode ter desaparecido assim, sem mais nem menos.

— Ninguém está afirmando isso — tranqüilizou-a sua secretária. — O professor chegou efetivamente pela Pan Am há quatro dias, Mas em algum lugar, entre o aeroporto e o hotel, ele...

— Evaporou-se? — completou Alexis ironicamente. — Tínhamos um encontro marcado para as dez horas do dia seguinte ao de sua chegada. Queria dar-lhe a chance de descansar um pouco, depois de uma viagem tão cansativa. Mas, quando cheguei ao hotel, ninguém sabia dele. Será que sofreu um acidente?

— Acha que a polícia não saberia, se isso tivesse acontecido? — observou judiciosamente Margaret Goodman.

Sua secretária era uma mulher de meia-idade, inteligente e dinâmica. Estava a seu serviço desde que seu pai, acatando finalmente sua determinação de trabalhar, concordara em entregá-lhe a direção da Divisão de Projetos Especiais da UBC.

Alexis pensou um momento e então afirmou:

— Esperamos demais. Chame a agência de detetives Apex e diga-lhes para seguirem qualquer pista que o professor tenha deixado, depois de ter desembarcado daquele avião.

Enquanto Margaret se encaminhava para o telefone, ela chegou à janela e pôs-se a olhar a chuva torrencial que se abatia sobre a cidade. Todos os seus instintos diziam-lhe que algo estava errado. Não havia nenhuma explicação lógica para aquele desaparecimento. Já estava começando a sentir-se inquieta.

Sacudindo-se com impaciência de seu pessimismo, lembrou-se de que os angustiantes dias de guerra, quando tudo podia acontecer, haviam terminado. As pessoas não podiam sumir de repente sem deixar pistas, numa das mais civilizadas cidades do mundo!

Não obstante, era o que parecia ter acontecido com o professor Wilcox. E, até que ele não fosse encontrado, todos os seus planos para introduzir a televisão na UBC tinham de ser postos de lado.

O resto do dia passou com exasperante lentidão. No final da tarde, teve de tomar parte de uma reunião com seu pai, seu irmão e os diretores das outras divisões da UBC. O assunto em pauta era uma rápida expansão dos programas da emissora.

Depois das formalidades preliminares, Graham Brockton deu início à sessão.

— Um novo mundo vai surgindo e nosso campo de ação será consideravelmente ampliado — declarou ele enfaticamente. — Terminada a guerra, as fábricas estarão voltadas para suprir uma população ansiosa em gastar o dinheiro acumulado nestes últimos anos. E nada melhor do que o rádio para anunciarem seus produtos. Haverá grandes oportunidades e vamos nos aproveitar delas.

Alexis olhou para o irmão, meio irritada. Graham estava recostado displicentemente na cadeira, o paletó do terno da Saville Row desabotoado com estudada negligência. Seus cabelos loiros cuidadosamente penteados brilhavam à luz dos lampadários antigos. Suas feições aristocráticas exibiam sua habitual expressão de tédio. Aos vinte e cinco anos, com uma brilhante carreira de relações-públicas do Pentágono atrás de si, ele era arrogante, pomposo, cheio de sua própria importância e totalmente contrário a qualquer opinião que divergisse da sua. Em resumo, era tudo o que seu pai achava correto num jovem de sua posição.

De seu lugar, à cabeceira da grande mesa, Charles Brockton assentiu com a cabeça. Ele era um homem graúdo e corpulento. Nem mesmo os melhores alfaiates podiam disfarçar sua tendência para a obesidade ou dar-lhe o ar de elegância com que ele sempre sonhara.

Era uma tragédia, ou melhor, uma ironia que, tendo conseguido juntar uma grande fortuna e deter nas mãos um grande poder, ainda lutasse desesperadamente para ser admitido no fechado mundo das altas esferas. Com seus filhos, no entanto, o caso era diferente. Ele os educara para fazerem parte da elite e assumirem os papéis que lhes havia previamente destinado.

— Todas as nossas pesquisas indicam que o futuro do rádio é promissor — confirmou ele com voz possante. — Temos o privilégio de sermos parte integrante do mais avançado sistema de comunicação do mundo.

E com um sorriso frio completou:

— Quando eu digo nós, refiro-me naturalmente à UBC. Nossos programas são parte da vida cotidiana de centenas de milhares de pessoas, e vamos dar continuidade a isso, torná-los cada vez mais abrangentes.

Charles Brockton voltou-se para seus diretores. Olhou-os um a um e, obedientemente, os executivos iam sacudindo afirmativamente a cabeça.

Apenas dois participantes da reunião deixaram de expressar sua concordância: Graham, porque isso significaria abandonar sua pose de homem permanentemente entediado, e Alexis, por estar completamente convencida de que o rádio seria logo eclipsado pela televisão.

Percebendo o ar cético de sua filha, Charles Brockton disse em tom severo:

— Sei que não era isso o que você queria ouvir, Alexis. Mas tem de ser realista. — Ele fez uma pausa dramática e então completou: — A televisão é uma utopia, uma fantasia dos cientistas.

— Nossos maiores concorrentes não pensam assim — disse ela serenamente. — Não se esqueça da transmissão especial da NBC, por ocasião do aniversário de Lincoln, há algumas semanas. A CBS e a ABC não vão ficar de braços cruzados para sempre. Todas as companhias de produtos eletrônicos já estão trabalhando para aperfeiçoarem os aparelhos: a RCA, a Columbia, a Philco, todas elas. Se não nos apressarmos, perderemos a oportunidade de alcançar a nova era da comunicação.

Alexis expusera esses mesmos argumentos tantas vezes que suas palavras soavam gastas até a seus próprios ouvidos. Certamente, não iriam produzir nenhum efeito no homem sentado à cabeceira da imponente mesa de carvalho.

Graham também não escondeu seu aborrecimento, e sua voz indolente fez-se ouvir do outro lado da mesa.

— Deixe essa preocupação para as outras emissoras. Nós temos a nossa própria programação para cuidar. Não vamos perder tempo com quimeras.

Sufocando uma incontrolável vontade de dizer-lhe umas verdades, Alexis levantou-se lentamente. Não tinha mais nada para fazer ali.

— Queiram me desculpar...

Um amargo sentimento de frustração subjugou-a, ao dirigir-se a seu escritório. Contrariamente a seu irmão, que ocupava uma sala suntuosa ao lado da suíte palaciana de seu pai, ela fora instalada numa sala modesta, num andar bem afastado da ala executiva.

Sua secretária já tinha ido embora, mas deixara-lhe um recado, informando-a de que a Apex esperava obter alguns resultados concretos dentro de poucos dias. Era o que Alexis também esperava...

Não obstante, voltou para casa preocupada com o desaparecimento do cientista. Pensou, com tristeza, que se até então seu pai relegara-a a uma sala nos fundos, fazendo de conta que ela não existia, agora seu isolamento seria maior. Sem Wilcox, não tinha a menor esperança de demonstrar a viabilidade de seus projetos.

Enquanto guardava o carro na garagem, sentiu-se surpreendentemente desolada e perdida. Mas animou-se um pouco ao tomar o elevador. Desde que deixara a mansão da família, no Connecticut, instalara-se num lindo apartamento, num dos edifícios mais exclusivos de Manhattan. Uma sorte grande, numa cidade regurgitante de veteranos de guerra, todos à procura de um lugar para morar.

Embora seu salário na UBC fosse tão modesto quanto seu cargo, os bens que sua mãe lhe deixara eram mais do que suficientes para sustentá-la. Construíra uma vida agradável para si mesma. E, exceto em raras ocasiões, quando a solidão lhe pesava, sentia-se quase vitoriosa.

Mas seu pai não fazia segredo de que desaprovava seu modo de viver. Dera-lhe o emprego apenas porque ela ameaçara ir trabalhar em outro lugar. E, desde então, suspeitava, estava à espera de que ela falhasse, reconhecesse o erro e fizesse exatamente o que ele queria: casasse com alguém de sua escolha e tivesse filhos para satisfazer-lhe as ambições dinásticas.

No entanto, essa era uma opção que Alexis deixara de lado havia muito tempo. Imprimira outro rumo à sua vida. Não sabia se melhor ou pior. Mas era assim que sonhara viver: uma existência que lhe pertencesse inteiramente, dona de um tesouro que não se importava de desfrutar sozinha.

Deitada no sofá da sala, à espera do jantar, Alexis fechou os olhos cinzentos subitamente enevoados e sombrios. A imagem de James Callahan não lhe saía da mente. Nunca experimentara antes atração tão forte a ponto de abalar suas convicções a respeito do amor. Por causa disso, sentia-se desprezível a seus próprios olhos. Onde estava sua segurança, quando se deixava envolver pelo encanto de um desconhecido? Sem resposta a essa questão, sentiu uma sombra descer sobre seu mundo.

Os dias que se seguiram foram exaustivos. Esforçava-se ao máximo para juntar dados e elaborar um relatório que convencesse seu pai a conceder alguns fundos a seu departamento. Pretendia desenvolver o projeto da televisão, mesmo que não pudesse contar com a ajuda de

Wilcox. Essa tarefa exigia todas as energias de seu espírito, e ela mergulhou no trabalho com entusiasmo.

Mas, à noite, revirava-se na cama, inquieta, vibrando de desejos vagos, o cérebro remoendo imagens confusas de alguém que não conseguia afastar da memória.

O homem da agência de detetives chegou no começo da semana seguinte. Margaret introduziu-o no escritório e Alexis foi logo perguntando:

— Encontrou o professor?

O homem sentou-se e retirou calmamente um caderninho do bolso do paletó.

— O professor Wilcox está morando num trailer em Long Island. A área onde o trailer está estacionado pertence a uma firma: a Independent Broadcasting System.

— Independent Broadcasting System... — repetiu lentamente Alexis. — O que vem a ser isso? Ou melhor, a quem pertence essa firma?

O detetive consultou novamente suas anotações.

— A IBS foi registrada no Estado de Nova York em janeiro deste ano. E tem por finalidade desenvolver programas de informações e entretenimentos a serem transmitidos pela televisão. Pertence a dois sócios: James Callahan e Anthony Gargano.

Uma sensação de mal-estar assaltou Alexis, ao ouvir o nome de James. Mas sua voz era totalmente inexpressiva, quando perguntou:

— Disse... Callahan?

— Certo, senhora. Callahan e Gargano. A firma deles vai operar em pequena escala. — Pensativamente, o detetive completou: — Talvez estejam querendo um resgate por Wilcox.

— Duvido. O professor vale seu peso em ouro para eles.

— Senhora?... — O detetive olhou-a, perplexo. — Se eles o seqüestraram, é caso de polícia!

— Tenho receio de que não seja tão simples assim. Fez um relatório do caso?

— Ah, sim. Aqui está — disse o homem, passando-lhe às mãos um grande envelope amarelo.

— Obrigada, detetive. A Apex fez um bom trabalho. Como sempre. Mande a conta para meu escritório, sim?

O homem assentiu mudamente, fechou seu livrinho de anotações e levantou-se. Quando ele saiu, Alexis abandonou-se sem forças na cadeira, enquanto o choque e a raiva percorriam-lhe o corpo em ondas geladas. O homem por quem estivera suspirando havia mais de uma semana era uma cobra venenosa!

Mas a cólera impulsionou-a e deu-lhe forças. Folheando o relatório que o detetive lhe deixara, notou que a Independent Broadcasting estava localizada no norte de Long Island, a cerca de cinquenta milhas de Nova York. Com um pouco de sorte, poderia chegar lá em duas horas.

— Vou sair, Margaret — disse à secretária.

— Vai voltar mais tarde?

— Não tenho certeza.

Minutos depois, estava atravessando a ponte de Queensborough, rumo a Long Island. A brisa do mar, trazida pelo vento, era suave, e ela ficou contente de estar com a capota de seu Packard abaixada. O sol aquecia-a, afastando a desagradável sensação de frio no peito.

Frases agressivas vinham-lhe à mente. Rejeitou-as, em favor de um comportamento estritamente profissional. Durante seus meses na UBC aprendera a nunca demonstrar suas emoções diante do adversário.

Quando fez o retorno que a levaria ao centro de operação da Independent Broadcasting, seu rosto estava impassível. Alterou-se ligeiramente, no entanto, ao vencer o último trecho da rodovia e defrontar-se com o inesperado.

Três velhos trailers estavam estacionados em volta de um barracão coberto com chapas de zinco ondulado. Ao lado, uma velha torre de transmissão erguia-se de encontro ao céu azul, servindo de poleiro para uma meia dúzia de gaivotas. Além de uma cerca, algumas vacas pastavam tranqüilamente no capim ralo.

Alexis sacudiu a cabeça, sem acreditar no que via. A agência de detetives Apex devia ter-se enganado! Não era possível que uma companhia sediada num lugar como aquele pudesse ter-lhe surrupiado o professor!

Estacionando o carro perto do primeiro trailer, subiu os três degraus e bateu na porta. Uma jovem mulher atendeu e ficou olhando para ela. Seus olhos, de um azul puríssimo, eram amigáveis.

— Oi. Há algo que eu possa fazer por você?

— Não tenho certeza — admitiu Alexis com sinceridade. — Talvez tenha vindo ao lugar errado.

A mulher riu e colocou a mão no ventre que evidenciava seu adiantado estado de gravidez.

— É bem possível. Não quer entrar e descansar um pouco?

— Obrigada.

Um garotinho de seus cinco ou seis anos apareceu nesse instante e ficou espiando Alexis, agarrado à barra da saia da jovem.

— Sou Maggie Gargano — disse ela, estendendo a mão. — E este é Matthew.

— Prazer em conhecê-la — murmurou Alexis percebendo, para seu espanto, que estava no lugar certo.

— Sou Alexis Brockton.

— Oh, sim, claro! — disse Maggie. — James estava à sua espera.

— Ele... ele disse isso?...

— Sim. Não tinha certeza de quando viria, mas achava que devia ser logo. — Sorrindo, ela acrescentou: — Não quer tomar um copo de limonada, enquanto espera? James está no estúdio junto com o professor Wilcox e vai demorar um pouco.

O interior do trailer era simples, mas impecavelmente limpo. Pelas janelas, onde flutuavam alegres cortinas estampadas, via-se uma pequena horta e, além, os campos ondulados que se estendiam sob o sol de verão.

— Foi tudo o que conseguimos — explicou Maggie. — Com a escassez de moradias, até que tivemos sorte.

Alexis pensou em seu amplo e confortável apartamento e sentiu uma pontada de remorso. James também moraria ali? A lembrança incômoda trouxe-lhe um arrepio, apesar do calor.

— James mora num desses trailers?

— Sim. Ele e Matthew estão instalados num deles, e o professor Wilcox no outro. — Maggie deu uma risadinha. — Mas o bom doutor passa quase todo o tempo no estúdio. É difícil arrancá-lo de lá até mesmo na hora das refeições.

Mas Alexis não a ouvia. Estava ainda pensando em James.

— Matthew não é seu filho?

— Não, mas é meu amigo. — Maggie sorriu e afagou os cabelos do menino. — É maravilhoso que ele e seu pai possam estar novamente juntos.

Então, aquele era o filho de James... Alexis observou-o melhor e notou a semelhança. Ele herdara os claros olhos azuis do pai, além do queixo voluntarioso. Mas os cabelos castanho-dourados e a boca deviam ser da mãe.

Endereçou-lhe um sorriso.

— É bom conhecer você, Matthew. Está gostando de morar aqui?

Ele fez que sim com a cabeça mas não falou, e Alexis teve de se contentar com seu sorriso envergonhado. Depois de servi-los, Maggie voltou-se para ela.

— Você deve estar muito aborrecida.

Alexis não tentou negar.

— Terrivelmente!

Ficaram alguns instantes em silêncio, tomando goles de limonada, e Alexis resolveu amenizar a incômoda atmosfera que se havia instalado entre elas.

— Para quando você está esperando seu bebê?

— Não antes de junho, embora haja alguns sinais... O médico disse que está tudo bem, mas meu marido está muito preocupado. — Maggie sorriu com ternura. — Vem me ver a todo instante, para saber como estou passando.

Nem bem ela tinha terminado de falar, a porta abriu-se e um homem alto e musculoso entrou no trailer. O pescoço e o rosto intensamente bronzeados estavam cobertos de suor.

— Oi, querida. Como está se sentindo? — perguntou ele, inclinando-se para beijá-la.

— Tão bem quanto há instantes. Veja, eu e Matthew temos companhia. Esta é a srta. Alexis Brockton.

— Anthony Gargano — disse o homem, estendendo cordialmente a mão.

— Um dos sócios fundadores da Independent Broadcasting — observou Alexis.

Ele sorriu, e seus dentes brancos brilharam, em contraste com a pele bronzeada.

— Exato. O outro sócio está no estúdio, junto com o mais recente membro de nossa equipe.

Apesar de suas boas intenções, Alexis sentiu o sangue ferver nas veias.

— Não seria melhor dizer que vocês seqüestraram o professor?

Anthony encolheu os ombros.

— Não é bem assim. Ele está morando aqui, come à nossa mesa, está incluído na folha de pagamento da firma. Então, acho que faz parte de nossa equipe.

— Ele veio aos Estados Unidos com o único propósito de trabalhar para a UBC — declarou belicosamente Alexis.

— Acho que o professor mudou de idéia.

Anthony estudou-a por um momento, e depois disse-lhe com gentileza:

— Não quer falar com James a esse respeito? Sei que ele está se sentindo muito mal por tê-la deixado na mão.

— Quantos escrúpulos! — murmurou Alexis ironicamente. Depois de agradecer a Maggie pela hospitaleira acolhida, ela levantou-se e seguiu Anthony.

— Faz tempo que você conhece James? — quis saber.

— Há muitos anos. Éramos ambos fuzileiros navais e lutamos lado a lado, no Pacífico.

— Quer dizer que confia nele?

— Confiaria minha vida a ele. E a de minha esposa e a de meu filho que está para nascer.

Diante de tão fervorosa declaração de fé, Alexis corou um pouco e procurou se justificar.

— Eu o conheci faz alguns dias e não tenho motivos para confiar nele.

— Porque ele lhe tirou Wilcox? Se servir de consolo, saiba que isso não é de seu feitio. Em geral, James prefere cortar o pescoço a prejudicar alguém.

— Então, por que ele fez isso comigo?

Anthony olhou-a com expressão enigmática.

— É melhor falar com ele — voltou a dizer.

— É o que pretendo fazer! — afirmou ela, seguindo-o. O interior do barracão era uma confusão de caixotes, fios, máquinas, bancadas de trabalho. Não havia um único centímetro de chão livre. Depois que seus olhos se ajustaram à intensa claridade, Alexis divisou o professor debruçado sobre uma câmara. Sua calva brilhou à luz do refletor, quando ele ergueu a cabeça para falar ao microfone.

— Tudo bem aqui, James. E aí, como está?

— Não muito mal — respondeu-lhe uma voz familiar de um compartimento dos fundos. — Posso ver claramente a forma do vaso, mas as flores estão muito borradas.

— Excelente! — disse o professor. — Estamos progredindo.

Anthony chegou mais perto de Alexis e murmurou-lhe ao ouvido:

— Ontem, o vaso parecia uma caixa e as flores um enxame de mariposas.

Alexis não retribuiu seu sorriso. Ainda queimada, perguntou-lhe:

— Qual é a potência do transmissor?

— Cinqüenta mil watts.

“Da mesma potência de um transmissor de rádio comum”, pensou ela.

— Vocês esperam conseguir a concessão?

— Acha que estaríamos perdendo tempo, se não tivéssemos certeza?

Ela o fitou diretamente nos olhos.

— Não sei, sr. Gargano. Estou tentando imaginar por que motivo dois chefes de família estão envolvidos numa experiência que muita gente bem informada do mundo do rádio acredita estar fadada ao fracasso.

— Talvez porque não conheçamos outra coisa melhor do que isso — observou uma voz profunda às suas costas.

Alexis virou-se rapidamente. Ele estava nu da cintura para cima, e, involuntariamente, seus olhos fixaram-se no peito largo e bronzeado e depois deslizaram pela leve camada de pêlos escuros que desaparecia sob o cós da surrada calça cáqui.

Ao levantar os olhos, porém, deparou com uma expressão divertida no rosto de James, que percebeu seu exame e tomava uma atitude superior.

— Desculpe a informalidade — disse ele ironicamente —, mas está muito quente aqui dentro.

— Vai ficar mais quente ainda! — disse secamente Alexis. — Precisamos conversar.

O sorriso de James ampliou-se. Ela era tão encantadora quanto ele se lembrava e estava tão raivosa quanto esperava. Mas o que não previra foi o prazer que sentiu ao vê-la novamente.

— Como quiser.

— Quero, sim, e você sabe muito bem por quê!

Ele tomou-lhe o braço com a intenção de conduzi-la para fora do estúdio e ela revoltou-se.

— Que é que há? Está com medo que os outros ouçam o que tenho para dizer?

— Psiu... — ordenou-lhe James peremptoriamente. — Você está perturbando o professor Wilcox.

Desvencilhando o braço, Alexis encarou-o. Mas, dividida entre o desejo de dizer-lhe exatamente o que pensava de seu infame comportamento e a inata relutância em fazer uma cena, contentou-se em murmurar:

— Que idéia absurda seqüestrar esse pobre inocente! Você devia estar envergonhado...

— Oh, srta. Brockton! — interrompeu-a o professor, percebendo finalmente sua presença. — Que prazer vê-la novamente. Quero agradecer-lhe, minha querida.

Perplexa, Alexis balbuciou:

— Do quê?

— Por ter sugerido a James que eu me sentiria mais à vontade na Independent do que em sua própria empresa. Você estava absolutamente certa.

Alexis voltou-se para James, furiosa.

— Você lhe disse que foi sugestão “minha”? Como pôde fazer uma coisa dessas?

— Eu só disse ao professor que você pensa unicamente no bem dele. Não é verdade, por acaso?

— Claro, mas isto é ridículo! Ele poderia ter tudo o que quisesse na UBC.

— Que disse, minha querida? — perguntou o professor Wilcox, olhando por cima da câmera que estava manejando.

— Eu... estava dizendo que a UBC teria tido muito prazer em proporcionar tudo o que o professor quisesse.

— Oh, James disse-me isso também. Mas por que dar-lhe tanto trabalho, se o lugar perfeito já existia? — Antes que Alexis pudesse fazer qualquer comentário, ele acrescentou, excitado: — James, acho que resolvi o problema das flores. Não quer dar uma olhada?

— Pois não, professor.

Tomando novamente o braço de Alexis, ele levou-a para o compartimento dos fundos.

— Tenho certeza de que a srta. Brockton gostaria de ver o progresso que estamos fazendo. Não é mesmo, srta. Brockton?

— Com prazer — murmurou ela por entre os dentes cerrados.

James foi até uma mesa encostada à parede e girou o botão de um pequeno televisor. Uma luz se acendeu na pequena tela, depois surgiu uma série de círculos e linhas. Em seguida começou a aparecer a imagem de um vaso com flores.

— Está bastante claro — admitiu ela, ainda de mau humor.

James observou a imagem durante alguns segundos.

— Está tão boa quanto esses aparelhos permitem. Mas, como você deve saber, as fábricas de produtos eletrônicos estão se esforçando para produzir aparelhos maiores e com imagens mais claras.

Alexis sabia a importância desse esforço. Para que a televisão fosse aceita, o público tinha de ser compelido a assistir a ela durante horas seguidas. Ninguém teria vontade de ficar diante de um vídeo que exibisse imagens granuladas ou borradas.

— Espero que tenham êxito — disse serenamente. — O futuro da televisão depende disso.

— Vamos conseguir. O verdadeiro problema será a programação. E será então que as pequenas emissoras, como a Independent, poderão mostrar sua importância.

— Você acredita realmente que poderá competir com as grandes cadeias? — perguntou ela, sem esconder seu ceticismo.

— Claro. A televisão vai ser uma coisa gigantesca. Muito maior do que o rádio. Haverá lugar para muitas companhias. Pelo menos no começo.

— Se você está sinceramente convencido disso, por que não está competindo honestamente?

— Está se referindo ao professor Wilcox?

— Exatamente. Por que usou de tantos truques só para tirá-lo de mim?

— Não tive outra alternativa — murmurou James, embaraçado.

— Há sempre uma alternativa!

— Não quando alguns têm todas as oportunidades e outros nenhuma. Tinha de fazer algo para igualar as condições.

Ela o olhava com seus límpidos olhos cinzentos que expressavam ironia.

— Tente ver as coisas do meu ponto de vista — continuou ele. — Anthony e eu voltamos da guerra tendo de começar tudo do zero. Tínhamos uma boa idéia e dinheiro apenas suficiente para começar. Para nos mantermos à tona do negócio precisamos lutar com unhas e dentes. Exatamente como fizemos nos campos de batalha.

— Mas vocês não estão mais na guerra! — protestou Alexis. — E não podem continuar agindo como se estivessem!

— Algumas situações não mudam, mesmo em tempos de paz. Estamos ainda lutando por posições e recursos, ainda tentando encontrar uma estratégia que nos leve à vitória.

— É assim que você pretende agir? Vencer a todo custo?

Ele sacudiu a cabeça negativamente.

— Não, não quero a vitória a qualquer custo. Ao contrário. Tudo o que eu quero é o mundo melhor pelo qual lutei e pelo qual muitos de meus homens morreram. E, acima de tudo, quero poder cuidar bem de meu filho.

Alexis percebeu que James estava dizendo a verdade tal como a via. Não o considerava desumano, apenas prático. Mas havia feito algo que reputava imoral e até mesmo pior do que isso: usara-a.

Permaneceram em silêncio. Invadida por uma estranha perturbação, Alexis cedeu à tentação de olhá-lo. Havia alguma coisa, um certo magnetismo secreto naquele homem, que a atraía de forma irresistível. Pôs-se a examiná-lo com cuidado. Como se tivessem medo de fitar o rosto, seus olhos detiveram-se no pescoço forte, de nervos tensos. Por fim, baixaram para o peito e notaram a branca cicatriz que do ombro esquerdo corria até o abdome. Instintivamente, tocou-a levemente com a ponta dos dedos.

James reteve a respiração. O toque dos dedos dela, leves como pluma, arrepiou-o de prazer. Agarrou-a pelo pulso e conservou-lhe a mão de encontro ao peito.

— Como foi isso? — perguntou ela, hesitante.

— Resultado de um combate qualquer — murmurou ele, evasivo, puxando-a para si.

Ela fechou os olhos um instante. Quando voltou a abri-los, estavam encobertos pelo habitual véu protetor.

— Não está certo... Vim aqui para falarmos de negócios, não por motivos de ordem pessoal. Mas, mesmo que fosse o caso... — Ela o fitou acusadoramente. — O que tem a me dizer da mãe de Matthew... de sua esposa?

James cerrou fortemente os lábios. A simples menção de Charlotte era bastante para fazê-lo estremecer e ver abrir-se uma fenda na frágil camada de verniz que o separava do passado.

— Minha mulher morreu num acidente de carro, faz alguns meses. Foi por isso que me mandaram para casa tão rapidamente. Estávamos divorciados e ela tinha a custódia de Matthew. Depois de sua morte, não havia ninguém para cuidar do garoto.

Ele não disse que o acidente que vitimara sua ex-esposa acontecera porque ela estava embriagada. Nem via razão para lhe explicar que Charlotte não fora uma boa mãe para Matthew e que, se ela estivesse viva, ele teria lutado para tirar-lhe a custódia de seu filho.

Todos os seus velhos rancores e ressentimentos contra as mulheres em geral voltaram-lhe à mente. Alexis notou a repentina mudança de suas feições e pensou que ele estivesse querendo se afastar dela, cortar qualquer tipo de comunicação que pudesse existir entre eles.

Antes que isso acontecesse, fez uma derradeira tentativa de aproximação.

— Diga a Wilcox que eu gostaria de tê-lo na UBC e que lá ele teria a liberdade de agir como bem entendesse.

James apertou-lhe a mão com força e ela pôde perceber seu drama. Mas, como que fazendo um esforço sobre si mesmo, ele acabou por afirmar:

— Não posso. O homem está muito feliz aqui. E, se não estivesse, eu iria fazer de tudo para contentá-lo. Ele é muito importante para nós.

Uma infinita amargura estampou-se no rosto de Alexis. Ele dera as cartas, mas ela não se sentia derrotada.

— Você cometeu um erro — disse-lhe, olhando-o nos olhos. — Pode demorar, mas um dia ainda vai perceber isso.

CAPÍTULO III

O orgulho de Alexis exigia vingança. Isso, aliado à aguda percepção de que se deixasse James levar a melhor perderia não só o interesse, mas o respeito dele, levou-a a agir. E, antes que o mês terminasse, ela teve a satisfação de passar-lhe à frente na compra de equipamentos preciosos para a emissora, obrigando-o a servir-se de outro fornecedor, que cobrava mais caro.

James reconheceu no fato o bíblico olho por olho, dente por dente. Aceitou-o com espírito esportivo, e sua admiração por Alexis cresceu. Ele também teria feito o mesmo em seu lugar.

Pensara nela mais vezes do que teria desejado. Os meses de primavera e verão haviam sido realmente agitados; Anthony e ele mergulhados em trabalho até o pescoço, na ânsia de colocarem a IBS de pé. Não podiam dar-se ao luxo de se preocupar com nada que não se relacionasse com a emissora.

Mas nas calmas noites perfumadas, quando a brisa noturna que chegava através da tela de arame era agradavelmente fresca e uma enorme lua cor de laranja brilhava no céu de veludo, ele lembrava o brilho de cabelos loiro-platinados e de profundos olhos cinzentos. Então, seu corpo revirava-se na cama, inquieto, e parecia haver no seu peito uma fornalha ardente.

Para Alexis, aqueles meses foram igualmente agitados. Recuperara-se da perda de Wilcox e dera continuidade a seus projetos de instalar a televisão na UBC. Passava os dias em exaustivas reuniões com técnicos, artistas, publicitários, tentando convencê-los de que a televisão era uma realidade que não podia ser ignorada. Todos ouviam-na com paciência porque ela era a filha do patrão, mas poucos ficaram convencidos.

Em julho, tirou uma semana de férias e foi passá-las no Connecticut, na casa de seu pai. Jogou tênis, nadou, cavalgou e dançou com antigos namorados nos clubes de campo das redondezas. Mas, quando a semana terminou, ficou feliz de poder retomar seu trabalho.

Semanas depois, o Ministério das Comunicações, através de suas agências locais, anunciou para breve a outorga de concessões de canais televisivos. Alexis começou a preparar-se com cuidado para enfrentar a comissão julgadora. Sabia que, devido à relutância inicial, a UBC estava em desvantagem em relação aos concorrentes das demais cadeias de emissoras. Mas, tendo consciência de que podia apresentar mais garantias do que muitas companhias independentes, ela esperava sair-se bem da empreitada.

Passou longas noites no escritório, preparando toda a documentação necessária para justificar o pedido de concessão, e, no dia anterior ao de sua ida a Washington, permaneceu no escritório até meia-noite.

A capital estava tão quente e abafada como imaginara. Ao desembarcar do avião, uma onda de calor atingiu-a, provocando-lhe a imperiosa necessidade de refrescar-se. Não via a hora de chegar ao hotel, tomar um bom banho frio e relaxar por alguns minutos.

Mas ao sair do balcão da recepção e ver o homem alto, moreno, seguro de si, parado junto aos elevadores, mudou de idéia. Do seu posto de observação, percebeu que James era quase tão atraente formalmente vestido quanto metido em sua surrada calça caqui. Seus fartos cabelos negros estavam cuidadosamente penteados e seu rosto, bem escanhado. Apesar do calor, ele não desabotoara o paletó do terno de Unho. A gravata estava perfeitamente ajustada ao colarinho da camisa branca, e até os sapatos brilhavam.

Alexis sufocou um suspiro, lamentando não estar em sua melhor forma. Deveria ter imaginado que o encontraria. Mais alguns segundos e ele também a veria. Não podia perder a oportunidade de tomar a iniciativa. Ainda deplorando seu vestido amarrotado, atravessou o amplo saguão acarpetado e foi ao seu encontro.

— Como tem passado, James?

Ele a fitou e sua surpresa desvaneceu-se quase imediatamente, substituída por um olhar cauteloso.

— Bastante bem, e você?

— Muito ocupada, mas você também deve ter estado. Suponho que tenha vindo a Washington por causa das concessões.

— Parece que estamos aqui pelo mesmo motivo, não?

Alexis sorriu com superioridade.

— A outorga da concessão à UBC é apenas uma formalidade. Temos promessas das mais influentes autoridades. Mas eu achei que devia comparecer diante da comissão assim mesmo.

Ela o observou cuidadosamente para ver se ele acreditava em seu ar confiante, mas se manteve impassível.

— Já que não tem motivo para estar preocupada, talvez queira distrair-se com alguém que está um pouco inquieto.

— Você?

— Quem mais poderia ser? Anthony está tão envolvido com Maggie e a pequena Teresa que mal sabe o que está acontecendo aqui.

Esquecendo por um momento o antagonismo que havia entre eles, Alexis sorriu calorosamente.

— Então o bebê nasceu? Correu tudo bem?

— Foi o que Maggie disse. E ela deve saber, já que é enfermeira. — Ele sorriu. — Aconteceu alguns dias depois de sua visita. No meio da noite, claro. Anthony que sabia manter seu sangue-frio mesmo nos piores momentos da batalha, chegou a entrar em pânico quando percebeu que o bebê chegaria com dois meses de antecedência. Felizmente, foi tudo bem.

A calorosa afeição que transparecia em sua voz fez a garganta de Alexis cerrar-se. Ela percebeu quanto ele se importava com seus amigos e pensou que gostaria de ser incluída entre eles.

— Como está Matthew?

O sorriso de James ampliou-se.

— Crescendo de um modo impressionante. — Ele fez uma pausa e fitou-a. — Está hospedada neste hotel?

Ela fez que sim com a cabeça e mostrou o vestido amarrotado.

— Acabei de chegar e estou doida por um banho.

— É bom você descansar um pouco. Temos tempo. Depois poderemos jantar num pequeno restaurante perto do rio, especializado em frutos do mar. Acho que vai gostar.

Aquela calma presunção irritou Alexis. Mas, sentindo que James estava querendo testá-la, ela concordou.

— Às sete está bem?

— Ótimo!

Uma vez em seu quarto, despiu a roupa de viagem e deitou-se na banheira, deliciando-se com a água refrescante que jorrava com abundância das torneiras. Quando se sentiu mais descansada, começou a preparar-se para o jantar. Passou uma leve maquiagem no rosto e vestiu um modelo de chiffon estampado que realçava discretamente as linhas perfeitas de seu corpo.

Ao descer, encontrou James sentado no saguão, fumando um cigarro.

— Melhor? — perguntou ele, quando a viu.

— Um pouco mais humana.

A noite era límpida e tranqüila, e uma brisa agradável vinha do rio. Foram andando, falando de política, na direção do Potomac.

— Ali está o lugar — disse James, apontando para um velho barco a vapor movido por roda, ancorado no cais de madeira.

— Que interessante!

— É de um amigo meu — explicou ele, enquanto subiam a bordo. — Fizemos a guerra juntos.

— Parece que a maioria dos veteranos prefere trabalhar por conta própria — comentou Alexis.

Uma garçonne vestida a caráter atendeu-os. Quando ficaram a sós, James disse:

— Estou contente que tenha convencido seu pai a entrar no negócio de televisão. Se essa história de Wilcox tivesse estragado seus planos, acho que não me perdoaria.

Alexis olhou-o com incredulidade.

— Será?

Implícita na pergunta estava a insinuação de que se ele estivesse arrependido de verdade já teria tido a oportunidade de reparar o erro.

James fitou-a pensativamente.

— Você não faz boa opinião de mim, não?

Surpresa por sua franqueza, ela balbuciou:

— Não é verdade... Você é um trabalhador incansável e um homem determinado. Não tem medo de desafios e eu tenho a impressão de que é um ótimo pai. São qualidades verdadeiramente admiráveis.

— Obrigado — disse James secamente. — Daqui a pouco você vai me considerar o bom escoteiro.

Alexis riu, aliviada.

— Oh, não iria tão longe assim. — E, mais séria, completou: — Para ser franca, fiquei com inveja por você ter roubado Wilcox de mim. Embora não aprove seus métodos, admiro sua determinação.

James olhou-a ceticamente e ela insistiu:

— É verdade, acredite.

Ficaram em silêncio uns momentos, estudando o cardápio. Feitos os pedidos à garçone, Alexis retomou o assunto.

— A princípio, achei que sem Wilcox seria impossível implantar a televisão na UBC. Papai não me deu uma posição de responsabilidade, e eu tive sempre de lutar para me impor.

— É o que ocorre com todas as mulheres que trabalham em empresas onde predomina o elemento masculino.

Alexis riu.

— Acho que é um pouco culpa nossa. Contamos com o nosso charme para obter o que queremos. Mas, na UBC, o charme não me levou a nada.

— É de estranhar, sendo você a filha do patrão.

— Se fosse por papai, eu já estaria casada e com pelo menos dois filhos pendurados na barra de minha saia.

James ficou sério.

— Você é contra o casamento?

— O casamento é ótimo... na teoria. Naturalmente, não cheguei aos vinte e quatro anos sem sentir-me tentada a experimentá-lo. Mas, até o momento, optei pela liberdade.

— Você é uma exceção nacional. Parece que todas as mulheres do país estão querendo constituir família.

— Posso entendê-las — admitiu Alexis. — Depois da incerteza dos últimos anos, é natural que todos anseiem por algum conforto e segurança. Mas há ainda muita coisa que eu quero fazer e que não poderei, se estiver casada.

— Por que não?

— Sejam os francos: se você fosse casado, iria querer que sua esposa passasse doze horas por dia no escritório, ou preferiria que, ao voltar para casa, ela estivesse à sua espera com o jantar pronto?

— Bom.... acho que deve haver alguma satisfação em ser apenas dona de casa. Maggie parece feliz.

Alexis pensou na jovem mulher que conhecera havia três meses. Embora tivesse sido um encontro superficial, observara que Maggie Gargano parecia realmente feliz. Talvez porque houvesse muito amor entre ela e o marido.

— Deve ser diferente, quando a gente se preocupa realmente com alguém...

— É, deve ser isso...

Permaneceram um instante em silêncio, absortos era seus pensamentos. Quando voltaram a falar, a conversa girou em tomo da Independent Broadcasting e de Wilcox, que estava aperfeiçoando uma nova câmera.

— Ele está tentando reduzir seu peso — explicou James. — Será mais fácil de manejar. Poderemos montá-la no topo de uma caminhonete e fazermos as tomadas diretamente do local das notícias.

— A UBC está planejando fazer o mesmo. Acho que os esportes e as notícias serão boas pedidas para a televisão. Pelo menos no começo.

James passou a mão pelo queixo, pensativamente,

— Esportes? Estive falando disso com Anthony. O irmão dele, Dominick, acabou de ser contratado por um time de beisebol e está convencido de que, futuramente, os jogos vão ser televisionados.

— Isso já aconteceu em 1939, quando a NBC transmitiu o jogo entre o Colúmbia e o Princeton em caráter experimental.

James encostou-se na cadeira e olhou-a com admiração:

— Das duas uma: ou você é fanática por beisebol ou sabe mais de televisão do que eu supunha.

— E se fossem as duas?

— Não sei... não posso imaginar você gostando de nenhuma dessas coisas. O que eu acho é que você, quando se mete em algum negócio, vai até o fundo.

— Fiz algumas pesquisas... — admitiu ela, com modéstia.

— Gostaria de saber até onde você chegou...

— Estou convencida, por exemplo, de que essa facilidade em obter a concessão de canais de televisão não vai continuar para sempre, ou então será o caos.

— Cheguei a essa mesma conclusão — concordou prontamente James. — E é por isso que estou determinado a obter essa concessão agora.

Fizeram o caminho de volta em confortável silêncio e se separaram no vestíbulo do hotel com um aperto de mão cerimonioso.

Naquela noite, em vez de repassar mentalmente o que deveria dizer à comissão julgadora, Alexis ficou pensando em James. Começava a tomar consciência de outros aspectos de sua personalidade, além de sua determinação e de sua incrível autoconfiança. E ele, de sua parte, parecia disposto a vê-la como mulher responsável e inteligente, e não apenas como mulher bonita.

Concluiu que tinha ainda muito o que aprender sobre aquele homem intrigante e, antes de adormecer, desejou que seu pedido fosse aceito pela comissão julgadora, já que apenas desse modo seus caminhos voltariam a cruzar-se.

De volta a Nova York com a concessão, dedicou-se de corpo e alma ao trabalho. Sua vida seguia uma rotina rígida e invariável. Ia todas as manhãs ao escritório, e ali seu dia era inteiramente tomado. Geralmente passava as noites sozinha, mas seus sonhos eram povoados pela imagem de um homem moreno, de brilhantes olhos azuis.

Voltou a encontrar-se com James no final do verão, por ocasião da apresentação dos novos aparelhos de televisão da RCA. Como ele havia previsto, a qualidade da imagem melhorara muito, e a estimativa de que cem mil aparelhos seriam vendidos no ano seguinte não parecia exagerada.

Isso significava que a luta por boas programações iria começar. A NBC já estava no ar com shows semanais, noticiários e resenhas de eventos esportivos. A cadeia de emissoras Dumont transmitia filmes românticos e westerns. A UBC entrou na competição em outubro, com uma produção sua: um genial anfitrião entrevistando personalidades famosas.

Embora dispondo de pouco tempo para as reuniões sociais, Alexis foi à festa de fim de ano no Waldorf Astória, onde encontrou Liz Carlisle, que perguntou o que havia acontecido com aquele “homem encantador”.

Era o que Alexis gostaria de saber. Presumia, naturalmente, que James estivesse tão ocupado quanto ela. A Independent fora ao ar algumas semanas depois da UBC, evitando competir com a programação noturna das outras emissoras. Apresentava-se durante o dia, intercalando a exibição de artistas talentosos, mas desconhecidos, com aulas de corte e costura e de culinária, ambas seguidas religiosamente por milhares de noivas entusiasmadas. Uma vez por semana eram dadas noções de puericultura por Maggie, tendo como estrela a graciosa Teresa. No início, os olheiros das emissoras concorrentes torceram o nariz. Com o passar do tempo, no entanto, começaram a perceber que a IBS estava produzindo algo novo.

Alexis concordou, sabendo que o feliz estratagema não fora obra do acaso, mas da inteligência e perspicácia de seus organizadores. Depois de breve hesitação, cedeu a seu impulso e escreveu uma breve nota a James, congratulando-se com ele.

Dois dias depois, ele telefonou.

— Alexis?

— Alô, James.

— Ouvi dizer que você está trabalhando vinte e quatro horas por dia!

Ela riu e disse:

— É quase verdade. E você?

— Meu ritmo de trabalho deve ser tão alucinante quanto o seu. E estou precisando de uma pausa. Que tal um jantar seguido de um bom filme?

Alexis segurou o aparelho com força e procurou dissimular seu entusiasmo.

— A que horas?

— Sete e meia está bem?

— Ótimo.

Ela foi para casa mais cedo e precipitou-se numa febre de preparativos. Escolheu um vestido de lã azul-marinho, da coleção de primavera de Dior, cuja volumosa saia pregueada abria-se como uma corola da qual seu busto emergia graciosamente. Seus olhos cinzentos brilharam de prazer, quando ela se mirou no espelho.

Às sete e meia em ponto o porteiro telefonou, anunciando a chegada de James, e ela o esperou na porta.

— Entre. Você é pontual.

O vestíbulo abria diretamente para um living de janelas amplas. O chão era de mármore branco e preto. Paredes brancas serviam de pano de fundo para os móveis art-déco que a mãe de Alexis comprara nos anos vinte e que, depois de sua morte, haviam sido enviados a um depósito. Alexis resgatara-os, embora fossem considerados fora de moda. Gostava de suas formas sensuais e de suas cores vibrantes; achava que formavam um contraste com a aparência geralmente fria e distante que ela apresentava ao mundo.

James percebeu apenas que o apartamento era de um bom gosto que ia além de sua capacidade de julgar. Sentiu-se pouco à vontade e apressou-a.

— O filme começa às nove. É melhor não perdermos tempo.

— Então vamos — disse Alexis. Quando saíram do edifício, James tomou-lhe o braço.

— O meu carro está do outro lado da rua.

Ele ajudou-a a entrar no seu Hudson dos anos quarenta e, antes de dar a partida, voltou-se para ela.

— O Lindys está bem para o jantar?

— Muito bem. É um dos meus lugares favoritos.

Ele fez um gesto de quem não estava acreditando.

— Imaginei que preferisse restaurantes mais sofisticados.

— Isso não significa que eu não goste de comer bem.

Sua resposta denotava aborrecimento. Se ele a achava uma moça rica e mimada, por que se dera ao trabalho de convidá-la? E se acreditava que não gostaria do Lindys, por que sugerira o lugar?

A trégua que havia entre eles estava a ponto de romper-se, quando um inesperado sorriso de James dissipou o mal-estar.

— Julguei-a mal. Mas como poderia saber? Você não é o tipo de mulher com quem estou acostumado a sair — afirmou ele, dando a partida.

— Deixe-me ver... Você gosta de ruivas!

Ele a olhou, espantado.

— Como sabe?

Alexis riu e recostou-se no assento.

— Poderia dizer que consultei minha bola de cristal. Mas, na realidade, foi um tiro no escuro.

Ela não quis explicar que as ruivas eram normalmente associadas à paixão, coisa que ele parecia apreciar.

— Se isso faz alguma diferença, saiba que estou começando a apreciar as loiras.

— Faria muito mais efeito se você dissesse que é uma certa loira...

— Você teria acreditado em mim?

A súbita seriedade com que ele fez a pergunta colheu-a de surpresa. Deixava entrever uma profundidade de sentimentos que ela não estava pronta para enfrentar. Perturbada, voltou-se para olhar os transeuntes que apinhavam as calçadas da Quinta Avenida.

As secretárias e as recepcionistas estavam saindo dos escritórios. Corriam para o metrô, desaparecendo nos acessos subterrâneos, felizes por estarem livres do trabalho. Durante o dia, Nova York não escapava da depressão que pairava sobre o país, passada a animação do imediato após-guerra. Todos estavam conscientes de que, em vez de resolver os problemas do mundo, o conflito mundial provocara outros mais graves. Era apenas à noite, quando a escuridão descia sua cortina de fantasia, ocultando a realidade, que o glamour e a exuberância voltavam a animar a cidade.

Depois de um momento de silenciosa contemplação, Alexis virou-se lentamente.

— Há muita coisa em você que não entendo, James.

— Eu também não... Quando olho para você, vejo um tipo de vida totalmente diferente do que eu conheço.

— Você parece pensar que eu vim de outro planeta!

— Não seria de estranhar. Nossos mundos não podiam ser mais diferentes.

— Então, por que nós... — Ela interrompeu-se bruscamente.

— ...estamos tão atraídos um pelo outro? — disse ele, completando a frase. — Não negue. Ambos sabemos que é verdade. Você tinha razão quando disse que cometi um erro no caso de Wilcox. Do ponto de vista prático, ainda acho que não tinha escolha. Mas há outras coisas a considerar e é por isso que estamos aqui.

— Parece que você tem todas as respostas...

— Tenho algumas que bastam para mostrar que essa atração é muito forte para ser ignorada. A coisa mais inteligente a fazer é aprofundar o conhecimento que temos um do outro para ver aonde isso nos leva.

— Talvez a lugar nenhum.

— Talvez não. Temos de superar muitos obstáculos.

— Você tem uma tendência a presumir as coisas.

— A bem da verdade, eu nunca presumo coisa alguma. É por isso que consegui sair vivo da guerra, e é por isso que tenho sucesso nos negócios.

— Não estamos falando de guerra ou de negócios — lembrou-o Alexis, enquanto ele estacionava o carro. James ajudou-a a saltar e jogou as chaves do Hudson para o porteiro.

— Sei disso — confirmou ele, olhando-a nos olhos. — Mas temos de admitir que há muitas semelhanças entre as situações.

Sacudindo negativamente a cabeça, ela tomou o braço que ele lhe oferecia.

— Sem comentários.

Entraram no restaurante como dois simples nova-iorquinos querendo comer bem, coisa que o Lindys estava mais do que capacitado para oferecer. O pastrami estava excelente, a salada de repolho divina, os morangos esplêndidos e a torta de queijo sublime.

— Acho que não vou conseguir comer mais nada durante uma semana — queixou-se Alexis, entre dois bocados.

— Você tem bom apetite — reconheceu James, que escolhera o Lindys para ver se ela era mesmo tão simples como dava a entender.

— Acha que não fica bem?

— De maneira alguma. Prefiro uma franca demonstração de apetite do que uma delicadeza fingida.

— A julgar pela quantidade de pastrami que você devorou, seu apetite deve ser maior do que o meu.

— Gosto de qualquer coisa que não tenha de fazer.

— Deve ser difícil cozinhar num trailer...

— Oh, já superamos essa fase. A IBS já começou a render algum dinheiro e eu e Anthony alugamos duas casas perto da emissora.

Alexis concluiu que ele fazia as coisas parecerem mais simples do que eram. Sabia que havia uma enorme dificuldade em encontrar moradias. Havia gente que achava um privilégio poder morar em garagens ou barracões. Mas não estava surpresa. James era um homem que sabia obter exatamente o que queria. E assim devia ser seu sócio Anthony.

— Como estão Maggie e Anthony? E Teresa?

— Muito bem. Tessa já tem alguns dentes e está começando a dar os primeiros passos. É uma menina adorável.

Alexis sorriu.

— E Matthew? Continua a crescer depressa?

— Depressa demais — disse James com um suspiro. — Está freqüentando a escola e parece gostar muito. Mas prefere tomar conta de Tessa.

— Não sente ciúme dela?

— Não. Estávamos um pouco preocupados no começo, porque ele é muito ligado a Maggie. Mas ele a trata como se fosse seu irmão mais velho.

— Tessa é uma garotinha de sorte.

— É o que eu acho, quando penso nas crianças que vêm de famílias desajustadas.

— O que você quer dizer com isso?

— Famílias pobres, numerosas, cujos pais são indiferentes...

— Para ser um bom pai não é preciso muito dinheiro. Amor é mais importante do que tudo.

— Concordo. Meus pais eram pobres, mas sempre me deram muito amor e me fizeram acreditar que tudo é possível, quando se trabalha muito.

— Estão vivos ainda?

— Não. Papai morreu num acidente nas docas, faz muitos anos. Mamãe, de pneumonia no ano seguinte. Eu tinha dezesseis anos, então, e estava a ponto de me tornar um marginal. Um padre de nossa paróquia inscreveu-me no Corpo de Fuzileiros Navais. Fui-lhe sempre grato por isso.

— Apesar de tudo o que aconteceu na guerra?

— Alguém tinha de fazer o trabalho sujo. Bom, mas já falamos muito de mim. Fale-me de você agora.

Os olhos cinzentos de Alexis desviaram-se dele.

— Nasci e fui criada no Connecticut. Frequentei a Bryn Mawr e tomei parte de vários comitês de caridade, antes de começar a trabalhar na UBC.

O resumo de seus vinte e cinco anos de vida com quatro palavras desconcertou James. E ele perguntou-se se ela era sempre assim tão evasiva sobre seu passado ou se não queria revelá-lo a ele.

— Graham é seu único irmão?

— Não acha que já é suficiente?

— Hum... entendo. E sua mãe? Você nunca falou dela.

Alexis baixou os olhos.

— Minha mãe morreu.

— Oh, sinto muito...

— Vamos? — disse ela, de repente. — Deve estar na hora do filme.

Foram andando até o Cine Capital. Frank Sinatra estrelava *Aconteceu no Brooklyn*, e sua atuação merecera elogios do crítico de cinema do Times.

James gostou, porque o filme não interferia em seus pensamentos. Sentado ao lado de Alexis, ouvindo sua risada suave e sentindo a delicada fragrância de seu perfume, pensava no mundo do qual ela provinha e de como era diferente de tudo o que ele conhecia.

Anos atrás, não teria ousado desejá-la, pois a julgava completamente inatingível. Mas, durante o ano em que se haviam conhecido, começara a pensar diferentemente.

Sorriu, na escuridão. Os sinais de “não ultrapassar”, que se acendiam sempre que ele tentava ir além da fachada educada, eram irritantes, mas desafiadores. Serviam para aumentar sua determinação, embora o lembrassem de que não obteria nada através de uma ação impulsiva. Para vencer a cautela natural de Alexis, deveria convencê-la a confiar nele. Seria muito simples de conseguir, se ele mesmo pudesse ter certeza de que essa confiança era justificada.

CAPÍTULO IV

Depois daquela noite no Lindy's, continuaram a ver-se de vez em quando. Jantavam juntos, geralmente no final de um dia agitado, e ficavam conversando durante horas. Haviam desenvolvido uma franca camaradagem, e seu relacionamento era simples e direto. James entendia que Alexis sentia-se muito mais à vontade em situações que exigiam pouco de seu lado emocional. Não forçava esse ajuste tácito porque experimentava essa mesma disposição.

Quando ela tinha os fins de semana livres, o que era raro, já que seus afazeres e obrigações sociais mantinham-na muito ocupada, tomava parte das excursões que ele e seu filho costumavam fazer. Matthew adorava ir à Coney Island e ao Zoológico do Bronx. E, aonde quer que fosse, comprava algo para Tessa, embora ela fosse ainda muito pequena para apreciar seus presentes.

Na primavera de 47, o país respirou aliviado, diante da implantação do Plano Marshall para suprir a Europa e da criação do Estado de Israel. E todos concordaram que eram coisas muito mais importantes do que a temporada de beisebol que se iniciava.

— Ninguém pode vencer Ralph Branca — exclamou Matthew, saltando do Hudson.

Era um dia claro e o sol banhava o verde campo de Ebbet. Ele estava ali para ver seu “tio honorário” Dominick Gargano jogar pela primeira vez como contratado do time dos Dodger. Para um garoto de sete anos, era a glória.

— Ele é o melhor lançador do mundo, não é, papai?

— Sem dúvida nenhuma — disse James, lançando um sorriso de entendimento a Alexis. — Mas os Dodger não precisam se preocupar, agora que podem contar com Dom.

Matthew sacudiu afirmativamente a cabeça e olhou em volta enquanto passavam pelo portão do campo e subiam a rampa das arquibancadas. Um sorriso de alegria irradiou-se de seu rostinho redondo.

Alexis observou-o atentamente. Era impressionante. Só mesmo o crescimento das crianças para mostrar a passagem do tempo. Quando o vira pela primeira vez, agarrado às saias de Maggie, era ainda um garotinho tímido!

— Aqui! — chamou Maggie, arrancando-a de suas divagações. — Que bom que vocês vieram. Dom quer que a família torça por ele.

— Ele não vai precisar disso — disse James, enquanto cumprimentava Joseph e Maria Gargano, pais de Anthony. Anthony voltou-se para Joseph.

— Viu só, pai? Dom vai se tomar um craque.

— Assim espero — murmurou o velho Gargano. — Só Deus sabe como ele está se esforçando. Maggie sorriu.

— Acho que estamos mais nervosos do que Dom. — Ela pôs a mão no ventre e suspirou. — Com toda essa excitação, essa pobre criança está dando pontapés a torto e a direito.

— Deve estar com vontade de jogar — comentou Alexis.

Nesse instante a banda começou a tocar o hino nacional e todos se levantaram. Logo depois, os dois times entraram em campo. Quando Dom apareceu, recebeu uma ovação de amigos e familiares. Aos vinte e seis anos, garboso em seu uniforme, a cabeça jogada orgulhosamente para trás, os cabelos escuros brilhando à luz do sol, ele estava no auge de seu poder físico e mental, e pronto para provar isso.

— Mostre a todos o que sabe fazer! — gritou Anthony.

— Não se preocupe que ele vai mostrar! — disse Joseph, entusiasmado.

Anthony virou-se para Maggie.

— Quem teria imaginado que um dia veria meu irmão jogar num time de primeira linha? Ele vivia me dizendo isso, mas eu nunca o levei a sério.

— Acho que agora você está convencido — disse Maggie, com a voz refletindo o orgulho que sentia pelo cunhado.

O jogo começou com os Dodger abrindo a contagem. Dom fazia jogadas espetaculares que arrancavam palmas da assistência e tapinhas nas costas de seus companheiros de time. Quando a partida terminou, muita gente aglomerou-se em torno dele para abraçá-lo e elogiar o jogo.

Seguiu-se uma comemoração pela vitória na casa de Joseph Gargano, no Brooklyn, e Dom foi recebido como um herói. Alexis, que não o conhecia, gostou daquele jovem que possuía uma cativante combinação de autoconfiança e humildade. Achou-o muito parecido com seu irmão Anthony, embora fosse mais aberto e expansivo.

Inevitavelmente, a conversa girou em torno da televisão e do beisebol. Dom expressou sua convicção de que o novo meio de comunicação era perfeito para divulgar os eventos esportivos.

— Algumas redes de emissoras e até algumas estações independentes estão pensando em atingir o grande público, fazendo a cobertura constante dos jogos. — Ele olhou para o irmão. — Espero que você entre no negócio.

— Também espero — afirmou Anthony. — Mas não já. Talvez daqui a alguns anos. A menos que a UBC tente nos passar para trás — completou ele, olhando para Alexis. Ela sorriu.

— Há sempre uma possibilidade. Afinal, estamos todos no mesmo barco. Mas se Dom estiver certo, como acredito, haverá lugar para todos.

Nesse instante, Maggie pôs a cabeça para fora da cozinha, anunciando que o jantar estava pronto, e todos tomaram seu lugar. Aromas deliciosos enchiam o ar, e os Gargano ficaram muito satisfeitos ao verem sua hóspede fazer honra à tradicional comida italiana.

Durante a refeição, conversaram alegremente sobre assuntos corriqueiros. Estimulada pela simpática família, Alexis falou de sua viagem à Europa de maneira bastante natural. E, quando a noite terminou, ela sentia-se agradavelmente fatigada. Fora um dia cheio.

Como sempre, James insistiu em levá-la para casa. Matthew iria a Long Island com Maggie e Anthony, e ele dispunha de algumas horas livres.

Ao chegarem, ele deixou o Hudson estacionado diante do edifício, sob a guarda complacente do porteiro, e subiu as escadas com ela.

Alexis tirou as chaves do apartamento da bolsa e olhou-o com olhos sonolentos.

— A tarde ao ar livre e toda aquela maravilhosa comida italiana me nocautearam — confessou.

Ele sorriu, pensando que ela parecia uma garotinha que brincara demais. Seus lindos cabelos loiro-platinados estavam levemente despenteados e suas faces, coradas. Os longos cílios velavam-lhe os olhos cinzentos, que tinham o brilho de prata antiga. Ele ergueu-lhe o queixo com dois dedos para vê-la melhor.

Ela piscou os olhos como se estivesse despertando de um sono profundo, mas não fez esforço algum para afastar-se. Ficou quieta, deliciando-se com aquele toque cheio de carinho. James costumava beijá-la, quando se diziam boa-noite. Mas, exceto na primeira vez, quando o beijo fora cheio de paixão, os que se seguiram haviam sido invariavelmente momos e educados, traduzindo uma simples camaradagem. Isso aguçava estranhamente a curiosidade dela. Aquele deliberado distanciamento era um desafio que não podia ignorar.

Cerrou os dedos em volta da mão morena e forte que lhe segurava o queixo e apoiou-se no peito dele.

— James...

— Hum...

— Há quanto tempo nos conhecemos?

— Deixe-me ver... Faz mais de um ano que me introduzi naquela festa dos Carlisle.

— Lembro-me de que você me beijou naquela noite.

— Beijej?...

Ela o olhou através dos olhos semi-cerrados.

— Você sabe muito bem que sim.

— E não continuei a beijá-la?

— Foi diferente, depois daquela vez.

— Verdade? Como assim?

— Foram... beijos de amigo.

Ele sorriu.

— Não, não foram. Não éramos amigos naquela época.

— E agora somos?

Ele confirmou com a cabeça.

— Acho que sim.

Alexis sufocou um suspiro. Era muito bom que fossem amigos, mas ela estava começando a perceber que queria mais. Sentia um terrível desejo de tocar nele, de acariciar-lhe a nuca e mergulhar os dedos naqueles fartos cabelos pretos.

— James...

— Hum...

— Vou beijá-lo.

Ele engoliu em seco.

— À vontade...

Ela colou-se a ele e passou-lhe os braços pelo pescoço. Ficou na ponta dos pés e beijou-o longamente, os seios esmagados contra seu peito. Um suave suspiro de prazer escapou-lhe dos lábios, quando ele deixou a gentileza de lado e beijou-a violentamente. Submeteu-se totalmente e correspondeu à ardente paixão daquela boca, à força daquele abraço, moldando-se intimamente àquele corpo soberbamente viril.

— Alexis... — suspirou ele —, não fica bem, aqui na porta... Se quisermos continuar, você vai ter de me deixar entrar.

A gentil repreensão, completada com o exato toque de terno bom humor, deu forças para Alexis dominar seu instante de fraqueza.

— Não tenho ainda certeza de estar pronta para isso — disse ela com franqueza, procurando no rosto dele algum sinal de aborrecimento ou desapontamento.

Afastando-se, ele deixou cair os braços que a rodeavam e correu os dedos pelos cabelos.

— Oh... — disse em tom natural —, tudo bem.

— Desculpe se lhe dei uma impressão errada — tomou ela com suavidade.

Ele riu, intrigado pela estranha névoa que dissolvia o brilho daqueles olhos cinzentos.

— Você me pegou de surpresa — disse.

Era verdade. Previra que isso iria acontecer, mais cedo ou mais tarde. Mas não esperava que acontecesse depois de um dia passado prosaicamente em família.

— Se é esse o efeito que o beisebol produz em você, vou levá-la a todos os jogos!

— Gostaria muito. Adoro estar com Matthew, com os Gargano... e com você, é claro.

— Será assim... por enquanto. Em família. — Ele beijou-lhe levemente os lábios. — Telefonarei a você num dia desses.

Alexis alegrou-se por James não ter tentado tomá-la à força. Se ele tivesse feito isso, teria lutado com todas as forças! Desse modo, sabia que iria desejá-lo e ansiar por ele cada vez mais. Enquanto isso, havia problemas na UBC que exigiam sua atenção. Não podia vacilar.

— Admito que há certos aspectos da televisão que começam a me interessar — disse-lhe Graham certa tarde, ao saírem de uma reunião da diretoria. — Parece que há futuro nisso. Você fez um trabalho extraordinário, mas não é justo que se sobrecarregue tanto.

Alexis lançou-lhe um olhar avaliador. Estava preparada para esse tipo de conversa. Durante as várias reuniões havidas para discutirem a rápida e profunda mudança por que passava a empresa, ela havia percebido o ar cansado de seu pai. Ele estava envelhecendo, e as responsabilidades começavam a pesar-lhe.

Naturalmente, Graham acreditava-se capacitado para tomar seu lugar... e o dela também. Estava determinada a não deixar que isso acontecesse. No entanto, não iria enfrentá-lo diretamente, mas enredando-o em seu próprio jogo, como apenas outra Brockton podia fazer.

Suavemente, murmurou:

— Concordo plenamente com você, Graham. Quanto mais ajuda eu receber, melhor.

Desarmado por sua pronta concordância, ele não insistiu.

— Oh... bem, ótimo. Talvez possamos tratar de uma divisão de responsabilidades.

Ela riu.

— Certamente. Mas não precisamos formalizar as coisas, não? Afinal, somos irmãos, fazemos parte de um mesmo time, não acha?

— Claro... mas...

— A televisão exige muita criatividade e, nesse estágio inicial, seria um erro terrível limitar isso, impondo uma rígida estrutura administrativa.

— Certo, mas...

— Caso contrário, precisaremos contratar mais gente, o que implicaria mais dinheiro.

Graham ficou subitamente rígido.

— O que está querendo dizer?

— É simples. Quando se limita a responsabilidade de pessoas inteligentes e criativas, limita-se também sua atividade. E o que elas não fizerem, outras terão de fazer. Estamos precisando demais de idéias novas.

Graham suspirou.

— Entendo o que você quer dizer.

Alexis sabia que ele entenderia. Era seu modo de agir: tratando os outros com desprezo, não confiando em ninguém. Ainda assim, seu departamento era lucrativo. Mas apenas porque o rádio continuava a atrair a maior parte dos anunciantes. Uma situação que ela pretendia mudar em breve.

Depois dessa conversa, passaram-se várias semanas, durante as quais Graham pareceu conformado em deixá-la dirigir a divisão da TV à sua própria maneira, sem interferências. Ele estava muito ocupado na nova cruzada de caça às bruxas, ou seja, combater os comunistas acusados de estarem se infiltrando em áreas governamentais e empresariais. E, até aquele momento, contentara-se em passar de vez em quando nos estúdios do West Side para ver o que estava acontecendo.

Havia muita coisa para ver. Alexis havia convencido vários profissionais de categoria do rádio a colaborarem com o novo veículo de informação, gente que não podia resistir ao apelo de ser vista no vídeo. Vários artistas seguiram esse exemplo, e o estúdio transbordava de atividade. O que era ótimo, porque evitava que Alexis pensasse muito em James, que, até o momento, ainda não lhe telefonara.

Além de seu popular programa de entrevistas, a UBC apresentava, agora, um show de uma hora de duração e mais alguns seriados cinematográficos de grande sucesso adaptados para a televisão. Ponto alto da programação era um jovem repórter do New York Times que Alexis contratara como redator de notícias e apresentador do noticiário.

A contratação de Winston Harcourt fora um verdadeiro golpe de mestre. Alto, magro, de feições aristocráticas, cabelos escuros prematuramente grisalhos nas têmporas e comportamento suave, ele se apresentava bem no vídeo e sua imagem agradava aos telespectadores. Todas as noites, durante quinze minutos, ele lhes dizia o que estava acontecendo no mundo, apresentando, às vezes, um cinejornal para ilustrar o texto. Terminava o programa com estas palavras: “Boa-noite, América, com a bênção de Deus”. Um fecho que Alexis havia criado expressamente para ele.

Winston tinha também outra qualidade muito significativa: era um acompanhante perfeito. Em sua companhia, Alexis podia comparecer aos eventos sociais que lhe interessavam, sem que seus amigos torcessem o nariz. Ao contrário. Ninguém que o conhecesse deixava de impressionar-se com seu charme urbano e sua inteligência. Até Charles Brockton gostava dele. E disse-o durante um jantar em sua casa do Connecticut a que o jornalista comparecera como convidado de Alexis.

— Você está fazendo um bom trabalho, Harcourt. Diz ao público o que ele precisa saber, sem comentários inúteis. Informações demais podem confundir as pessoas — completou o presidente da emissora.

— Obrigado, senhor — disse Winston, trocando um olhar de entendimento com Alexis. — Mas estou preocupado. Disponho de dois ou três minutos no máximo para qualquer assunto. Pouco tempo para uma análise de profundidade. Estamos vivendo uma era de transformação. Parece-me que as pessoas precisam saber o que está acontecendo no mundo, se quiserem tomar decisões inteligentes.

— Decisões sobre o quê? — perguntou Graham do outro lado da enorme mesa de jantar, iluminada por um candelabro de cristal que pertencera ao castelo de Versalhes.

Desabotoando seu bem talhado dinner jacket, ele recostou-se na cadeira girando a haste do copo de cristal entre os dedos.

— Tudo o que o povo quer é segurança — continuou. — Por que acha que estão procurando a tranquilidade dos subúrbios para viverem e criarem seus filhos?

— É perfeitamente natural — comentou Alexis. — Essa gente sofreu muito durante a Depressão e a guerra.

— É esse o ponto — disse seu pai. — São como ratos que se salvaram de um naufrágio. E têm medo de tudo que possa ameaçar sua segurança. Veja como estão atacando os comunistas.

Alexis não tinha vontade de abordar aquele assunto. Já haviam discutido muitas vezes sobre o modo arbitrário de expurgar os simpatizantes de ideologias de esquerda.

— Se o povo começa a preocupar-se com a possibilidade de haver comunistas infiltrando-se no governo e nas empresas, talvez possamos chamar sua atenção para outros assuntos — disse cautelosamente Winston.

— Não há nada mais que ameace tão diretamente os alicerces da vida americana — afirmou enfaticamente Graham. Reconhecendo a frase como a de um membro da Comissão Investigadora das Atividades Antiamericanas, Alexis franziu as sobrancelhas. Assustava-a a campanha de intimidação aos comunistas que estava empolgando todo o país. Era sinal de uma fomentação da caça às bruxas.

— Seu pai e seu irmão parecem aprovar essa perseguição aos vermelhos — comentou Winston no dia seguinte, durante a volta a Nova York.

— Apoiarão qualquer coisa que proteja seus interesses — disse Alexis. — Se a grande massa popular for induzida a acreditar que os comunistas são uma ameaça para o mundo, não perceberá que está sendo vítima da manipulação dos capitalistas. Assim, pessoas como meu pai e meu irmão poderão operar impunemente.

Winston não demonstrou nenhuma surpresa pela amarga dedução de Alexis. Recostado no banco da frente, contentava-se em aproveitar sua companhia. A brisa morna que soprava preguiçosamente jogava-lhe os cabelos para trás e dava um tom rosado às suas faces. Ele a olhou intensamente, enchendo os olhos com sua beleza.

Alexis tornou-se repentinamente consciente do silêncio que se instalara entre ambos. As visitas ocasionais que fazia à sua família tinham o poder de deixá-la tensa. Mas isso não era desculpa para ignorar Winston.

— Espero que tenha aproveitado o fim de semana — disse-lhe, ansiosa.

— Esta região é linda! — disse ele com um sorriso.

— É uma resposta diplomática. Pode dizer que meu pai e meu irmão aborreceram você! Aborrecem também a mim.

— E por isso que se mantém a distância deles?

— Sim. Não consigo agüentá-los por muito tempo.

— Mas você trabalha com eles...

— Não diretamente. Meu pai não se interessa por televisão, e Graham dedica-se a outros negócios.

— Até o momento. E se isso mudar?

Alexis apertou com força o volante de seu Packard. Ele tocara numa questão delicada. Todo o trabalho que estava fazendo poderia ser destruído de um só golpe, se sua família interferisse em seus planos. Era frustrante e também humilhante reconhecer a precariedade de sua posição.

— Vou pensar nisso quando chegar o momento. Há outros problemas mais urgentes para serem resolvidos.

Ele sorriu gentilmente.

— Como o de um certo comentarista que vive pedindo mais tempo para seu noticiário?

— Você não é problema.

— Assim espero — disse Winston com suavidade. Alexis suspirou. Por que não se interessava por esse homem atraente, sensível e brilhante, em vez de ficar ansiando por quem a desprezara? O silêncio de James magoara-a profundamente. Não esperava dele tamanha indiferença.

Infelizmente tinha seu trabalho, que exigia todas as energias de seu corpo e de sua mente, submergindo-a numa atividade muito intensa: acordava às seis da manhã e caía na cama à meia-noite.

Como era de se esperar, isso teve seu preço. Uma estafa que lhe provocou um desmaio, enquanto assistia ao show de entrevistas dos bastidores. A prescrição do médico foi simples: alguns dias de repouso, preferivelmente longe da balbúrdia do estúdio.

Alexis pensou bem e concluiu que o máximo a que se podia permitir era um fim de semana prolongado.

E decidiu passá-lo numa pequena casa de praia de sua propriedade, em Long Island.

Era uma casa gostosa, situada numa ponta de rocha que dominava uma pequena angra de areia branca, ladeada de bosques de pinheiros e barrancos cobertos de exuberantes trepadeiras.

Ao subir o atalho ensaibrado que levava à porta de entrada, Alexis aspirou o ar fresco e perfumado, concentrando-se na beleza do cenário. Através das folhagens móveis das árvores, entrevia-se um mar azul e tremeluzente, sob os raios do sol. Nuvens brancas deslizavam vagorosamente contra o céu azul, gritos de gaivotas pairavam no ar. Tudo era tão bonito e calmo que ela se sentiu invadida por uma tranqüila serenidade.

O interior da casa era rústico, com a grande sala de estar mobiliada simplesmente. Um sofá, algumas poltronas e duas mesinhas com abajures. Numa extremidade havia uma grande lareira; na outra, uma grande parede de vidro de frente para o mar.

Era um lugar para descansar, esticar-se no sofá diante da lareira com um bom livro e ignorar o resto do mundo.

Uma hora após a sua chegada, Alexis estava preparada para fazer exatamente isso. Vestiu uma blusa bem simples e uma calça presa à cintura por um largo cinto de couro. Calçou confortáveis sandálias de couro e prendeu os cabelos na nuca, num rabo-de-cavalo.

Saiu disposta a aproveitar bem a tarde. Com os pés afundando na areia fria e úmida, subiu uma encosta rochosa e, ao alcançar o topo, sentou-se com as pernas cruzadas. Ficou contemplando a paisagem com um suspiro de encantamento.

“É um verdadeiro paraíso”, pensou, sentindo-se com as forças renovadas.

Subitamente, apesar do brilho ofuscante do sol, avistou algo que fez seu coração bater mais rápido. Piscou várias vezes, pensando estar sonhando. Mas à medida que o vulto se aproximava, ia tendo uma visão mais clara de uns ombros largos, de umas pernas longas e musculosas e de uma cabeça inclinada curiosamente para um lado.

Levantou-se e desceu rapidamente a encosta do penhasco. Rápido demais! Na precipitação, escorregou e perdeu o equilíbrio. Quase gritou, ao perceber que ia cair.

James apressou os passos, alcançando-a no momento crucial, e amparou-a.

— Felizmente cheguei a tempo — murmurou ele, conservando-a de encontro ao peito.

Alexis fitou-o, ainda abalada.

— Pensei estar imaginando coisas, quando vi você chegar pela praia.

Os claros olhos azuis de James brilharam de prazer.

— Quer dizer que não se esqueceu de mim?

— Devia, não é mesmo? Faz tanto tempo que você não aparece...

— Sinto muito... Eu pretendia telefonar.

Ela o olhou ceticamente e ele completou:

— Matthew foi hospitalizado. Apêndice supurado, com complicações.

— Oh, não! — exclamou Alexis, esquecendo seu aborrecimento. — Ele está bem agora?

— Sim, graças à penicilina. Mas o coitadinho passou por maus momentos. Se Maggie não percebesse o que era, talvez tivesse sido tarde demais — disse James, com um ar de tristeza sombreando-lhe o rosto, ao pensar que quase perdera seu filho.

— Gostaria de vê-lo — murmurou Alexis com suavidade.

— Matthew vai gostar.

Ficaram se olhando por um longo momento, antes que ela dissesse:

— Como soube, James? Como descobriu que eu estava aqui?

Ele sorriu.

— Não foi fácil. Sua secretária é muito discreta. Tive de explicar o que aconteceu a Matthew; caso contrário não teria dado seu endereço.

Alexis não se surpreendeu. Margaret sabia guardar segredo, além de ser reservada em suas palavras e atos.

— Você vai ficar aqui muito tempo? — quis saber James, enquanto caminhavam despreocupadamente, sem pressa e sem rumo, ao longo da praia de areias brancas.

— Até segunda-feira.

— Sozinha neste ermo?

— Vim aqui para descansar.

— Quer dizer que não vai querer companhia?

— Mas... você não está ocupado?

— Matthew está dormindo. Não quer jantar comigo?

Alexis foi empolgada por um sentimento de felicidade total. Encarou-o com os olhos brilhantes.

— Trouxe muita coisa de Nova York. Posso preparar um jantar razoável.

Ele sorriu e, passando-lhe o braço em volta dos ombros, conduziu-a para casa.

CAPÍTULO V

James pegou o cálice de brandy e acomodou-se no tapete estendido diante da lareira, ao lado de Alexis.

— Que beleza! — exclamou, fascinado pelo espetáculo da lua refletindo-se no mar, entrevisto através da ampla parede de vidro.

A sala estava quente e confortável. O ruído das achas crepitando na lareira acrescentava um ar aconchegante ao ambiente. Ele ergueu o cálice bojudado que conservava entre as mãos e tomou um gole. Era o arremate perfeito para uma refeição simples, mas saborosa: bistecas grelhadas, batatas ao forno e salada. Alexis surpreendera-o mais uma vez. Não esperava que uma mulher tão linda e elegante pudesse ter pendores domésticos.

— Não imaginava que você tivesse esses... dotes culinários — confessou-lhe, puxando-a para si e aninhando-a no peito largo.

— Gostou?

— Muito... Você é uma mulher perfeita, sabe?

— Claro que sei! Gostaria que fosse diferente?

James rodeou-a com os braços e beijou-lhe o pescoço.

— Não.

Ela fechou os olhos, experimentando uma doce sensação de conforto.

— Você já pensou como é estranho que nos tenhamos tornado amigos?

— O destino tem seu jeito de fazer as coisas acontecerem.

Ela o olhou através das pálpebras semi-cerradas.

— Acha então que foi o destino que fez cruzar nossos caminhos?

— Estou começando a pensar que sim.

Os olhos azuis e penetrantes fitaram-na por um longo momento, e ela sentiu-se derreter toda por dentro. Virou-se para ele, que lhe tomou o rosto entre as mãos, cobrindo-lhe as pálpebras de beijos.

— Alexis...

Ele voltou a beijá-la apaixonadamente, forçando seus lábios a se abrirem, enquanto a deitava no tapete, quase cobrindo o corpo dela com o seu. Ela deliciou-se com a exigência da língua de James. Amou sua força possessiva e colou-se a ele sem reservas, esquecida de todas as dúvidas.

— James... você tem certeza?

— Estou doido por você! Não quero esperar mais.

Nem ela queria. Nesse momento, como uma revelação, percebeu que sempre o desejara, que seu corpo ansiava por unir-se ao dele sem restrições. O destino, dissera ele. Ela preferia pensar que era uma questão de reconhecimento mútuo. Sabiam que pertenciam um ao outro.

— Toque-me, Alexis...

Os dedos dela tremeram, ao desabotoar-lhe a camisa e deslizá-los pelo peito forte e vigoroso, acariciando-o com prazer.

— James... — pediu docemente.

Então, com suave lentidão, ele tirou-lhe toda a roupa, peça por peça. Sabia que era um amante talentoso. Quando se envolvia emocionalmente com uma mulher, usava de todos os meios para aumentar o momento do prazer, e era adepto das carícias sexuais que precediam o ato de amor. O que o preocupava não era isso, mas a intensidade de seu desejo por ela. Uma ânsia que se sobrepunha a qualquer atitude racional.

Olhou-a, nua e adorável, o corpo esplêndido dourado pelo reflexo das chamas. Fitou-a com tanta intensidade que ela corou.

— Não está acostumada a ser admirada?

— Não... não desse modo.

Ele não se surpreendeu muito. Ela era tão refinada, tão fria, que o sexo devia parecer-lhe algo para ser aceito, mas não compartilhado. Agora teria a oportunidade de mostrar-lhe que podia ser diferente.

A princípio, Alexis mostrou-se tímida. Mas, estimulada pelo toque hábil de suas mãos e de sua boca, todas as barreiras caíram e ela desabrochou como uma flor. Estava deslumbrada. Jamais acreditara possuir tamanha sensualidade. Sentia o desejo crescer em seu corpo com uma intensidade gritante.

Olhou o homem deitado a seu lado, o corpo nu iluminado pelas chamas que faziam brilhar sua pele bronzeada. Era um homem magnífico, não havia como negar. Seu sexo fascinava-a. Tocou-o levemente e ouviu James murmurar com voz rouca:

— Tome-o em suas mãos, querida.

Ela o capturou, e a reação dele foi tão imediata que chegou a surpreendê-la.

— Isso... isso acontece sempre?

Ele riu.

— Acho que agora vai voltar a acontecer com a mesma impetuosidade de meus dezoito anos.

Os olhos cinzentos de Alexis brilharam de prazer.

— Está querendo dizer que estou excitando você?

— Você está me deixando doido — murmurou ele roucamente, enquanto a mão dela se movia numa carícia. — Algo me diz que você é muito boa nisso.

— Você disse que eu era perfeita.

Ele girou o corpo, deitando-se por cima dela, e agarrou-lhe a mão.

— É verdade.

- Vai dar trabalho.
- Sou muito habilidoso.
- Hum... como é bom...
- E isto?
- Ainda melhor... Mas você acha que... é certo?...
- Talvez não. Mas, se não quiser, diga.
- Continue, continue...

Amaram-se a noite toda, compartilhando da mais incrível experiência sensual de suas vidas. Quando a manhã chegou, souberam que haviam ultrapassado todos os limites, transposto todas as convenções e que, para todos os efeitos, eram amantes.

Depois daquela noite, a vida de Alexis entrou numa nova fase. Ela vivia num deslumbramento, experimentando o supremo contentamento que provinha não só dos sentidos satisfeitos, mas também da afeição e da camaradagem. Achava natural falar de si mesma e de escutar James, e assim suas vidas inteiras pareciam corresponder uma à outra, graças àquela troca de confidências.

Dividia agora o seu tempo entre o estúdio e a sua casa, onde chegava cedo para preparar-lhe o jantar, sempre que Maggie e Anthony ofereciam-se para ficar com Matthew. Aquela domesticidade formava um agradável contraste com sua vida de empresária, mostrando que seu sucesso profissional não diminuía sua feminilidade.

Maggie e Anthony tratavam-na como a uma velha amiga. Seu segundo filho, Joseph Jr., nascera na mesma semana em que os Dodger haviam perdido o campeonato nacional para seu rival: os Ianques. Dominick consolara-se da derrota ao ser escolhido para padrinho. Honra que compartilhara com uma amiga da cunhada, Sheila Fletcher, que viera de Chicago especialmente para a cerimônia de batismo.

Uma semana depois, Alexis e James foram convidados para jantar na casa dos amigos. Após a lasanha, a salada mista e o pão fresco, a conversa girou em torno da guerra que marcara a vida de todos eles.

— Eu era um sargento feliz, até o dia em que este sujeito aqui — Anthony apontou para James — insistiu em me transformar num oficial graduado.

— Não tentei apenas — afirmou James. — Eu o fiz oficial.

Anthony suspirou.

— Como se eu não soubesse! A cerimônia valeu pelo lindo vestido que Maggie estava usando. Lembra-se?

— Se eu dissesse que sim, você morreria de ciúme.

Anthony riu.

— É... acho que sim. Mas foi uma grande noite! Aqueles discursos e Delia caçoando de todo mundo...

— Quem é Delia? — quis saber Alexis, ao perceber que Maggie cutucara discretamente o marido com o cotovelo.

James baixou os olhos para o prato e Anthony pareceu absorvido no vinho. Em vista disso, Maggie murmurou diplomaticamente:

— Foi há tanto tempo... ou pelo menos assim parece. Tantas coisas mudaram, desde que voltamos para casa...

Alexis era educada demais para insistir num assunto visivelmente constrangedor. E permitiu que Maggie a levasse a falar do new look de Dior que agora era adotado pelas mulheres do mundo inteiro.

— Foi só depois do parto que percebi como minhas roupas estavam fora de moda! — comentou Maggie.

— Eu gostava muito daqueles vestidos — comentou Anthony. — Você ficava linda com eles. Ela sorriu e voltou-se para Alexis.

— Você pode imaginar agora por que casei com este homem. Ele faz um bem enorme a meu ego!

— Só por isso? — protestou seu marido. — Pensei que fosse por eu ser romântico!

— Romântico? — brincou Maggie. — Não vejo nenhum romantismo em pedir uma mulher em casamento no instante em que ela sai da cirurgia, com o uniforme todo manchado de sangue!

Alexis riu, sabendo que o amor que unia o casal era tão grande que chegava a causar inveja.

— Foram feitos um para o outro. Não acha? — perguntou ela mais tarde a James, ao dirigirem-se para casa.

— Não posso imaginar um sem o outro.

Havia uma nota de melancolia em sua voz, como se ele lamentasse não ter a mesma sorte. Mas Alexis achava difícil que ele pudesse nutrir algum interesse por casamento, depois da terrível experiência com sua primeira esposa. De sua parte, embora não tendo nada contra uma ligação duradoura, acreditava quando tantos desafios a estimulavam.

Havia todo tipo de problema a enfrentar. O último deles era o medo do comunismo que principiava a afetar todos os aspectos da vida da nação. A Comissão Investigadora das Atividades Antiamericanas pressionava a indústria cinematográfica alegando que havia infiltração comunista em seus meios, e os efeitos dessa intransigente pressão começavam a atingir também o rádio. Parecia que todos os oportunistas estavam dispostos a tomar-se superpatriotas.

A própria Comissão era um bom exemplo disso. Fundada originalmente em Nova York, num velho armazém, por um ex-vendedor de roupas e um advogado chicaneiro, essa organização conquistara rapidamente a fama de perseguir os vermelhos.

Através de uma carta impressa enviada a executivos americanos de destaque, denunciava as várias empresas que estariam fazendo o jogo de Moscou. Tão virulentas eram suas invectivas que as contribuições chegavam em abundância. De bons cidadãos presumivelmente ansiosos em combater a subversão, mas na realidade temerosos de verem seus nomes incluídos nas listas de suspeitos.

Respalhada por um firme apoio financeiro, a Comissão Investigadora mudara de sede com o intuito de expandir seus serviços. Fora então implantado um ambicioso projeto, visando limpar as maiores organizações empresariais do país de funcionários supostamente contaminados pela propaganda esquerdista.

— Acho bom que dê uma olhada nisto — disse certo dia Margaret, passando uma dessas cartas às mãos de sua chefe. As feições normalmente calmas da secretária estavam alteradas pelo medo.

Os olhos de Alexis tornaram-se sombrios, depois de percorrerem a carta.

— Não pode ser verdade!

— Tenho receio que sim — disse mansamente Margaret. — Ouvi dizer que cartas semelhantes foram enviadas a todos os departamentos da UBC e outras cadeias de emissoras.

— Querem conhecer os antecedentes de todos os nossos funcionários — comentou Alexis. — Grau de instrução, viagens, filiações políticas e, imagine só, Margaret, o “tipo de revistas que lêem”!

— São esses os pontos que investigam para saber quem alimenta simpatias comunistas.

— Não investigarão nada em meu departamento — afirmou categoricamente Alexis, largando a carta em cima da mesa. — Vou ignorar esse veneno.

Margaret permaneceu em silêncio um momento e depois disse com hesitação:

— Não sei se vai poder fazer isso. Pelo que ouvi dizer, os outros departamentos receberam ordens para cooperar.

— Ordens de quem?

— Do sr. Graham.

Os lábios de Alexis cerraram-se com força. Embora isso não a surpreendesse, não deixava de aborrecê-la.

— Vou ter de dar um jeito. Deve haver um meio de resolver esse problema.

Quando Margaret saiu do escritório, Alexis leu novamente a carta, pensando como proteger sua equipe não só da Comissão, mas de seu próprio pai, que, sem a menor sombra de dúvida, devia estar dando respaldo às ações do filho.

Providenciar as informações nem pensar! Mas recusar-se a fazê-lo significaria provocar interferência em seu departamento. Algo que ameaçaria todos os projetos em desenvolvimento.

Estava ainda com aquilo na cabeça, horas depois, ao preparar o jantar. A voz gostosa de Billie Holliday enchia o ar, as bistecas estavam na grelha, e James misturava os coquetéis.

Ao passar-lhe o martíni, ele perguntou:

— Dia ruim?

— Como sabe?

Ele tocou-lhe o canto da boca.

— Há uma pequena veia pulsando aqui. Isso só acontece quando você está tensa.

— Oh, não é nada... E seu dia? Como foi? — perguntou ela, enquanto se sentavam à mesa.

— Alguns aborrecimentos, o almoço interrompido por um telefonema importante... As coisas de sempre.

Ele olhou-a atentamente. Ela tinha no rosto uma expressão enigmática.

— Você tem alguma coisa para me dizer, não? Vá falando.

— Já ouviu falar dessa comissão que investiga as atividades anti-americanas?

James largou o garfo no mesmo instante.

— Já. Enviaram um questionário a meus funcionários.

— Eu também recebi. Meu primeiro impulso foi ignorá-lo.

— Não vai mais?

— Não — admitiu ela com relutância. — Graham deu ordem a todos os diretores de departamento para cooperarem. Mas eu tenho de dar um jeito de contornar a situação.

— Por que não faz como eu?

— O que foi que fez?

— Menti.

Os olhos de Alexis arregalaram-se de espanto.

— O que está querendo dizer?

— Eles estão pedindo uma série de informações sobre os nossos empregados. Instrução, filiações esquerdistas mesmo remotas, leituras...

— Sim, mas...

— Preenchi o questionário com informações fantásticas. Foi divertido!

— Não entendo...

— Com a cooperação dos empregados, claro, disse que eles haviam feito apenas o primário e que alguns eram republicanos e outros democratas. A parte das revistas foi divertida. Você já ouviu falar da Revista Mensal dos Barbeiros ou do Semanário dos Chapeleiros?

— Não...

— Pois existem e tem gente que os lê.

— Então, para você, tudo não passou de uma brincadeira! — disse Alexis, aborrecida. — Eu não vejo as coisas desse modo. Esse negócio é sério!

— Só se você permitir que seja. Essa “ameaça vermelha” vai acabar naturalmente, depois de uns tempos. E ter paciência e esperar que essa fase passe.

— Não posso encarar isso com tanto descaso. Não percebe que pessoas estão sendo destruídas só porque foram tachadas de comunistas?

— Sinto por elas — disse James. — Mas, em geral, sofre-se por todo tipo de injustiça.

— Há um princípio envolvido nisso. O direito à privacidade e à proteção. Está na Constituição! Como pôde cooperar com esses intolerantes?

— Não cooperei. Usei seus próprios métodos.

— É perigoso. Poderão descobrir que você mentiu e então vingar-se.

— Talvez. Mas gente desse tipo costuma levar-se tão a sério que não pode sequer imaginar que foi enganada.

Alexis permaneceu em silêncio, mesmo porque não tinha mais nada a acrescentar. Admirava a forma desinibida pela qual ele resolvera o problema, transformando-o numa piada. Mas não podia afastar a desagradável sensação de que era uma tática imoral.

Mais tarde, enquanto permaneciam lado a lado na enorme cama de casal, ainda imersa na languidez do amor, ela voltou a dizer:

— James... aqueles questionários... Você chegou a pensar em não preenchê-los?

— Não — disse ele, sem abrir os olhos. — Isso significaria arrasar com a IBS.

— Mas dar corda a essa gente não seria encorajá-los a continuarem seus ataques?

Ele suspirou e virou-se para ela.

— O que você queria que eu fizesse, Alexis? Que eu me arriscasse a jogar fora tudo o que construí até agora por um tolo senso de nobreza?

— Mas alguém tem de enfrentá-los!

— Para quê? Vão parar voluntariamente...

— Como os nazistas e os fascistas pararam?

Os olhos azuis de James lampejaram de impaciência.

— Está dando muita importância a essa gente. Coloque-os em seu verdadeiro lugar e então entenderá o que está acontecendo.

— Está em jogo algo pelo que muitos deram sua vida: liberdade.

— Não levante essa bandeira para mim! — disse James com os olhos fuzilando. — Eu contribuí com meu sangue para isso, enquanto os meninos da juventude dourada, como seu irmão, ficavam a salvo atrás de suas escrivatinhas. Quero um mundo melhor, e que eu seja danado se deixar um bando de caçadores de comunistas tirar isso de mim!

Alexis surpreendeu-se com sua veemência. Ele falara friamente, como se fossem adversários sentados em lados opostos de uma mesma mesa, e não amantes.

Refugiou-se num magoado silêncio. Depois de alguns momentos, James soergueu-se, apoiando-se no cotovelo, e olhou-a pesarosamente.

— Desculpe, Alexis. Não devia ter falado desse jeito com você.

— Não devia mesmo...

— É que... fico maluco só de pensar que um punhado de reacionários possa ameaçar meu trabalho.

Ela ficou estendida na semi-obscuridade, pensando na desdenhosa referência de Graham às pessoas que ansiavam por um pouco de segurança e que ela o lembrara de que fora essa mesma gente que sofrera o colapso econômico e os duros anos de guerra. Julgara-se, então, melhor do

que ele, porque podia entender os sentimentos de gente menos privilegiada. Mas agora questionava se isso era verdade.

Teoricamente, era fácil entender que os sobreviventes da Depressão e da Segunda Guerra Mundial ansiassem por uma vida segura para si e seus filhos. Mas, quando se tratava de aceitar esse mesmo comportamento de alguém que lhe estava próximo, ela relutava.

Virou-se para James e disse-lhe, arrependida:

— Entendo suas razões. Eu também detestaria perder tudo pelo que trabalhei.

— Então, faça a mesma coisa que eu fiz e não pense mais nisso — disse ele, puxando-a para si.

— Não posso... Em primeiro lugar porque a UBC está muito em vista. Não podemos empregar as mesmas táticas das pequenas emissoras independentes. Além do mais, tenho a impressão de que Graham irá observar-me de perto para ver como me comporto.

— Talvez você consiga mantê-lo a distância.

— Talvez... Eu vou tentar de tudo.

Ela abraçou-se a ele, preparando-se para dormir e pensando por que, de repente, a vida começava a tornar-se muito complicada.

A equipe do departamento de televisão, tanto da área de staff como da administrativa, estava toda reunida no salão de conferências.

— Naturalmente, vocês devem estar se perguntando por que eu os chamei aqui — disse Alexis, debruçando-se sobre a mesa cheia de pastas e de xícaras de café. — Como devem saber, a Comissão Investigadora está pedindo informações sobre os antecedentes de nossos funcionários.

Um murmúrio correu pelos presentes. Alguns pareciam despreocupados, mas a maioria dava mostras de Inquietação.

— Vou ser franca — continuou ela. — Não tinha a intenção de fornecer essas informações. Mas a política da companhia é para cooperar.

Alexis fez uma pausa, deixando que todos entendessem bem suas palavras, antes de continuar:

— Serão distribuídas cópias do questionário da Comissão. Gostaria que dessem uma olhada nelas. Depois disso, marcaremos entrevistas pessoais com cada um de vocês para discutirmos as respostas que deverão dar.

— O que há para discutir? — perguntou o engenheiro do som. — Quem não tem nada para esconder não deve ter medo.

— Não é tão simples assim — disse Alexis, com calma. — Não quero fazer dessa reunião um comício político, mas sei que a Comissão está agindo de má fé. As perguntas do questionário são tendenciosas e não quero que ninguém de minha equipe torne-se vítima de táticas desprezíveis.

O engenheiro encolheu os ombros, pegou sua cópia e saiu da sala. Outros fizeram o mesmo. Mas os demais permaneceram na sala, ansiosos para ouvirem palavras tranquilizadoras.

— Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance — prometeu Alexis, desejando poder dar mais explicações.

Sua impotência para controlar a situação afligia-a enormemente. Desejava poder jogar fora aquele maldito questionário, mas estava de mãos atadas. Na reunião que tivera com Graham, seu irmão deixara bem claro que isso seria uma imprudência.

— Temos de seguir a política da companhia — dissera ele pedantemente. — Seria um péssimo exemplo se uma Brockton tivesse mais privilégios do que os outros diretores executivos. Não acha que tenho razão?

Alexis não achava nada disso.

— É uma política errada. Um tratamento injusto para nossos funcionários.

Seu irmão sorria com superioridade.

— Não se trata de ser justo ou injusto. O que a Comissão quer saber é que tipo de gente está ocupando os postos-chave neste país. Inclusive na área da comunicação.

— Você está querendo dizer que ninguém será demitido ou sofrerá algum tipo de pressão, se sua resposta não estiver de acordo com a política da Comissão? — perguntara ela ceticamente.

— Acho que todos nós temos a responsabilidade de proteger nosso país da ameaça comunista. Não devíamos ter chegado a este ponto, fomos ingênuos demais. E isso tem de terminar.

— Neste país, deveria haver lugar para todos os credos políticos — protestara ela.

Baseada nesse princípio, Alexis queria fazer tudo o que lhe era possível para proteger sua equipe. E, no começo, isso pareceu ser mais fácil do que pensara. As entrevistas com seus funcionários iam muito bem. Todos confiavam nela, os que tinham algum tipo de preocupação com seu passado falavam francamente. Sabiam que uma pequena omissão ou uma pequena rasura na redação era suficiente para levantar as suspeitas da Comissão.

Aos poucos, Alexis começou a sentir-se mais confiante. Mas, certa tarde, essa confiança foi seriamente abalada. Aconteceu numa sexta-feira, quando Margaret entrou no escritório e pediu-lhe alguns minutos de atenção.

— Pensei que já tivesse ido embora — disse ela, sorrindo. Sua secretária sentou-se na beirada da cadeira e começou a torcer as mãos nervosamente.

— É sobre a... Comissão.

— As coisas estão indo melhor do que eu pensava. Podemos terminar tudo na próxima semana.

— Assim... espero. O questionário é muito complicado.

— Nem tanto — disse Alexis vagamente inquieta. — Ainda não preenchemos o seu, não é?

— Não... e é sobre isso que eu quero falar. — Margaret baixou a cabeça. — Acho que tenho problemas.

Alexis respirou fundo e recostou-se na cadeira.

— Conte-me tudo.

— Aconteceu há muito tempo. Eu tinha apenas dezenove anos e queria trabalhar para ajudar minha família. Meu pai e meu irmão estavam desempregados. Era a época da Depressão, não havia comida na mesa.

Margaret fez uma pausa; seu rosto ensombreceu-se, ao recordar a angústia daqueles dias.

— Fui a um comício na sede do sindicato com um amigo. Havia um orador do grupo “Cidadãos por uma América mais Justa”. Ele dizia como era perverso que uma minoria pudesse viver no luxo, enquanto a maioria tinha problemas para alimentar seus filhos. Suas palavras faziam sentido e eu juntei-me ao grupo. Trabalhei uns tempos distribuindo panfletos, arregimentando pessoas... coisas assim.

— Não vejo nada de errado nisso — comentou Alexis.

— Foi o que eu pensei naquela época — concordou Margaret. — E ainda penso assim. Mas, ultimamente, esse grupo foi acusado de ser uma organização comunista de frente. E alguns de seus membros foram chamados para depor perante a Comissão Investigadora.

Alexis ficou subitamente apreensiva. Entendia agora o medo de Margaret. Uma coisa era omitir pequenos detalhes do passado para evitar suspeitas, e outra, muito diferente, negar ter pertencido a uma organização que estava sendo investigada.

— Temos de dar um jeito de contornar a situação — disse ela pensativamente.

— Será que podemos? — perguntou Margaret, com a voz sumida.

— Ainda não sei... mas farei tudo o que puder. Temia que isso pudesse acontecer, e era por isso que eu não queria cooperar. É revoltante saber que há pessoas sendo punidas por exercerem o direito de falar e de se reunir.

— Talvez seja melhor eu pedir demissão — disse Margaret.

— É o que você quer?

— Não. Gosto de meu emprego e não queria perdê-lo. Mas...

Alexis levantou-se e passou o braço pelos ombros dela.

— Não se preocupe, daremos um jeito. Prometo a você.

Margaret pareceu um pouco mais aliviada e saiu do escritório com as feições menos tensas do que quando entrara.

Mas Alexis não estava tranqüila. Apesar da promessa feita, duvidava que estivesse em suas mãos proteger Margaret. Faria tudo o que pudesse, no entanto. E dias mais tarde, depois de árdua deliberação, preencheu o questionário sem fazer nenhuma menção ao envolvimento de sua secretária com os “Cidadãos por uma América mais Justa”. Não era a solução ideal, mas ela não viu outra melhor.

A Comissão enviou-lhe uma carta de rotina, acusando o recebimento do questionário, e depois houve o silêncio. Alexis estava começando a relaxar quando, certa tarde, foi inesperadamente chamada ao escritório de seu pai.

Suas idas ao andar executivo limitavam-se à sala de conferências. Fazia meses que não visitava Charles Brockton nos seus domínios particulares. E, como sempre, o tamanho e o luxo daquelas instalações revoltaram-na.

Lançou um olhar para as paredes forradas de brocado, pelo chão encerado coberto de tapetes orientais, para o alto teto ornamentado com medalhões de estuque. Uma verdadeira fortuna em antigüidades, a maioria constituída por peças inglesas do século XVIII, achava-se espalhada pelo salão que parecia o de um castelo.

“Dá para entender o motivo da Revolução Francesa”, pensou, amarga.

Seu pai estava sentado na magnífica cadeira de encosto alto, forrada com tapeçaria Aubusson. De pé, ao lado dele, estava Graham.

— Não imaginava que você estivesse aqui — disse ao irmão.

Charles Brockton fitou-a com frieza.

— Pedi a ele que ficasse — disse, antes que seu filho pudesse replicar. — Sente-se.

Graham voltou-se para ela.

— Há um assunto que precisa ser esclarecido, Alexis. E, sinceramente, espero que seja logo.

Ao ouvir Graham falar em sinceridade, Alexis tornou-se imediatamente apreensiva.

— Do que se trata?

Ele apanhou algumas folhas da escrivania e olhou-as como se estivesse examinando a prova de um crime.

— Do relatório que você preparou para a Comissão Investigadora. Há uma omissão gritante aqui e eu não entendo como você pôde deixar isso de lado.

O estômago de Alexis contraiu-se num nó. Sabia a que ele estava se referindo. Mas, em vez de intimidar-se, resolveu tomar a ofensiva.

— Você sabe que eu relutei desde o início em preencher esse questionário. Fui obrigada a fazê-lo, porque havia ordens expressas para cooperar. De minha parte, considero esse caso encerrado. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

— Nada é mais importante do que a segurança deste país — disse seu pai com impertinência, — Você mentiu a respeito de Margaret Goodman. Ou então deixou-se enganar. Essa mulher foi um membro ativo dos “Cidadãos por uma América mais Justa”, que não passa de uma frente do Kremlin. E deve estar ainda trabalhando para eles.

— Sabe o que está dizendo? — perguntou Alexis, deixando de lado toda a prudência. — Margaret está na UBC há mais de dezoito anos. É uma funcionária muito leal. A idéia de que possa fazer algo que nos ameaça é ridícula.

Graham sacudiu a cabeça.

— Você é muito inocente, Alexis, muito confiante. Os comunistas têm de parecer honestos, se quiserem atingir seus objetivos. E, para tanto, aproveitam da boa fé de gente ingênua como você.

Alexis não se conteve. Estava furiosa.

— Quanta hipocrisia! Logo você que não deu um tostão furado por este país e só se importa com a companhia quando ela lhe enche os bolsos! Está tentando acabar com a vida de uma mulher honesta só para me atingir.

— Você está levando as coisas para o lado pessoal. Estou questionando sua capacidade de dirigir o departamento, porque você foi omissa numa questão importante.

Charles Brockton contemplou-a sem esconder seu desapontamento.

— Confiei em você, Alexis, Dei-lhe um emprego nesta empresa e fui indulgente, quando você demonstrou interesse por televisão...

— Indulgente...

— ...apesar de isso ter custado o corte de fundos vitais para outros departamentos — completou ele, ignorando a interrupção. — Dizia a mim mesmo que não importava que você fosse mulher. Era também uma Brockton e eu acreditava que tivesse competência para dirigir um departamento. Enganei-me, infelizmente.

Alexis levantou-se, indignada.

— Você está me demitindo?

O leve brilho de surpresa nos olhos de Charles Brockton desvaneceu-se depressa.

— Claro que não. Acho que você assumiu uma responsabilidade superior às suas forças. De agora em diante, Graham dirigirá o departamento de televisão e você ficará subordinada a ele.

Ela o encarou com firmeza. Já estava farta daquilo.

— E Margaret?

— Estamos firmemente convencidos de que ela é prejudicial ao progresso da companhia. Não podemos conservá-la. E o que lhe acontecer daqui em diante não será de nossa conta.

— Vocês não têm o direito de fazer isso. É uma vergonha!

Seu irmão foi inflexível.

—A posição política dessa secretária é bastante clara. Não queremos que fatos como esse voltem a acontecer. E não se esqueça de que, como funcionária da UBC, você terá de seguir a linha da companhia ao pé da letra.

Alexis entendeu a mensagem. Ele iria observá-la com olhos de falcão e, no momento em que fizesse algo que merecesse sua desaprovação, pediria sua cabeça. Sentiu um imenso desalento. Olhou para seu pai, mas ele não disse nada. Interpretando seu silêncio como aprovação à inflexibilidade de Graham, deu-lhe as costas e caminhou para a porta, mais alta e mais apumada do que quando entrara.

CAPÍTULO VI

Naquela noite, Alexis não quis ficar sozinha no apartamento. Sabia que permaneceria deitada na cama, de olhos abertos até altas horas da noite, remoendo a conversa tida com seu pai e seu irmão. Se pudesse chorar, talvez fosse melhor. Mas não podia. Sentia um vazio por dentro e precisava do conforto da pessoa certa.

Levou pouco tempo para vestir um traje de noite prateado que lhe acentuava as curvas e prender os cabelos loiro-platinados para cima. Depois, tomou um táxi para o subúrbio de Harlem. O trecho da avenida Lenox, diante do Plantation Club, sucessor do renomado Cotton Club, estava apinhado de turistas e de clientes habituais. Todos ansiosos por ouvirem o melhor jazz que havia fora de New Orleans e assistirem ao show de palco.

Abrindo caminho através das pessoas comprimidas à entrada, ela murmurou um nome ao ouvido do gerente. Os dentes dele brilharam num sorriso e, com um leve movimento de mão, ele chamou um assistente que a escoltou através do salão para uma mesa diante do palco. James viu-a e levantou-se, sorridente.

— Alexis... não imaginei que viesse.

Cumprimentando os outros ocupantes da mesa, Alexis acomodou-se na cadeira que ele lhe puxou.

— Estava precisando de companhia e lembrei-me de que você estaria aqui esta noite — disse ela, deixando o abrigo de peles escorregar-lhe dos ombros.

— Ótimo que tenha vindo — disse Anthony, fazendo um sinal ao garçom para trazer mais uma taça de champanha. Maggie estava intrigada, mas recebeu-a com um sorriso cordial.

— Que lindo vestido!

Alexis retribuiu-lhe o sorriso.

— Gosta? — disse, erguendo a taça de champanha num brinde. — Ao primeiro aniversário da IBS. Espero que haja muitos desses anos.

Depois que acabaram de beber, James inclinou-se para ela.

— Foi um gesto muito bonito. Mas seu pessoal poderia não gostar disso.

— E quem se importa com o que uma dupla de hipócritas possa dizer? — disse ela, aborrecida.

Anthony e Maggie trocaram um olhar preocupado, mas não disseram nada. James fitou-a por um momento e então tomou-lhe a mão.

— O que há de errado, doçura?

Ela o olhou com os olhos marejados.

— Nada. Estamos aqui para comemorar, não?

James tinha vontade de insistir, mas não diante de Maggie e Anthony. Era a vida particular dela e, além do mais, seus amigos estavam ali para se divertir.

Ficaram ouvindo o excelente jazz e tomando champanha durante horas. Alexis participou da alegria geral, mas ficou aliviada quando a noitada terminou e ela saiu do clube com James. Matthew estava com Tessa e Joseph Jr. na casa dos velhos Gargano, e eles tinham a noite toda para si.

Ao chegarem ao apartamento dela, James não perdeu tempo.

— Diga logo o que está acontecendo, Alexis. Algo muito sério, imagino.

Ela deu um suspiro fundo e murmurou:

— Apanharam-me de guarda baixa, isso é tudo.

Os olhos dele estreitaram-se.

— Graham, não?

Ela confirmou com a cabeça.

— Desferiu-me um golpe baixo. Meu querido e doce irmão preparou minha cama.

— A Comissão Investigadora?

— Ou você é muito inteligente ou eu sou muito estúpida — disse ela desanimada.

James agarrou-a pelos ombros.

— Alexis... conte-me tudo! Enfrentaremos isso juntos.

Ao recordar a traição de seu irmão e a cumplicidade de seu pai, ela sentiu-se de repente sozinha e perdida. Ficou muito pálida e as lágrimas surgiram em seus olhos.

— Quis proteger uma funcionária, omitindo informações sobre seu passado político. Embora eu não esteja muito certa, suspeito que Graham já sabia de tudo e estava esperando o momento oportuno para tirar o controle do departamento de televisão de minhas mãos.

— E conseguiu?

— Desde esta tarde estou oficialmente subordinada a ele.

James apertou-a de encontro ao peito.

— Se eu pudesse fazer alguma coisa...

De repente, ela começou a tremer, como se estivesse com frio, e ele levou-a para o sofá e cobriu-a com uma leve manta de lã branca.

— Que bom!... — murmurou ela, encolhendo os joelhos e o corpo todo.

Pouco a pouco, seu próprio calor se condensou à sua volta e ela começou a sentir-se melhor. Mas não completamente. Tinha ainda de encarar a realidade dos fatos. Com Graham à frente de seu departamento, não tinha a menor vontade de voltar para a UBC, para sua eterna batalha por prestígio, suas mesquinhas rivalidades. E, principalmente, não queria voltar a encarar seu pai.

— É uma pena... — murmurou quase para si mesma.

— O quê?

— Acho que vou ter de procurar outro emprego.

Ele estreitou-a ainda mais contra si.

— Quer dizer que vai sair da UBC?

— Não tenho outra escolha. Graham não vai querer dividir a direção do departamento com ninguém. E, se eu ficar, vai tornar minha vida miserável.

Embora não subestimasse as dificuldades de achar um novo emprego, ela acreditava que seria bem-sucedida. Todas as três redes concorrentes da UBC, bem como outros grupos independentes, estavam agora dedicando-se intensamente à televisão. Com suas sólidas credenciais, teria uma boa chance de ser contratada por um deles sem muita demora.

Mas não seria a mesma coisa. Como funcionária, seu campo de ação seria limitado. A menos que... Sentou-se bruscamente no sofá.

— Você não disse que a IBS está disposta a admitir novos investidores?

— Sim. Precisamos de dinheiro para nos expandir. Mas o que isso tem a ver... — Ele interrompeu-se e olhou-a fixamente. — Já sei o que você está pensando e não acho que seja uma boa idéia.

— Por que não?

— Somos íntimos demais para trabalharmos juntos. Não daria certo.

— Você e Anthony são amigos íntimos.

— É diferente. Sinto o que aconteceu com você e farei tudo o que puder para ajudá-la. Mas isso não.

Chocada, Alexis afastou-se dele e enrolou-se na manta.

— Está mesmo convencido de que seria um mau negócio?

Ele correu nervosamente os dedos pelos cabelos.

— Estou. Com Anthony não há problemas, porque ele dirige o setor técnico e eu o criativo. Mas com você... Somos semelhantes em muitas coisas, ambos gostamos de ficar no controle.

— Sempre me dediquei à parte criativa na UBC. E acho que sou muito boa nisso. A IBS vai muito bem com a programação diurna, quando não tem nenhuma concorrente pela frente. Mas à noite é diferente, e eu poderia mudar esse estado de coisas.

Ao ouvi-la tocar no ponto fraco de sua companhia, ele irritou-se.

— Como? Apresentando velhos artistas em repetitivos shows de burlesco? Não, obrigado!

Os olhos de Alexis, normalmente tão frios, brilharam perigosamente. Ela tinha orgulho de suas programações! Como ele ousava menosprezá-las?

— Sua recusa está me cheirando à velha fábula da raposa e das uvas.

James fitou-a, atônito. Será que ela pensava, mesmo, que ele estava com inveja?

— Você teve um dia muito difícil e...

— Não a ponto de não entender o que você quis dizer. Você acha meus shows umas velharias e não quer trabalhar comigo. Muito bem. Se é assim, não posso fazer nada. Nada mesmo. E é melhor você ir embora.

— Não se exalte, Alexis. Fui muito rude, confesso; mas quero preservar nosso relacionamento.

Ela o olhou de queixo erguido.

— Que relacionamento é esse, afinal? Você passa algumas noites por semana em meu apartamento, janta comigo, dorme comigo. Mas, fora dessas quatro paredes, não acontece nada. A não ser nas raras vezes em que vamos à casa de Maggie e Anthony, não saímos juntos. Se você cruzar comigo numa rua qualquer, será capaz até de não parar!

— Para protegê-la! Somos concorrentes, não somos? Se nosso relacionamento ficasse conhecido, você poderia sofrer pressões de sua família!

— Sofri pressões do mesmo jeito e por outros motivos. E agora que vou deixar a UBC, não vejo por que mantermos nosso relacionamento em segredo.

— Isso é ótimo! Mas não quer dizer que devamos trabalhar juntos.

— Você quer que tudo continue como antes, com a única diferença de que podemos ser vistos juntos.

— É uma grande diferença! — disse ele, admirado de que ela não percebesse isso. — Haverá menos pressões.

— Talvez tenham sido essas pressões que nos tenham mantido juntos até agora — disse ela com amargura.

— Que diabo você está querendo dizer?

Alexis olhou-o tristemente.

— Não sei ainda. Mas sei que algo está errado. Fomos amantes durante um ano, mas nunca falamos do futuro, nunca fizemos planos. E agora, quando finalmente temos a chance de fazê-los, de aprofundarmos nossa convivência, você reluta!

Ele fitou-a, como se fosse negar suas acusações e dizer: “Quero você”. Mas não disse, e um muro ergueu-se subitamente entre eles. Parecia que algo muito precioso se perdia irremediavelmente.

— Você nunca me deu nenhuma indicação de que nosso relacionamento era insatisfatório.

— Nunca pensei nisso — admitiu ela. — Ia vivendo dia-a-dia, mergulhada no trabalho, e dizendo a mim mesma que minha carreira era o suficiente. O que aconteceu hoje me forçou a ver dentro de mim mesma. Eu quero mais, preciso de mais.

— E parece que eu não posso dar isso a você.

Ele estava ressentido. Achava que a incapacidade dela de se conhecer melhor fora de certo modo responsável por sua falha. Não havia mais nada a dizer no momento.

Depois que James saiu, Alexis ficou deitada no sofá durante um longo tempo, sentindo dentro de si uma dor e um vazio como nunca experimentara até então. O que a fizera pensar que aquela noite era o momento certo para explicar-se com ele?

A resposta chegou lentamente e trouxe-lhe lágrimas nos olhos. Abraçada à almofada, chorou pela criança que nunca conhecera o amor de seus pais e de seu irmão. Pela adolescente que fizera de tudo para conquistar esse amor, até mesmo transformar-se na mulher que eles gostariam que ela fosse. Não obstante, isso não fora suficiente. Tinham visto na sua força e no seu talento não um tributo a eles, mas uma ameaça. E haviam conspirado para derrubá-la.

Na sua desesperada ânsia de amor, conforto e segurança, voltara-se para James, esperando que ele fosse capaz de lhe dar tudo isso. Mas, bloqueado por seus próprios medos de decepções, ele mostrara-se irresoluto.

Em vista disso, ela precisava elaborar um plano. Era importante saber como agir, que rumo dar à sua vida. Mas não conseguiu fazer plano algum. Sobrepujada pelas emoções, caiu num sono que não lhe trouxe nenhum repouso.

Com a luz da manhã chegou uma nova disposição. Não estava nada assustada. Ao contrário, achava-se perfeitamente capaz de enfrentar o mundo por sua própria conta. Mas Winston Harcourt parecia pensar diferentemente. Acabava de sentar-se à escrivaninha, quando ele entrou no escritório, com um calmo sorriso estampado no rosto e uma xícara de café na mão.

— Que tal uma xícara de café bem forte?

Ela aceitou-a com um sorriso. O líquido fumegante deu-lhe ânimo novo.

— Estou preocupada com Margaret — murmurou, entre um gole e outro.

Winston sentou-se na beirada da escrivaninha.

— Fiz alguns contatos que podem ajudá-la a conseguir emprego.

Alexis lançou-lhe um olhar de gratidão.

— Ótimo. Vou telefonar a ela. Graças a Deus, ainda há gente disposta a enfrentar essa insanidade.

— Margaret vai se sair bem — assegurou-lhe Winston. — Estou preocupado com você. Já fez algum plano?

Ela sorriu, maliciosa.

— O que o faz pensar que não vou continuar na UBC?

— Achei que o irmãozinho Graham ia ser deixado na mão. O que ele merece, aliás. Não lhe dou dois meses para pedir água. E, quando isso acontecer, não quero estar por perto.

Alexis ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— Você vai embora?

— Meu contrato vence daqui a três semanas. Já disse a meu agente para não aceitar nenhuma oferta da UBC.

— Não será fácil, para meu irmão, substituí-lo. Você é o melhor em seu campo.

— Obrigado. Não esqueci que foi você quem me introduziu na televisão.

Ela encolheu os ombros.

— Estou pensando no futuro, não no passado. Vou telefonar a alguns de meus contatos e ver o que consigo para mim mesma.

Winston olhou-a, hesitante.

— Tenho uma idéia que poderá interessá-la. Você sempre lamentou que o noticiário televisivo não passasse de uma mera exposição de manchetes de quinze minutos de duração, certo?

Ela fez que sim, pensando aonde ele queria chegar.

— E vem dirigindo o departamento de notícias desde que foi criado, exato?

— Sim, e fiz também muitas programações.

— Você é perfeita para o que tenho em mente! Vamos somar nossas experiências e criar um noticiário mais dinâmico, mais abrangente, contratando outros profissionais da mesma área. Uma programação testada com todo o cuidado, e com tudo o que os anunciantes querem, sem sacrificar a credibilidade jornalística!

Alexis olhou-o pensativamente.

— Você quer dizer... oferecer nossos serviços a outra cadeia de televisão para apresentarmos juntos um show de notícias mais amplo, diferente de tudo o que existe até o momento?

— É isso! — confirmou Winston, triunfante. — Muita gente de visão acha que, nos próximos anos, o grande público vai se interessar cada vez mais por notícias.

— Suponho que sim... Mas você tem certeza de que quer ligar sua sorte à minha? Sabe como é difícil para uma mulher conseguir um cargo importante. Além do mais, sou uma Brockton. Meu pai e meu irmão têm muitos inimigos. Eu poderia ser barrada por causa disso.

Winston assumiu uma atitude profissional.

— Isso não vai acontecer. Todos os que estão nesse ramo reconhecem seu valor. Então, o que me diz?

Apesar de tudo, Alexis riu. Sentia-se bem ao lado de Winston. Ele era calmo, protetor, não exigia mais do que ela podia dar e sempre deixara claro que a tinha em alta consideração. E era também o único homem de seu conhecimento que aprovava seu trabalho com entusiasmo. James, em geral, evitava falar nisso. Talvez porque fossem concorrentes.

Determinada a esquecê-lo, ela sorriu para Winston.

— Pode ser que seja ainda muito cedo, mas o que me diz de discutirmos o assunto durante o almoço? Conheço um pequeno bistrô muito interessante no East Side...

Winston não desejava nada melhor. Aguardara pacientemente a oportunidade de transformar seu relacionamento profissional com aquela mulher maravilhosa em algo mais pessoal. Com a saída dela na UBC acreditava que, finalmente, a ocasião própria chegara. Não podia perder nem mais um minuto!

James também pensava assim. Conhecia o interesse Winston por Alexis, e irritava-se toda vez que ele a acompanhava a alguma reunião social. Mas não sentira o agulhão de ciúme até saber que ela e o jornalista estavam entabulando negociações com a CBS para uma apresentação conjunta.

Muitas semanas haviam-se passado desde aquela noite no Plantation Club e o subsequente confronto no apartamento dela. Pegara o telefone dezenas de vezes, para desfazer o equívoco. Mas acabava sempre desligando antes de falar com ela.

Reconhecia seu erro claramente. Queria o amor de Alexis e, no entanto, recuara, quando ela lhe pedira ajuda. Dera-lhe as costas, fugira de seus receios, de sua falta de consolo e de segurança. E estava secretamente envergonhado de si mesmo.

Sentia sua falta. Combinavam de tantas maneiras e de um modo tão completo... Uma veia de sua têmpora começou a pulsar, ao lembrar as noites de amor, quando ela se libertava de sua reserva natural e entregava-se em ousado abandono, com os longos cabelos platinados derramados pelos ombros.

Sem ela, sua vida não tinha sentido. E, no entanto, a deixara escapar! Entregara-a a Winston Harcourt numa bandeja de prata!

Tinha de admirar a estratégia do outro. Harcourt esperara pacientemente, sem jamais pressionar Alexis, contentando-se em ser o amigo compreensivo, o colega prestimoso. O que não significava que seus sentimentos não fossem sinceros. Ele parecia querer verdadeiramente o melhor para ela.

Mas que diabo! Não ia deixar outro homem providenciar-lhe isso.

No final da quarta semana de separação, quando a primavera enfeitou a cidade com a beleza de seu verde, James decidiu que era hora de mostrar a Harcourt que podia vencê-lo.

Não foi fácil achar Alexis. Como as negociações com a CBS estavam num estágio particularmente delicado, ela preferira sair prudentemente de cena. A princípio, temeu que ela tivesse ido viajar com Harcourt e a custo controlou sua raiva. Margaret tranqüilizou-o.

— Não, ela não foi viajar com Harcourt — disse evasivamente a secretária, que agora trabalhava numa estação de rádio independente.

— E onde ela está, então? — insistiu ele. — Tivemos um pequeno desentendimento. Você sabe como Alexis é teimosa... Infelizmente, eu também sou, e as coisas tomaram uma proporção alarmante.

— Bem... não sei se devo dizer... — titubeou Margaret, que, apesar de tudo, era uma romântica incorrigível e gostava de histórias de amor com final feliz.

— Por favor... Margaret suspirou.

— Na casa da praia.

James não perdeu tempo. Meteu-se de novo no tráfego e rumou para Long Island. Ao chegar, não viu o carro de Alexis. Ela devia ter saído. Estacionou a perua no pátio dos fundos e entrou pela porta da cozinha. No living, a presença dela era quase real. Era ali que haviam feito amor pela primeira vez.

Sentou-se no sofá e, imerso em recordações, não percebeu as horas passarem. As sombras do crepúsculo já envolviam a casa quando ela entrou na varanda e abriu a porta da frente.

Alexis tateou no escuro, à procura do interruptor, quando entreviu uma forma escura no sofá. Um som estrangulado saiu de seus lábios e no mesmo instante uma voz masculina cortou o ar, fazendo morrer na garganta o grito que ela estava prestes a lançar.

— Sinto muito. Não queria assustá-la.

— Mas assustou! — disse ela, ofegante, acendendo as luzes. — O que está fazendo aqui?

Não era a acolhida calorosa que ele esperava, mas era a si mesmo que devia censurar.

— Queria falar com você num lugar onde não fôssemos perturbados.

Ela o encarou por um longo tempo. Ele parecia mais magro do que ela recordava, e seu rosto mais vincado. Pelo jeito parecia ter sofrido. Esperava que pelas mesmas razões que as suas.

— Senti a sua falta — disse ele. — Nada está dando certo ultimamente.

Ela sabia como era isso. Embora as negociações com a CBS estivessem indo bem, a vida parecia-lhe estranhamente vazia. Nada a animava. Nem as perspectivas de um emprego nem as suas saídas com Winston.

Sentiu uma pontada de remorso, ao pensar nele. Tornava-se cada vez mais evidente que ele queria mais do que a simples amizade que ela lhe dedicava.

Pobre Winston, tão bom, tão terno e tolerante... Merecia alguém melhor do que ela e, na primeira oportunidade, pretendia apresentar-lhe a companhia ideal.

Mas, antes, tinha de encarar a si mesma e... James.

— O que você tem a me dizer? — falou, indo postar-se diante da lareira apagada.

James seguiu-a, sabendo que, dependendo dela, poderia ser feliz ou infeliz para sempre.

— Fui um idiota, Alexis. Reconsiderarei, e achei sua idéia de entrar para a ISB excelente. Mas o que eu acho, mesmo, é que devemos nos casar.

Alexis olhou-o, boquiaberta. Entendera a primeira parte de suas explicações. Mas...

— Casar?...

— Sim, casar! É o que muita gente faz. Acho que poderíamos ser muito felizes.

— Você sempre disse que não queria mais se casar...

— Disse mesmo?

— Bom... foi essa a minha impressão, pelo menos. Pensei que você tivesse sido vacinado contra o casamento.

Alexis sentou-se no sofá e ele sentou-se ao seu lado.

— Não acredita que alguém possa mudar de idéia?

— Suponho... mas, francamente, acho muito bom para ser verdade.

Ele fitou-a, subitamente animado.

— Gosta mesmo da idéia?

— Não sei... é um passo muito sério.

Os olhos azuis de James ardiam de paixão.

— Todas as coisas boas da vida são sérias. — Ele aproximou-se mais. — Podemos ser felizes. Conhecemo-nos muito bem, temos os mesmos interesses, somos iguais em muitos aspectos.

Era verdade. Ela o conhecia bem, mas como amante, não como marido. E as coisas pelas quais se interessavam eram principalmente de natureza profissional. Mas rejeitá-lo seria rejeitar a si mesma, a parte essencial da qual apenas agora começava a tomar conhecimento.

— Você acha mesmo que podemos ser felizes?

O rosto de James se iluminou quando ele a puxou para si.

— Sim, acho. Confie em mim, Alexis. Quando faço você sofrer, sofro duplamente. Essa foi uma lição que aprendi nestes últimos tempos. Porque somos um único ser, pertencemos um ao outro.

Ela queria tanto acreditar! Sentiu a musculatura de seu peito forte, e o calor de sua respiração, e uma excitação febril aqueceu-lhe o sangue, afastando todas as dúvidas. Apenas um pensamento a dominava: ao lado dele encontraria apoio e segurança.

Inclinou a cabeça para trás, oferecendo-lhe os lábios. E essa foi a sua resposta.

CAPÍTULO VII

Alexis e James casaram-se no dia 7 de maio de 1948, sexta-feira. O tempo estava bom, mas um pouco frio, a temperatura oscilando em tomo dos dez graus. A cerimônia teve lugar na Igreja da Transfiguração, em Murray Hill, um pequeno templo do século dezenove, cenário de inúmeros casamentos.

Ali, as formalidades eram observadas com muita discrição. O amável clérigo fazia poucas perguntas e não pregava sermões. Como James fora automaticamente excomungado da Igreja Católica ao divorciar-se da primeira esposa, não houve problemas quanto à diferença de credo. O que era uma sorte, porque já havia problemas demais envolvendo vidas tão diferentes. Para começar, havia a questão da moradia.

— Meu apartamento dá perfeitamente para nós três — disse Alexis.

Estavam deitados na cama de sua suíte no Plaza, onde passavam a lua-de-mel. Faltava pouco para amanhecer. Sons amortecidos filtravam-se pelas paredes espessas do quarto com imensas janelas dominando o Central Park: o metálico ruído dos latões sendo esvaziados nos caminhões de lixo, o longínquo apito de um barco, o discreto zumbido do elevador no fundo do corredor acarpetado. James soergueu-se, apoiando-se no cotovelo, e olhou-a com um sorriso. No cansaço do amor, os lânguidos olhos cinzentos estavam semi-cerrados, e a boca intumescida, levemente entreaberta. Gostava daquele seu jeito: fazia-a parecer mais mulher.

— Temos de pensar em Matthew. Ele já sofreu bastante. Tirá-lo de perto de Maggie e Tessa poderia ser a gota d'água.

— Sei que seus amigos gostam muito dele, mas Matthew parece contente com o nosso casamento.

James fez um sinal de assentimento. Seu filho aceitara Alexis sem problemas. E era de uma certa forma surpreendente que o menino não se preocupasse com a mudança que a nova vida do pai poderia significar.

Lentamente, afirmou:

— Acho que ele sofreria se tivesse de deixar o único lar verdadeiro que teve até agora.

Alexis sufocou um suspiro. Prometera-se não criar dificuldades entre pai e filho. Queria o melhor para ambos, mas também para si mesma.

— Crianças com essa idade adaptam-se facilmente às situações — disse. — Eu fui para um internato quando tinha oito anos e não morri por causa disso.

James rolou para um lado e ficou deitado de costas, olhando para o teto. Não era o momento de discutir a infância dela. Não quando ela podia estar ainda ferida pela recusa do pai e do irmão em assistirem ao casamento. Charles e Graham Brockton não haviam feito nada para ocultar seu desdém que, ele suspeitava, era causado pela raiva diante do ato de independência de Alexis.

Sentiu de repente uma onda de raiva dentro de si mesmo e mandou-os mentalmente para o inferno. Podia passar muito bem sem eles, mas odiava-os pela infelicidade que estavam causando a Alexis.

— Vamos pensar um pouco mais no assunto — disse-lhe, conciliador. — Como iremos deslocar o centro de operações da IBS para Manhattan, pode ser ótimo ter um apartamento naquelas imediações. Mas não sou muito favorável à idéia de levar Matthew para morar no centro da cidade. Acho que deveríamos ficar também com a casa de Long Island.

Alexis ficou aborrecida, mesmo admitindo que era mais prudente não tomar nenhuma decisão antes de ajustar-se à sua nova condição de sócia da IBS, de esposa de James e de mãe de Matthew.

Estava ansiosa por tomar posse de seu cargo e começar a trabalhar. O papel de esposa perturbava-a um pouco, mas estava certa de que tudo sucederia sem problemas. Afinal, eram ambos adultos e responsáveis. Quanto ao papel de mãe... era forçada a confessar honestamente que não entendia nada do assunto e que estava com medo de cometer algum erro. Mas não queria parecer desinteressada.

— Talvez eu deva falar com Maggie — disse, pensando alto. — Ela está ocupada com Tessa e o pequeno Joseph, e não sei como arranja tempo para dedicar-se também a Matthew. Não é justo sobrecarregá-la demais.

— A maioria das mulheres consegue dar conta do recado. Quando tivermos nossos filhos... — Ele interrompeu-se, ao ver o ar espantado de Alexis. — Você já pensou nisso, não?

— Bem... não. Não mesmo. Você nunca me disse nada a esse respeito e eu presumi que...

— Presumi o quê?

Ela sentou-se na cama, cobrindo os seios com o lençol.

— Que tudo ia continuar como antes.

— Mas antes éramos amantes! Agora é diferente.

A idéia de que o casamento pudesse conferir automaticamente uma nova expectativa ao relacionamento deles perturbava-a. Especialmente porque James não pedira a opinião dela.

— Nada mudou. Eu continuo trabalhando, por exemplo.

Ela sorriu gentilmente.

— A IBS não continuará sendo uma pequena estação para sempre, doçura. Chegará o dia em que poderemos dispensá-la do trabalho e...

— Dispensar-me? Mas eu ainda nem comecei!

O sorriso dele desvaneceu-se, substituído por um ar preocupado.

— Seja razoável, Alexis. Na sua idade, a maioria das mulheres já tem mais de um filho. Você não pode esperar muito mais.

— Vinte e sete anos não é o fim do caminho — observou ela, sarcástica.

— Quase, pensando-se em termos de gravidez. Maggie teve problemas no primeiro parto porque esperou muito para ficar grávida. Não vai querer correr nenhum risco, não é?

A tranqüila presunção dele de que conhecia a natureza feminina mais do que ela irritou-a. Uma resposta cortante subiu-lhe aos lábios. Mas reteve-a, ao pensar que o ginecologista que a atendera quando haviam-se tornado amantes dissera-lhe a mesma coisa. Colocara-lhe o diafragma a contragosto, deixando claro que ela faria melhor se casasse e tivesse filhos.

— Claro que não quero correr nenhum risco. Mas não estou certa de que...

Ela interrompeu-se, sem coragem de dizer o que lhe ia pela mente: que não queria filhos. E arranjou uma desculpa:

— Tenho medo de não ser uma boa mãe.

James sacudiu a cabeça, indulgente, e aninhou-a em seu peito.

— Não seja boba. Todas as mulheres de boa índole são também boas mães.

Ela sorriu.

— Será que sou mesmo uma pessoa de boa índole?

— Não teria casado com você, se não fosse.

Ela supôs que isso devia ser um elogio, embora sugerisse uma certa impaciência diante de suas dúvidas.

— Parece que você já planejou tudo — murmurou, apertando-se mais contra ele. Seus corpos estavam enlaçados sob as cobertas, e ela podia sentir a rigidez dele em suas coxas.

Ele girou o corpo e ficou por cima dela.

— Já tenho idade para saber o que quero. E como consegui-lo.

Alexis lembrou-se disso nas semanas seguintes, quando o pleno significado de suas palavras penetrou-lhe na mente. E logo descobriu que trabalhar com James não era muito diferente do que trabalhar com seu pai e seu irmão. Se, por um lado, ele era muito mais honesto e franco, por outro tinha idéias próprias de como as coisas deviam ser conduzidas. E esperava que os outros procedessem de acordo.

— Precisamos obter mais informações sobre o público que assiste a nossos programas — disse ele, certa tarde, quando estavam sentados nos novos escritórios de Madison Avenue.

A generosa injeção de capital, fornecida pela entrada de Alexis na sociedade, já estava transformando a IBS, de uma pequena estação independente numa empresa fadada ao sucesso. James reprimia sua suscetibilidade, dizendo a si mesmo que ela acelerara apenas um processo que teria acontecido naturalmente. Mas, por causa disso, tendia a ser mais zeloso de sua autoridade do que seria normalmente.

— Foram-se os dias em que as programações podiam ser feitas ao acaso, sem uma pesquisa adequada. Até o final deste ano, haverá cerca de duzentos mil televisores espalhados pelo país. — Recostando-se na cadeira, ele continuou: — O que faz supor quase um milhão de telespectadores! Temos de saber que gente é essa e quais são suas preferências, antes de nos lançarmos em aventuras.

Alexis fitou-o, do outro lado da ampla escrivaninha.

— Não podemos tomar nossas decisões baseados em pesquisas pretensamente científicas. Nem ficar de braços cruzados enquanto os outros canais apresentam shows novos quase todos os dias. Temos de correr alguns riscos.

Correndo os olhos pela folha de papel que tinha diante de si, ele disse:

— Alguns, mas não todos. De acordo com esta lista, você quer lançar pelo menos uma dúzia de novos programas até a metade do ano.

— Exato. E quero começar imediatamente, com a cobertura completa das eleições presidenciais, inclusive da noite da apuração dos votos.

— Truman vai perder na certa. Todas as pesquisas apontam isso.

— As pesquisas já se enganaram uma vez. Lembra-se em 36, quando o *Literary Digest* organizou uma prévia eleitoral e predisse que Alf Landon derrotaria Roosevelt facilmente?

— Os métodos melhoraram, desde aquela época — observou James.

— Talvez, mas eu ainda acho que Truman poderá surpreender a todos. A noite da apuração poderá vir a ser muito mais interessante do que muita gente pensa.

— Pode ser... Mas o que significa esse item: cobertura das convenções? Ninguém terá interesse em ver um bando de políticos reunidos, fumando charutos.

— Achei que o público gostaria de saber como se processa uma convenção, ouvir alguns discursos e assistir ao escrutínio. Afinal, isso é História em formação.

— A História aborrece. O público gosta de ação, fantasia.

Alexis respirou fundo, determinada a não demonstrar sua irritação.

— Se você der uma olhada no resto da lista, vai ver que há programas para todos os gostos.

Ele levantou repentinamente a vista do papel.

— O que significa essa “produção estrelada por Delia Follett”?

— E uma nova atriz que a Paramount está lançando com grande propaganda.

— Sei que ela é uma atriz. Mas queria saber por que você quer contratá-la.

— Porque ela tem estofo de verdadeira artista, e o estúdio quer transformá-la em mais uma dessas estrelinhas sexy. Falei com seu agente, e ele achou que era bem possível que Delia gostasse de provar que tem talento.

— Então, por que nenhuma das outras emissoras interessou-se ainda por ela?

— Talvez porque estejam muito ocupadas fazendo pesquisas e estudando estatísticas.

James ficou calado. Alexis levantou-se e percorreu a sala em toda a sua extensão. Parou junto às janelas da Madison Avenue e ficou olhando o movimento da rua até que uma lembrança aflorou, de repente.

— Anthony não fez menção a uma Delia que vocês conheceram na Austrália?

James lançou-lhe um olhar perscrutador.

— Delia é um nome bastante comum...

— Sim... mas, se for a mesma pessoa, talvez você pudesse falar com ela e convencê-la a apresentar-se na IBS.

— Não acho que seria uma boa idéia.

Ela o olhou com suspeita.

— É a mesma pessoa, não?

Ele respirou fundo e murmurou:

— É sim.

— Como foi que você a conheceu?

— Ela estava fazendo shows para os combatentes, quando eu estava aquartelado em Brisbane.

— E vocês... tomaram-se amigos?

— Se quer saber se tivemos um caso, então a resposta é afirmativa. E agora, que mais você quer saber?

Chocada por sua rudeza, Alexis refugiou-se na dignidade.

— Por que você não me disse logo, em vez de obrigar-me a perguntar? Afinal, não estávamos casados naquela época. Nem sequer nos conhecíamos...

James ironizou:

— Claro, por que isso deveria aborrecê-la? Foi há tanto tempo...

Na realidade, ela estava bastante aborrecida, ao pensar que ele tivera um caso com a voluptuosa ruiva. Mas não iria admitir isso nem morta! Seria mesquinho, a típica reação de uma mulher insegura.

Friamente, perguntou:

— Gostaria de saber como ficamos com os novos programas.

James fitou-a por um longo tempo antes de, bruscamente, passar-lhe a lista às mãos.

— Faça o que quiser, mas não estoure o orçamento e não esqueça que suas decisões poderão ser revogadas, caso as pesquisas indiquem que não está no caminho certo.

Dito isto, ele abriu uma pasta e retirou uns papéis que começou a estudar. Ela o olhou como se fosse dizer alguma coisa, mas deu-lhe as costas de repente e saiu da sala, fechando a porta com mais firmeza do que o necessário.

Ao ver-se sozinho, James sorriu. Estava tentando provocá-la de todas as maneiras. A fria e imperturbável fachada que ela mostrava ao mundo caía apenas quando estavam na cama, fazendo amor. E era isso que o fascinava, o fogo sob o gelo, o desafio de desarmá-la de sua couraça e sentir seu desejo florescer com uma intensidade gritante.

Certas vezes, na semi-obscuridade do amanhecer, sentia-se levemente envergonhado de tentar desvendar-lhe todos os segredos da alma. Mas, quando ela se sentava, fria e composta, à mesa do café, os loiros cabelos platinados presos num coque severo, os olhos cinzentos claros e límpidos, sem traços da noite de paixão, sua decisão firmava-se.

Não podia permitir que ela vencesse a surda batalha que se travava entre eles. Ela dispunha de muitas armas; berço, raça, beleza, riqueza. Poderia, sem muito esforço, obter seu respeito incondicional. Mas ele preferia conservar seu orgulho e sua dignidade masculina, lembrando-a com frequência de que, sob sua educação e seu autocontrole, ela era uma mulher como as outras.

Mas seria, mesmo, como as outras?

Desistindo de examinar os papéis, ele apanhou o jornal vespertino e lançou um olhar distraído à manchete da primeira página. Stálin ameaçava bloquear Berlim. Caso isso acontecesse, a cidade teria de ser suprida por via aérea. Mais dores de cabeça para Truman, que já tinha problemas suficientes com que se preocupar.

Largou o jornal com um suspiro. A guerra terminara havia apenas três anos e parecia que outra já se delineava no horizonte. Mundo doido. No entanto, parecia haver mais coerência naquele tempo, quando tinha apenas de se preocupar em atirar para não ser morto.

Então, pelo menos, sabia o que queria: permanecer vivo e vencer a batalha. Agora as coisas não eram mais tão simples. Pensativamente considerou suas prioridades. Queria que a IBS se tornasse uma grande empresa e o fizesse ganhar muito dinheiro. E, acima de tudo, queria que seu casamento desse certo.

Queria que sua mulher preenchesse todo o vazio afetivo de sua vida. E, para tanto, estava determinado a não repetir os erros de seu primeiro casamento. Determinado demais até, embora Alexis não tivesse nada a ver com Charlotte. Examinando seu passado com mais objetividade, podia agora entender que sua primeira esposa teria feito melhor casando-se com um homem que não exigisse mais do que uma casa limpa, um jantar decente e um corpo quente na cama.

Ele queria mais, muito mais. O fogo sob o gelo, o desafio de uma mente tão rápida quanto a sua e um desejo de amor igualmente forte. Alexis.

Não deveria ter-lhe contado seu caso com Delia. Ou, pelo menos, não tão rudemente, levando-a a enciumar-se, embora ela não o demonstrasse. Esse era o problema. Queria que ela o desejasse tão apaixonadamente quanto ele a desejava, queria saber se ela se interessava realmente por ele e não o considerava simplesmente um meio de atingir seus objetivos.

“Essas mulheres!”, pensou com indulgência, levantando-se e estirando os músculos rijos evidentes sob o terno bem talhado. Reduziam um homem a um farrapo, se tivessem a chance.

Mas ele não ia permitir isso. Não mesmo!

Alexis sufocou toda a raiva que o comportamento de James lhe provocava. Canalizou para o trabalho toda a sua capacidade e sua energia criadora, com o fito de levar a IBS à frente das outras cadeias.

Enquanto James percorria o país, em busca de outras emissoras de televisão dispostas a associarem-se a eles, e Anthony mantinha a companhia funcionando sem problemas, ela dedicava-se às novas produções.

A cobertura das convenções de julho foi bem. Ambas aconteceram em Filadélfia, que fora escolhida porque estava no centro do eixo Washington — Nova York. Winston Harcourt, que continuava seu amigo, telefonou-lhe de lá, comentando:

— Isso é apenas o começo. No futuro, todas as convenções serão televisionadas.

— Gostaria de trazer algumas personalidades para serem entrevistadas aqui, no estúdio. Há muita ação na CBS?

— Bastante. É espantoso ver como os políticos gostam de aparecer na televisão. Embora o calor seja insuportável, eles não se incomodam de permanecer o tempo que quisermos sob essas luzes infernais.

— O que acha das eleições?

— Truman está afundando. Gosto do sujeito, mas ele não tem chances. Dewey será o vencedor.

— Estou apostando contra isso.

Calmamente, ela lhe contou que a IBS planejava fazer a cobertura da noite da apuração, sabendo que ele não trairia sua confiança.

— Seria uma boa idéia, se a disputa estivesse mais próxima. Mas, neste caso, acho bom você ir pensando numa outra opção.

Alexis tinha outra alternativa, embora relutasse em lançar mão dela. Um filme classe B estrelado por Ronald Reagan, que causaria pouco impacto diante dos programas mais interessantes dos outros canais. A IBS sofreria uma derrota completa, a menos que Harry Truman vencesse espetacularmente as eleições.

O calor úmido de agosto tomou conta de Nova York.

Não se conseguia dormir. As grandes lojas esgotaram seus estoques de ventilador. Os homens iam trabalhar em mangas de camisa, e os cinemas anunciavam ar condicionado em todas as sessões.

James chegou da viagem cansado e com apenas três contratos no bolso. Esperavam muito mais, mas a competição das grandes cadeias e as dúvidas sobre o futuro da televisão trabalhavam contra eles.

Passavam os fins de semana em Long Island, com Matthew, que estava ainda sob a guarda de Maggie. A amiga parecia feliz com a situação de dona de casa, mas Alexis às vezes surpreendia-lhe uma tristeza no olhar que a deixava em dúvida.

O sexto mês do casamento deles chegou e passou, ambos muito ocupados para comemorá-lo. Ela não queria admitir nem para si mesma, mas os momentos espontâneos de carinho que sucediam a profunda intimidade de seus corpos iam cessando aos poucos. Faziam amor com uma ânsia feroz, quase como um substituto para outras formas de comunicação.

As folhas do Central Park passaram do rubro para o laranja, e a cidade amanhecia envolta numa neblina tênue que lhe dava um sutil toque de mistério. Maggie plantara abóboras, que as crianças transformaram em lanternas, no dia das bruxas. Matthew, pelo menos, fez isso, enquanto Tessa o observava com os olhos arregalados e o pequeno Joseph tentava seus primeiros passos.

Delia Follett assinou um contrato para uma apresentação de meia hora semanal com a IBS. Alexis não perguntou a James como a convencera, e ele não lhe deu nenhuma explicação. O seriado seria feito em Hollywood e filmado. Alexis estava convencida de que eliminando a improvisação das tomadas ao vivo a qualidade dos espetáculos melhoraria.

A pré-estréia de “Nossa Garota, Gente!” mostrou que ela tinha razão. A personagem interpretada por Delia, uma desmiolada cantora de boate sempre às voltas com problemas, conquistou rapidamente o coração do grande público. O espetáculo, levado ao ar no dia que antecedeu a eleição, provou ser muito mais popular do que a figura do presidente.

— Tenho ainda tempo para mudar a programação — avisou-a James, ao prepararem-se para votar antes de ir para o trabalho. — Passaremos alguns filmes, em vez de mostrarmos as eleições.

Alexis sacudiu negativamente a cabeça.

— Dewey não fez uma boa campanha. Tudo pode acontecer.

— Mas sairemos do ar às dez da noite, não?

— Sim, e em seguida irei juntar-me a vocês no Sardi’s.

James, Maggie e Anthony iam assistir Lyan Fontaine na última peça de Alfred Lunt. Alexis sentia perder o espetáculo, mas achava que o sacrifício valia a pena. As rádios prediziam que Truman sairia à frente, enquanto o perito em sondar a opinião pública, George Gallup, continuava a afirmar que essas pesquisas não deviam ser levadas a sério.

Às dez e meia da noite, Maggie, Anthony e James saíram do teatro e cruzaram a 47 para tomar um drinque. Era o intervalo do segundo ato do excelente espetáculo, e eles comentavam alegremente o desempenho dos artistas, enquanto esperavam as bebidas. O rádio estava ligado, mas a voz do comentarista perdia-se em meio à confusão geral.

— A apuração já terminou? — perguntou James ao barman.

O homem sorriu e sacudiu a cabeça.

— Qual o quê! O velho Harry saiu disparado e parece que a corrida não vai terminar tão cedo.

James olhou-o, atônito, e então correu para o telefone. Conseguiu falar com Alexis na quinta tentativa.

— O que está acontecendo? — gritou, para fazer-se ouvir.

— Truman está liderando em Ohio! — disse Alexis, excitada. — Parece que também em Wisconsin, Iowa e Colorado. Precisamos de ajuda!

— Já vamos indo!

James correu à procura de Maggie e Anthony. Veriam o resto do espetáculo em outra ocasião. Naquele momento, iam ajudar a fazer a História!

— Graças a Deus vocês chegaram! — disse fervorosamente Alexis enquanto os três subiam as escadas do estúdio. — Truman está na frente com mais de um milhão de votos e parece que isso é só o começo.

— De quem ele recebeu mais apoio? — perguntou Maggie, incrédula.

— Ninguém sabe ao certo — disse Alexis. — Parece que de uma base ampla: urbana, rural, homens e mulheres, jovens e velhos. Todos gostam de Harry.

— Somos o único canal a dar cobertura completa?

— O único — confirmou ela. — E os telefones não param de tocar. Gente que quer se congratular conosco.

James arrancou o paletó e começou a enrolar as mangas da camisa.

— Então, vamos dar-lhes o que querem. Anthony, Maggie, mãos à obra! Alexis, você...

— Sim?... — murmurou ela secamente, desafiando-o a lembrar-se de quem fora a idéia da transmissão.

Ele sorriu e beijou-lhe levemente os lábios.

— ...faça exatamente o que esteve fazendo até agora. E se precisar de alguma coisa, grite. Vai ser uma longa noite.

Muito longa, mas muito alegre. Não foi senão à tarde do dia seguinte que Thomas Dewey reconheceu sua derrota e a vitória de Harry Truman. A IBS permaneceu no ar o tempo todo. James e Alexis revezaram-se diante da câmera, quando a voz do noticiarista falhou. Maggie providenciou sanduíches e café para todos, e Anthony fez uma brilhante filmagem do quartel-general dos republicanos, mostrando seu desespero diante da derrota.

A IBS bateu todos os recordes de audiência naquela noite. E muitos telespectadores continuaram a assistir a seus programas, passada a excitação das eleições. Um sucesso suficiente para triplicar o número de patrocinadores, conseguir a associação de mais emissoras e assegurar um ótimo lucro.

— Mal posso acreditar — disse James, ao terminar de fazer as contas. — Se continuarmos assim, fecharemos o ano de 1949 com um lucro de um milhão de dólares!

— Ninharia, comparado com o lucro das grandes cadeias — observou Alexis. — Se dermos ao público os programas que ele quer, poderemos comprar mais algumas emissoras.

— Concordo. E ninguém vai nos impedir de crescer.

Ele estava enganado. Mas ia ainda demorar para perceber. Enquanto isso, problemas pessoais pediam sua atenção. Prevendo um alto faturamento para a IBS, ele começou a pressionar Alexis para engravidar. Ela resistiu com veemência.

— Não estou preparada. Há muito trabalho.

— Foi essa a desculpa que você deu no ano passado, quando nos casamos. Até quando pretende esperar?

— Não sei... Até eu achar que é o momento.

— Que pode ser nunca.

Embora ele falasse com calma, Alexis percebeu a inflexibilidade de sua voz. Terminou de pendurar o vestido no armário, vestiu o robe de seda e voltou-se. Ele estava deitado na cama, o musculoso peito evidenciado pela camisa justa, as mãos displicentemente cruzadas sob a nuca. Seu olhar cruzou com o dela, e ela pôde sentir a força de sua determinação.

— Nunca é tempo demais — disse ela, amarrando o cinto.

James não respondeu nem se mexeu. Apenas ficou olhando-a dos pés à cabeça, despindo-a mentalmente, e ela teve uma nítida idéia de onde a discussão iria terminar.

— Entendo que você queira mais filhos, James — disse, sentando-se na beirada da cama. — Mas estamos casados há apenas um ano e muitas coisas aconteceram nesse período. Sinto que precisamos nos conhecer melhor, manter um contato mais íntimo. Eu, você... e Matthew, é claro.

Ele observou-a através dos olhos semi-cerrados.

— Você nunca se preocupou com Matthew.

— Não é verdade! Passamos todos os fins de semana com ele e você vai vê-lo com frequência, durante a semana.

— É esse o ponto. Estou cansado de ser um pai de fim de semana. Quero dedicar-me integralmente a meu filho. E quero que ele tenha uma mãe de verdade, não alguém que vai vê-lo uma vez por semana.

Alexis ia replicar, mas pensou melhor. Ele tinha razão num ponto. Maggie havia sido maravilhosa, cuidado para que nada faltasse a Matthew, mas não era a mãe dele e tinha dois filhos para criar.

— Poderemos nos mudar para Long Island... — aventurou. — Teremos chance de ficar ao lado dele todos os dias.

— Nossos horários são muitos puxados. Chegaríamos em casa quando ele já estivesse dormindo e sairíamos antes que ele tivesse acordado. — James sacudiu a cabeça. — Não. Acho que a melhor solução é trazer Matthew para cá, para morar conosco. Ele tem nove anos, idade suficiente para enfrentar a separação de Maggie e Tessa sem problemas.

— Acho que você tem razão. Quando eu tinha a idade dele, adorava a cidade.

— Não sei se há boas escolas por aqui...

— Claro que há! Começarei a ver isso já.

— As notas dele são boas, acho que não haverá problemas. Mas, e depois das aulas?

Alexis não pensara nisso.

— A governanta só vai embora à noite. Pode ficar com ele.

— E Matthew vai ficar com alguém que não conhece?

— Aprenderá a conhecê-la, James. Ela é uma pessoa muito agradável. Além do mais, poderemos estudar algumas atividades extra-escolares para ele. Está na hora de Matthew aprender a tocar piano, dança de salão... coisas assim.

James lançou-lhe um olhar de estranheza.

— Ele gosta de beisebol e hóquei... essas coisas.

— Um pouco de traquejo social não lhe fará mal algum.

— Não está se referindo ao pai dele, por acaso?

— Nada disso. Você está sempre pondo em minha boca palavras que não disse.

Ela levantou-se, aborrecida, mas antes que pudesse dar um passo ele a segurou pelos pulsos.

— Fugir não resolve nenhum problema.

— Não estou interessada em discussões ridículas.

Enquanto falava, ela continuava a esforçar-se para escapar. Seus movimentos desconexos entreabriram o robe, revelando os seios redondos através do sutiã de renda.

Os olhos de James cravaram-se no decote dela.

— Você tem razão. Para que lutar, quando podemos...

— Não estou com vontade!

Não era verdade. Sentia toda a sua resistência enfraquecer, diante da onda de desejo que tomava conta de seu corpo. James sorriu preguiçosamente, quando suas mãos exploratórias encontraram a barreira tênue do sutiã. Impaciente, arrancou o fecho, fazendo os seios de Alexis saltarem, livres, para suas mãos.

— Agora, negue que você me deseja como nunca — desafiou-a.

— Não! — protestou ela, fraca. — Não é verdade... Ela se debateu, mesmo sabendo que toda a sua força jamais seria suficiente para afastar aquele gigante um só milímetro. Ao contrário, sua respiração ofegante estimulou-o a agarrá-la com maior ardor.

— É inútil lutar — murmurou James, aproximando-se dos lábios dela.

Sua boca foi tomada e seus lábios obrigados a se abrirem. Ela fez um último protesto.

— Não quero...

Ele sorriu com raiva e desprezo.

— Você fica logo em chamas ao primeiro toque. É fácil despertar seu desejo... é quase como um jogo.

As mãos dele continuavam a explorar seu corpo, acariciando-o, massageando-lhe os seios com ardor.

— Não é justo... — murmurou ela.

— Por que não?

— Não estou usando protetor... — A voz dela era um fio tênue, na última tentativa de resistência que seu cérebro entorpecido ainda alimentava.

— Sei contar tão bem quanto você. Não é o seu dia fértil.

Impaciente, ele arrancou-lhe o robe e começou a acariciá-la, beijando-lhe os ombros, o pescoço, os lábios que se entreabriram lentamente, apesar de seu esforço.

O que se seguiu foi infinitamente agradável e satisfatório para ambos, mas apenas fisicamente. Após a consumação do ato, James não sentiu o glorioso ardor da realização nem a sensação de ternura pela mulher deitada ao seu lado. E ela deplorou sua entrega apaixonada.

CAPÍTULO VIII

A mudança de Matthew para Nova York foi tranqüila. Alexis e James faziam o possível para chegar em casa mais cedo, e levavam-no a Long Island nos fins de semana. Matricularam-no na Trinity School, onde ele logo tornou-se uma das atrações do time de futebol, já que, aos nove anos, Matthew prometia ser tão grande e forte quanto seu pai. E Tessa, inicialmente triste com sua partida, consolou-se quando teve permissão de assistir aos jogos em que ele participava.

O musical *South Pacific* estreou na Broadway, merecendo elogios unânimes. Os quatro sócios foram assisti-lo e acharam que o entusiasmo que a peça atraía era merecido. Mas James começou a ficar um pouco cansado de ouvir Alexis cantar no chuveiro *Vou Tirar Esse Homem da Minha Cabeça*, durante semanas a fio.

Os Dodger foram novamente classificados, mas ainda não haviam conseguido derrotar os Ianques. Fora uma vitória amarga para Dom, que machucara o joelho na última partida. Ele recuperou-se, mas teve de encarar a realidade: sua carreira no beisebol estava próxima do fim.

Nas reuniões elegantes do East Side, conversava-se sobre a China e Mao Tsé-tung, que havia tomado o poder recentemente. A explosão de uma bomba atômica na Rússia era também motivo de comentários, deixando dúvidas quanto à intenção dos soviéticos de se armarem com o terrível engenho. E a década, que conhecera tanto a guerra quanto a paz, parecia terminar em meio à confusão e ao medo.

Alexis tentou varrer tudo isso de seu espírito, ao preparar-se para as festas de fim de ano. A IBS estava indo bem, Matthew parecia feliz e seu relacionamento com James, se não era tranqüilo, era pelo menos cordial. Continuavam a ter suas diferenças no trabalho, quando ele procurava acautelá-la contra produções mais arriscadas, mas em casa as coisas procediam melhor. Ele desistira de pressioná-la a ficar grávida, embora esperasse um filho dela.

Seu vigésimo oitavo aniversário chegou, lembrando-a de que o tempo passava inexoravelmente, e ela começou a pensar na maternidade sem a sua habitual prevenção. Recordações sobre a família enchiam sua mente enquanto, em companhia de James e Matthew, percorria as lojas do Rockefeller Center, admirando as vitrinas brilhantemente enfeitadas.

As festas de fim de ano nunca haviam sido particularmente calorosas ou felizes na mansão dos Brockton, mas sua aproximação servia para lembrar-lhe de que se haviam passado mais de dezoito meses desde que vira seu pai e seu irmão pela última vez.

Não que ignorasse o que estava acontecendo na empresa. Sabia que Graham estava à testa do departamento de televisão e que tinha problemas para mantê-lo em funcionamento. Várias emissoras associadas haviam se desligado da UBC e algumas faziam agora parte da IBS. Artistas que Alexis recrutara no passado também haviam abandonado a companhia, revoltados com o comportamento arbitrário de Graham. Os novos departamentos estavam em compasso de espera: nenhuma transmissão esportiva fora programada, embora fossem do agrado do público. E as reservas destinadas à compra de equipamentos mais modernos estavam quase reduzidas a zero.

Nada disso a surpreendia. Mas magoava-a ver desabar tudo o que havia construído com tanto trabalho. Perguntava-se por que seu pai não tomava o controle da situação e não punha um fim àquele descalabro. Embora Charles Brockton tivesse visto o surgimento da televisão com desdém, fora sempre um grande homem de negócios, que punha os interesses da companhia acima de tudo.

Corriam rumores de que as condições de seu coração, que já vinha lhe causando problemas nos últimos anos, haviam piorado consideravelmente. E ele passava os dias no seu suntuoso escritório, de onde raramente saía para inspecionar o império que ameaçava desintegrar-se a seus pés.

Alexis pensou muito, antes de decidir-se a vê-lo. Não disse a ninguém o que pretendia fazer. Nem mesmo a James, que certamente a desaprovava. E assim, na semana anterior ao Natal, ao anoitecer de uma sexta-feira, quando sabia que os escritórios da UBC estariam vazios, ela aventurou-se a entrar no edifício que fora palco de sua amarga desilusão.

O vestíbulo de mármore conservava sua reverente atmosfera de catedral e parecia estranhamente sombrio, quando ela o atravessou; seus passos ecoavam pelas altas paredes. Enquanto o elevador a conduzia velozmente para cima, desabotoou o casaco de vison com que James a presenteara no seu aniversário. Debaixo dele, usava um tailleur de lã e uma blusa de seda pura. O pequeno chapéu de véuzinho estava colocado no ângulo exato, e seus cabelos loiros penteados para trás e presos na nuca.

Havia evitado deliberadamente dedicar uma atenção especial à sua aparência, mas estava ciente de que parecia uma lady da cabeça aos pés. Se seu pai pensava que sua classe diminuiria, ao casar-se, iria ter uma surpresa.

O elevador parou no andar executivo e as pesadas portas de bronze se abriram para o saguão acarpetado. A recepção estava deserta, como imaginava. Atravessou-a e bateu à porta de mogno do escritório de seu pai.

Ao ouvir um abafado “entre”, Alexis abriu a porta e ficou parada no limiar até seus olhos se acostumarem com a penumbra. As pesadas cortinas de veludo estavam corridas, e a única lâmpada acesa não era suficiente para iluminar a sala, quase toda mergulhada em sombras.

O aquecedor estava ligado, e o ar parado, sufocante, tinha uma mistura de odores: o pungente, do tônico que seu pai tomava diariamente, o aroma de cravo de suas pastilhas e o forte cheiro de um corpo envelhecido que entrara em dissolução lenta.

A figura encurvada, sentada à maciça escrivaninha, não se moveu, quando ela entrou.

— Papai... sou eu...

Não houve resposta. Ela deu um passo para a frente e fechou a porta.

— Papai?...

— Estava imaginando quando você viria — disse uma voz rouca, das sombras.

Ela respirou, aliviada.

— Queria... falar com você.

Um som parecido com uma risada ecoou pela sala.

— Chegue mais perto, deixe-me vê-la.

Alexis deu mais alguns passos para a frente e postou-se diante da escrivadinha. A forma dele tomou-se mais clara e ela ficou chocada ao notar as costas arqueadas, o peito encovado, as mãos amareladas e cheias de veias emergindo dos punhos da camisa, que parecia grande demais.

— Casaco novo? — disse ele.

— Presente de aniversário de James.

— Callahan. Irlandês, ex-fuzileiro naval. — O tom era de desprezo.

— É meu marido.

— Assim parece. Você preparou sua cama.

— Você não me deixou outra escolha — defendeu-se ela.

— Porque fiquei ao lado de Graham? Tinha de fazer isso. Ele é meu filho... e meu herdeiro.

Charles era honesto, pelo menos. Não pretendia justificar-se, afirmando que agira pelo bem da pátria.

— Nunca considerou outra alternativa além de Graham? — disse ela, sem ocultar a amargura.

— Você, por exemplo?

Ele inclinou-se para frente, mostrando o rosto. Estava velho. Incredivelmente velho. As pelancas da extrema velhice pendiam-lhe das faces e do queixo que tinham a cor de velhos pergaminhos. Um acesso de tosse sacudiu-lhe o peito, e ele esperou para recuperar o fôlego antes de continuar:

— Coisa engraçada, os filhos. Vocês dois pareciam-se com sua mãe, e eu costumava pensar que saíam ambos a ela. Mas você herdou muito de mim, moça, queira ou não queira admitir.

— Já cheguei a um compromisso com isso.

Ele mostrou-lhe a cadeira com um gesto de impaciência.

— Já que está aqui, sente-se. E tire esse casaco, agora que o exibiu bastante.

Alexis sentou-se, mas não relaxou. Manteve-se ereta, com as mãos cruzadas no colo. O silêncio que surgiu entre eles prolongou-se por alguns minutos, o suficiente para se observarem mutuamente.

Ela foi a primeira a falar.

— Você parece doente.

Ele confirmou com a cabeça.

— Foi por isso que você veio? Está esperando que eu morra logo?

— Não. Vim por curiosidade.

Seu pai fez uma careta e abriu a caixa de charutos. Apanhou um havana e girou-o entre os dedos.

— Você foi sempre fria. Como Callahan se arruma?

— Ele dá um jeito — disse ela secamente. — Mas é de você que estamos falando. Foi ao médico, pelo menos?

— Consultei uma porção deles. Todos disseram a mesma coisa: nada de trabalhar, fumar, beber, nada de mulheres. Que adianta viver assim?

Alexis sorriu.

— Mas você vai obedecer? Afinal, Graham está dirigindo os negócios.

— Não sei se para melhor ou para pior.

— Para pior, ouvi dizer.

— Quer acreditar nisso, não? Prova que você tinha razão.

— Há ainda alguma dúvida?

Um longo suspiro escapou dos lábios de Charles Brockton e ele fechou os olhos, cansado. Nunca pudera admitir a diferença que havia entre Alexis e Graham e, por mais que se tivesse esforçado, jamais conseguira moldar seu filho à sua imagem e semelhança.

— Que pena que você tenha nascido mulher. Nunca perdoei sua mãe por isso.

— Havia muita coisa que não perdoava nela.

— É disso que você quer falar?

— De certo modo... — Ela fez uma pausa. — Estive pensando muito ultimamente... Acho que vou querer um filho.

Seu pai assobiou baixinho, e uma lembrança aflorou à mente de Alexis: uma tarde de primavera na casa de Connecticut e o setter irlandês chegando, ao chamado de seu dono.

— Você costumava chamar Bridie assim.

— Lembra-se dela? Você não podia ter mais do que cinco anos, quando ela teve de ser sacrificada.

— Quatro e meio, e eu me lembro de uma porção de coisas.

— Hum... é o que está parecendo. — Ele riscou um fósforo e acendeu cuidadosamente o havana. — Então, está pensando em ter um filho... Houve tempo em que as mulheres não pensavam, deixavam que isso acontecesse naturalmente. Mas, se isso acontecer, Callahan poderá realmente conquistar você.

— Ele é um bom homem.

— É por isso que quer ter um filho dele?

— Não exatamente... Quero algo que seja a continuação de mim mesma.

— Imortalidade... é sempre esse o pretexto. Mas não funciona. Ter filhos é como jogar dados, não se sabe no que vai dar. — Ele soprou uma baforada de fumo azul. — Veja você e Graham. Você herdou o cérebro e a fibra. Para ele não sobrou senão a aparência de homem. Não é fácil.

Ela levantou ligeiramente as sobrancelhas e seu pai riu.

— Eu sei de tudo. Ele pensa que não, mas eu sei que ele frequenta esses bares...

— Ele é discreto, pelo menos.

— Tem de ser. Além do mais, pode ser que Graham se case, um dia, e tenha filhos. Muitos homens como ele fizeram o mesmo. Com o dinheiro e o poder que vai herdar, nada é impossível.

Alexis resistiu ao impulso de dizer que ela não se casaria com um homem como Graham. Mas tinha de reconhecer que havia muitas mulheres dispostas a isso.

— Pode ser que Graham lhe dê netos, um dia, embora eu não acredite. Mas o fato é que ele vai acabar com a UBC depois que você for embora. É isso realmente o que quer?

— E que importância pode ter isso? Você tem a IBS.

— A IBS vai indo bem, mas terá de percorrer um longo caminho antes de se tornar igual à UBC.

— Você foi sempre impaciente.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não se trata disso. Estou aborrecida de ter construído algo e vê-lo depois destruído por mãos incompetentes. Meu irmão teve uma porção de vantagens e não soube tirar partido de nenhuma.

Charles Brockton olhou para a cinza na ponta de seu havana.

— Não está esquecendo alguma coisa?

— O quê?

— Você é mulher.

— Você faz isso parecer uma desvantagem.

— E é. Não importa que seja inteligente e ambiciosa, mas há certas coisas que nunca será capaz de fazer.

— Por exemplo?

— Controlar dinheiro e poder. Você não tem paciência para isso.

Ela reprimiu uma instintiva antipatia, diante da crueza de sua linguagem.

— Será mesmo?

A risada rouca de Charles Brockton ressoou pelas paredes adamascadas.

— Como eu disse, você puxou muito a mim. Como pôde agüentar aquela escola para moças onde a coloquei?

— Passava meu tempo fumando às escondidas e pensando em como desforrar-me.

— Casar-se com Callahan faz parte dessa desforra?

Surpresa, ela sacudiu negativamente a cabeça.

— Não. Ele me atraiu.

— É o que você diz. Mas tem certeza?

— Sim... E, se não tinha no começo, tenho agora. Gosto de estar casada com ele.

— Mais do que com um daqueles rapazes da sociedade com quem você costumava sair?

Ela sorriu.

— Muito mais.

Brockton colocou o charuto cuidadosamente num cinzeiro em cima da mesa e olhou-a.

— Queria que você fosse uma dama. Como sua mãe.

— Minha mãe morreu.

— Como todos, mais cedo ou mais tarde.

— Não é a mesma coisa, e você sabe disso.

Ele suspirou.

— Ela era tão bonita como você. A mesma cor de cabelo, o mesmo tom de pele. Alta e graciosa, feita para usar roupas elegantes e viver em ambientes elegantes. Quando íamos a algum lugar juntos, as pessoas sempre se voltavam para olhá-la.

Podia ler seus pensamentos: como alguém tão rude quanto ele pôde ter essa sorte?

— Mas não foi uma sorte, não é?

Houve uma estranha expressão no rosto de Brockton.

— Não, não foi. O pai dela era um péssimo homem de negócios, mas imaginava o contrário. Fez uma série de investimentos desastrosos com o dinheiro que lhe emprestei e, no final, estava me devendo mais de um milhão de dólares. Isso, quando o dinheiro tinha realmente valor.

— E você o cobrou por meio de mamãe.

— Foi assim mesmo. — Ele a fitou desafiadoramente. — Chocada?

— Não, já conhecia essa história. Além do mais, sabia que vocês dois não eram felizes.

— Ela vivia no maior luxo, era tratada como uma rainha... Que mais podia querer?

— Acho que queria que você a respeitasse e a considerasse gente e não um objeto de luxo. Mas não tinha idéia de que, para conseguir isso, tinha antes de respeitar e dar valor a si mesma.

— Que diabo está querendo dizer?

— Ela queria algo que não pôde ter e pagou por isso. Mas acabou. A parte dela nesta história encerrou-se há muito tempo.

— Você acredita mesmo nisso?

— Tenho de acreditar. Caso contrário, ficaria sempre amarrada ao passado, sem fazer nada nem no presente nem no futuro.

— Quando tiver a minha idade, viverá de recordar o passado.

— Isso se chama justiça.

Ele disse então com voz dura e fria:

— Por que você veio, afinal?

— Para ver como você está agora... É mais ou menos como aquela criança que dormia num quarto muito grande e escuro, tremendo debaixo das cobertas porque lhe haviam dito que existia um bicho-papão debaixo da cama. Até que um dia ela tomou coragem e resolveu dar uma espiada. E tudo o que viu foram alguns brinquedos velhos e empoeirados.

Seu pai fitou-a. Emoções conflitantes estamparam-se em seu rosto cansado: surpresa, raiva e, por breves instantes, tristeza. Alexis desviou os olhos. Era por isso que tinha ido ali. Mas, por qualquer razão, o pesar dele não aliviou sua própria carga. Em vez disso, só lhe provou a efemeridade de sua juventude e de sua força.

— Vim por outro motivo — disse, roucamente. — Você é meu pai e não quero que nos separemos como adversários.

Ele demorou muito para responder.

— É muito bonito de sua parte dizer isso.

Alexis sabia o que significava para ele essa admissão. Levantou-se e apanhou o casaco.

— Já vou indo.

Ela começou a sair do escritório. Ao chegar à porta, voltou-se.

— Se precisar de alguma coisa...

Devia ser imaginação dela o brilho que viu em seus olhos. Daquela distância e à penumbra, era quase impossível ver direito. E a voz de seu pai era clara e firme, quando lhe respondeu:

— Você não pode ser as duas coisas, Alexis: forte como eu e sensível como sua mãe. Não tente misturar as coisas.

Ela experimentou uma sensação de frio. Queria dizer que devia haver um meio-termo, mas não conseguiu proferir uma palavra.

O ano de 1950 começou com Truman ordenando a construção da bomba de hidrogênio. O GOP advertiu que a próxima eleição seria uma disputa entre liberdade e socialismo, e lá pelo final de fevereiro um senador por Wisconsin, o republicano Joe McCarthy, falou durante seis horas no Senado, denunciando infiltrações comunistas nos Departamentos do Estado.

— Nunca imaginei que tivesse de ouvir tamanha monstruosidade — disse James, certa manhã, enquanto tomavam café. — Estão todos loucos.

— Pensei que a Comissão Investigadora fosse ruim — disse Alexis. — Mas isso é muito pior.

— O que é Quinta Coluna? — perguntou Matthew entre um bocado e outro.

Alexis e James entreolharam-se, preocupados.

— É uma força inimiga que se infiltra num país e fica aguardando o momento certo para dar o bote — explicou-lhe o pai.

— Os vermelhos vão se infiltrar nos Estados Unidos?

— Pode ser — reconheceu James. — Mas acho que somos bastante fortes e inteligentes para combatê-los e não devemos temer nada.

Matthew ficou pensativo.

— Meu professor disse que os comunistas estão em todos os lugares, inclusive no rádio e na televisão. E que, se não forem exterminados, tomarão conta de tudo,

— As pessoas estão muito assustadas — disse Alexis calmamente. — Deve ser porque, depois da guerra, o mundo tornou-se complicado e ameaçador. Mas, mesmo assustados, não podemos vender nossa liberdade por uma ilusão de segurança.

— O que é ilusão? — perguntou Matthew.

— Lembra-se daquela casa engraçada que visitamos no último verão, onde os espelhos mostravam você de formas diferentes? Aquilo era ilusão — disse Alexis, esperando que ele entendesse que coisas divertidas não deviam ser levadas a sério.

As semanas passaram. Charles Brockton teve um ataque cardíaco, na primavera, e foi hospitalizado. Alexis não foi visitá-lo, mas enviou-lhe flores e um livro sobre a luta da Irlanda para conquistar sua independência. Para surpresa dela, seu pai respondeu-lhe com um bilhete em que dizia que lera o livro e que gostara. Comentava, também, que assistira a alguns programas da IBS e não os achava tão maus quanto pensava. No final do bilhete havia um P. S.: “Graham vem ver diariamente se ainda estou vivo. Ele disfarça bem seu desapontamento”.

Charles Brockton voltou para casa em maio e tornou a trocar cartas com Alexis. Dizia que estava pensando em fazer uma viagem à Europa naquele verão e evocava acontecimentos de vinte anos atrás: “Sua mãe gostava especialmente de Veneza. Lembro de como ela gostava dos passeios de gôndola pelos canais. Talvez devêssemos ter feito mais coisas desse tipo”.

Alexis guardou ambas as cartas no fundo de uma gaveta do armário, no meio dos sachês de lavanda, tentando não pensar muito no assunto. Não foi difícil, agora que sua gravidez era um fato consumado.

James não escondia sua euforia. Ficava satisfeito, quando ela deixara de usar métodos anticoncepcionais, mas havia controlado sua alegria, com medo de assustá-la. Seus atos de amor eram repassados de uma ternura que a comovia. Ele queria tanto outro filho, enquanto ela sentia apenas um leve prazer com a idéia.

Mas era muito difícil pensar na maternidade com entusiasmo, quando vivia debruçada sobre a pia do banheiro.

— Por que ninguém me falou que seria assim? — perguntou ela a Maggie, certa tarde de junho, quando estavam ambas sentadas no jardim dos fundos da residência dos Gargano, em Long Island.

— Teria dito, se você tivesse perguntado — disse Maggie carinhosamente. — Mas foi melhor assim. Seu médico não prescreveu nada?

— Uma porção de pílulas. Mas acho melhor passar sem elas.

— Sou da mesma opinião, embora a maioria das mulheres pense o contrário. Mas você vai se sentir melhor, passados os primeiros meses.

— O que me aborrece é que não posso trabalhar muito. Às vezes me acontece de pegar no sono no meio da tarde.

— Muito bom. Evita que se aborreça muito. Sabe que agora estão exigindo que os professores jurem lealdade à pátria?

Alexis sacudiu a cabeça tristemente.

— Anthony mostrou a você o opúsculo que recebemos na IBS?

Maggie torceu o nariz.

— Você se refere a “Canais Vermelhos”? Não posso acreditar que pessoas como Leonard Bernstein, Lee J. Cobb, Ruth Gordon, Dashiell Hammett, Lena Horne possam ser tachados de comunistas. Acredita, realmente, que sejam uma ameaça ao nosso país?

— Infelizmente, acho que muita gente pensa assim. Parece que o povo está pronto para acreditar em tudo o que é dito aos berros.

— Essa é a tática de McCarthy: gritar, agitar os braços e proclamar que tem evidências desses fatos. Só que ele nunca consegue provar nada.

Alexis recostou a cabeça no encosto da cadeira e fechou os olhos. Estava com sono, como lhe acontecia com frequência, mas pelo menos retivera no estômago a canja que Maggie lhe preparara no almoço.

— Vou dar uma cochilada — murmurou.

Estava escuro quando ela acordou. Não estava mais no jardim, mas deitada no quarto de hóspedes. As janelas abertas de par em par deixavam penetrar uma brisa suave que agitava levemente as cortinas de um lado para o outro. Do andar inferior chegava um murmúrio de vozes.

Eram Maggie, Anthony e James que, sentados à mesa de jogos, disputavam uma partida de gin rummy. Olharam para cima quando Alexis apareceu no alto das escadas.

— Descansou bem? — disse James. — Guardamos alguma coisa do jantar para você.

— Ótimo. Estou faminta. Que horas são?

— Nove horas. Venha e sente-se que eu vou buscar um prato para você.

— Deixe que eu faça isso — disse Maggie. — Está se sentindo melhor?

— Muito bem. Parece que dormi vários dias seguidos. Ela fez justiça ao sanduíche de peru e ao copo de leite que Maggie lhe ofereceu e então juntou-se aos jogadores. Anthony estava dando as cartas quando o telefone tocou. Levantou-se para atender e, ao voltar, seu rosto estava sombrio.

— Era do estúdio. Chegaram notícias de que há problemas na Coreia.

CAPÍTULO IX

O comentarista da IBS alisou os cabelos, endireitou a gravata e entrou no ar.

— Boa noite. Forças das Nações Unidas desembarcaram hoje em Inchon, porto de Seul, na Coreia, a cento e cinquenta milhas das forças inimigas. Destacamentos da Primeira Divisão dos Fuzileiros Navais tomaram de assalto a ilha de Wolmi. Controlaram rapidamente a situação e em seguida marcharam para a capital. O general Douglas MacArthur, comandante das forças da ONU, elogiou o bem-sucedido desembarque. Os soldados da Coreia do Norte, em sua maioria, depuseram as armas e renderam-se sem luta. Mais notícias depois de nossos comerciais.

Alexis revirou-se no sofá, num esforço para achar uma posição mais confortável. Matthew, que estava deitado no tapete, seguindo as notícias com interesse, perguntou:

— Como está se sentindo?

Ela respirou fundo.

— Bem. Felizmente, hoje não está tão quente.

Setembro trouxera algum alívio à onda de calor que se abatera sobre a cidade. As janelas do apartamento estavam abertas, deixando entrar os ruídos do tráfego e o brilho das luzes que começavam a se acender, à medida que as sombras cresciam.

— Papai não deve demorar.

— É, acho que não.

James estava trabalhando até mais tarde, no afã de levar ao ar o máximo de notícias possível sobre a guerra. Alexis passava poucas horas no estúdio, agora. Em seu sexto mês de gravidez, engordara cerca de catorze quilos, apesar da rigorosa dieta alimentar. Cansava-se facilmente e às vezes chorava sem motivo aparente.

— Vou pedir a papai para me contar como conheceu MacArthur — tornou Matthew.

Ela riu.

— Seu pai nunca disse que conheceu MacArthur pessoalmente. Esteve sob o comando dele por certo tempo e parece que isso não o entusiasmou muito.

— Mas viu muitas vezes o general e falou com ele. Chegaram até a lutar juntos.

— Generais não vão ao campo de batalha. Não frequentemente, pelo menos. Eram homens como seu pai e seu tio Anthony que combatiam. E muitos morreram.

— Isso pode acontecer também ao tio Paul?

Matthew estava se referindo ao irmão de Anthony, um homem tranqüilo que acabara de obter o doutorado em Literatura Americana na Universidade Colúmbia, e que fora chamado às armas. Ele estava agora no mar, com as unidades da Marinha, em algum lugar próximo à Coreia. Sua esposa, grávida do primeiro filho, estava no Brooklyn, com Maria e Joseph Gargano.

— Espero que não — disse Alexis com suavidade. — Pelo jeito, esta guerra vai terminar logo.

— É o que eu também espero. — Os olhos azuis de Matthew brilharam. — contei a um garoto da escola sobre Paul e ele disse que tio era duas vezes perdedor, porque lutara em duas guerras.

— Que coisa mais feia!

— Oh, mas ele não vai dizer isso novamente.

Alexis levantou as sobrancelhas.

— Oh! Por que não?

— Eu... eu o convenci a não dizer mais isso.

— Não quero que você se meta em brigas, certo?

Era difícil Matthew meter-se em encrencas, mas, de vez em quando, seu forte senso de justiça impulsionava-o a correr em defesa de alguém. Felizmente, aos dez anos, ele era forte o suficiente para proteger-se.

— Não foi uma briga de verdade. Ele me deu um empurrão e eu o agarrei pelo braço, como papai me ensinou, e derrubei-o ao chão.

— Você não o machucou?

— Não. Estávamos no ginásio de esportes e eu tive o cuidado de jogá-lo sobre o tapete. — Gravemente, ele completou: — Papai disse que é errado usar a força para machucar os outros.

— Ótimo. Estou contente de que se lembre disso. Então, já que é tão forte, não quer me ajudar a levantar?

Matthew correu imediatamente e amparou-a, enquanto ela se levantava e alisava o vestido.

— Sinto-me desajeitada como um elefante.

— Está ótima — disse Matthew. Alexis lançou-lhe um olhar cético.

— Espero que você não se importe com a chegada do novo irmãozinho.

Matthew deu uma risadinha.

— Não vejo a hora que ele... ou ela nasça.

Alexis sentia o mesmo, mas por diferentes motivos.

Estava ficando muito preocupada com o tamanho de sua barriga, embora seu médico a tranquilizasse, dizendo que era normal, no seu estágio de gravidez.

— É fácil para ele dizer isso — confiou ela a Maggie, dias depois, enquanto faziam compras na seção infantil da Saks.

— Talvez seja melhor você consultar outro médico — aconselhou-a a amiga. — Ficaria mais tranquila.

— Mas os médicos obstetras não são todos iguais? Não acham sempre que exageramos, quando nos queixamos de alguma coisa?

Maggie sorriu.

— Não. Eu, por exemplo, consulto uma médica muito boa. Ouve o que eu tenho a dizer e leva-me a sério.

— Seria uma boa mudança.

— Tente — insistiu Maggie, apertando-lhe carinhosamente a mão.

A doutora Spencer era uma mulher de meia-idade, pequena e sorridente. Lançou um único olhar a Alexis e franziu as sobrancelhas.

— Para quando está previsto o parto?

— Para daqui a três meses.

— Vamos ver isto. Deite-se e relaxe.

O exame não foi tão desconfortável quanto Alexis esperava, e, quando terminou, a médica olhou-a pensativamente.

— Vista-se e venha a meu escritório para conversarmos.

Minutos depois, ao entrar no escritório da doutora, ela perguntou nervosamente:

— Está tudo bem?

— Tudo, desde que não se importe de ter gêmeos.

— Gêmeos?...

— Sim. Um levemente maior do que o outro, mas ambos de bom tamanho. Tenho a impressão de que dará à luz antes da data prevista, possivelmente daqui a um mês. Haverá necessidade de uma cesárea.

— Por que o outro médico não me disse?

— Talvez tenha decidido não contar-lhe logo para não assustá-la.

— Não foi uma decisão acertada — protestou Alexis.

— Concorro, mas é ainda um costume de muitos médicos. Agora, tenho de saber se quer continuar sob meus cuidados.

— Sim, se desejar.

— Certamente, desde que observe certas regras. Não me oponho a que trabalhe. Eu também trabalhei durante minha gravidez, mas era muito sensível a isso, e você também deve ser. Fique em casa sempre que puder, não se canse demais e não fique em pé durante muito tempo.

— Isso é tudo? — disse Alexis, pronta a concordar com tudo, agora que se sentia realmente confiante.

— Não. Há uma lista grande de coisas que pode ou não fazer, mas vou dá-la para que a leia em casa, com calma. Telefone-me, se tiver alguma dúvida. Habitualmente, costumo ver minhas clientes uma vez por mês. Mas, como você está carregando dois bebês, venha ao meu consultório a cada quinze dias. Está bem?

Alexis assentiu mudamente, pegou a lista e saiu do consultório em estado de transe. Fez sinal a um táxi, deu seu endereço e recostou-se no banco sem saber direito o que estava fazendo. Apenas um pensamento a dominava: havia dois bebês!

James ficaria radiante, tinha certeza. Mas ela... Era melhor não pensar muito nisso. Afinal, não havia nada que pudesse fazer. Como seu pai dissera, a gente jogava os dados, mas era a sorte que determinava o resultado.

Apesar da advertência da doutora Spencer, Alexis não deu à luz no mês seguinte, embora tivesse chegado num ponto em que teria agradecido qualquer coisa que pusesse fim àquele desconforto. James ajudava-a de mil maneiras, mas suas últimas reservas emocionais estavam chegando ao fim.

Além de preocupada com seu próprio estado, afligia-se com seu pai, que sofrera outro ataque cardíaco e voltara a ser hospitalizado. Tinha também a desconfortável sensação, apesar de James não lhe dizer nada, de que a IBS estava sendo pressionada a ajustar-se às exigências da Comissão Investigadora e do “Contra-ataque”, o grupo que publicara o inflamado panfleto “Canais Vermelhos”. Até o momento, eles vinham resistindo, mas perdendo anunciantes e patrocinadores.

Enquanto isso, preocupantes eventos mundiais sucediam-se uns após os outros. Em outubro, temeu-se que os comunistas chineses entrassem na guerra. Esse temor tornou-se realidade em novembro, quando mais de cem mil homens atravessaram a fronteira da Coreia.

E, logo, os soldados das forças da ONU descobriram que estavam combatendo um novo tipo de inimigo, que atacava não se sabia de onde, desaparecia como que por encanto e voltava a aparecer com força total onde era menos esperado. Os aliados sofreram severas derrotas e grandes perdas, e um desastre de proporções gigantescas delineava-se no horizonte.

— Se este país não puder derrotar um inimigo que está ainda na Idade Média, então estamos metidos numa encrenca dos diabos — disse James certa noite, logo após o Dia de Ação de Graças.

Mas os temores pareciam esquecidos com a aproximação do Natal. E as lojas encheram-se de gente ansiosa por esquecer que, do outro lado do mundo, jovens americanos continuavam a morrer como moscas.

James e Alexis concentraram-se na organização de um dia alegre para Matthew. Ele comprou a maioria dos presentes, e ela decorou a árvore, sentindo ambos a premente necessidade de acreditar que tudo estava normal.

No dia de Natal, levantaram-se bem cedo para desembulhar os presentes. Matthew gostou dos trens elétricos e dos livros, James apreciou enormemente as botas e as abotoaduras de ouro e Alexis ergueu o adorável négligé de seda, pensando em quando poderia usá-lo.

A tarde passou calmamente. Saborearam o peru preparado por James, que seguiu cuidadosamente as instruções dadas pela governanta. Maggie e Anthony chegaram à noitinha, com as crianças, mas demoraram pouco, em deferência ao estado de Alexis.

Lá pela meia-noite, foram todos para a cama. Alexis dormiu bem, coisa que não acontecia havia muito, mas acordou várias vezes, sentindo uma dorzinha incômoda nas costas. Quando a manhã chegou, seu espanto foi total.

— James?

— Sim, amor? — disse ele, do banheiro.

— Acho... acho que aconteceu algo.

Ele voltou-se da pia com o rosto ensaboado e o pincel de barba na mão. Alexis estava no limiar, com a frente da camisola toda molhada e, num primeiro instante, ele pensou no que poderia ter acontecido. Percebeu então que a bolsa das águas devia ter-se rompido.

Enxugou o rosto com a toalha e deu-lhe a mão.

— Venha, querida. Deite-se, enquanto telefono à doutora. Em seguida, vamos diretamente para a maternidade.

Ela fez que sim e apoiou-se pesadamente nele. Lágrimas começaram a rolar-lhe pelas faces, enquanto ele a acomodava na cama.

— O que está acontecendo, papai? — disse Matthew, ao vê-lo levar a mala para o vestibulo.

— Os bebês estão a caminho, e nós vamos para a maternidade. Já telefonei a Maggie. Ela passará para apanhar você.

— Certo, papai. Espero que tudo corra bem.

— Alexis está bem — afirmou a dra. Spencer. — Mas o parto não vai ser para já.

— Posso vê-la? — perguntou James.

— Por mim, não teria problemas. Mas é contra a norma do hospital. — Ela sorriu. — Fique na sala de espera, tome uma porção de xícaras de café e ande de um lado para o outro como fazem todos os pais.

— Grande... Sinto-me um inútil.

— Não se preocupe. Terá chance de exibir seus talentos quando os bebês tiverem nascido.

Ele sorriu, contrafeito.

— Faça-me um favor, doutora. Deixe-me vê-los assim que nascerem.

— Farei o que puder.

As horas seguintes passaram com extrema lentidão. A fraca claridade invernal foi embora, as luzes se acenderam e James continuava a ler revistas, a tomar café e a andar de um lado para o outro. Lentamente, o absurdo da situação começou a penetrar-lhe na mente.

Estava sendo posto de lado, como se não tivesse nada a ver com a história quando, na realidade, era um dos protagonistas. Além do mais, estava morrendo de preocupação com Alexis e queria ajudá-la a suportar o doloroso e exaustivo momento.

Decidido, levantou-se, abriu as portas duplas que davam acesso ao corredor e abordou a primeira enfermeira que apareceu.

— Sou o marido de Alexis Callahan. Quero saber o que está acontecendo com ela.

— Será informado no devido tempo, senhor.

— Nada disso. Quero saber agora.

— É contra os regulamentos, senhor. Terá de esperar até que...

— Esqueça. Vou saber por mim mesmo.

Ao vê-lo caminhar pelo corredor com passadas largas, rumo à sala de pré-parto, a enfermeira correu atrás dele.

— Não pode entrar aí!

As longas horas de espera haviam esgotado toda a paciência de James.

— E quem vai me impedir?

A enfermeira fitou-o, boquiaberta. Nunca enfrentara uma situação semelhante. Os pais costumavam permanecer na sala de espera e agradeciam humildemente qualquer informação que lhes fosse prestada. Mas esse homem grande e rude, de brilhantes olhos azuis, parecia pronto a atropelar quem ousasse interpor-se em seu caminho.

— Oh... se quiser aguardar um momento... Vou falar com o médico, e lhe direi tudo o que quiser saber.

James hesitou um instante, mas acabou concordando:

— Vá, mas de passo acelerado!

A ordem peremptória produziu efeito, e a jovem saiu correndo pelo corredor.

Alexis ficou vagamente consciente de que alguém entrava na alcova protegida por cortinas onde ela se encontrava, prostrada. Seus cabelos estavam empapados de suor, e as palmas das mãos arranhadas e fortemente crispadas na ânsia de conter a dor.

— Podemos dar-lhe algo que aliviará as dores — disse-lhe a dra. Spencer. — Mas essas drogas costumam retardar as contrações.

— Estou bem — murmurou Alexis. — Não preciso de nada.

A doutora olhou-a ceticamente. O trabalho de parto prosseguia lentamente. Depois de quase dez horas de agonia, a dilatação era de apenas dois dedos.

— Posso intervir, se for o caso.

— Intervir?... — balbuciou Alexis.

— Fazer uma cesárea, antes que suas forças se esgotem.

Alexis sacudiu negativamente a cabeça. A doutora suspirou e a jovem enfermeira aproveitou o momento para murmurar-lhe algo ao ouvido.

James estava andando novamente de um lado para o outro do corredor, como um touro enraivecido, quando viu a doutora sair da sala de pré-parto e caminhar na direção dele.

— Ameaçando quebrar os regulamentos? — perguntou ela severamente.

— Estou preocupado com Alexis. Por que está demorando tanto?

— Isso costuma acontecer, especialmente no primeiro parto. Ela tem uma bacia muito estreita e está carregando dois bebês de bom tamanho. Mas é forte e corajosa. Temos esperança de que o parto seja normal.

— Normal? Comparado a quê? — quis saber ele, preocupado.

— A nada terrível. Acalme-se, ou não vou permitir sua entrada.

James abriu a boca, como se fosse dizer alguma coisa, mas tornou a fechá-la. Satisfeita, a doutora disse:

— Agora, sim, está agindo com juízo. Entre. Mas, se começar a sentir-se mal, quero que saia imediatamente.

Sentir-se mal? Ele? A doutora devia estar brincando! Era um ex-fuzileiro que tomara parte em muitas batalhas e que vira tudo o que havia para ser visto.

Era o que pensava. Ninguém lhe dissera nada a respeito da cena que se desenrolou diante de seus olhos, ao entrar na sala de pré-parto. Pelas frestas das cortinas das alcovas podiam-se entrever mulheres que, com o corpo dobrado de forma inatural devido às dores agudas, gemiam ou gritavam. Todas pareciam imersas num inferno particular em que o sofrimento era a única realidade.

James olhou para a doutora com incredulidade.

— É sempre assim?

— Quase sempre.

— Devia haver um meio...

— Minhas pacientes já estão sendo treinadas para ajudarem-se durante o parto, com respiração apropriada e outras técnicas naturais.

James lembrou-se dos exercícios que vira Alexis praticar.

— Mas são deixadas muito tempo sozinhas.

— É por isso que eu permiti que entrasse, — A dra. Spencer deteve-o com um gesto. — Espere um instante.

Ela entrou numa das alcovas e James ouviu-a dizer:

— Alexis, seu marido quer vê-la.

— James?... O que ele está fazendo aqui?

— Estava muito inquieto por sua causa. Posso mandá-lo entrar?

— Sim... acho que sim...

Ele não esperou nem mais um segundo. Afastou a cortina e entrou na alcova. Ao vê-lo, Alexis soergueu-se.

— Você quer mesmo ficar?

— Naturalmente — disse ele, sentindo um aperto no coração ao observar seu estado. — Vai dar tudo certo, doçura. Tente relaxar.

Eram palavras sem sentido, ele descobriu instantes depois, quando o corpo de Alexis foi sacudido por uma contração dolorosa. Gotas de suor escorriam de sua testa, mas ela cerrou os dentes e não emitiu nenhum som.

— Deve haver alguma coisa que possa fazer, doutora! — disse James, segurando a mão de sua esposa.

— Há — disse a dra. Spencer com calma. — E vou tomar as providências já, se o trabalho de parto não seguir mais rapidamente.

— O que vai fazer?... — murmurou Alexis.

— Você já sabe qual é a outra alternativa.

— Não quero ser anestesiada. Quero ver meus bebês nascerem.

— Que diferença faz? — disse James. — Você os verá quando acordar.

Lágrimas rolaram pelas faces de Alexis.

— É muito importante para mim. Não quero perder esse momento, depois de ter agüentado tanto.

— Você está sofrendo muito...

— Não! Quero ficar acordada.

Ela não sabia dizer por que isso se tornava tão vital. Mas não queria que o nascimento de seus filhos fosse incidental. Não depois de concebê-los e carregá-los no ventre durante nove meses.

— Muito bem — disse a doutora conciliadoramente. — Não fique agitada. Concentre-se em ajudá-los, que eu farei de tudo para ajudar você.

Isso parecia justo. Alexis relaxou levemente, sem deixar de segurar a mão de James. Outra contração fez seu corpo estremecer, e ela olhou para o marido.

— Foi pior desta vez... — murmurou, ainda ofegante. O tempo passava, mas ambos perderam a sua noção, e James sustentava-a entre as contrações, murmurando-lhe palavras de amor e de conforto. Quando a dor sobrevinha, ele a enfrentava junto com ela, tentando passar-lhe parte de sua força.

Por fim, a dra. Spencer voltou. James esperou fora da alcova, enquanto ela examinava Alexis mais uma vez. As novidades eram boas.

— Podemos levá-la para a sala de parto.

— Graças a Deus! — disse ele com fervor.

— Voltarei para avisá-lo, quando tudo terminar.

— Um momento, doutora! Quer me deixar na metade do caminho?

A doutora olhou-o pensativamente.

— Vai ter de se lavar e vestir roupas apropriadas...

— Muito bem!

— Não vai... ser bonito...

— Não se preocupe com isso.

— Ninguém irá censurá-lo, se decidir sair.

Nada iria separá-lo de Alexis agora! Ele vestiu o avental verde de cirurgião, colocou a máscara e entrou na sala de parto. Encontrou Alexis deitada na mesa, com os pés enfiados em estribos. Aflito, ao vê-la tão exposta e vulnerável, postou-se ao seu lado.

O anestesista que estava à sua cabeceira surpreendeu-se.

— Quem é você?

— O marido. — A voz de James soava ameaçadora. — Pretende opor-se?

— Não... mas é muito irregular.

A dra. Spencer interveio, conciliadora.

— Não se preocupe.

Um silêncio caiu entre os presentes, enquanto ela examinava sua paciente.

— Empurre... — ordenou. — Logo eles estarão aqui. Bom... de novo... mais uma vez...

Sons desconexos saíam dos lábios de Alexis. Ela agarrou-se a James com ambas as mãos e, a uma nova ordem, voltou a fazer força. Um grito escapou de seus lábios, enquanto a doutora exclamava:

— Aí está a cabecinha... força! Pare... deixe-me ver o que temos aqui.

A doutora inclinou-se, e quando voltou a endireitar-se tinha algo nas mãos.

— Você tem um filho — disse ela, com os olhos brilhando por cima da máscara, enquanto colocava o bebê numa pequena mesa e limpava-lhe a boca. O pequeno peito ergueu-se e então baixou-se, deixando escapar um grito fraco.

— Filho... — repetiu James, aturdido. — Ele está bem?

— Tudo certo. Agora, vamos continuar... — Voltando-se para Alexis, ela disse gentilmente: — Quase feito. Como está se sentindo?

— Cansada...

— Mais um pouco de paciência. Empurre.

Soltando um gemido fraco, ela obedeceu. E quinze minutos depois, o segundo bebê, um pouco menor do que o primeiro, vinha ao mundo.

— Outro menino?... — perguntou, exausta.

— Menina — disse a doutora.

James susteve a respiração. Sua filha não era tão vermelha quanto o menino e parecia menos enrugada. A cabecinha delicada estava coberta por uma penugem loira. Enquanto a olhava, ela abriu os olhos e olhou-o diretamente.

Ele fitou-a, extasiado, por um longo momento, sem perceber que estava chorando.

CAPÍTULO X

— Eles não sabem fazer muita coisa, não é, papai? — disse Matthew, inclinado sobre o berço de James Júnior.

Estavam ambos no quarto das crianças, banhado de sol, onde havia sido o quarto de hóspedes.

— É um pouco cedo — disse James, afagando-lhe os cabelos. — Dê-lhes algum tempo.

— Eu era como eles?

— Claro que era. Também Tessa, lembra?

— Acho que sim... Prometi telefonar a ela para falar-lhe dos gêmeos. Não se importa se eu for agora?

James disse que não, sem dissimular seu desapontamento. Esperava que Matthew ficasse mais um pouco. Mas não queria pressioná-lo. Ele estava se comportando muito bem, não demonstrando ciúme dos gêmeos e cedendo seu lugar de protagonista sem se queixar. O que era um alívio. Os dois recém-chegados estavam exigindo a energia e a dedicação de todos da casa.

James sorriu, ao olhar para os ocupantes dos dois berços. Sua filha dormia como um anjo, com o polegar enfiado na boca. Exceto por breves momentos, quando estava molhada ou com fome, ela era o retrato do sossego. Seu irmão já não era assim. Não havia posição que o agradasse. Mesmo dormindo, seu rostinho parecia zangado. A enfermeira da noite embalava-o até de madrugada, quando Júnior afinal capitulava, de pura exaustão.

James estava intrigado e um tanto aborrecido, já que a doutora lhe assegurara que não havia nada de errado com o menino. Ele era simplesmente um bebê mal-humorado.

— Alguns bebês são assim mesmo — dissera ela. — Mas mudam com o tempo.

Ele esperava que fosse logo. Embora auxiliados por suas enfermeiras, nem ele nem Alexis conseguiam dormir muito. Ele não se importava, mas Alexis precisava de repouso para recuperar-se bem.

Antes de levar Matthew para a escola, deu uma passada pelo quarto dela. As venezianas estavam fechadas e as luzes apagadas. Alexis estava deitada de lado, com os loiros cabelos platinados esparramados pelo travesseiro. Sua respiração calma e regular indicava que ela dormia.

James acariciou-lhe o rosto com infinita ternura, aliviado ao perceber que estava fresco. Alexis tivera febre durante vários dias seguidos, depois de sua volta da maternidade, e sentira muitas dores. A doutora prescrevera-lhe alguns medicamentos, mas as pílulas deixavam-na sonolenta e confusa e ela recusava-se a tomá-las.

Não podia ajudá-la, mas sentia uma vontade louca de estar com ela. E esse desejo era fonte de prazer e de tormento ao mesmo tempo. A dra. Spencer fizera-lhe saber que a sua recuperação

demoraria pelo menos um mês, e ele sentia-se como um patife por desejar fazer amor com ela. Sufocou um suspiro e beijou-lhe levemente a testa, antes de sair.

Depois de deixar Matthew na escola, dirigiu-se para a cidade e guardou o carro num estacionamento perto do escritório. Antes de entrar, parou para comprar o jornal.

Como sempre, a manchete da primeira página era sobre a Coréia. As forças aliadas vacilavam diante do ímpeto do ataque comunista. Seul caíra novamente na mão do inimigo, e a vitória parecia mais distante do que nunca.

A opinião pública estava dividida. Uns achavam que os Estados Unidos não deviam ter-se intrometido no conflito, enquanto outros reclamavam o uso de armas nucleares contra a China. Acreditava-se que o general MacArthur estivesse entre os últimos.

O rosto de James estava sombrio, quando ele atravessou o saguão. Já tinha problemas suficientes com que se preocupar. Não podia inquietar-se com uma guerra que estava acontecendo a milhares de milhas de distância. Não tinha nada a ver com isso. Era o que pensava.

A manhã passou rapidamente, entre reuniões e telefonemas. Na hora do almoço, ele e Anthony foram comprar sanduíches, que comeram na sala de reuniões, enquanto falavam de negócios.

— Temos de falar com Carlson sobre a compra da estação de televisão — disse Anthony.

— Como está nosso crédito com os bancos?

— Alguns problemas, mas nada sério.

— Continuam a nos pressionar para apoiarmos a tal lista negra?

— Sutilmente. Falam em proteger a nação, mas não parecem entender o que isso significa.

James sacudiu a cabeça.

— Estão ficando assustados, todos eles. Com medo de serem obrigados a comparecer diante da tal comissão, acusados de terem dormido com Stálin.

Anthony riu.

— Vão acabar se acusando uns aos outros.

— E você? — perguntou James. — Está mesmo pensando em fazer essa viagem?

— Não vejo outra alternativa. Tivemos muita dificuldade em achar quem fizesse a cobertura da guerra, diretamente do local. Mandeí alguns elementos ao Japão, ex-soldados que sabem cuidar-se, mas preciso verificar isso pessoalmente. Uma vez instalados, acho que eles poderão estabelecer suas bases na Coréia.

— Parece simples — admitiu James. — Só espero que funcione.

— Você se preocupa demais. Pense em sua esposa e em seus filhos.

— Sim... os gêmeos... estão dando muito trabalho.

— E Matthew? Como está reagindo?

— Bem. Tranquilo como sempre, concorda com tudo, não dá nenhum trabalho.

— Você está se queixando?

— Não, claro que não. Mas, às vezes, gostaria de saber o que está se passando em sua cabecinha.

— Nada preocupante. Ele não vai ter problemas em aceitar os gêmeos.

James esperava que Anthony tivesse razão. Mas, à medida que os dias passavam, ia ficando cada vez menos convencido disso. Matthew não demonstrava ressentimento com a mudança de sua vida. Era agradável e consciencioso como sempre. Mas não fazia nenhum esforço para manter contato com os bebês. Evitava passar pelo quarto das crianças ou a oportunidade de segurá-los nos braços. Pedia para passar os fins de semana com Maggie e Anthony, que, embora preocupados com sua atitude, ficavam felizes com sua companhia.

Naquele último sábado de janeiro, James acompanhou-o, como fazia sempre, e voltou imediatamente para casa. O tempo estava frio, ameaçando nevasca. Parecia que o inverno estava determinado a durar para sempre.

Depois de ajudar Alexis com os gêmeos, ele fechou-se no estúdio para examinar uns papéis que trouxera do escritório. No meio da tarde, o pálido clarão que iluminava o céu cinzento desapareceu e James acendeu as luzes e fechou as cortinas.

Voltou a sentar-se à escrivaninha, inclinou a cadeira para trás e estendeu as pernas sobre a mesa. Dispunha-se a estudar o contrato para a compra de uma nova estação de televisão, quando o telefone tocou.

— Papai... — disse uma vozinha hesitante.

Ele deixou as pernas tombarem para o chão, imediatamente preocupado.

— O que foi, Matthew?

Seu filho demorou um segundo para responder, como se hesitasse em continuar.

— Tio Anthony recebeu um telefonema do sr. Gargano... Quando ele terminou de falar, parecia realmente triste. Disse algo a tia Maggie sobre o tio Paul... Acho que ele morreu...

— Meu Deus... — murmurou James.

Paul estava num destróier, ao largo da costa da Coréia, um dos lugares mais seguros, numa guerra que se travava quase totalmente em terra e no ar. Mas a experiência adquirida na guerra anterior ensinara-lhe que a idéia de segurança era ilusória. Bastava uma única bala ou um fragmento de granada para pôr fim a tudo.

— Eles foram para o quarto agora — continuou Matthew. — Mas acho que pretendem ir para o Brooklyn. E, antes disso, tio Anthony vai telefonar a você, porque alguém tem de tomar conta das crianças.

Matthew sufocou um soluço. Para ele, que controlava suas emoções de modo quase preocupante, isso equivalia a um grito de ajuda. James apertou o aparelho com força.

— Diga a eles que você já me telefonou e que eu estou a caminho.

Ele desligou e foi ao encontro de Alexis. Ela estava no quarto das crianças, com os gêmeos. Vestia um robe de veludo vermelho, e seus cabelos platinados tombavam-lhe pelos ombros. Estava mais encantadora do que nunca, mas ele não tinha tempo para contemplar seus encantos. Tão gentilmente como pôde, contou-lhe o que havia acontecido.

Alexis ficou pálida, e vacilou, como se fosse cair.

— Telefone de lá. Maggie pode precisar de alguma coisa.

— Vou trazer os meninos para cá. São muito pequenos para ficarem naquele ambiente de tristeza.

Alexis concordou e beijou-o levemente no rosto. Era um gesto de conforto, que logo se transformou em algo mais profundo. Longas semanas de abstinência sexual, somadas à triste lembrança de como a morte podia ser traiçoeira, abateram todos os propósitos de contenção.

Abraçaram-se e beijaram-se com sofreguidão. Ela se abandonou nos braços dele e abafou um gemido. Uma onda de desejo subjugou-a, ao sentir o corpo másculo de James de encontro ao seu. Voltaram a trocar um beijo alucinante, apaixonado, que os fez mergulhar numa frenética excitação.

Correndo nervosamente os dedos pelos cabelos, ele afastou-se a contragosto.

— Tenho de ir, amor...

Ela fez que sim, incapaz de falar, e sua mão tocou na dele, num apelo silencioso.

— Voltarei o mais depressa que puder — prometeu ele, abrindo a porta com relutância e caminhando para o elevador.

O tráfego estava melhor do que esperava. Fez o percurso à ilha em menos de uma hora. Maggie abriu-lhe a porta. Seu rosto estava pálido e abatido, e ele notou que ela estivera chorando.

— Entre... Anthony já vem. Temos de sair logo.

James tocou-lhe o braço com gentileza.

— Vou aprontar as crianças.

— Obrigada. Não estou em condições de pensar direito.

— Tudo bem. — Ele hesitou um instante. — É verdade, então?

Maggie apertou os lábios e confirmou com a cabeça.

James baixou os olhos tristemente. Vira Paul Gargano apenas algumas vezes, mas ficara impressionado com a inteligência e a sensibilidade do jovem. Ele sobrevivera à Segunda Grande Guerra e ao desembarque do Dia D, e parecia destinado a uma brilhante carreira acadêmica. Agora que havia morrido, sua esposa, grávida, teria de se arrumar como podia.

Antes de saírem, Anthony ajudou-o a acomodar as crianças no carro. Falaram-se pouco, ambos gratos à amizade que não tornava isso necessário.

— Comportem-se bem — disse Maggie a Tessa e a Joe Jr. A garotinha fez uma cara de choro. Já tinha quase cinco anos. Sentia que algo perturbador estava acontecendo, e queria ficar ao lado de seus pais.

— Vou com vocês — disse ela, determinada. Enquanto os adultos entreolhavam-se, incertos, Matthew adiantou-se e tomou-a pela mão.

— Vamos, Tessa. Deixarei você brincar com meus trens.

Tessa deixou-se adular. Seguiu-o docilmente e sentou-se ao lado dele, no banco de trás. Joe Jr. acompanhou a irmã sem problemas.

— Pode ser que tenhamos de ficar alguns dias em casa de meus pais — murmurou Anthony, enquanto James sentava-se ao volante.

— Não se preocupem com isso. E cuidem-se bem.

Maggie aproximou-se e passou o braço pelo do marido.

— Agradeça a Alexis por mim — disse, com suavidade.

Foi o que ele fez, ao chegar em casa. As crianças foram confortavelmente instaladas no quarto de Matthew, e, antes de deixá-los, Alexis disse:

— Se precisarem de alguma coisa durante a noite, chamem.

— Acho que não vamos precisar de nada. Não é, Tessa? — disse Matthew.

— Sim — concordou a garotinha, convicta.

— Estou com sede — disse Joe Jr.

— Você acabou de tomar um copo cheio de água! — espantou-se Matthew.

— Quero mais.

— Vou buscar para você — disse Alexis, conciliadora. Quando ela chegou com a água, Joe tomou-a em goles vagarosos.

— Já chega, agora? — perguntou.

O garotinho fez que sim com a cabeça e ela foi então para seu quarto.

— Tudo sob controle? — quis saber James.

— Assim parece.

— Matthew sabe como tratá-los.

Ela começou a desabotoar o robe.

— Sim... mas ele não se comporta como qualquer menino de sua idade.

— Devemos dar graças a Deus por isso.

— Ele age como se fosse um adulto. Isso me preocupa, às vezes.

— Você deve considerar que, nos primeiros cinco anos de sua vida, ele foi obrigado a se arrumar praticamente sozinho.

Alexis percebeu o tom de consternação na voz do marido.

— Você é um bom pai, James. Matthew não podia ter tido outro melhor.

James olhou-a com tristeza.

— Ele nunca pede nada... Ainda nem sei como me telefonou!

— Vê? Quando ele precisa de ajuda, sabe a quem recorrer.

— Não quero que ele fique constrangido por precisar de mim.

— Isso não vai acontecer. Matthew aprendeu a ser auto-suficiente desde cedo. Não é de se surpreender que relute em demonstrar que ainda depende de você.

— Se eu tivesse conseguido tirá-lo de Charlotte... — Ele interrompeu-se subitamente. Não queria aborrecê-la com seus problemas.

Alexis olhou-o, ansiosa.

— Não me deixe fora disso, James.

— Não pretendo deixá-la. Mas já é tarde. Estamos ambos cansados.

Ele pendurou o paletó no cabideiro e começou a tirar o cinto sem deixar de olhá-la.

Alexis apertou os lábios. Concordava com ele que não era o momento certo. Mas não lhe parecia justo que evitassem sempre os assuntos sérios.

— Isso está se tornando rotina, James. Ignorar os fatos, em vez de encará-los.

— Que fatos? — disse ele, começando a desabotoar a camisa.

— Minha volta ao trabalho, os gêmeos, Matthew... Quantas vezes falamos de coração aberto desde que nos casamos?

James suspirou fundo.

— Sei que está sendo tudo muito difícil para você. A doutora avisou-me...

— Avisou o quê?

— Nada, esqueça. Vamos dormir.

— Não sou mais uma criança, James.

Ainda dominado por suas próprias frustrações, ele foi rude.

— Tem certeza?

— Você está sendo injusto.

Ele deu um passo para frente, já arrependido.

— Desculpe-me, Alexis. Não pretendia magoá-la. A dra. Spencer disse que você passou por momentos difíceis e que eu deveria poupá-la ao máximo.

— Mas faz cinco semanas que eu dei à luz!

— E dois dias... — Ele suspirou.

Seus olhos se encontraram. Os dele escuros de pesar, os dela cheios de compreensão.

— É por isso que você não se atreve a me tocar?

James desviou a vista e cerrou os maxilares, diante da onda de desejo que o assaltou.

— Imaginei que fosse evidente.

Ela riu.

— Não para mim. Estava começando a alimentar certas suspeitas.

— Como assim? — perguntou ele, intrigado.

— Pensei que não estivesse mais interessado em mim.

— Que loucura!

— Talvez... mas até esta tarde você não tinha dado nenhum sinal de que pensava de outra forma. — Com suavidade, ela acrescentou: — Faz meses que não nos tocamos.

— Tinha medo de machucá-la!

Alexis riu, diante da hesitação dele.

— Sinto muito, mas acho que você esteve se preocupando sem motivo.

— Sem motivo?! Eu estava lá, quando os gêmeos nasceram. Vi o que você passou.

— O que passou, passou. Estou bem, agora.

— A doutora disse...

— Esqueça a doutora! Meu corpo diz que estou bem.

James queria desesperadamente acreditar nela.

Olhou-a. As faces rosadas, os olhos lançando chamadas, as narinas vibrando sensualmente, ela era uma tentação. A camisola de seda acentuava-lhe sedutoramente as curvas do corpo, colava-se aos seios, formava uma sombra sobre o triângulo de pêlos escuros.

— James... Esta tarde eu tive a impressão de que você queria fazer amor comigo. Estava enganada?

Ele a fitou com adoração.

— Não, não estava. Mas...

Ela o olhou com malícia.

— Sabe que é um homem muito frustrante? — murmurou, terminando de desabotoar a camisa dele.

— Eu?... — disse ele, ofegante, enquanto Alexis se aconchegava mais.

— Quem mais poderia ser? — Ela introduziu a mão por dentro da camiseta. — Por que está usando isto?

— Fazia frio...

— Vamos tirá-la.

Ela o ajudou a despi-la e então arremessou-a aos pés da cama. Passando as palmas das mãos pelo peito largo, murmurou:

— Assim está melhor...

James abraçou-a com força. Acariciou-lhe lentamente as costas, dos ombros à cintura, e depois para baixo, até alcançar-lhe as nádegas firmes. Sustentando-as nas mãos, puxou-a contra si; seu sexo reagiu de imediato.

— Ainda está em tempo... — murmurou, com voz rouca.

— Tem certeza de que está querendo, mesmo?

— Não pensei em outra coisa nestes dois últimos meses.

— Eu também.

— Então, o que estamos esperando?

Ele a ergueu nos braços e ela riu, deliciada.

— Sinto-me como Scarlett O'Hara!

— Pena que não haja uma romântica escadaria.

— Está ótimo assim. Não gostaria que você se cansasse antes de começar.

James a depôs aos pés da cama e ela abaixou a alça da camisola.

— Não quer apagar a luz do abajur?

Ele estranhou. Alexis sempre gostara de fazer amor em plena claridade. Mas contentou-a, enquanto ela abaixava a outra alça da camisola, que lhe caiu suavemente aos pés.

Ele tomou-a nos braços e sentiu-a tremer.

— Está com frio?

— Não... não exatamente.

— Está... assustada?

— Também não — murmurou ela, com o rosto escondido no peito dele.

James afastou-se um pouco, tentando decifrar-lhe a expressão. Era muito importante entender o que se passava com ela.

— Fale, Alexis. Diga o que a preocupa.

— Nada — disse ela, rápido demais. — Não estou com vontade de falar.

— Mas você não disse que devíamos encarar os fatos e não ignorá-los?

— Isso foi antes. Agora...

Ele riu, invadido por súbita ternura. Alexis era habitualmente tão forte e controlada que deliciava-o vê-la comportar-se como uma menininha de colégio.

Ela interpretou mal sua risada. Afastou-se e enfiou-se rapidamente debaixo das cobertas.

— Acho que estou cansada.

James percebeu que ela ficara magoada. Acabou de despir-se em silêncio e deitou-se ao seu lado.

— Não vou permitir que se comporte dessa maneira comigo.

— Deixe-me. Estou cansada.

Ele respirou fundo.

— Tessa não seria tão infantil assim.

— Hum...

— Diga: que foi que eu fiz?

— Você riu de mim.

— Sua bobinha... Ri porque estava feliz.

Alexis voltou-se lentamente para ele.

— Verdade? Quero que seja feliz.

— Eu também quero que você seja feliz.

Ele rolou na cama, colando seu corpo ao dela.

— Seus pés estão frios — queixou-se ela.

— Os seus também.

James esfregou-lhe vigorosamente o corpo nu, até senti-lo aquecer-se sob suas mãos.

— Alexis... não espere que seu corpo reaja como antes do parto.

— Eu... mas...

— Podem ter ocorrido mudanças.

— Estou mais gordinha — disse ela, tristemente.

— Você está linda! — afirmou ele.

— Não. Meu ventre ainda está um pouco protuberante.

James correu os dedos de leve, do estômago até suas coxas.

— Tentadora...

— Não brinque.

— Não estou brincando. O que mais mudou? Não, não diga! Quero descobrir por mim mesmo — disse ele, tomando-lhe os seios nas mãos.

Alexis suspirou de prazer; seus mamilos arrepiaram-se no momento em que sentiram o toque dos dedos dele.

— Não se importa que eu os toque? — perguntou ele. — Você está amamentando.

— Não... eu quero dizer... mas não importa.

Quando ele fechou a boca em torno de um mamilo, sugando-o levemente, o leite começou a fluir, doce e quente, em sua língua. Era uma sensação que jamais experimentara de prazer e culpa ao mesmo tempo. Mas não se deteve e continuou a sugá-los delicadamente, primeiro um, depois o outro.

— Ah, Alexis... — murmurou ele, quando finalmente ergueu a cabeça. — Que gostinho bom!

Uma onda de paixão explodiu dentro dela. Arremessou as cobertas para um lado e, com um ímpeto selvagem, apertou-se mais fortemente contra ele.

— Que guloso... — sussurrou, rouca. — Pensei que não fosse parar mais.

Gentilmente, as mãos dele separaram-lhe as pernas.

— Deixe-me mostrar-lhe quanto gostei.

CAPÍTULO XI

James estava sentado na cama, com os travesseiros nas costas. A brasa vermelha do cigarro iluminava-lhe de leve o rosto. Na escuridão, seus olhos eram quase luminosos.

O silêncio era rompido apenas pelo tique-taque do relógio de cabeceira e pela respiração calma de Alexis. Ela não estava dormindo.

Ele não esperava que estivesse, considerando o que havia acontecido. Mas não podiam ignorar os fatos. Precisavam conversar. Se ele soubesse como começar, ao menos...

— Alexis?...

— Sim? — A voz dela tremia. Era a voz de alguém que não queria chorar.

— Sinto muito.

— Não diga isso. Não foi culpa sua.

— Devia ter percebido logo que algo não ia bem.

— Você percebeu. E parou.

Ele girou o corpo e apagou cuidadosamente o cigarro no cinzeiro em cima da mesinha.

— Era cedo demais, não?

— Suponho. — Ela virou a cabeça para o outro lado. — De qualquer modo, o assunto está encerrado. Vamos esquecer.

Ele ficou exasperado. Não queria ser posto de lado, como se o que tivesse acontecido não fosse importante.

E mais: ressentia-se da relutância dela em aceitar seu conforto. Estendeu a mão, querendo tocá-la, mas deixou-a cair logo em seguida.

— Magoei você.

— Eu magoei a mim mesma, querendo voltar à vida normal antes do tempo.

— Havia outras coisas que podíamos ter feito.

— Você sabe que teria sido apenas unilateral. E eu não gosto disso.

James sabia que ela não gostava, embora nunca tivessem falado nisso. Naqueles anos de vida em comum, ensinara-lhe a desfrutar o prazer que ele lhe proporcionava de várias maneiras. Mas nunca a encorajara a tomar a iniciativa. Fora tentado, em algumas ocasiões, mas se lembrara de que sua esposa era uma dama, não uma prostituta, e não precisava usar esses artifícios.

Alexis, no entanto, pensava de outra forma. Sentira a necessidade de uma satisfação sexual, naquela noite, mas não quisera aceitá-la sem proporcionar a James o mesmo prazer. Outra alternativa qualquer iria fazê-la parecer suplicante demais. Isso, mais do que tudo, havia sido a causa da falta de intimidade que houvera entre eles, no final da gravidez. E agora sentia que

deveria ficar presa ao mesmo constrangimento por mais algumas semanas. Até que seu corpo se recuperasse totalmente.

James acendeu outro cigarro e encostou-se nos travesseiros. Alexis queria que ele dissesse alguma coisa, mesmo que fosse para criticá-la. Mas um estranho silêncio caiu sobre o quarto.

Foi com um sentimento de alívio que ela ouviu James Jr. choramingar. Isso lhe deu um pretexto para sair do quarto, sentindo, de repente, que só queria fugir dali.

Uma semana após a morte de Paul, a viagem à Coréia voltou a ser debatida.

— Não posso ir agora — disse Anthony, com os cotovelos apoiados na escrivaninha e a cabeça entre as mãos. — Meus pais não poderiam agüentar esse sofrimento sozinhos. Isso sem falar em Maggie, que ficou muito abalada.

Sua voz era cansada, e até seus olhos escuros, habitualmente muito límpidos, estavam enevoados.

— Claro, Anthony, concordo com você — disse James. — Tem de ficar aqui e ajudar a sua família.

— É uma pena, porque essa é a chance que estávamos esperando para passar à frente de nossos concorrentes — Anthony sorriu tristemente. — E bem que estamos precisando disso, se quisermos contar com a boa vontade dos banqueiros.

James fitou-o. Seu sócio tinha razão. Precisavam fazer alguma coisa nesse sentido. Os bancos não iriam tolerar por muito mais tempo a política anti-colaboracionista da IBS.

— Há uma outra solução — disse James calmamente.

— Qual?

— Vou eu em seu lugar.

— Você? E Alexis... os gêmeos?

— Não é a solução ideal, mas não vejo outra.

— É uma missão perigosa. Pode ficar ferido.

— Tão perigosa para mim quanto para você. Além do mais, sou o “Gato Callahan”. Lembra-se?

James riu do ar de surpresa de Anthony.

— Você pensou que eu não soubesse como os meus companheiros de armas me chamavam? Costumavam dizer que eu tinha nove vidas e, levando-se em conta certas situações, confesso que eles tinham razão.

— Talvez... — concedeu Anthony lentamente. — Mas por que abusar da sorte?

James baixou os olhos. Conhecia muito bem seu amigo e sabia que podia confiar totalmente nele.

— Acho que é uma boa idéia ficar longe de casa por uns tempos.

Anthony hesitou um momento, antes de perguntar:

— Algo não vai bem?

James encolheu os ombros.

— Você sabe como é...

— Acho que sei... Ter filhos é mais complicado do que muita gente imagina.

— Pois é...

— Se servir de consolo, saiba que, depois de algum tempo, tudo volta à normalidade.

James suspirou.

— Assim espero. Mas, enquanto isso, uma pequena separação só pode nos fazer bem.

Ele olhou pela janela. Dava para ver as pessoas andando apressadas, com o corpo curvado para a frente na ânsia de enfrentar a força do vento. Mais neve era prevista para aquela noite. O mês de fevereiro era sem graça em Nova York.

— Então, devo ir de avião até Los Angeles e de lá a Tóquio. Quanto tempo você acha que deverei ficar por lá?

— Não mais do que alguns dias. E talvez umas duas semanas na Coreia.

— Quer dizer que estarei de volta no fim do mês.

Até lá, Alexis estaria bem novamente e o relacionamento deles voltaria ao normal.

Quando James lhe contou a mudança de planos, ela não demonstrou nenhuma surpresa. Trocaram idéias e ela concordou que não havia outro jeito. Embora não quisesse admitir, estava intimamente convencida de que era bom que ficassem algum tempo separados. Precisava de uma oportunidade para pensar por si mesma, sem sofrer a influência de James. A simples presença dele era suficiente para levá-la em direção muitas vezes diametralmente oposta à que ela desejava.

Na noite anterior à sua partida, ajudou-o a fazer as malas. Riram juntos do uniforme de campanha usado na Segunda Grande Guerra.

— O que é isto? — perguntou ela, tirando um capacete do fundo do armário.

Ele olhou-o saudosamente.

— Isso me traz muitas recordações. Está vendo esses dois buracos, um de cada lado do capacete? Aconteceu nos arredores de Manila. Estávamos lutando havia dias, e eu e Anthony resolvemos nos abrigar numa toca para descansar um pouco. Eu estava cora uma enorme dor de cabeça. Tirei o capacete e coloquei-o no topo de minha baioneta.

Ele sorriu, enquanto lembrava.

— Acordei no meio da noite, pensando que estava no inferno. Tínhamos nos metido numa toca que ficava exatamente entre a linha japonesa e a nossa. Foi só no dia seguinte que eu notei os buracos.

Alexis riu da história, mas seus olhos continuaram sérios. Percebeu, de repente, que James podia correr perigo na Coreia. O sorriso dele desvaneceu-se, ao notar-lhe a expressão sombria.

— O que foi, amor?

— Nada. É que... tome cuidado, sim?

— Claro que tomarei. E estarei de volta antes que você se dê conta de minha partida.

Alexis acreditava piamente nele. Achava impossível que um homem tão determinado em conseguir o que queria deixasse a guerra interferir em seus planos. Ele estaria de volta dentro de três semanas. Até lá, esperava ter resolvido sozinha como conciliar seus deveres de boa mãe com outros aspectos de sua vida: sua carreira e seu casamento.

James saiu cedo na manhã seguinte. Telefonou-lhe de Los Angeles, dizendo que a viagem transcorrera sem problemas e que estava na iminência de partir para Tóquio. Alguns dias depois, enviou-lhe uma carta da capital japonesa, em que comentava a rápida reconstrução do país, após a devastação pela guerra. Demonstrava-se particularmente impressionado com a coragem e a determinação dos homens de negócios japoneses.

“Todos julgam made in Japan sinônimo de sucata”, escrevia James. “Mas essas bugigangas que eles estão fazendo agora é apenas o começo. Na verdade, estão construindo as bases de uma indústria séria, voltada especialmente para os setores siderúrgico, eletrônico e, acredite ou não, automobilístico. Eles acham que podem competir com Detroit. O que me impressionou é a vontade que manifestam de aprenderem conosco.” E concluía: “Não vai demorar muito e teremos pela frente um concorrente poderoso”.

Quando Alexis recebeu a carta, ele já estava a caminho da Coréia, com um time formado por correspondentes e por cameramen que recrutara em Tóquio. Soubera que um velho companheiro de armas, um australiano chamado John Dylan, era adido das Nações Unidas e esperava encontrar-se com ele.

— John vai lhe dar as informações certas — disse Anthony, quando ficou a par do que James pretendia. — Não esse pasticho que a imprensa tenta nos impingir.

— É duro mesmo para os rapazes da imprensa enfrentarem os acontecimentos com coragem — observou Alexis mansamente.

Seul estava nas mãos do inimigo e não havia planos imediatos para tentar recapturá-la. O Oitavo Exército estava em marcha, mas a obstinada resistência comunista tornava lento seu progresso. A guerra que muitos acreditavam que terminaria em questão de dias estava para completar um ano. E não havia nem sinal de uma vitória aliada. Ao contrário. Acreditava-se que um cessar-fogo de ambas as partes era o melhor resultado que se podia esperar.

Percebendo o que ia pela mente de Alexis, Anthony sorriu tranquilizadamente.

— James está bem. Ele sabe como se cuidar.

Ela queria acreditar nisso ardentemente. Não imaginara que a partida inesperada de James fosse angustiá-la tanto. Haviam estado separados outras vezes devido às viagens de negócios, sem que ela tivesse sentido tamanha preocupação ou um vazio tão grande.

Dessa vez era diferente. Os dias transcorriam mais ou menos rotineiramente; ela ocupava-se com Matthew e os gêmeos. Mas as noites eram longas. Ficava acordada na grande cama de casal, desejando o calor do corpo de James, o conforto de seus braços e de suas carícias.

Para afastar-se dessa angústia, começou a pensar seriamente numa idéia que estivera no fundo de sua mente desde o nascimento das crianças. Embora os laços que a uniam a seu pai fossem tênues, não podia negar-lhe algum contato com os netos. Escreveu-lhe um bilhete falando-lhe dos gêmeos e incluiu uma fotografia deles.

Transcorrida uma semana, recebeu uma enorme caixa da F.A.O. Schwartz, a sofisticada loja de brinquedos da Quinta Avenida, que continha dois grandes ursos de pelúcia. O cartão que os acompanhava dizia apenas;

“Para meus netos”.

Dois dias depois chegou uma carta da firma de advocacia da qual Charles Brockton se servia havia várias décadas. O advogado informava-a de que havia sido estabelecido um fundo substancial em nome de Amanda e de James Jr. A soma envolvida deixou-a atônita. Era uma contradição com o antigo propósito de seu pai de conservar toda a fortuna da família para Graham.

Mas não teve tempo para pensar nisso, diante da avalanche de notícias que chegavam sobre uma nova ofensiva prestes a ser desencadeada na Coreia. O general MacArthur achara oportuno fazer uma declaração a esse respeito, apesar dos perigos que essa quebra de sigilo pudesse acarretar.

Não obstante os receios, a ofensiva foi efetivamente desencadeada tal como havia sido planejada. E teve início com duas divisões do Oitavo Exército atacando o inimigo através do rio Han.

Era a oportunidade ideal para uma transmissão televisiva dramática, à altura do momento. E James não hesitou em tirar partido disso. Em poucos dias, ele armou um esquema eficiente para revelar os filmes a bordo dos aviões que se destinavam a Nova York. Mensageiros de motocicleta apanhavam o material no Aeroporto de Idlewild, transportavam-no a toda velocidade para o centro operacional da IBS e as cenas eram imediatamente levadas ao ar. Uma semana após o desencadeamento da Operação Killer, como era chamada a nova ofensiva, os telespectadores puderam assistir às cenas tomadas diretamente no campo de batalha.

Era um feito extraordinário, e os índices de audiência da IBS bateram todos os recordes, exatamente como acontecera com a cobertura da apuração das eleições. Só que desta vez a proeza fora muito maior. Ao assistir ao noticiário, Alexis não pôde deixar de se impressionar com a ferocidade da luta. E atormentou-se com a idéia de que James pudesse estar no meio daquela carnificina, expondo-se continuamente ao perigo.

Para piorar ainda mais as coisas, ele decidiu prolongar sua estada na Coreia, para que a cobertura da batalha não sofresse nenhuma interrupção. Não sabendo exatamente quando ele voltaria, as longas noites de Alexis transformaram-se em angustiosas horas de espera.

Até que um dia tudo aquilo se transformou num pesadelo. Jornalistas cercavam o apartamento do Central Park, batendo fotografias e querendo declarações. Anthony, Maggie e toda a equipe da IBS estavam lá. Havia até alguém do Departamento de Estado e uma pessoa do Pentágono.

Alexis ouvia-os através da nuvem de aflição que a envolvera desde o momento em que soubera que James fora declarado desaparecido em ação. Ele havia ido visitar antigos camaradas da Primeira Divisão dos Fuzileiros Navais, sediados perto de Hoeng-song, quando sobreviera um ataque de surpresa. Acreditava-se que ele deixara sua câmera de lado e fora prestar auxílio a um pelotão sitiado. Na confusão da batalha, ninguém percebera o que havia acontecido com ele.

— Isso não quer dizer que ele tenha morrido — afirmou Anthony. — Há inúmeras outras possibilidades.

Alexis ficou calada. Ajeitou a saia sobre os joelhos, cruzou as mãos sobre o colo e fitou-os com olhos inexpressivos.

Mas nem Anthony nem Maggie deixaram-se enganar. Conheciam-na bem demais para perceber o que havia por trás daquela aparente calma exterior.

Anthony inclinou-se ansiosamente para frente.

— Os campos de batalha são um caos completo. Ninguém pode ter certeza do que está acontecendo, no calor da luta. Talvez James esteja simplesmente perdido. Não seria nada impossível se o víssemos aparecer de um momento para o outro.

— Eu sei que James não está simplesmente perdido. Algo de mais sério deve ter-lhe acontecido.

Ninguém precisava enunciar as possibilidades. James podia estar morto e seu corpo tão mutilado a ponto de não permitir a identificação. Ou podia ter sido capturado pelo inimigo. Alexis não sabia dizer qual dessas suposições era a pior: se a morte, com sua irremediabilidade, ou se o cativo, com sua carga de sofrimentos contínuos.

A esperança sustentou-a através dos dias e das semanas que se seguiram. Armou-se de uma coragem contra o sofrimento e prosseguiu vivendo. Passada a excitação inicial, os repórteres deixaram-na finalmente em paz. Os homens do Pentágono telefonavam-lhe de vez em quando, pondo-a a par de seus esforços.

Maggie e Anthony davam-lhe um apoio constante, mas não podiam aliviá-la da carga de preocupação e sofrimento. Quando em abril ela anunciou sua decisão de voltar ao trabalho, ninguém se surpreendeu. Sabiam que, na ausência de James, cabia-lhe tomar suas próprias decisões.

Duas semanas depois de seu anúncio, ela começou a trabalhar. Mergulhou na rotina da IBS com tanta naturalidade que era como se nunca tivesse saído de lá. A única diferença era que, agora, ela não passava diante do escritório de James, que permanecia fechado e inalterado, à espera de que ele voltasse.

Em maio houve um breve renascer de esperança: o Departamento de Estado anunciou que estava investigando a possibilidade de James ter, caído nas mãos do inimigo. A pesquisa acabou dando em nada, mas as sondagens diplomáticas prosseguiram.

Em junho, Alexis recebeu um bilhete de Delia Follett. A jovem estrela dizia-lhe que estava rezando por James e que tinha certeza de que ele estava vivo. Finalizava contando que se haviam encontrado em Los Angeles, e que James estava muito feliz com o nascimento dos gêmeos.

Alexis leu o bilhete várias vezes, presa de sentimentos contraditórios. Queria ver apenas o lado melhor de James, especialmente naquelas circunstâncias. Mas não podia sufocar o temor de que ele pudesse ter procurado em Delia a satisfação que ela, como esposa, fora incapaz de lhe dar.

Procurou não pensar mais no assunto e, à medida que o verão avançava, esforçava-se para conciliar seu trabalho com a responsabilidade de ser o único amparo de sua família.

Enquanto isso, a onda de pânico contra os comunistas alastrava-se cada vez mais. Uma ótima classificação em níveis de audiência e altos padrões de qualidade conferiam à IBS uma certa imunidade, mas a tornavam também um alvo cada vez mais tentador para os declarados superpatriotas.

Em julho, uma epidemia de pólio alastrou-se pelo país. Matthew adoeceu, apresentando sintomas alarmantes: febre alta e rigidez da nuca. Alexis levou-o para o hospital no meio da noite, onde ele permaneceu internado, em observação. Felizmente, tudo não passou de um susto, mas, enquanto o diagnóstico não foi confirmado, ela passou várias noites sem dormir.

De volta ao escritório, após vários dias de ausência, soube que os boatos que davam a IBS sob investigação haviam incitado o chefe da equipe de notícias a deixar seu cargo, junto com outros repórteres.

— Precisamos achar um substituto com a maior urgência — disse Anthony, que, pela primeira vez, parecia mais velho do que realmente era. — Caso contrário, isso pode ser o início de uma debandada geral.

Alexis concordou.

— Vou resolver isso — prometeu. — Vá para casa e descanse. Você está precisando. Agüentou tudo sozinho, nestes últimos dias. Deve estar exausto.

Quando ele saiu do escritório, ela olhou para o telefone durante vários minutos, pensando nas alternativas de que dispunha. Ficou quase aliviada ao perceber que não havia muitas. Então, sem hesitar, pegou o aparelho e discou o número de Winston Harcourt.

PARTE II

1952 — 1963

CAPÍTULO XII

— Precisamos de um novo programa para as terças-feiras, entre oito e nove horas da noite — disse Alexis. — Tudo o que tentamos até agora não deu certo.

Anthony recostou-se na cadeira e flexionou os músculos. Era tarde e ele estava cansado. Olhando pela janela, notou que o tráfego já estava começando a ficar congestionado. Resignado, voltou sua atenção para os negócios.

— Iremos nos confrontar com o programa de maior audiência no momento: o “Milton Berle”. Vai ser uma batalha.

— É verdade. Mas eu não posso acreditar que a IBS não tenha nada melhor para oferecer do que “Qual é a Música?” ou “Resenhas Esportivas”.

— Você não está pensando em retirá-los do ar, está? São ambos programas de boa aceitação.

Ele estava calculando mentalmente o custo de um novo programa de uma hora de duração. A quantia astronômica provocou-lhe um frio na boca do estômago.

— Não. São realmente bons programas. Mas teriam melhor chance se fossem apresentados em outros horários — afirmou Alexis.

— Muito bem... suponha que resolvamos fazer algo novo. O que você tem em mente?

Ela sorriu com simpatia, ao encontrar seu olhar cauteloso. Ele tinha motivos para estar preocupado. Pela primeira vez, desde sua fundação, os lucros da IBS começavam a diminuir. Vários clientes haviam retirado o seu patrocínio, coagidos pelos elaboradores das listas negras. Até que fossem substituídos, se é que seriam, os riscos deviam ser reduzidos ao mínimo.

— Não fique tão preocupado. Não vai ser nada tão assustador. O que tenho em mente é um noticiário de meia hora de duração.

Anthony endireitou-se e fitou-a, atônito.

— O quê?...

— Você me ouviu. Acho que chegou o momento de os noticiários merecerem mais atenção.

— Alexis... isso parece ótimo em teoria. Mas se trata de conquistar audiência. Você quer comparar uma monótona exposição de notícias com um programa tão vibrante como o “Tio Miltie”?

Ela suspirou.

— Mas não estou me referindo a um noticiário convencional. Estou pensando em algo vigoroso, excitante, um programa que interesse o público, em vez de apenas diverti-lo.

— E você disse que isso não custaria muito dinheiro... — suspirou Anthony. — Bem que estamos precisando de um milagre.

Alexis olhou-o afetuosamente. Anthony era realmente um anjo. Provara isso no decorrer daquele ano, quando estavam fazendo tudo o que era possível para manter a companhia de pé sem James. Mas as dificuldades eram imensas. De sua parte, ela quase agradecia o trabalho exaustivo, porque mantinha sua mente ocupada. Para Anthony, entretanto, era diferente. Ele tinha outra vida fora da IBS.

— Vou fazer um resumo dos meus planos e você poderá estudá-lo no fim de semana. Voltaremos a falar nisso na segunda-feira.

— E por que não agora? — sugeriu ele. — Você deve estar ansiosa por começar.

— Podemos esperar mais alguns dias. Além disso, você parece cansado.

Sombras arroxeadas circundavam-lhe os olhos, e as linhas profundas que vincavam os cantos de sua boca não existiam um ano antes. Ela sabia que, mais do que às dificuldades do trabalho, eram devidas à mágoa de James ter ido para a Coreia em seu lugar.

Ele esboçou um sorriso resignado.

— Houve tempo em que eu podia trabalhar durante dias seguidos sem me cansar.

— Todos nós mudamos.

Ela também mudara. O sofrimento deixara suas marcas. Suas faces estavam encovadas e muito pálidas, dando a impressão de que passava as noites em claro e de que se alimentava mal. O ar de melancolia estampado em suas feições não a abandonava nunca, apesar de seus esforços para dominar-se.

Pelo bem de seus filhos, especialmente de Matthew, tentava esconder sua dor e o peso de sua solidão. Mas a ferida ainda sangrava. Sentia terrivelmente a falta de James. Ele ocupava seus pensamentos desde o instante em que despertava até o momento em que conseguia cair num sono vacilante. Aí, então, ele enchia os seus sonhos.

Os homens do Pentágono e do Departamento de Estado continuavam a manter contato com ela. Inicialmente, haviam alimentado esperanças, porque James era um ex-fuzileiro e muito experiente no campo de batalha. Mas, com o passar do tempo, nem eles podiam esconder a crescente convicção de que ele morreria.

— Seu marido é um homem muito importante, sra. Callahan — dissera um deles, seis meses depois de James ser dado como desaparecido. — Se os comunistas o tivessem em suas mãos, haveriam de tirar partido disso.

— De que modo?

O homem hesitara, antes de dizer:

— De vários modos. Poderiam oferecê-lo em troca da devolução dos prisioneiros que estão em nosso poder, ou então tentar convencê-lo a fazer declarações pró-comunistas.

— James nunca faria isso!

— Ele não haveria de querer, mas...

Alexis já ouvira falar em lavagem cerebral e sabia o que isso significava. A visão de James nessas condições atormentava-a, mas não lhe retirava a esperança de que ele podia estar vivo.

Depois que Anthony saiu, ela aprontou-se para fazer o mesmo. Estava cansada, fraca. Seu estômago reclamava, sua única refeição havia sido o café da manhã que tomara em companhia de Matthew.

Ao pensar no enteado, sacudiu a cabeça, desanimada. Esperava que, na ausência do pai, ele se aproximasse mais dela. Mas Matthew parecia mais distante do que nunca. Sentia-se à vontade apenas com Anthony e Maggie, e ainda assim não completamente.

Graças a Deus, os gêmeos eram ainda muito pequenos para terem idéia do que estava acontecendo. Amanda era alegre e dada, ao passo que Jamie continuava resmungão e pouco sociável.

Ao chegar em casa, eles já estavam dormindo serenamente, parecendo dois anjos à meia-luz do quarto. Sua garganta cerrou-se e ela desejou que James estivesse ali para compartilhar dessa felicidade. Queria poder encostar a cabeça no ombro dele, sentir seu braço em volta da cintura e saber que não estava sozinha.

Em vez disso, haveria apenas uma cama vazia e mais uma noite de solidão.

Ao passar pelo quarto de Matthew, viu que a porta estava fechada. Havia um aviso pendurado na maçaneta: “Instalação altamente secreta. Fique longe!” Alexis sorriu. Às vezes, ele comportava-se ainda como um garotinho. Abriu a porta silenciosamente e entrou.

Matthew dormia num abandono que nunca mostrava, quando estava acordado. Ele era alto para sua idade e prometia ser forte e vigoroso. Mas, no sono, suas feições ainda conservavam a suave forma infantil. Cuidadosamente, para não acordá-lo, Alexis arrumou-lhe as cobertas. Ao inclinar-se, seus olhos fixaram-se na fotografia que estava na mesinha-de-cabeceira.

Era o retrato de James, em Manila, pouco antes do final da guerra. Ele vestia o uniforme dos fuzileiros e estava encostado no tronco de uma árvore. Não usava quepe, e seus cabelos escuros pareciam desmanchados por uma brisa invisível. A câmera captara seu sorriso insinuante e o brilho de seus olhos, que sugeriam promessas. Ele parecia forte, capaz, cheio de vida.

Alexis passou o fim de semana com os gêmeos e a governanta. Matthew estava na casa de um colega que morava nas vizinhanças e ela aproveitou as horas livres para examinar os documentos que trouxera para casa.

Ao contrário do que fizera na IBS, ela começara a usar o estúdio que James instalara no apartamento. Nada fora tocado, no entanto. Seus livros e seus papéis estavam ainda onde ele os deixara. Em cima da escrivaninha havia um cinzeiro, um maço de cigarros aberto e dois porta-retratos. Um duplo, com as fotos dos gêmeos e de Matthew, e outro simples, com a fotografia de Alexis. Nele, ela parecia uma jovem alegre e descontraída, bem diferente da mulher melancólica em que se transformara.

Tinha de fazer alguma coisa, e rapidamente. Não podia continuar vivendo o dia-a-dia apenas, sobressaltando-se todas as vezes em que o telefone tocava, com os olhos buscando ansiosamente todos os homens altos e morenos que via nas ruas.

Seu coração insistia em dizer que ele estava vivo, e provavelmente sentiria isso até que ela tivesse provas em contrário. Mas, lenta e dolorosamente, sua mente começava a pensar de outro modo.

— Você parece cansada — disse Winston dias depois, quando foi buscá-la para jantar.

Haviam passado a sair juntos, logo depois que ele começara a trabalhar na IBS como apresentador do noticiário noturno. Não havia nada de romântico nessas saídas, pelo menos no entender de Alexis. Winston era um bom amigo, um dos poucos capazes de penetrar no seu isolamento emocional, e ela sentia-se bem em sua companhia.

— Foi uma semana dura — explicou ela, enquanto saboreavam a lasanha de um pequeno restaurante italiano no West Side. — Estamos sob a pressão constante da CIAA, sem falar na do artilheiro Joe.

A Comissão Investigadora das Atividades Anti-americanas já era bastante agressiva, segundo o parecer de Alexis. Não precisava da assistência do intransigente senador por Wisconsin, Joe McCarthy, que estava se tornando um mestre na exploração dos temores de seus compatriotas.

Ela ficara mal impressionada com o homem. Encontrara-o algumas vezes, em reuniões de políticos, e observara-o a distância. Estava convencida de que os boatos que corriam, tachando-o de bebedor inveterado, eram verdadeiros. Seu olhar fixo e o tremor de suas mãos eram altamente significativos.

E era num homem desse calibre que muitos viam a solução ideal de um dos problemas mais complexos e desafiadores com que o país se defrontava: a preservação da liberdade sem o seu enfraquecimento.

— Há um princípio moral envolvido nisso — disse Winston, enquanto enchia os copos de vinho.

Seu rosto agradável, queimado de sol, e seus maxilares fortes inspiravam confiança, assim como seus expressivos olhos esverdeados. Seus cabelos eram prematuramente grisalhos, mas ele ria disso, sabendo que era a combinação de juventude com austeridade que fazia seu sucesso. Confiante sem ser arrogante, era um homem que, aos trinta e cinco anos, havia definido suas metas e que estava prestes a alcançá-las.

— Você acha que o povo deste país tem o direito de proceder à sombra da lei? — perguntou ele calmamente. — E o Estado é o governante desse povo ou o seu servo? A decência humana e a honestidade têm lugar, num mundo onde o homem é o lobo do homem?

— Tenho a impressão de que a maioria acredita sinceramente na democracia, mas tem medo de que isso nos torne alvo fácil de um sistema totalitário.

— Se vivermos sempre com esse medo, estaremos automaticamente derrotados.

Ela riu e tomou um gole de Chianti.

— Acho que as coisas não chegaram ainda a esse ponto. Se algumas pessoas de peso se erguerem contra essa histeria coletiva, essa fase poderá ser superada.

— Não é isso o que estamos tentando fazer na IBS?

— Sim... mas não com suficiente vigor. Precisamos discutir esse ponto.

Atenta ao que ia dizer, Alexis notou apenas vagamente que a atenção de Winston estava presa mais aos seus lábios do que às suas palavras.

— O problema é que fomos reticentes demais, ao falarmos no que realmente acreditamos — continuou ela. — A nação precisa fazer um ato de contrição, antes que seja tarde demais.

Winston olhou-a com curiosidade.

— Você tem algo em mente?

— Sim. Um noticiário mais longo, onde se comentasse com clareza e simplicidade as principais notícias do dia. Sem polêmicas e sem emitir opiniões: apenas palavras concisas e imagens.

— Já fazemos isso no noticiário noturno.

— Você sempre disse que quinze minutos eram pouco. Estou pensando num noticiário de meia hora, uma vez por semana, para tratarmos dos fatos importantes com profundidade.

— Pensei que você estivesse fazendo planos para um noticiário de uma hora de duração.

— E estou... mas temos de ser realistas. Não daria certo, a menos que possamos conquistar uma boa audiência, telespectadores que esqueçam o “Tio Miltie”. Assim, pensei em levar ao ar meia hora de um “Resenhas Esportivas” reformulado, seguido de mais meia hora de noticiário.

— Grande! O mesmo tempo para bombas atômicas e jogos de futebol!

Alexis riu gentilmente de sua queixa.

— Ninguém disse que seria fácil. Além do mais, o único noticiarista realmente sério que tem meia hora de programa é Edward R. Murrow. Você estará em boa companhia.

A simples menção do lendário repórter da CBS foi suficiente para fazer Winston endireitar-se na cadeira.

Ele não fazia segredo de que o famoso noticiarista era o seu modelo.

— Bem... se tivermos um bom comentarista esportivo para servir de contraponto, talvez não seja má idéia. Você já pensou em alguém?

— Ainda não falei com Anthony. Mas acho que o irmão dele, Dom, seria a pessoa certa.

Winston torceu o nariz. Não lhe agradava a idéia de um comentarista esportivo novato abrindo uma programação que ele já considerava vitoriosa. Mas, como a televisão fazia parte do mundo dos espetáculos, onde tudo podia acontecer, conformou-se.

Depois dos tortoni e do café, a conversa tomou outro rumo. Comentaram a decisão de Truman de não candidatar-se às novas eleições, a probabilidade de que Adlai Stevenson recebesse então a aprovação dos democratas, apesar de divorciado, e falaram de seu oponente, o general Eisenhower.

Nenhum dos dois falou sobre o conflito que se arrastava a milhares de milhas dali. Alexis procurava não pensar nisso, e Winston não queria abordar um assunto que a fizesse lembrar de James. Ele era um homem paciente, e acreditava que o tempo trabalhava a seu favor.

Março passou e, em abril, os gêmeos completaram dezesseis meses. Estavam andando e pediam mais atenção, agora que seu interesse pelo mundo que os rodeava começava a aumentar. Alexis procurava dar-lhes o máximo que podia, apesar de seus compromissos e de suas freqüentes dúvidas sobre sua capacidade maternal. Eles eram tão vulneráveis, tão imprevisíveis e terrivelmente dependentes...

Mas fazia o melhor que podia, para que eles não sentissem a falta do pai. As notícias que chegavam da Coréia eram desencorajadoras. As negociações estavam paralisadas, os prisioneiros de ambos os lados constituíam o maior obstáculo para um cessar-fogo.

James era oficialmente dado como desaparecido. Alexis fora a Washington, onde ouvira novamente as mesmas promessas de que estava sendo feito de tudo para determinar seu paradeiro. Mas a crescente convicção de que nada aconteceria antes das eleições presidenciais fizera-a tomar suas próprias providências. E contratara uma firma de advocacia bem relacionada, que lhe prometera fazer discretas investigações entre os representantes de autoridades chinesas e norte-coreanas. Até aquele momento não tivera nenhuma resposta. Mas estava esperançosa.

Na metade de abril, uma notícia extraordinária agitou a nação: Harry Truman destituiu Douglas MacArthur de seu posto de comandante supremo das forças do Pacífico. Os dois homens tinham opiniões diversas sobre como conduzir a conflagração: o general passando a defender a idéia de uma ação intensiva na Manchúria, e o presidente desejando evitar um conflito direto com a China.

Maio chegou. Os gêmeos foram levados a passeios diários pelo Central Park, Matthew conduziu o time de basquete de sua escola à vitória e mereceu notas máximas. Os dois novos programas, “Galeria dos Esportes” e “Câmeras em Ação”, estrearam com surpreendentes índices de audiência. Dominick Gargano provou não ser de modo algum um amador: ficava à vontade diante das câmeras, conhecia a fundo o assunto e conquistou rapidamente um público fiel. Winston ganhou seu espaço mais lentamente, mas com firmeza suficiente para fazer de “Câmeras em Ação” um sucesso.

O tempo quente e ensolarado animou Alexis a tirar alguns dias de férias. A casa da praia permanecia fechada desde o desaparecimento de James. Não estava com vontade de ir para lá nem mesmo em companhia das crianças. Mas havia outras alternativas.

Estava ainda se decidindo por uma delas, certa manhã, ao voltar de seu passeio diário com os gêmeos. O telefone estava tocando e ela correu para atendê-lo, enquanto a governanta cuidava das crianças.

Era o advogado da firma que tratava dos negócios de seu pai. Sua voz calma e grave era também muito clara, mas ela não conseguiu ouvi-lo, depois das frases iniciais. Sentou-se na cadeira mais próxima, sentindo um tremendo choque. Subitamente, percebeu que o homem havia parado de falar e esperava que ela respondesse.

— Quê? Não... não preciso de nada. Onde?... Ah, já foram tomadas todas as providências...

Graham tratara de tudo... Ela ouviu os detalhes sem fazer comentários. Quando pôs o fone no gancho, percebeu que Matthew saíra de seu quarto em tempo de ouvir a última parte da conversa.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ele, ansioso. Ela engoliu em seco e disse com voz sumida:

— Meu pai... morreu.

— Sinto muito — disse Matthew, baixando a cabeça. Percebendo seu ar abatido, ela levantou-se e passou o braço pelos ombros dele. E, pela primeira vez, ele não procurou esquivar-se.

— Papai estava doente havia muito tempo. Mesmo assim, foi um choque.

— Você nunca falou dele.

— Nunca tivemos muito para nos dizer...

— Por quê? Quero dizer... não é da minha conta, mas não gostavam um do outro?

Ela fechou os olhos, à procura de explicações convincentes. Não sabia o que dizer a um garoto de doze anos que já estava terrivelmente preocupado com seu próprio pai.

— Estávamos longe um do outro. Depois que eu saí da UBC as coisas tornaram-se ainda mais difíceis. Trocamos algumas cartas, ele enviou presentes aos gêmeos e isso foi tudo. Muito pouco para uma vida inteira.

Matthew fitou-a, mas não disse mais nada. E ela lhe agradeceu mentalmente por isso. Tinha de recolher as poucas forças de que dispunha e enfrentar o que estava por vir.

O funeral foi no sábado, um dia chuvoso e triste que desmentia qualquer promessa de primavera. Iniciou-se com a cerimônia religiosa, realizada na igreja à qual Charles Brockton pertencia. Graham, com o semblante exibindo uma consternação contida, postou-se no alto da escadaria, oferecendo um aperto de mão inerte às pessoas que entravam no templo. Inclinau graciosamente a cabeça e aceitava com um sorriso triste as palavras de pêsames murmuradas em voz baixa.

Mas seu sorriso desvaneceu-se, quando ele a avistou. Ficou pálido, e seus olhos moveram-se, inquietos, de um lado para o outro. O jovem que estava atrás dele deixou imediatamente seu lugar e caminhou na direção dela.

— Posso ajudá-la, sra. Callahan?

Alexis olhou-o friamente. O vestido preto enfatizava-lhe a palidez de alabastro do rosto. Seus cabelos estavam penteados para trás, pondo em evidência suas feições puras. Parecia uma estátua de mármore, distante e inatingível.

— Pode. Diga a meu irmão para ficar longe de meu caminho.

O jovem fitou-a um instante, surpreso. Afastou-se depois apressadamente e murmurou algumas palavras ao ouvido de Graham. Alexis percebeu seu irmão ficar rígido. Satisfeita, porque ele acusara o golpe recebido, entrou na igreja.

Ao seu lado, Winston murmurou:

— Bravo, minha querida. Saiu-se muito bem.

Ela sorriu tristemente, mas não fez comentários. Sua atenção estava voltada para o caixão de mogno com ornamentos de prata, colocado numa mesa diante do altar. Havia uma profusão de flores, formando um semicírculo: cestas de crisântemos e gladiolos, cruzeiros de lírios e rosas, coroas de cravos e amores-perfeitos. O doce aroma chegou-lhe às narinas. Oscilou levemente e teve de apoiar-se no braço de Winston.

— Você está bem? — perguntou ele, enquanto a conduzia ao banco da frente.

— As flores... me fazem sempre sentir isso.

Sentou-se rigidamente, mantendo os olhos fixos diante de si. Ouvia comentários sussurrados. Sabia que todos a observavam. Mas não se importou de ser o alvo da curiosidade geral.

A cerimônia foi longa e monótona. Houve muitos elogios fúnebres. O padre proferiu uma homilia sobre a transitoriedade da vida. Falou que um homem prudente devia preparar-se para o mundo do além, e sugeriu que Charles Brockton havia feito exatamente isso.

Afinal, tudo terminou e o ataúde foi levado para fora da igreja. Na saída, Winston perguntou-lhe:

— Você quer mesmo ir ao cemitério?

— Sim.

O percurso foi feito em silêncio. Ela manteve o rosto voltado para a janela, enquanto a limusine seguia lentamente pela alameda arborizada do cemitério. Ao chegarem, Winston deu-lhe a mão para ajudá-la a descer e abriu seu grande guarda-chuva preto para abrigá-la.

A cerimônia fúnebre realizou-se junto ao jazigo da família. Ao centro, no enquadramento da grade aberta para o culto, estava o padre, com o livro de orações na mão.

“Senhor, tende piedade de nós...

Cristo, tende piedade de nós...”

A imaginação transportou-a para o passado, para um dia de vinte e dois anos atrás, quando permanecera no mesmo lugar, ouvindo essas mesmas palavras e vendo sua mãe ser enterrada. Era também primavera e chovia.

Em memória de Olívia Georgetta Brockton, esposa e mãe muito amada, 1900-1930, dizia uma das inscrições. Reviu nitidamente as feições da mãe e tornou a encontrar a sensação de alegria que sentia perto dela.

A coragem, tão duramente testada, ameaçou abandoná-la. Pensou então em seu pai no momento da morte e sentiu compaixão pelo temor que ele devia ter experimentado naquele instante. De repente, teve vontade de lhe dizer uma porção de coisas, de fazer algo por ele, mas, como sempre, era tarde demais.

Winston acompanhou-a de volta ao apartamento. As crianças estavam com Maggie, e a governanta saía.

— Está com fome? — perguntou ele. — Posso levá-la para jantar.

Alexis sacudiu a cabeça.

— Não, obrigada. Acho que gostaria de tomar um pouco de brandy. Não quer me acompanhar?

— Claro.

Winston correu as cortinas da sala, acendeu as luzes e sentou-se ao lado dela no sofá.

— Obrigada por ter vindo — disse ela com suavidade. — Deve ter sido uma provação para você.

— Não podia permitir que você fosse sozinha. Teria sido horrível.

Permaneceram algum tempo em silêncio, ambos imersos em pensamentos. Por fim, Winston disse:

— Sua mãe morreu jovem.

Alexis tomou um gole de brandy, antes de responder:

— Com a minha idade.

— Foi ela... a causa do distanciamento que havia entre você e seu pai?

— Sim... de certo modo. Tinha oito anos quando ela morreu, e sempre o culpei por isso. — Ela fez uma pausa, pensativa. — Continuei a pensar assim por um longo tempo.

— E agora?

— Não... Com o passar dos anos, percebi que cada um de nós é responsável por sua própria vida. Parece simples, mas na realidade não é.

— Ninguém gosta de sentir-se sozinho no mundo.

— Claro que não. Mas somos todos uns solitários, no final das contas. — Ela pensou no caixão de mogno baixando para a sepultura sob um céu de chumbo e estremeceu. — Na melhor das hipóteses, o que podemos dar uns aos outros é um pouco de calor, ao longo da vida.

Ele a fitou com ternura:

— É isso que você quer? Que alguém a aqueça?

Alexis recostou-se no sofá e fechou os olhos. Pelas pálpebras, semi-cerradas, pôs-se a observar o homem sentado ao seu lado. Elegante, urbano, encantador. Era bem diferente de James, que tinha uma personalidade dominadora e levemente autoritária.

— Quero sentir-me viva novamente — disse com simplicidade.

CAPÍTULO XIII

— Quase não acreditei, quando me contou — disse Anthony. — Se outra pessoa me tivesse dito que você foi contemplada no testamento, iria pensar que estava louca.

— Acho que Graham teria pensado a mesma coisa — comentou Alexis, satisfeita. — Mas não há nada que ele possa fazer agora. O testamento é incontestável.

Charles Brockton não era homem de tratar seus negócios com displicência. Dispusera de sua fortuna de modo a não deixar margem a contradições. Passara o controle da UBC a seu filho Graham, como era esperado. Mas legara também uma quantia superior a cinco milhões de dólares à sua filha Alexis. Coisa que ninguém teria imaginado.

— Gostaria de estar presente, quando o advogado soltou essa bomba — disse Maggie, enquanto punha o assado de vitela na mesa. — Deve ter sido um choque para Graham.

— E foi — disse Alexis com um sorriso. — O rosto dele se contorceu de raiva e ficou vermelho como um peru.

As duas mulheres riram, e Anthony sorriu. Ele podia permitir-se isso, porque o legado do velho Brockton significava o fim dos problemas financeiros da IBS. Alexis insistira em investir tudo na companhia, sabendo que era esse o desejo de seu pai.

— Por que seu irmão não gostou que você recebesse o dinheiro? — perguntou Matthew.

— Acho que queria tudo para si mesmo — disse Alexis com muito tato. — Muita gente é assim.

— Egoísta... — murmurou Tessa, torcendo o narizinho. Ela lançou um olhar ao irmão sentado do outro lado da mesa. — Como certa pessoa que eu conheço.

Joey fez beicinho.

— Não quero que você mexa nos meus brinquedos.

— Não é bonito — observou Maggie. — Tessa deixa você brincar com os dela.

O garotinho sacudiu a cabeça.

— Ela que fique com suas bonecas.

— Gosto de minhas bonecas, mas gosto também dos trenzinhos — afirmou Tessa. — Por que eu...

A voz dela começou a subir de tom e seu pai interrompeu-a.

— Já chega. Sente-se e coma.

A menina obedeceu. As regras eram muito claras na casa dos Gargano. A disciplina era suave e justa, mas tinha de ser observada.

Depois do jantar, Alexis ajudou Maggie com a louça, enquanto Anthony ficou na sala com as crianças.

— Que bom que você pôde vir jantar conosco, Alexis. Fazia tempo que não aparecia.

— Estávamos muito ocupados, antes. Agora já dá tempo para respirar.

— As coisas estão indo melhor na IBS?

— Bem melhor. Você sabe como são os banqueiros, não sabe? Emprestam dinheiro somente a gente que não precisa. Pois foi o que aconteceu conosco. Quando souberam que a IBS havia superado seus problemas, começaram a nos procurar novamente.

— Hipócritas... — murmurou Maggie. — Mas a pressão terminou, espero. Pelo menos por enquanto.

— Tenho esperança de que depois das eleições as coisas melhorem. Nem Stevenson nem Eisenhower irão tolerar essa caça às bruxas.

— Quem você acha que vencerá? — disse Maggie, tirando o avental.

— Não sei — admitiu Alexis. — Stevenson fala muito bem e apresenta-se com maior desembaraço diante das câmeras da TV. Mas não sei se isso vai fazer muita diferença. Eisenhower tem prestígio por ter sido um herói de guerra.

— Indiscutivelmente — comentou Maggie. — Que tal um cafezinho?

— Boa idéia.

As duas sentaram-se à mesa da cozinha que dava para o jardim florido.

— É meu lugar preferido. Poderia ficar sentada aqui durante horas — disse Maggie.

— Mas não fica. Você está sempre tão ocupada...

— Nem tanto. As crianças estão na escola e eu tenho uma boa ajudante aqui em casa. Não há realmente muito o que fazer. — Maggie hesitou um instante e então acrescentou: — Estou pensando em voltar a trabalhar.

Alexis olhou-a, atônita. Fazia anos que percebia que sua amiga não estava completamente satisfeita com seu papel de dona de casa. Mas não esperava que ela resolvesse trabalhar.

— E Anthony? O que ele diz?

— Ele quer que eu tenha outro filho.

Alexis não sabia o que dizer.

— Bom... você é uma mãe maravilhosa, e Anthony adora crianças.

— Sei disso. Eu também gosto de crianças. Mas acho que posso fazer mais do que trocar fraldas e preparar mamadeiras. Não que eu esteja me queixando. Longe disso. Tenho uma vida muito boa. E talvez seja esse o problema.

— Não entendo...

— Uma vida boa demais, fácil demais. Durante a guerra era diferente. Nunca sabíamos se estaríamos vivos no dia seguinte. — Ela suspirou. — Eu era uma boa enfermeira. Muito boa, mesmo! Salvei muitas vidas, cuidei de muita gente. Quero fazer isso novamente.

Alexis ouvia-a em silêncio. Também ela tivera de enfrentar o dilema entre carreira e família. Só que sua escolha fora facilitada. Se James não tivesse partido para a Coreia, entretanto, as coisas poderiam ter tomado outro rumo.

— É engraçado... Eu daria tudo para poder discutir a questão de meu trabalho com James. É bem possível que ele se comportasse como Anthony...

Maggie suspirou.

— Nossas discussões não levam a nada porque acabam sempre do mesmo modo.

Alexis não precisou perguntar como. Se Anthony queria que sua esposa tivesse outro bebê, não era difícil imaginar “onde” tudo terminava.

— E você? Pensa em ficar grávida novamente?

— Não sei. Tenho receio de que, se me resolver a isso, daqui a alguns anos terei de enfrentar novamente o mesmo problema. — Maggie pareceu pensativa. — Acho que minha mãe não teria se preocupado tanto. Deixaria as coisas acontecerem.

— O mundo está mudando — observou Alexis.

— Mas parece que as pessoas não estão ainda prontas para as mudanças. Dão a impressão de se sentirem bem assim como estão.

— Às vezes, me pergunto se têm consciência do mundo que as rodeia.

— O que você quer dizer?

Alexis encolheu os ombros.

— É difícil explicar, mas tenho a sensação de que alguma coisa está se movendo, se agitando...

— Por aqui, nada se agita. Isto aqui é o subúrbio, onde os domingos são passados entre churrascos em casa de amigos, lavagens de carro, piqueniques... O sonho americano.

Alexis levantou-se e colocou a xícara na pia.

— Pode ser... Mas gostaria de poder ajudá-la. Você fez muito por mim.

Maggie sorriu.

— O desabafo já ajudou. Eu e Anthony vamos resolver a situação. De um modo ou de outro.

Alexis tinha suas dúvidas. Havia muitos problemas exigindo solução. Para Maggie, a questão resumia-se em ter ou não mais um bebê. Para ela, era manter sua fé viva, ou então aceitar que o passado estava encerrado para sempre.

Winston encorajava-a nesse sentido.

— Sei que não é fácil — disse ele, certa noite, de volta ao apartamento dela depois de terem jantado juntos. Era verão, e as janelas estavam abertas para deixar entrar a fresca brisa noturna. — Faz meses que o Pentágono e o Departamento de Estado abandonaram qualquer esperança de encontrar James com vida — continuou ele. — Os chineses sabem quantos prisioneiros têm em seu poder, e costumam exibi-los diante das câmeras de televisão. Se estivessem com James, nós já teríamos sabido.

— Quem sabe? — disse ela sem olhá-lo. — Pode haver outra explicação.

— Qual?

— James pode estar escondido.

- Durante dezoito meses? Você acredita mesmo nisso?
- Ou pode ter sido feito prisioneiro e dado uma falsa identificação.
- Por que motivo?
- Para que os chineses não pudessem usá-lo.

— James não estava usando uniforme, quando desapareceu. Sem as insígnias militares numa zona de guerra, poderia ser considerado um espião. Seria de seu próprio interesse identificar-se como jornalista, se quisesse continuar vivo.

- Suponha que ele tenha sido ferido, e ficado inconsciente durante um certo tempo...

Ele suspirou e passou-lhe o braço pela cintura.

- Não quero aborrecê-la. Você já se preocupou muito com James.
- E ainda me preocupo — teimou ela. Winston foi categórico.

— Tem de pensar em si mesma. Quer passar o resto de sua vida esperando que James volte para casa?

- Não. Estou procurando reagir.
- Mas não quer aceitar a verdade.
- Estou fazendo o que posso. Não exija mais do mim, por favor.

Winston suspirou fundo. Se insistisse demais, seria capaz de perdê-la.

— Não vou exigir nada. Mas você sabe o que ou sinto. Essa... nossa amizade é apenas a forma exterior de um sentimento mais profundo. Quero muito mais.

Alexis sabia, mas não estava ainda pronta. Especialmente depois da carta que recebera naquela manhã. John Dylan, o fuzileiro australiano, companheiro de armas de James e Anthony durante a Segunda Grande Guerra, escrevera dizendo-lhe que, apesar de tudo, ele estava apostando em James.

“Ninguém mais esperto do que ‘Gato Callahan’”, comentava ele. “Nos momentos de perigo vale por dez homens, que eu sei. Quando nos encontramos em Inchon, antes da arrancada para o norte, ele parecia mais decidido do que nunca. Provavelmente, deve estar empenhado num longo jogo de pôquer no qual está em jogo a sorte deste danado país!”

Anthony riu, quando Alexis mostrou-lhe a carta.

— O bom e velho John! Não mudou nada. Passamos bons momentos juntos. Especialmente quando estávamos na Nova Bretanha. — O sorriso dele desvaneceu-se. — O inferno verde, como chamavam o lugar. E era isso mesmo.

- Foi muito ruim? — perguntou ela.

Como a maioria dos ex-soldados, Anthony raramente falava de suas experiências na guerra. Ela não queria pressioná-lo, mas teria gostado de ouvir qualquer coisa que se referisse a James.

- Ruim? Sim, acho que foi. Muitos homens deixaram suas vidas por lá.
- Não você... nem James.

— Não. E em parte foi sorte, admito. Mas nós éramos mais duros e mais rápidos do que os outros. — Ele sorriu com ironia. — Eu mudei completamente, transformei-me num animal doméstico. Mas o velho James... ele não mudou muito. Deus me livre de tê-lo como inimigo!

Alexis sorriu. Agradecia-lhe a injeção de ânimo que ele estava pretendendo lhe dar. Mas não queria continuar a viver apenas de esperança. Winston tinha razão. Devia conformar-se com o que acontecera e seguir adiante.

Estava disposta a fazer um verdadeiro esforço nesse sentido quando, de súbito, a situação mudou radicalmente.

Tudo começou simplesmente com um telefonema de Washington. Seus discretos contatos haviam obtido algum resultado: um chinês, que dizia saber do paradeiro de James.

— Não temos possibilidade de verificar se esse homem está dizendo a verdade — avisou-a o advogado da firma encarregada das investigações. — Tudo o que podemos dizer é que o homem é ligado à alta cúpula militar chinesa. Parece que é coronel. Seu inglês é fluente e ele parece estar com vontade de cooperar.

— Por quê? — perguntou Alexis, no dia seguinte. Ela tinha ido a Washington em companhia de Anthony e estava sentada agora no escritório do advogado.

— Por que ele quer nos ajudar? Por dinheiro?

Charles Blair, um dos sócios da firma, tirou, pensativo, uma lenta baforada de seu cachimbo.

— Não me parece. Estamos ainda tentando imaginar o que eles querem. Mas é difícil. Os chineses são muito cautelosos.

— Ele está nisso sozinho ou está agindo oficialmente? — perguntou Anthony.

— É impossível saber. Pelo menos até agora. Se nos autorizarem a prosseguir, esperamos encontrar as respostas que desejam dentro em breve.

Mas se passaram duas semanas sem que soubessem uma única palavra a respeito. As convenções políticas haviam terminado, e a campanha para a eleição presidencial só teria início depois do Dia do Trabalho. Naqueles últimos dias de verão, havia pouco para fazer e menos no que pensar. Exceto no que podia estar acontecendo a milhares de quilômetros de distância.

Alexis passava o dia no escritório, mas produzia muito pouco. Embora procurasse concentrar-se no trabalho, seus pensamentos voltavam-se continuamente para James e para a possibilidade de ele estar ainda vivo.

Afinal, quando pensava que não conseguiria suportar mais aquela tensão, Charles Blair voltou a telefonar.

— Tememos que a situação seja mais complicada do que pensávamos a princípio — disse ele. — É preciso que a senhora e o sr. Gargano venham para cá imediatamente.

Charles Blair não quis acrescentar mais nada. E, apesar da insistência dela, afirmou que era melhor tratarem pessoalmente de um assunto tão delicado.

Alexis e Anthony chegaram a Washington às seis horas da tarde. Os escritórios do advogado estavam vazios. Somente Blair e um desconhecido estavam presentes.

O estranho, um homem de seus quarenta anos, forte e com jeito de lutador profissional, apresentou-se como sendo Vincent O'Donnell, um sócio da firma. Fora ele quem havia entrado em contato com o informante chinês.

— Encontrei-me com o coronel Chou há uns quatro dias numa aldeia perto do paralelo 38 — disse ele. — Passamos uma hora juntos. Como devem saber, ele fala inglês fluentemente, e parece ter vontade de cooperar... sob determinadas condições.

— Quais? — perguntou Anthony.

O'Donnell pigarreou. Uma leve entonação solene se fez sentir na sua voz.

— Disse ao chinês que precisava provar que o sr. Callahan está em seu poder. Ele concordou e depois explicou-me o que queria. Ficou então evidente que o coronel Chou está agindo em caráter semi-oficial. Ele e seu superior sabem qual é a posição do sr. Callahan na Independent Broadcasting System e querem fazer uso disso.

— De que diabo estão falando? — disse Anthony, que estava começando a perder a paciência. — Esse sujeito quer alguma coisa que vocês sabem o que é. Então, não percam tempo com rodeios!

O'Donnell ia replicar, mas desistiu. Isso não lhe interessava. Afinal, ele era apenas um intermediário e muito bem pago.

— Querem que a IBS faça uma cobertura do conflito da Coréia em favor deles. Em troca, garantem manter o sr. Callahan vivo e em boas condições físicas até que o armistício seja assinado, e os prisioneiros liberados.

— Devem querer saber dos detalhes — completou Blair. — Faremos o que...

Anthony inclinou-se para a frente, cortando-lhe a palavra.

— Claro que farão! Para começar, que provas têm de que James está vivo? E por que os chineses esperaram até agora para revelarem isso?

— Eles se ofereceram para servir de intermediários entre os senhores e o sr. Callahan. Sugeriram que façam perguntas de ordem pessoal, algo que ninguém além da família possa saber, para terem certeza de que a resposta possa vir somente dele. Quanto ao resto... não sabemos por que os chineses esperaram até agora, mas podemos imaginar...

— Continue — ordenou Anthony.

— Esse plano requer uma certa colaboração da parte do sr. Callahan. Talvez ele não tenha se decidido a isso senão recentemente.

— Oh, senhor... — murmurou Alexis, enterrando o rosto nas mãos. — Deve ter sido torturado...

Anthony passou-lhe o braço pelos ombros.

— Tenha calma — murmurou. Depois, voltando-se para o advogado, disse friamente: — Vamos ao que interessa. Antes de mais nada, é preciso confirmar a história. Pensaremos no que deve ser perguntado a James e voltaremos mais tarde.

— Não — disse Alexis, levantando a cabeça. — Não vamos perder tempo. Eu sei o que devo perguntar. Diga a esse... coronel Chou que queremos saber o nome errado dos anfitriões que ofereceram a recepção onde eu e James nos conhecemos.

Os dois homens entreolharam-se, atônitos.

— O nome “errado”?...

— Sim. James confundiu os nomes, naquela ocasião. E só ele sabe disso. — Voltando-se para Anthony, ela acrescentou: — Se os chineses tiverem meios, mesmo remotamente, de descobrirem o nome verdadeiro dessas pessoas, ficarão frustrados no seu intento.

Anthony olhou-a com admiração.

— Bem pensado — disse. E ao advogado: — Diga a Chou que queremos a resposta sem perda de tempo. Caso contrário, iremos ao Pentágono.

— Eu não faria isso, se estivesse em seu lugar — disse O'Donnell. — Esses chineses jogam duro.

Anthony levantou-se e encarou os dois homens.

— Nós também — disse, com firmeza.

A resposta chegou três dias depois. Uma simples palavra rabiscada num pedaço de papel que o advogado lhes entregou: “Dunleavey”.

Alexis confirmou com a cabeça. Estava radiante de alegria e morta de medo ao mesmo tempo. Por ele, por ambos, tinha de ser forte. Mas afastou esses pensamentos e concentrou-se no que devia ser feito imediatamente.

— Os chineses estão ainda insistindo para que a IBS seja o veículo de propaganda deles? — perguntou ela ao advogado.

— Eles não põem as coisas exatamente nesses termos — disse O'Donnell secamente. — Chou deu-me os três pontos do programa, que ele chama de “correção política”, para serem incorporados nas futuras transmissões noticiosas da IBS.

As mãos de Alexis tremeram, ao apanharem a lista. Ela correu os olhos pelo papel e indignou-se.

— Isso é ultraje! Será que ele espera que digamos ao povo americano: “A ação da ONU é ilegal e um ato de agressão contra os povos soberanos da Coréia e da China”, ou: “Faz parte da estratégia do Ocidente para dominar o mundo”. E mais: “O governo dos Estados Unidos é um laiaio da elite capitalista”? Seríamos tirados do ar no mesmo instante!

— Não acredito que o sr. Chou espera que use exatamente esses termos — disse o advogado. — Ele deu apenas as coordenadas do que gostaria que vocês fizessem.

— Ele está louco! — disse Anthony. — Mesmo se concordássemos com ele, o que não é o caso, não poderíamos apresentar um lixo desses pela televisão. Será que ele não sabe que essas transmissões são reguladas pelo governo? Teríamos nossas concessões canceladas quase imediatamente!

— Mas parece que é isso o que querem — disse O'Donnell. — No seu lugar, eu concordaria.

— Não me diga! — escarneceu Anthony. — Parece que vocês não sentem nenhum escrúpulo nesse leva-e-traz de mensagens. Para vocês, não importa quem vença, não é? A única coisa que lhes interessa é salvaguardar seus interesses.

O homem encolheu os ombros.

— Faço meu trabalho. E continuo afirmando que, no lugar de vocês, eu faria o que eles estão pedindo. — Ele fez uma pausa, antes de acrescentar: — A menos, é claro, que não tenham muito interesse na vida do sr. Callahan.

— Seu!... — Anthony levantou-se com os punhos cerrados, mas Alexis puxou-o pelo paletó.

— Esqueça — disse ela com firmeza. — Vamos a algum lugar onde possamos conversar calmamente.

Saíram do edifício e encaminharam-se para o parque que rodeava o Monumento a Washington.

— É uma situação realmente incrível — murmurou Anthony. — Sou obrigado a tomar-me um traidor, se quiser que meu melhor amigo continue vivo!

Alexis estava ainda em estado de choque com a revelação, mas sua mente trabalhava febrilmente.

— Acho que podemos fazer o que eles querem — disse ela mansamente. — Poderemos selecionar algumas histórias, eliminar certos elementos...

Anthony parou e olhou-a, estupefato.

— Não está... não está pensando em levar isso adiante!

— Não temos outra alternativa. Ou você acha que temos?

Ele continuava a fitá-la.

— Não — murmurou, desesperado. — E se James puder voltar para casa...

— Temos de convencer os chineses de que estamos decididos a colaborar, e ao mesmo tempo persuadi-los de que só nós podemos decidir como implantar o plano deles sem levantar suspeitas. O que eles querem, afinal, é subverter a opinião pública, e isso só pode ser conseguido sutilmente.

— Imagino...

— Uma vez que eles estejam convencidos de nossas boas intenções, diremos que precisamos de algum tempo para armar o esquema. E, principalmente, para convencer o comentarista a transmitir as notícias de acordo com nosso plano.

— Winston...

— Exatamente. Ele vai ter de acreditar que nós pretendemos colaborar de verdade.

Anthony voltou a fitá-la, intrigado.

— O que você quer dizer?

— Não é impossível que esses chineses tenham um contato dentro da própria IBS. Winston terá de parecer preocupado para não levantar suspeitas. E o melhor meio de obtermos isso é fazê-lo acreditar que pretendemos levar os planos adiante.

— E não pretendemos?

Alexis voltou-se para encará-lo. Seus olhos estavam sombrios e suas feições alteradas.

— Até certo ponto.

— Acho que não estou entendendo. Do que você está falando?

Ela hesitou um momento e então resumiu:

— Durante dezoito meses, o Pentágono e o Departamento de Estado me asseguraram que estavam fazendo de tudo para saber se James estava ou não em poder dos chineses. Não tiveram sorte. Então, de repente, esse tal O'Donnell aparece com provas de que James está vivo. E não é só; afirma que ele poderá sair disso vivo, se trairmos nossa pátria.

— É mais ou menos isso...

— Mas por que só agora? Por que os chineses não revelaram isso meses atrás?

— Você ouviu o que Blair disse: James não quis colaborar.

— Nos primeiros dias, mesmo nas primeiras semanas de seu cativeiro, teríamos aceitado fotos dele como prova de que estava vivo. Não teria sido necessário que ele colaborasse. Mas isso não foi feito. Por quê?

— Não sei. Para mim, nada faz sentido.

— Estou também Tateando no escuro — admitiu Alexis. — Mas estou começando a ver uma luz no fim do túnel. Acho que muita gente sabia que James estava nas mãos do inimigo. E desde o momento em que ele foi capturado. Fizeram um trato com os chineses para manter isso em segredo.

— Mas por quê? — perguntou Anthony, imaginando que Alexis não estivesse regulando bem.

— Até agora não estava muito certa — continuou ela calmamente —, mas, de repente, ocorreu-me uma idéia: James é o presidente da IBS. Se ele voltar para casa são e salvo, depois de muitos meses de cativeiro, irão suspeitar que ele fez um pacto com o inimigo. E se antes disso tivermos apresentado programas de apoio aos chineses, as suspeitas se confirmarão. Não será difícil acusá-lo, e a nós todos, de pró-comunistas.

Anthony assobiou baixinho.

— O “artilheiro” Joe esfregaria as mãos de alegria. Proclamaria que o pessoal da IBS está trabalhando para os vermelhos e, pela primeira vez, teria razão.

— Exatamente. Como consequência, nossas concessões seriam cassadas.

— E, sem concessão, a IBS não poderia ir ao ar.

— Quem está interessado em obter novos canais? Quem necessita deles, para disfarçar sua própria incompetência?

Anthony fitou-a, entendendo aonde ela estava querendo chegar.

— A UBC... Graham?...

— Ele trabalhou para o Pentágono durante a guerra — disse ela impiedosamente. — Tem ainda muitos amigos que trabalham lá e também no Departamento de Estado. Amigos “especiais”, não sei se você entende o que eu quero dizer.

— Você acredita realmente que eles iriam ajudá-lo, numa situação dessas?

— E por que não? O que têm a perder, afinal? Não é a vida deles que está em jogo nem o seu futuro. Mas o nosso... o de James.

— Não sei... Como puderam convencer os chineses?

Ela deu de ombros.

— É simples. Os chineses sempre souberam que, um dia, um cessar-fogo teria de ser negociado. E é o que eles estão fazendo desde já com...

Ela interrompeu-se, deixando que Anthony tirasse suas próprias conclusões.

— Com “representantes” do Pentágono e do Departamento de Estado — completou ele.

— Certo.

— Meu Deus... É tão simples! Dão aos chineses o que eles querem e, em troca, James é desacreditado e Graham ganha a IBS.

— Os melhores planos são sempre os mais simples — disse Alexis calmamente. — Aprendi isso com meu pai.

— Parece que também Graham aprendeu a lição — murmurou Anthony, incapaz de esconder sua amargura.

Alexis inclinou-se na amurada.

— Sim, parece que sim — murmurou, fitando pensativamente as águas do rio.

O calor e a umidade opressivos levaram-na de volta ao dia de verão de seis anos atrás, quando fora a Washington para obter a concessão para a UBC e encontrara James. Foi a partir de então que deixaram de ser adversários, dando os primeiros passos para se tornarem amantes.

Pusera-o acima de sua família, e nunca lamentara essa decisão. Até aquele momento. Era por causa dessa preferência que ele se tornara o alvo de Graham.

A importância do legado de seu pai não a intrigava mais. Charles Brockton previra que, um dia, seus herdeiros iriam se digladiar sem piedade. E fizera o possível para pô-los em pé de igualdade.

O que ele dissera na última vez em que se haviam encontrado? Que ela tinha de fazer uma escolha: não podia ser ao mesmo tempo forte como ele e fraca como sua mãe.

Agora que a escolha havia sido feita, não sentia nem medo nem pesar. Apenas a fria e implacável determinação de que teria de vencer a qualquer custo.

CAPÍTULO XIV

Na televisão, colocada a um canto do escritório, Richard Nixon expunha com método seu programa de governo. Era um discurso importante. Determinaria sua permanência ou não como candidato à vice-presidência, na chapa encabeçada por Eisenhower.

Mas Alexis não o ouvia. Estava muito ocupada na solução de seus problemas pessoais, planejando cuidadosamente cada passo que devia dar. Fazia oito semanas que procurava amarrar Blair, O'Donnell e o coronel Chou, afirmando que a IBS estava preparada para colaborar, mas que ela precisava de tempo para armar um bom esquema.

A paciência deles não era infinita. Era o que ela e Anthony haviam descoberto durante a última viagem a Washington. Teriam de lhes mostrar algum resultado prático das negociações; caso contrário James correria risco de vida.

Suspirando, levantou-se e desligou a TV. A campanha política de Nixon teria de prosseguir sem ela. Era hora de ir para casa. Estava apanhando a bolsa quando ouviu uma leve batida na porta parcialmente aberta. Ergueu os olhos e deu com Winston parado no limiar.

— Está de saída? — disse ele, hesitante.

— Sim. Mas você precisa de alguma coisa?

— Estive pensando na conversa que tivemos. Há alguns pontos que precisamos discutir.

Alexis colocou a bolsa em cima da escrivaninha e mostrou-lhe o sofá.

— Muito bem. Entre.

— Posso esperar, se estiver com pressa.

— Não, é melhor esclarecermos isso agora. Não temos muito tempo.

— Entendo... Você está sendo pressionada a começar as transmissões.

— Terrivelmente pressionada — confirmou ela com simplicidade.

Alexis fitou-o. Ele parecia cansado. Suas feições estavam abatidas, havia sombras arroxeadas sob seus olhos. Ela própria não estava em melhores condições. Naquela manhã, o espelho mostrara-lhe algumas rugas que não estavam ali, um mês atrás.

— É tão incrível! — murmurou Winston. — Os chineses tentando influenciar a opinião pública americana através da mídia noticiosa. Parece até que esses caçadores de bruxas estavam com a razão.

Alexis gostaria de poder dizer que não era nada disso, que o pacto não ia ser cumprido. Mas ele tinha de acreditar no contrário. Não podia suspeitar de nada ou não agiria com convicção.

— Sei como é duro para você ser considerado colaboracionista — disse-lhe com gentileza.

Ele a contemplou com profunda tristeza.

— Claro que é duro! Não ando por aí desfraldando bandeiras, mas amo meu país. Além do mais, detesto ver um órgão de informação servindo de instrumento para outras causas que não sejam a verdade.

Alexis colocou a mão sobre a dele. Ele enrijeceu, mas não a retirou.

— Winston... acredite-me, por favor. Se houvesse outro meio, nunca pediria isso a você.

A voz dela era baixa, rouca, levemente suplicante. Ele não resistiu. Fitou-a intensamente, com os olhos exprimindo grande ternura.

— Será que você percebe a enormidade do que está pedindo?

— Sim. E entendo seus escrúpulos.

— Ambos sabemos que há muito mais envolvido nisso, Alexis.

Havia uma estranha expressão no rosto de Winston. Contrafeita, ela desviou a vista.

— Você é uma mulher muito forte — continuou ele. — Acredito que possa sobreviver à morte de James, mas nunca me perdoaria, se lhe acontecesse algum mal.

Ela agitou-se no sofá, embaraçada. Gostaria que ele não tivesse posto as coisas nesses termos. Sentia-se terrivelmente culpada pela situação em que o colocara. Não importa como agisse, acabaria sempre perdendo. Se pusesse a honra acima de tudo, recusando-se a ajudá-la, ela o acusaria de ter selado a morte de James. Se ignorasse seus princípios e a ajudasse, correria o risco de perdê-la para seu marido.

— Pensei que James estivesse mesmo morto — murmurou Winston quase para si mesmo.

O engraçado da história era que ele gostava de James e o respeitava. Só por isso conseguira aceitar o casamento de Alexis, embora no momento isso tivesse significado um profundo desapontamento pessoal. Mas, com o desaparecimento de James, todas as suas esperanças haviam renascido.

— Eu também estava começando a acreditar nisso — disse ela, em voz baixa.

— Quando ele vai voltar?

— Não sabemos. Estamos ainda pensando em como tirá-lo de lá.

Não via razão para explicar que não sentia seus mesmos escrúpulos. Para Winston, os meios importavam tanto quanto os fins. Para ela era justamente o contrário. Importava-se apenas com os resultados. Nisso, ela era verdadeiramente a filha de seu pai.

Suas evasivas eram deliberadas e destinavam-se a fazê-lo acreditar que havia um resto de esperança. Isso era essencial. Sabia que ele era um homem bom, mas ainda assim um homem. Além do mais, não estava certa do que aconteceria, quando James voltasse para casa.

— Entendo — disse ele. — Bom, não há muito o que dizer, não? Se isso tem de ser feito, então vamos adiante.

Alexis hesitou. Não subestimava o valor da ajuda que ele concordava em lhe prestar. Pondo de lado qualquer consideração sobre honra e decência, ele correria um enorme risco, se o plano fosse mesmo colocado em prática. Sua garganta cerrou-se, quando ela disse:

— Obrigada, Winston. Ninguém mais teria feito isso por mim.

Isso, pelo menos, era verdade. Quanto ao resto, evasivas, e o deliberado uso de uma pessoa que a estimava profundamente não importava no momento. Pagaria o preço mais tarde.

— O problema é que esse plano do coronel Chou não irá funcionar por muito tempo — disse Anthony, alguns dias depois, em novo encontro com Blair e O'Donnell. — Temos razão para acreditar que o coronel não tem nenhuma experiência de televisão.

— Não sei aonde está querendo chegar — disse o advogado, ligeiramente desconfiado. — Quando diz que o plano não irá funcionar, sr. Gargano, parece querer oferecer mais do que lhe foi pedido.

Alexis apressou-se em desfazer as suspeitas dele.

— Estamos querendo fazer as coisas direito. Não queremos que James corra algum risco. Veja bem: a televisão é um meio de comunicação visual. Sua força reside nas imagens, não nas palavras. Entende o que eu quero dizer?

Blair fez que sim lentamente.

— Imagens, não palavras...

— Precisamos de um filme — resumiu Anthony. — Um filme que reflita o ponto de vista norte-coreano e chinês do conflito.

— Aldeias queimadas, crianças sem lar... Coisas assim — explicou Alexis.

— Para isso, temos de ter acesso ao paralelo 38 — completou Anthony, como se isso fosse algo rotineiro.

— Para o pessoal da filmagem que Anthony irá dirigir — finalizou Alexis de um só fôlego.

Blair e O'Donnell entreolharam-se, sem esconder a surpresa. Era óbvio que esperavam mais uma tentativa de adiamento e não o que parecia ser um verdadeiro esforço de colaboração. De certo modo, a proposta fazia sentido. Resultaria numa propaganda mais ampla das idéias comunistas.

— Os chineses poderão querer fazer o filme por sua própria conta — observou O'Donnell.

Anthony deu de ombros.

— Por mim... Mas, se eles quiserem mesmo causar um grande impacto no povo americano, é bom que pensem na proposta. Sabemos como reage nossa gente. Os chineses não.

— Sem contar que a qualidade do nosso filme será superior — observou Alexis. — Afinal, somos os únicos com experiência nisso. Os telespectadores americanos querem o melhor. Não iriam se contentar com imagens tremidas, granulosas, de qualidade inferior.

Blair passou a mão pelo queixo, pensativo, e fitou Anthony.

— E você irá supervisionar a equipe de filmagem pessoalmente?

— Isso mesmo.

— E os chineses poderão ver o filme, antes que ele seja levado para fora da Coréia?

Anthony sorriu.

— Claro! Afinal, o show é deles.

— Você acha que eles engoliram a pílula? — perguntou Alexis pouco depois, ao tomarem o táxi que os levaria ao aeroporto.

— Acho que sim. É bom finalizarmos logo nossos planos.

Ela encostou cansadamente a cabeça no espaldar.

— Gostaria que houvesse outro meio. Não queria que você e os outros rapazes corressem esse perigo.

Ele apertou-lhe afetuosamente a mão.

— Enfrentamos situações piores no passado. Eu e os rapazes chegamos à conclusão de que, se quisermos que James saia com vida dessa confusão, teremos de resgatá-lo.

— Mas não temos idéia de onde ele possa estar. Os chineses não irão deixar vocês andarem por lá à vontade. Serão vigiados constantemente.

— Quando estivermos lá, vou dizer a eles que o trato será desfeito se não entrarmos em contato com James.

Era essa a parte do plano que mais preocupava Alexis. Temia que a recusa de Anthony pudesse enfurecer os chineses, que acabariam prendendo ou até mesmo matando toda a equipe.

Mas era inútil levantar novamente a questão. Anthony e os rapazes que formariam a equipe de resgate já haviam decidido que valia a pena correr o risco. Era a mesma turma que “por coincidência” acabara de ser contratada pela IBS e que era formada por ex-fuzileiros, todos experimentados companheiros de armas de James e Anthony. Gente que parecia não ter nenhuma prática em manejar as câmeras, mas que, não havia dúvida, possuía outras habilidades muito especiais.

Alexis pensou nisso nos dias que se seguiram, enquanto aguardavam a resposta dos chineses.

— Sinal verde! — exclamou Anthony, certa manhã, enfiando a cabeça no escritório. — Blair acabou de telefonar. Chou engoliu a isca com linha e tudo.

— Grande... — murmurou ela fracamente. Havia tamanha energia nele, tamanha vitalidade, que a espantava. Era quase como um cavalo de guerra escavando ansiosamente o chão, pronto para arremessar-se mais uma vez no campo de batalha.

— Você parece estar gostando disso de verdade — disse ela, surpresa.

Ele sorriu.

— Sou um ex-fuzileiro. Diabos... acho que ainda sou. O mesmo acontece com os outros rapazes. É bom saber que vamos entrar em ação novamente.

Ela não podia entender isso. Seu campo de batalha era a sua elegante suíte, em que a vitória, ou mesmo a derrota, era limpa e civilizada. Anthony estava falando de algo que não podia imaginar, mas que, não obstante, a enchia de horror.

— Eu só espero que... tenha cuidado.

Eram palavras inadequadas, mas não havia outras que pudesse dizer. Como podia agradecer a um homem que desejava arriscar a vida para salvar a de outro?

— Tad deixou seus afazeres para vir colaborar conosco — disse Anthony, naquele mesmo dia, quando estavam todos reunidos no living de sua casa, discutindo os planos.

O irmão de Maggie agradeceu as palavras de Anthony com uma leve inclinação de cabeça. Ele interrompera sua campanha de candidato ao Congresso para dar o seu apoio ao cunhado. Era ex-piloto do Corpo Aéreo do Exército e tinha muitos amigos lutando na Coréia. Sabia a quem recorrer, em busca de ajuda, e, mais importante ainda, a quem evitar.

— Os guerrilheiros anticomunistas estarão à espera de vocês e irão conduzi-los para o sul, assim que a missão estiver cumprida — disse o alto e loiro ex-piloto, mostrando um ponto no mapa desdobrado sobre a mesa. — Irão de helicóptero até Seul, e de lá diretamente para Tóquio. Uma vez fora da Coréia, as autoridades americanas tratarão do resto.

Alexis ouvia tudo em silêncio. Se a missão fosse bem-sucedida, voltariam todos como heróis. A trama chinesa para confundir a opinião pública americana seria denunciada e Graham frustrado no seu esforço de arrebatrar a IBS.

Pelo modo como Tad falava, o sucesso era uma conclusão lógica. Mas estavam ainda muito longe disso. Muita coisa poderia não dar certo, e com resultados terríveis para os implicados. Olhando para o rosto daqueles homens, todos tão decididos e ansiosos quanto o de Anthony, ela estremeceu.

A equipe de resgate, comandada por Anthony, partiu no dia seguinte, para vencer a primeira etapa da viagem: de Nova York a Los Angeles e de lá para Tóquio. Estavam seguindo a mesma rota que James fizera havia dezoito meses, mas com uma crucial diferença. Do Japão, seriam introduzidos na Coréia do Norte, além do paralelo 38. Depois disso, ficariam entregues à própria sorte até que pudessem fazer a ligação com a guerrilha. Alexis combinara ficar com Maggie. Havia muito espaço na enorme casa para acomodar a todos.

Nem bem tinham chegado, Tessa carregou Matthew para o living. Aos sete anos, ela ainda não tinha idéia do que estava acontecendo. Seu pai dissera-lhe que ia viajar a negócios e que voltaria logo. Isso era suficiente para ela, porque Matthew estava ao seu lado.

— Estou preocupada com ele — admitiu Alexis, mais tarde, enquanto ajudava Maggie a tirar a mesa. — Matthew foi sempre muito reticente. Mas, agora, está se afastando cada vez mais. Não sei como dizer-lhe isso.

— Talvez seja melhor não tentar — sugeriu Maggie com gentileza. — Matthew é muito maduro para sua idade. Poderá se ressentir por qualquer interferência, mesmo se bem-intencionada.

— Não sei... continuo achando que poderia fazer algo por ele. As coisas são mais fáceis com os gêmeos. Agora que estão menos dependentes, consigo relacionar-me melhor com eles.

— Você é intransigente demais consigo mesma. Acho que ninguém gosta de trocar fraldas, perder noites de sono. Leva tempo para aprender a amar uma criança.

— Sempre pensei que isso acontecesse imediatamente — disse Alexis. — Fiquei assustada, ao perceber que não era assim.

Maggie riu.

— Sabe o que pensei, quando vi Tessa pela primeira vez? Que não era possível que eu tivesse dado à luz àquela coisinha feia, vermelha, enrugada, que parecia ter pulmões de ferro. Claro que mudei de idéia depois de uns dias.

— Posso imaginar. Tessa é maravilhosa! Você já pensou naquele assunto de que falamos no outro dia?

— Você se refere a ter outro bebê? Tenho a impressão de que estou grávida. Ainda não estou certa, mas estou torcendo para isso.

Alexis não se surpreendeu. Embora ela e Maggie fossem muito diferentes, pensaria da mesma forma que a amiga, se seu marido estivesse partindo para um destino incerto. Haveria de querer guardar alguma coisa dele dentro de si.

— Anthony sabe dessa possibilidade?

— Não, não disse nada. Fiquei com vontade, mas achei que ele se preocuparia demais comigo e isso o distrairia da missão que ele tem de cumprir.

Alexis entendeu-a. Maggie refreara, com coragem, o impulso de fazer pesar nos ombros do marido as responsabilidades da família. Deixara-o livre para cumprir sua missão da melhor maneira que pudesse.

— Se a gravidez se confirmar, Anthony ficará radiante.

— Não vejo a hora de dizer tudo a ele.

Alexis também. Ver Anthony e outros rapazes de volta, são e salvos, com James, seria a realização de seu maior sonho. Mas antes que isso acontecesse, deviam ter ainda muita paciência.

— Não estou acostumada a esperar — disse ela, dias depois, enquanto ajudava Maggie a cuidar do jardim e da horta.

Era um sábado do começo de outubro. Os últimos tomates e os últimos ramos de manjerição tinham de ser colhidos. Os narcisos e os bulbos de tulipa tinham de ser plantados antes da primeira onda de frio. A grama precisava ser aparada... Era trabalho demais para duas mulheres.

Afastando os cabelos que lhe caíam na testa, Alexis sorriu, desculpando-se.

— Não sou muito boa nisso, Maggie.

— É questão de prática, só isso — disse a amiga, enxugando as mãos no avental. — Estou tão nervosa que não consigo ficar parada. Fiz as unhas duas vezes, nesses últimos dois dias. Limpei a geladeira, os armários, todos os cristais e as porcelanas. Minha empregada deve achar que estou louca, e com razão.

Alexis riu.

— Entendo como é. Não sei o que faria, se tivesse de enfrentar essa provação sozinha.

— Você conseguiria — assegurou Maggie. — Nós, mulheres, sempre conseguimos.

Alexis não se esquecia disso, à medida que o tempo passava e as notícias não chegavam. Para ela e Maggie a situação era dura demais, mas, agora, também as crianças começavam a ser afetadas pela inquietação que reinava na casa. Especialmente Matthew.

Ele vira Anthony partir e desde então falava muito pouco. Alexis acompanhava-o à escola todas as manhãs e ia apanhá-lo à tarde. Durante a volta a Island, ele respondia a todas as perguntas que ela lhe fazia sobre a escola, mas não lhe dava nenhuma informação espontaneamente. Terminado o interrogatório, ele ficava olhando pela janela, encerrado num mutismo intencional. Ao chegar em casa, ia imediatamente fazer seus trabalhos escolares em companhia de Tessa.

Certa tarde, uma semana após a partida de Anthony, Alexis achou que devia pôr fim àquela situação. E, assim que desceram do carro, pediu:

— Venha comigo, Matthew. Quero falar com você.

Ele hesitou um instante, mas obedeceu, acompanhando-a ao escritório.

— Matthew, estou muito preocupada com você.

— Não sei por quê — murmurou ele sem olhá-la. — Estou bem.

— Está mesmo? Não acha que nos conhecemos bem demais e que está na hora de sermos honestos um com o outro?

Ele a olhou surpreso.

— Sim, acho que está. — Ele fez uma pausa. — Mas você me considera ainda uma criança!

Alexis abriu a boca para replicar, mas pensou melhor. Ele tinha razão. Ela o considerava ainda uma criança quando, na verdade, ele estava caminhando rapidamente para a adolescência. Estudou-o intensamente e, pela primeira vez, percebeu como era parecido com o pai. Embora faltassem ainda alguns meses para completar treze anos, era quase de sua altura. Seus ombros eram amplos e prometiam tornar-se ainda maiores. Havia uma graça natural em todos os seus movimentos. Seus fartos cabelos castanho-dourados ele os herdara da mãe, mas os francos olhos azuis, a boca determinada e o queixo teimoso eram decididamente de James.

— Muito bem — disse ela. — Vamos nos sentar e falar... honestamente.

Matthew não perdeu tempo com rodeios.

— Queria saber como se sentia. Você nunca dizia nada, e depois havia sempre aquele sujeito, o Winston, por perto.

Apesar de seu autocontrole, Alexis ficou vermelha.

— O sr. Harcourt trabalha comigo. Somos amigos há muito tempo.

— Tudo bem — disse ele com gentileza. — Todos precisam de amigos. A questão é que... pensei que você estivesse querendo esquecer meu pai.

Alexis respirou fundo.

— Não... não queria esquecê-lo. Estava me sentindo muito sozinha.

Ele ficou pensativo.

— Isso faz sentido. Quando eu me sinto sozinho, procuro Tessa e outros amigos. Acho que você deve fazer isso também.

Ela sorriu, aliviada.

— Estou começando a pensar que devíamos ter tido esta conversa há mais tempo, Matthew. Você é muito especial.

Foi a vez dele de enrubescer.

— Eu estou bem. Procuro fazer meus deveres e ficar fora de encrencas. Mas você... — Ele fez uma pausa. — Você sim é especial. Bonita, agradável, inteligente... como Grace Kelly.

— Grace Kelly?... Obrigada, você é muito gentil.

— Não. Foi uma coisa boba, não devia ter dito isso! Agora você vai me achar de novo uma criança.

Alexis tomou-lhe a mão entre as suas.

— Matthew, com toda a sinceridade, digo que foi uma gentileza de sua parte. Obrigada.

Ele a olhou, ainda em dúvida.

— Acha mesmo?

— Não diria, se não fosse. Estamos sendo honestos um com o outro. Lembra-se?

— Sabe, eu sempre tive vontade de dizer como fiquei contente com o casamento de vocês. Você foi muito boa para ele.

— E ele foi muito bom comigo.

Houve uma longa pausa. Por fim Matthew atreveu-se:

— Você acha que Anthony e os outros rapazes conseguirão trazê-lo de volta para casa?

Alexis não se surpreendeu. Já devia ter imaginado que nada podia escapar aos ouvidos atentos do garoto.

— Não sei. É uma situação muito difícil e perigosa. Tudo o que podemos fazer é rezar.

Ele suspirou fundo.

— Foi o que imaginei. Tio Anthony é corajoso, não? Gostaria de ter ido com ele.

Alexis sorriu com ternura.

— Você é um pouco jovem para isso.

Matthew pareceu aceitar a observação. Ficaram sentados em silêncio durante algum tempo. Então, os gêmeos começaram a choramingar e Alexis levantou-se.

— Acho que está na hora de nos reunirmos aos outros.

— Também acho.

Uma semana depois, Alexis foi acordada no meio da noite. Era Maggie que lhe sussurrava, ansiosa:

— Alexis... eles estão a caminho.

— O... quê?

Ainda sonolenta, ela acendeu o abajur. Maggie estava a seu lado, com um roupão jogado sobre os ombros e os cabelos castanhos caindo-lhe pelo rosto.

— Tad acabou de telefonar. Eles saíram do norte da Coréia e estão a caminho de Seul.

— Eles?...

Maggie confirmou com a cabeça.

— Com James.

— Meu Deus...

A voz de Alexis silenciou-se. Sua boca estava seca, teve de umedecer os lábios várias vezes, antes de poder continuar.

— Tad tem certeza?

— Ele desconhece os detalhes, mas sabe que James está com eles. Chegarão a Tóquio ao meio-dia. De lá voarão para Los Angeles e então para Nova York. Tad acha que estarão em casa dentro de quarenta e oito horas.

Maggie riu, sem perceber que lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Lágrimas brotaram também dos olhos de Alexis, enquanto se atirava nos braços da amiga e a apertava fortemente contra o peito.

As horas seguintes passaram num segundo. Mais tarde, Alexis as recordaria como momentos de excitante confusão: telefones tocando, gente entrando e saindo, decisões sendo tomadas. Algumas cenas isoladas imprimiram-se em sua mente. O ar de indescritível alegria estampado no rosto de Matthew, o instante, dentro do caos em que se transformara a IBS, em que ela encontrara o olhar de Winston fixo nela. Havia tamanha tristeza nos olhos dele que ela fora obrigada a baixar os seus.

Mas, depois, ao olhar-se no espelho, sentira orgulho da imagem da mulher ali refletida. E seus olhos cinzentos, habitualmente tão frios, brilharam de triunfo. Correria um grande risco e vencera. No momento, nada mais importava.

O momento de ir ao aeroporto chegou mais depressa do que ela imaginara. Para evitar confusões com as autoridades americanas e um prematuro contato com os repórteres, a equipe de resgate havia permanecido inacessível a todos até aquele momento. Coubera a Alexis tratar com os homens do governo e com o pessoal da imprensa, convocando-os no aeroporto.

Passava da meia-noite quando a torre de controle anunciou a chegada iminente da aeronave. A temperatura baixara e começava a chover. As esposas dos bravos rapazes estavam reunidas numa pequena sala, tomando café ao lado da janela.

Após o desembarque, os homens deveriam encontrar-se com suas famílias e em seguida rumar para a sala de imprensa, onde responderiam às perguntas dos jornalistas e posariam para as fotografias.

Era uma grande história, talvez uma das maiores do pós-guerra. E chegava num momento em que o povo estava desesperado, à procura de algo que o fizesse sentir-se novamente orgulhoso de seu país.

Ao ouvir um som do lado de fora, Alexis dirigiu-se para a janela e postou-se ao lado de Maggie. O avião acabava de pousar, guiado pelas luzes da pista brilhantemente iluminada. O piloto freou-o a poucos metros da saleta de espera, e elas viram a porta abrir-se.

Os empregados do aeroporto chegaram correndo com a escada. Alguns minutos depois, cinco homens foram aparecendo, um a um, na porta iluminada e começaram a descer.

CAPÍTULO XV

A casa da praia estava quieta e deserta, como tudo em volta. Alexis inspirou profundamente o ar revigorante, recendendo a maresia, e abarcou com o olhar todo o panorama luminoso que se descortinava à sua frente.

O céu estava limpo depois das chuvas da noite, e a luz brilhante do sol refletia-se na superfície do mar, alterando seu azul intenso. A vela branca de um barco, cujo casco estava oculto pelo penhasco, emergia das águas, demorando-se na vasta paisagem adormecida.

Tudo era calmo e bonito, mas ela não conseguia encontrar repouso. Não saía de perto de James, temendo que ele fosse desaparecer de um momento para o outro. Mas não estava vendo nenhum fantasma e não precisava esfregar os olhos nem beliscar-se. Era ele mesmo que estava dormindo ali, com a cabeça recostada no travesseiro e voltada para ela. Uma barba negra e espessa cobria-lhe o queixo. Havia cicatrizes em seu rosto, algumas de ferimentos recentes. A parte superior do corpo parcialmente descoberta revelava vergões nos ombros, nos braços e no peito. Ela o ajudara a despir-se na noite anterior e sabia que o resto do corpo apresentava-se do mesmo modo. Sentia uma angústia profunda ao pensar pelo que ele passara, mas não podia reprimir uma cólera irracional contra os que considerava responsáveis por isso.

Era o dia seguinte ao de sua volta. A véspera, ele a passara tentando responder à torrente de perguntas dos jornalistas. Como fora tratado durante o cativeiro? Qual sua reação ao perceber que seus amigos tinham chegado para salvá-lo? Como se sentira ao saber da morte de John Dylan?

Essa última pergunta ele a respondera com voz rouca de emoção:

“John era meu amigo e uma pessoa boa e confiável. Não posso exprimir adequadamente quanto sinto sua perda, sabendo que ele se sacrificou por mim”.

Anthony interpusera-se entre os repórteres e James, que estava com o braço esquerdo pendendo, inerte, ao longo do corpo.

“Todos nós sabíamos os riscos que corríamos, quando nos metemos na empreitada. E os aceitamos. John teria sido o primeiro a dizer isso a vocês.”

Lembrando a cena, Alexis suspirou e sacudiu tristemente a cabeça. No instante em que vira cinco homens descer do avião, em vez de seis, tivera de sufocar um gemido. A missão fracassara. Os rapazes não haviam conseguido resgatar James. Ou então... alguém não voltara.

Diante da possibilidade de que podia ser Anthony a vítima, seu estômago contraía-se num nó. Mas, ao ouvir Maggie soltar um suspiro de alívio, examinara ansiosamente o rosto dos outros homens e descobrira que era o rude, mas gentil, australiano que estava faltando.

Até aquele momento não houvera nenhuma reação, por parte dos comunistas, ao fulminante e selvagem ataque que vitimara algumas dezenas de seus homens. E talvez jamais houvesse. No pé em que estavam as negociações, haveriam de querer, certamente, que o episódio fosse esquecido o mais rápido possível. O Departamento de Estado, por sua vez, demonstrara-se

igualmente cuidadoso, ciente de que um repúdio à heróica ação de um punhado de bravos redundaria em sua própria condenação.

“Executivo da TV resgatado da Coréia do Norte”, anunciava o New York Times na primeira página. O Herald Tribune, mais conservador, dizia: “Surpreendente missão de resgate obtém sucesso”, enquanto o Journal American declarava: “Companheiros de armas arrancam executivo das garras dos vermelhos”. O efervescente Daily News conquistava a preferência do público com uma única frase tomando toda a primeira página: “BEM FEITO!”

Nos noticiários das rádios e das televisões havia um consenso geral: Anthony, James e seus companheiros eram o maná para uma nação faminta de heróis. Já corriam rumores de que o governo não agira com a necessária eficiência, obrigando civis a resolverem o caso com seus próprios meios. Todos esqueciam, naturalmente, a enorme dificuldade de tentar resgatar milhares de homens, ao invés de um único.

Alexis afastou-se da janela e ficou parada ao lado da cama, olhando-o. Ele parecia estar dormindo tranqüilamente. Mas ela continuava atormentada por temores que não podia negar. Como retomar uma vida normal com um homem que permanecera fora de casa durante dezoito meses e em tão terríveis circunstâncias? O que podia fazer por ele ou dizer-lhe? Como poderiam reconstruir um relacionamento que já dava sinais de enfraquecimento antes mesmo que ele partisse? E se não pudessem se entender, quais seriam as alternativas?

Desejava que James acordasse e falasse com ela. Queria que ele a tomasse nos braços e a confortasse, afirmando que tudo ia dar certo. Percebia, no entanto, que isso era egoísmo de sua parte. Era ele quem havia sofrido tão terrivelmente, não ela. Não era justo que ele tivesse de ser forte por ambos!

Começou a virar-se lentamente. Mas, antes que pudesse dar um único passo, dedos fortes cerraram-se em volta de seu pulso e ela foi puxada gentilmente para a cama.

Sem soltá-la, James olhou-a e esboçou um sorriso.

— Pensei que você fosse um sonho...

Ela ficou calada, incapaz de proferir uma só palavra. O sorriso dele e o brilho de seus olhos eram como ela lembrava. Tornavam possível, no momento, esquecer as dúvidas e os temores.

Ele acariciou-lhe o braço, introduzindo a mão por dentro de seu robe.

— Quero tomar um banho de chuveiro. Pode me ajudar?

Tudo aconteceu com simplicidade. Depois de certificar-se de que a água estava quente, ela o acompanhou através do quarto até o banheiro. Ajudou-o a entrar no boxe e ficou a seu lado, pronta para dar-lhe toda a assistência de que ele precisasse.

James apoiou as mãos na parede e inclinou a cabeça para trás, recebendo todo o jato de água no rosto.

— Ah, como é bom! Quando eu penso no tipo de banho que tomei nesses últimos tempos...

Um nó cerrou a garganta de Alexis. Tinha de fazer força para não gritar diante do estrago que lhe haviam feito. Seu corpo era uma confusão de vergões, feridas e contusões. Sentia-se mal ao ver tão perto de seus olhos aquele dorso maltratado, revelando as marcas da prisão e da tortura. Mas ele era ainda muito homem e ela o desejava.

James voltou-se com os cabelos grudados na cabeça, a barba brilhando com as minúsculas gotas de água, e percebeu o que os olhos dela pediam.

— Alexis... faz tanto tempo...

Ela fez que sim e fechou os olhos para reter as lágrimas.

— Tinha tanto medo que você não voltasse...

Ele sorriu, incrédulo.

— Você, com medo?... Não posso acreditar.

— Tive, sim. Mas não podia revelar isso a ninguém. Tinha de parecer forte para que as pessoas me ouvissem e entregassem você...

Sua voz interrompeu-se e ela virou o rosto, desejando poder engolir suas palavras. Ele já fora bem atingido. Não era justo sobrecarregá-lo demais com seus medos.

James murmurou algo entre os dentes. Esticou os braços e segurou-a pelos ombros. Através do robe, ela podia sentir sua força. O vazio e o frio que lhe corroíam as entranhas começaram a desvanecer-se. Sem saber direito o que estava fazendo, desamarrou o cinto e deixou o robe cair a seus pés.

— Eu também preciso de um chuveiro — murmurou, justificando-se.

Apertaram-se no pequeno box, e, entre risadas e toques tímidos, começaram a redescobrir-se. As mãos dele tremiam ao seguir-lhe os contornos da cintura e dos quadris, ao sustentar-lhe os seios nas palmas em concha.

— Pensei nisto tantas vezes... Revivi todas as noites que passamos juntos, lembrando tudo de você...

Ele afastou-se para olhá-la. Os lábios dela estavam entreabertos; os olhos, semi-cerrados. Os bicos dos seios, de um suave rosa-coral, desabrochados como uma flor; a doce pelúcia entre as pernas luzia em minúsculos brilhantes.

Com um gemido rouco, puxou-a para si, colando seu corpo ao dela, pressionando seu sexo endurecido contra o ventre macio.

— Alexis...

Ela estendeu a mão e segurou-lhe o membro, soltando um suspiro que lhe vinha do fundo da garganta. Estava toda úmida por dentro, e seu sexo pulsava com tanta força que chegava a espantá-la.

— James...

— Diga... — implorou ele. — Diga que sentiu a minha falta.

— Gostava quando você me tocava — disse ela, num sussurro abafado.

— Onde?... Onde você gostava que eu a tocasse?

— Aqui... — Ela levou as mãos dele aos seios e depois baixou-as para o triângulo de pêlos dourados entre as pernas. — E aqui...

Ele ficou de joelhos e começou a explorar-lhe os recantos secretos do corpo com a boca.

— Assim?

— Sim... não pare... é tão bom! Gosto disso e...

— Do quê? — perguntou ele, ansioso.

Ela inclinou-se e murmurou-lhe algo ao ouvido. Ele agarrou-a pela cintura e tirou-a do chuveiro. Ergueu-a depois nos braços e carregou-a para o quarto, depositando-a gentilmente na cama.

— James... não é cedo demais? Você precisa descansar...

Ele deitou-se por cima dela, grande e forte à luz dourada do sol que banhava o quarto.

— Você me fez um pedido muito especial. É justo que eu a contente.

— Oh, James...

Ele deixou de lado todas as preliminares. Afastou bem as pernas dela e penetrou-a profundamente. Ficou imóvel por um longo momento, e então começou a mexer-se, com arremetidas longas e suaves a princípio e depois cada vez mais impetuosas, num completo frenesi.

Ela ouviu-se gemer cada vez mais alto. Nunca experimentara aquela sensação antes. Nunca! Era algo que julgara além de sua capacidade de sentir. Algo primitivo, que a completava mostrando como estavam as coisas entre eles. Ambos fortes e orgulhosos, independentes, mas vulneráveis, ambos lutando para conquistar o comando.

Mais tarde, ao emergirem da inconsciência final e perceberem o que havia acontecido, ficaram perturbados. Alexis não conseguia olhá-lo, e James parecia não ter nada a dizer-lhe. Ele levantou-se para desligar o chuveiro e voltou para o quarto vestindo o roupão. Ela aproveitou a ocasião para tirar os lençóis molhados e substituí-los por outros, limpos. Ele a ajudou e, quando terminaram, sentaram-se um de cada lado da cama, olhando-se furtivamente.

— Não pretendia realmente... chegar a isso. As coisas estão ainda um pouco fora de controle — murmurou ele.

Ela não conseguia tirar os olhos de cima dele. James revelara um aspecto de sua personalidade que ainda não conhecia, embora suspeitasse que existisse. E muito mais: fizera-a descobrir algo estranho e perturbador dentro de si mesma. Alguma coisa irrompera de dentro dela, tremendo e inexorável: a fêmea primitiva, agora revelada e que nenhuma razão poderia mais domar.

— Acho que estávamos ambos sob uma enorme pressão.

— Deve ter sido isso.

— Estou certa de que... nos acalmaremos.

— Você acha?

Ele deitou-se de costas e depois esticou o braço, convidando-a a aninhar-se nele. Ela não hesitou. Apertada de encontro ao peito de James, sentiu a fadiga mortal daqueles últimos dias desaparecer, substituída por um doce torpor. Mais tarde, ela tentaria chegar a um bom termo com aquela nova e intrigante relação homem-mulher.

Por ora, era suficiente saber que não estava mais sozinha.

A recuperação de James foi mais rápida do que todos haviam imaginado. Ele parecia firmemente determinado a esquecer tudo muito depressa, acreditando que, de outra forma, seria continuar no cativeiro. Irritava-se, ao perceber o menor indício de fraqueza em seu corpo, negando que sofresse de pesadelos mesmo quando acordava no meio da noite, banhado em suor. E lançava-se no dia-a-dia quase como uma vingança contra a injúria sofrida.

Entre as últimas semanas de 1952 e as primeiras de 1953 conquistou todo o peso perdido: cerca de vinte e cinco quilos. Para evitar a flacidez dos músculos, começou a freqüentar uma academia de ginástica no West Side, passando horas levantando pesos e lutando no tablado com jovens boxeadores que não o poupavam.

Além disso, não perdeu tempo em reassumir seu posto na IBS. Uma semana após a sua volta, ia ao escritório diariamente e, em pouco tempo, ficou a par de todos os assuntos e pronto para, mais uma vez, assumir o comando.

A reação de Alexis foi contraditória. Alegrava-se com a sua recuperação e entendia por que ele tinha necessidade de deixar o passado para trás. Mas percebia, também, que queria conseguir isso à custa dela.

Durante sua ausência, ela acostumara-se a tomar decisões e a formular planos sozinha. Com Anthony não havia problema. Delimitadas suas áreas de atuação, era raro que um interferisse na do outro. Com a vinda de James, tudo mudara de repente. Ele não apenas presumia que ela devesse prestar-lhe contas, mas ia além, sugerindo que, agora, não havia motivo para que continuasse a trabalhar na IBS.

— Entendo que você foi obrigada a assumir, enquanto eu estive fora — disse ele, certa tarde em que se encontravam no escritório dele.

Era o começo de 1953. Eisenhower vencera as eleições, depois de derrotar Stevenson e os democratas. Apesar disso, Tad conquistara facilmente uma cadeira no Congresso. O país parecia querer voltar para dentro de si mesmo, afastando-se da turbulência de um mundo confuso e amedrontador. Não havia grande interesse em correr riscos. Maggie, que estava novamente grávida, dizia que a pressão ao conformismo era mais forte do que nunca nos subúrbios. Alexis concordava com ela. Podia ver isso acontecer no seu próprio mundo.

— Concordo que você fez muito na minha ausência — continuou James com firmeza —, mas não vejo nenhuma razão para que continue a sacrificar-se. As crianças precisam de uma mãe em período integral.

Alexis olhou-o, consternada. Quase previra algo semelhante, mas esperava que isso acontecesse quando houvessem se acostumado mais um com o outro. Em vez disso, James parecia querer pôr tudo em pratos limpos, sem demora.

— Espere um instante... Você não está falando a sério, está? Não comecei a trabalhar na IBS só porque você estava fora! Vim para ficar!

James inclinou-se para trás e começou a tamborilar com os dedos no braço da poltrona.

— Nunca tocamos nesse assunto. Naturalmente, eu pensei que você pretendesse ser mãe acima de tudo.

— Isso não passa de presunção de sua parte — disse Alexis com veemência. — Deixei sempre claro que, para mim, a carreira era igualmente importante.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Igualmente?... Fazia outra idéia...

Alexis agarrou-se com força aos braços da poltrona. Tinha a desconfortável sensação de estar sendo chamada a prestar contas para si mesma. Respirando fundo, obrigou-se a ser paciente.

— É natural que, depois de um período de separação tão grande, nossas opiniões sejam contraditórias sobre algumas coisas. Mas você acha que é justo voltar para casa e pretender recomeçar tudo, como se nada fosse? Pretende que seja tudo exatamente como você quer?

— Não se trata disso. Simplesmente não vejo necessidade de que você se sacrifique e, com isso, sacrifique também as crianças. Você fez um trabalho fabuloso, reconheço. Mas agora acabou. Podemos voltar á vida normal.

— Normal? O que significa isso? Uma casa nos subúrbios e um filho por ano? Não, obrigada. No caso de você não ter notado, saiba que sou uma das sócias desta empresa e não vou renunciar a meu direito.

James ficou pálido.

— Sabia que mais dia menos dia você iria trazer isso à tona — disse ele, com perigosa suavidade.

— Fiz um grande investimento na IBS. Não apenas de dinheiro, mas também de tempo e dedicação. Tenho interesse em saber como andam as coisas por aqui. Quero tomar parte nisso e não ser apenas uma observadora de segunda fila.

— Não está sendo realista. Se não fosse casada e não tivesse filhos, não faria a menor objeção a que você continuasse no cargo. Mas acontece que você “é” casada e que “tem” filhos. Que eu me dane se vou deixá-la pensar o contrário!

— Deixar... pensar?... O que...

Ela interrompeu-se, ao ver o brilho de satisfação dos olhos dele. Ele queria provocá-la, fazê-la perder a compostura e, com isso, confirmar que ela não estava preparada para enfrentar as pressões de uma grande empresa.

Decidida a não cair na armadilha, disse tão friamente quanto pôde:

— Pensei que meu pai e meu irmão fossem os indivíduos mais arrogantes da face da Terra. Mas você os supera de longe. Quem lhe deu o direito de decidir o que devo ou não fazer?

James não respondeu. Levantou-se e caminhou diretamente para ela. Postou-se à sua frente com as pernas separadas, como se quisesse demonstrar-lhe que ele é que era o dominador, o macho, e que não lhe permitia contestar isso.

— Sou seu marido.

Ela o fitou. Havia um campo de batalha aberto entre eles.

— E isso significa o princípio e o fim de tudo? Marido não quer dizer amo e senhor!

Ele observou-lhe os olhos chispando, os lábios finos, duros na raiva que a consumia. Sorriu, divertido, e inclinou-se para acariciar-lhe o rosto.

— Vamos... Não está querendo dizer que não gosta disso.

Alexis olhou-o, incrédula. A enormidade daquela pretensão causava-lhe assombro. Ele acreditava, mesmo, que ela gostava de obedecer às suas ordens!

Afastou-lhe a mão, irritada.

— Quero que você respeite meu direito de decidir minha própria vida.

O silêncio desceu de súbito sobre a sala. James postou-se junto à janela, com os braços cruzados sobre o peito, não conseguindo disfarçar a cólera. O que havia com ela, afinal? Devia agradecer-lhe por ele tomar conta de tudo, deixando-a livre das responsabilidades! Ao invés disso, agia como se ele estivesse querendo arrancar-lhe alguma coisa!

Alexis contemplava-o em silêncio, tentando de algum modo transpor o abismo que os separava. À noite, na cama, faziam amor com apaixonada honestidade. Lá não havia reservas nem desentendimentos. Era apenas durante o dia, quando se enfrentavam por meio da mesma escrivãzinha, que as diferenças se impunham.

Às vezes, sentia-se como se fosse duas mulheres, tentando coexistir num único corpo. Uma delas queria ser o que James desejava que ela fosse: companheira, amante, mãe de seus filhos e guardiã de seu lar. Mas a outra, mais forte, não queria se contentar com esse tipo de vida.

— Sabe... — disse, quase para si mesma. — Meu pai esperava que eu encontrasse satisfação em ser mulher de um homem importante. Achava que as mulheres deviam ser criaturas puramente ornamentais. Nunca concordei com ele e certamente não vou concordar com isso agora.

James voltou-se para ela lentamente. Quando falou, sua voz fria e implacável não deixou dúvidas quanto ao que pensava disso.

— Não me compare a seu pai. Se não percebeu a diferença que havia entre nós, então sinto pena de você.

Chocada por sua rudeza, Alexis levantou-se impetuosamente.

— Diferenças? Não consigo ver muitas. Ele precisava provar que era melhor do que os outros, como você. E como você, não podia suportar a idéia de que pudessem julgá-lo um fraco. É por isso que você está determinado a esquecer o que aconteceu na Coréia, e é por isso que você quer que eu permaneça sob sua total dependência!

Ao ver como ele ficara pálido, Alexis pensou que tivesse ido longe demais. As mãos de James cerraram-se com força e seus olhos arderam perigosamente. Enquanto ela o observava, estranhamente fascinada, ele deu um passo à frente.

— Você... — disse, com voz alterada.

Mas de súbito se imobilizou. A acusação dela ecoava-lhe nas paredes do cérebro, forçando-o a admitir que pudesse talvez haver alguma verdade no que ela dissera.

Alexis observou-lhe a luta íntima e compreendeu que aquele homem acabava de descobrir os segredos de sua alma. E sentiu pena.

— James... Por que estamos causando tanto sofrimento um ao outro? Já passamos por momentos tão terríveis... Por que não tomarmos tudo com calma, tentando resolver nossas diferenças sem nos destruir?

Ele suspirou.

— Tem razão. Estamos abordando o assunto de maneira errada. Não deveria esperar que você mudasse completamente sua vida só porque voltei para casa.

Essa franca admissão tornou-a imediatamente predisposta à conciliação. No fundo, detestava a idéia de estar em conflito com James.

— Nós faremos tudo dar certo, vai ver. Haverá ainda alguns problemas de reajustamento, mas os resolveremos mais depressa do que se pode imaginar.

— Você compreendeu, não é? Quero apenas que as coisas voltem ao normal.

Alexis não tinha certeza do que ele queria dizer com isso, mas entendeu que a palavra “normal” significava segurança. Sendo assim, só podia concordar.

— Claro que voltarão ao normal! Mas vai levar tempo. E você também entende isso, não?

Ele fez que sim e puxou-a para si. Ela aninhou-se alegremente em seus braços. E só muito depois pensou no preço que devia pagar por deixá-lo acreditar que estava disposta a fazer o que ele queria.

Contrariamente ao que James pensava, Alexis queria ocupar um espaço maior dentro da companhia. Tinha dois bons motivos: estar no comando era essencial à sua natureza; e depois porque queria vingar-se de seu irmão. Jamais perdoaria Graham por seu crime. Por causa dele, James sofrera os horrores do inferno. E devia pagar. A única questão era imaginar como.

Pensou nisso com muito cuidado, levando em consideração tudo o que sabia de seu irmão, examinando todos os seus pontos vulneráveis. Sua vida particular era um alvo tentador, mas repugnava-lhe atacá-lo por esse lado. Em vez disso, iria tomar-lhe um bem que ele não merecia: a UBC.

À noite, nos calmos momentos que precediam o sono, pensava na melhor maneira de tornar isso possível. Vários planos passaram-lhe pela mente, mas foram descartados, um a um. Ela persistia, no entanto, embora soubesse que o homem deitado ao seu lado a desaprovava, se tivesse idéia do que ela pretendia.

Logo após a sua volta, ela lhe revelara suas suspeitas e o papel de Graham em tudo aquilo. Ele a ouvira em silêncio e depois comentara:

“É uma história incrível! Você acredita mesmo nisso?”

Surpresa, ela dissera:

“Claro que sim! E ainda acredito. Graham teria tudo a ganhar, desacreditando você”.

James rira, rira de verdade!

“Querida, não há nenhuma prova do que você está afirmando. Os comunistas são espertos. Esperaram até que as negociações do cessar-fogo tivessem atingido uma fase crítica, para fazerem suas exigências. Quando o país estava elegendo um novo presidente e a pressão para a solução do conflito tornava-se cada vez maior. Aí então a propaganda transmitida pela emissora seria mais valiosa para eles.”

“Nada disso explica por que o Departamento de Estado e o Pentágono nunca souberam dizer se você estava vivo ou morto.”

Ele havia encolhido os ombros, como se isso não tivesse importância.

“Pode haver um número infinito de explicações. Os vermelhos conservaram-me bem escondido, e a nossa gente tinha outras coisas com que se preocupar. Não fizeram um bom trabalho, mas, nessas circunstâncias, acho que não podemos exigir muito deles.”

“Como você pode ser tão cego?”

“Estou sendo razoável. Você é a única que está convencida de que houve um complô por detrás disso. Não houve. Foi apenas falta de sorte minha.”

Meses depois, lembrando essa conversa, Alexis ainda não se conformara. Como um homem tão inteligente insistia em acreditar que havia sido apenas vítima do destino? Mas James acreditava, e ela desistira de convencê-lo do contrário. Até Anthony, que inicialmente compartilhava de suas suspeitas, havia mudado de idéia.

“O que importa, afinal?”, dissera ele. “Resgatamos James, e é isso que conta.”

E o assunto morrera aí. Pelo menos para os homens. Mas não para ela. Os sentimentos de vingança que nutria contra seu irmão estavam ligados à crescente convicção de que a UBC devia ser dela. Não podia consegui-la sem antes atingir Graham.

CAPÍTULO XVI

— Que árvore linda! — disse Maggie, sentada no sofá com o bebê Tônio no colo. — Não acha, Tessa?

A menina fez que sim, com os olhos fixos na árvore de Natal com cerca de quatro metros de altura que dominava o enorme living. A casa para onde os Callahan haviam se mudado depois que terminara a guerra da Coréia situava-se no East Side da Quinta Avenida, a um quarteirão do Central Park, e representava não apenas um novo lar, mas também um novo começo.

— É a mais linda árvore de Natal que já vi em minha vida — afirmou Tessa, encantada.

A menina era dotada de grande beleza. Possuía um rosto delicado e reluzentes cabelos escuros que chegavam até a cintura. Os imensos olhos negros, delimitados por cílios espessos, estavam voltados para Matthew, observando-lhe a reação.

Ele sorriu e passou-lhe às mãos uma taça de ponche de frutas.

— Você disse a mesma coisa da árvore de sua casa e daquela de seus avós.

Tessa enrubesceu. Matthew era seu herói, o centro de sua incontida admiração e de seu amor sincero. Como sempre fora. Felizmente, ele não era do tipo de deixar ninguém encabulado. Muito menos ela.

— Bom, se você acha, então devem ser mesmo as mais lindas árvores de Natal do mundo. Todas elas. — Ele estendeu-lhe a mão. — Quer ver o laboratório de química que eu ganhei?

Ela sacudiu afirmativamente a cabeça e acompanhou-o, seguida de perto por Joey, que não quis ser deixado para trás. Maggie sorriu e olhou para Alexis.

— Gostaria que Tessa fosse sempre assim, meiga e agradável. Você tem idéia de como Matthew consegue isso?

— Mágica — disse Alexis, sentando-se ao lado dela e fazendo um agradinho ao bebê. — Tônio está crescendo a olhos vistos.

— Graças a Deus — murmurou Maggie. — Não vejo a hora de me livrar dessas fraldas. Ainda bem que o tempo passa depressa. Logo, também Tônio estará na escola.

O momento de serenidade foi interrompido por um grito agudo que Alexis reconheceu imediatamente. Virou-se e, sem erguer o tom de voz, ordenou:

— Chega, Amanda. Deixe Jamie brincar também.

Alisando o lindo vestido azul-celeste que combinava perfeitamente com seus olhos, a menina sorriu candidamente.

— Ele não quer!

— Quero — disse Jamie, aproveitando a oportunidade para arrancar o brinquedo das mãos de sua irmã.

— São muito parecidos fisicamente, mas diferentes em tudo — disse Alexis.

Depois de três anos, sentia-se ainda maravilhada com o duplo milagre que ela e James haviam produzido. As duas crianças haviam herdado suas feições, seus cabelos loiro-platinados e os olhos azuis de James. Mas as semelhanças paravam aí. Amanda já parecia mais amadurecida do que Jamie. Fora a primeira a engatinhar, a andar e a falar. Jamie seguira-lhe rapidamente os passos. Mas a menina assumira a liderança desde o início.

— Você sabe educá-los — comentou Maggie. Alexis sorriu, agradecida.

— Faço o que posso.

Não precisava dar mais explicações. Maggie entendia o que ela queria dizer. Fazia já um ano que James voltara da Coreia e não haviam ainda resolvido o crucial problema: ele insistia em afirmar que Alexis não precisava mais trabalhar e ela recusava-se a abdicar de suas funções na companhia.

A solução mais satisfatória que haviam encontrado não era exatamente uma solução, mas um compromisso. Alexis trabalhava o dia inteiro na IBS sem esquecer, no entanto suas responsabilidades com as crianças. Lembrando-se de sua própria infância, recusara-se a depender de uma enfermeira. Assim, quando havia a necessidade de levá-las ao pediatra ou ao dentista, ela as acompanhava. Quando uma delas adoecia, ficava em casa.

James procurava passar a noite com eles, a menos que uma reunião importante ou o acúmulo de serviço o retivesse no escritório até mais tarde. Mas era a Alexis que os gêmeos recorriam, quando queriam que alguém lhes lesse uma história ou consertasse um brinquedo.

Enquanto as duas mulheres preocupavam-se com as crianças, Anthony e James conversavam sobre os problemas da IBS. Sentados lado a lado, junto à lareira, com um copo de uísque na mão e um charuto entre os dedos, os dois pareciam perfeitamente satisfeitos, depois do excelente jantar em comemoração ao dia de Ano-Novo.

— Sabia que iríamos ter problemas com Delia — dizia Anthony —, mas tinha certeza de que poderíamos resolver tudo como gente sensata. Mas agora, diante das últimas exigências dela, não sei mais o que pensar.

— Delia sabe que pode fazer exigências. Seu show é considerado um dos melhores do país. Quem, a não ser ela, pode competir com “Lucy e Desi”?

— Sim, mas há um limite para tudo. Ela exige não só um salário em dobro, mas também uma porcentagem sobre a venda de seus shows a outras estações filiadas.

Alexis ouvia-os em silêncio. Não queria envolver-se na questão de Delia Follett, mas estava curiosa para saber como eles pretendiam resolvê-la.

— A porcentagem sobre a venda parece-me justa — disse James pensativamente.

— Só espero que as coisas parem por aí e que Delia não crie outras dificuldades.

James tomou um gole de uísque.

— Com que é que está preocupado? Delia é uma boa moça.

— É uma boa moça, sim. Boa demais! — comentou Anthony, irônico.

Alexis franziu as sobrancelhas. Não esquecera que o marido tivera um caso com a linda atriz durante a Segunda Grande Guerra nem o bilhete ambíguo que Delia lhe enviara quando James estava desaparecido na Coréia.

Maggie percebeu sua aflição e colocou-lhe uma mão no braço.

— São apenas negócios. Não se preocupe.

Alexis deu de ombros ceticamente.

— Não sei... Só espero não ser obrigada a resolver essa situação.

Era só o que faltava naquele momento, outro problema. Ainda não resolvera o de Winston! O contrato do popularíssimo comentarista com a IBS estava quase vencido. Tinham interesse em renová-lo, mas Winston mostrava-se indeciso. Se não chegassem logo a um acordo, correriam o risco de perdê-lo.

— Tudo vai dar certo — murmurou Maggie com suavidade. — Como sempre.

Alexis invejava sua paciência. A dela estava quase esgotada. Entre as pressões do trabalho e o andamento da casa, dispunha de poucos momentos livres para si mesma. Estavam acabados os dias em que tinha a liberdade de almoçar com amigos, passar a tarde no salão de beleza ou fazer compras. Dias que agora lhe pareciam revestidos de novos encantos.

Esperava que o novo ano trouxesse ao menos novas soluções para os problemas, mas, seis semanas depois, ela estava ainda tentando resolvê-los. Para começar, Winston não se mostrava inclinado a renovar o contrato. E fazia charme.

— Você tem de entender minha posição, Alexis — disse ele, certa tarde de fevereiro em que haviam ido almoçar num pequeno restaurante francês. — Reconheço que devo muito à IBS. Mas acho que uma mudança seria bom para mim.

Alexis tomou um gole de Dubonnet e sorriu. Escolhera esse restaurante porque era freqüentado pelo pessoal da televisão e ela queria ser vista conversando amigavelmente com Winston. O astro do noticiário da NBC, John Cameron Swayze, estava sentado na mesa ao lado, perto do conhecidíssimo Douglas Edwards, da CBS, que almoçava com um jovem correspondente chamado Walter Cronkite.

Alexis notara-o pela primeira vez durante as convenções presidenciais de 52 e gostara de suas brilhantes apresentações. Se as coisas chegassem a um impasse com Winston, ele poderia ser uma boa alternativa.

Enquanto isso, teria de amansar o amigo.

— Claro, Winston. Você é um homem talentoso e inteligente e tem de pensar em seu futuro. Mas acha, realmente, que haja uma emissora capaz de fazer mais por você do que a IBS?

— Não... Mas não estou falando apenas profissionalmente. O problema é... de ordem pessoal. — Ele a olhou bem nos olhos, não deixando dúvidas quanto ao significado de suas palavras.

Alexis sufocou um suspiro: tinha muita simpatia por Winston, mas estava começando a perder a paciência. Não achava possível que um homem tão inteligente e sensível continuasse a esperar por algo que jamais iria obter!

Não obstante, disse-lhe com toda a gentileza:

— Sei que a volta de James foi... um transtorno para você. Mas há interesses maiores envolvidos nisso. Afinal, você tem total liberdade na IBS. Ninguém interfere em seus julgamentos nem controla suas transmissões.

Winston não podia contestar isso. Nem mesmo o decano dos noticiaristas de televisão, Edward R. Murrow, tinha tamanha liberdade.

— Reconheço que vocês me deixaram à vontade, mas...

— Como resultado — continuou ela com firmeza — “Câmeras em Ação” é um programa só seu. São trinta minutos, todas as terças-feiras, para você expor seu próprio ponto de vista sobre qualquer assunto. É por isso que, sem nenhum exagero, você tem grande influência na opinião pública americana.

Ela não disse, porque não era o caso, que aqueles trinta minutos semanais davam-lhe um enorme poder. Ele era cortejado por políticos, homens de negócios, empresários, enfim por todos que tinham algum interesse na reação do público.

— Você não tem motivos para queixar-se com o prestígio que o programa me proporcionou. Houve até uma certa época em que pretendia fazer uso dessa influência.

Alexis sorriu sem acusar o golpe.

— Já discutimos isso, Winston. Expliquei-lhe que nunca tive a intenção de fazer o que os chineses pediam.

— Mas fez-me concordar com seus planos.

Ela inclinou-se para ele e disse-lhe com voz baixa e rouca:

— Disse a você, naquela ocasião, que ninguém teria feito tanto por mim. E ainda acho isso.

Winston olhou-a demoradamente. Sua mão tremia, quando ele ergueu o copo de vinho.

— Você é uma mulher notável, Alexis. Mas sabe que houve vezes em que a teria estrangulado com prazer?

— Verdade? Devo me considerar em perigo?

Ele lançou-lhe um olhar exasperado.

— Infelizmente não. Se eu pudesse descarregar minha raiva em você, talvez fosse...

Winston interrompeu-se, envergonhado de sua franqueza. Alexis causava-lhe sempre esse efeito. Ao lado dela, todo o seu decoro e toda a sua habitual reserva esvaíam-se como neve ao sol.

— Não importa. Deixe-me dar as ordens ao garçom. A menos que você pretenda ter um almoço puramente líquido...

— Claro que não — afirmou ela, aliviada ao perceber que o momento constrangedor passara. Insinuações sempre a perturbavam, principalmente porque eram contra seu modo de ser.

Nada ficou decidido nesse dia, mas Alexis teve a impressão de que Winston pretendia realmente permanecer na IBS. Fazia exigências porque ela o colocara numa posição difícil. Queria dar-lhe o troco. O que, tudo somado, parecia-lhe justo.

Outra forma de retaliação, muito mais séria, estava em sua mente, dias depois, enquanto estudava o relatório confidencial apresentado pelos advogados e contabilistas que contratara para

investigarem Graham e sua atividade na UBC. Sem o consentimento de James, é claro, que a desaprovava se soubesse que ela continuava a tecer planos de vingança contra seu irmão.

Graham estava atravessando uma fase difícil, de acordo com o relatório. Endividado até o pescoço, hipotecara vários bens imóveis, e ela estava curiosa em saber como ele havia gastado esses milhões de dólares. No lugar dele, ela os teria usado para produzir novos programas, comprar equipamentos novos, expandir novos escritórios. Em resumo, para fortalecer a rede que era a base do império de comunicações dos Brockton.

Mas Graham, pelo visto, preferia diversificar. Estava investindo fundo na compra de várias revistas e jornais, e adquirira o controle de uma firma de publicidade. O que fazia supor que ele ainda não acreditava no futuro da televisão, apesar das evidências em contrário.

Finda a leitura, Alexis largou o relatório e recostou-se na cadeira, imersa em pensamentos. A porta do escritório estava fechada, e ordenara à sua secretária que suspendesse todos os telefonemas para ela. Queria dispor de pelo menos algumas horas para concentrar-se e considerar cuidadosamente tudo o que acabara de saber.

Entre os bens que seu pai lhe deixara, havia um pacote de ações da UBC. Não em número suficiente para tirar o controle da companhia das mãos de Graham, mas o bastante para mantê-la ligada à empresa familiar. Transformara os outros lotes que compunham o legado em dinheiro vivo e injetara-o na IBS. Mas conservara os da UBC. Estavam ainda em seu nome e era a única pessoa que podia dispor deles.

No momento, valiam um bom preço. Se, como esperava, a orientação imprevidente de Graham minasse lentamente as bases da empresa, perderiam parte de seu valor. Seria interessante vendê-las imediatamente e voltar a comprar um número suficiente para contestar o poder de Graham quando tivessem seu preço aviltado. E assim, enquanto o inverno cedia lugar à primavera, ela deu o primeiro passo nesse sentido. Não sabia o que James iria pensar disso, mas a guerra havia começado.

Então, tudo pareceu entrar numa fase de normalidade. Winston concordou em assinar o novo contrato, contanto que suas funções fossem consideravelmente ampliadas. Queria um novo programa, de uma hora de duração, em que reportagens exclusivas fossem tratadas em profundidade.

A princípio, Alexis não gostou da idéia, achando que poucos assuntos poderiam merecer tamanha atenção. Mas dois eventos, ambos ocorridos em maio de 1954, fizeram-na mudar de idéia: a decisão da Suprema Corte de banir a segregação racial das escolas públicas e a derrota da França em Dien Bien Phu, pequena planície do Vietnã do Norte.

— Gostaria que você desse uma atenção especial a esses dois acontecimentos — disse ela a Winston, enquanto discutiam os detalhes finais do contrato. — Ambos terão grande importância no futuro.

— Posso fazer uma reportagem completa sobre a segregação racial, mas será que os telespectadores terão interesse em saber o que aconteceu no Vietnã? Poucas pessoas neste país já ouviram falar desse lugar.

— Eisenhower é uma delas. Acha o Vietnã estrategicamente importante para os Estados Unidos e não quer que ele caia nas mãos dos comunistas.

Ele recostou-se tranqüilamente na cadeira.

— Interessante... Mas o que significa isso em termos práticos?

— Não sei — confessou ela francamente. — Mas quero que você investigue o assunto. Meu instinto me diz que teremos uma boa história.

Discutiram isso durante algum tempo e afinal ele concordou em fazer uma reportagem sobre a política estrangeira dos Estados Unidos em relação à Indochina. Não fez mistério sobre seu pouco entusiasmo, mas não disse, como James, que era uma idéia sem graça.

— Pelo amor de Deus, Alexis, as pessoas estão cansadas de ouvir falar de guerra! — afirmou-lhe o marido, naquela mesma noite.

— Isso não é desculpa. Temos a obrigação de informar o público sobre os grandes acontecimentos.

— Que grandes acontecimentos são esses? Um grupo de juizes sentados num tribunal, em Washington, determinando que crianças negras devem ir à escola pública junto com as brancas. Que diferença poderá isso fazer no Alabama ou no Kentucky? Ou mesmo aqui em Nova York? Quanto à história do Vietnã, quem irá se importar se aquela gente parece disposta a matar-se mutuamente? Não temos nada com isso! Aprendemos a lição na Coreia.

Ele fez uma pausa e olhou-a demoradamente.

— Você está fazendo isso para agradar Harcourt. Como se já não bastasse a importância que ele se dá!

Alexis não se deixou intimidar.

— Winston não entra nisso. Estou preocupada com a qualidade dos programas que vamos levar ao ar. Se você puder sugerir algo melhor, diga!

— “Nada” seria bem melhor — disse James, começando a desabotoar a camisa. — As pessoas estão interessadas apenas no que as afeta diretamente. Não se importam com mais nada.

— Costumavam importar-se — disse ela, vestindo o robe.

— Porque não tinham outra escolha. Como aconteceu durante a guerra. Mas, logo que o conflito terminou, esqueceram-se de tudo.

— Até que não comece outro tiroteio.

— Depende do tamanho do tiroteio. Não estou dizendo que é assim que as coisas devem ser, mas temos de encarar a realidade. Se devemos dar a Winston esse programa de uma hora de duração para que ele permaneça na IBS, tudo bem. Mas faça um favor a si mesma e deixe-o decidir sozinho. Ele tem um faro infalível para saber o que o povo quer ou não.

— Ele gostou da idéia de fazermos um programa baseado no parecer oficial da Suprema Corte.

— Então, talvez haja algo de bom aí — admitiu ele. — Mas duvido que Winston concorde com a história do Vietnã.

Alexis não podia argumentar e calou-se. Mas aborrecia-a saber que, para James, a opinião de Winston contava mais do que a dela. Não provara sempre que tinha um bom instinto?

Essa injustiça a magoava. E adormeceu pensando por que os homens tão insistentemente confundiam insensibilidade com personalidade e o que um deles em particular faria quando descobrisse seu erro.

Winston assinou contrato com a IBS e começou a dedicar-se imediatamente ao seu novo programa de uma hora de duração. E decidiu que o primeiro da série constaria de uma entrevista com jovens líderes que começavam a despontar no cenário político.

“Nova Geração” foi levado ao ar após o Dia do Trabalho com bons índices de audiência. Tad Lawrence, o congressista da Virgínia, saiu-se muito bem, assim como o senador júnior por Massachusetts, John F. Kennedy.

Se do lado do noticiário tudo corria bem, o mesmo não se podia dizer da divisão de entretenimentos. Novos problemas haviam surgido com Delia Follett, que demonstrara sua insatisfação durante a filmagem dos episódios para a nova temporada de “Nossa Garota Sal”.

— Delia cansou-se da personagem — explicou seu agente, que fora até Nova York para discutir o assunto. — Faz o que pode, mas não sente muito entusiasmo em interpretar a garota Sal.

Anthony e James entreolharam-se, exasperados.

— Delia é muito bem paga para estrelar Sal. É bom que pense um pouco nisso, antes de afirmar que está cansada.

— Quem disse que ela está cansada? — protestou Max. — Delia é uma artista criativa, um gênio em sua categoria. Não quer baixar seu nível de atuação, interpretando uma personagem que está começando a cansar o público.

— Milhões de pessoas assistem semanalmente às proezas de Sal e parecem satisfeitas — observou Alexis friamente.

— Ótimo — disse Max. — Mas por quanto tempo ainda? Delia não suportaria a idéia de desapontar seu público.

James impacientou-se.

— Há um propósito nisso tudo, Max. Vamos, diga o que quer.

O agente olhou as três pessoas reunidas em volta da mesa.

— Delia decidiu que esta é a última temporada de Sal. Vejam bem: ela tem mais de trinta anos, embora não pareça. Quer fazer um novo tipo de programa, algo que dê ênfase ao seu trabalho de cantora e de atriz e não apenas ao seu corpo.

— Delia já canta como a garota Sal — disse James. — Pelo menos um número em cada episódio.

— E o resto do tempo sorri e exhibe suas formas. Não é suficiente. Ela tem de pensar no futuro.

Apesar de tudo, Alexis sentiu uma certa simpatia pela estrela. Delia era uma mulher inteligente, e não alimentava ilusões sobre o meio em que era obrigada a viver. Mas interessava à IBS manter Sal no ar por mais tempo que pudesse.

— As pessoas estão sempre comparando Delia com Lucille Ball. E ninguém acha Lucille velha para seu papel em “Lucy e Desi”.

— Lucille é uma artista afirmada. Com Delia as coisas são um pouco diferentes: o sucesso de “Nossa Garota” deve-se ao fato de Sal ser uma personagem sexy. E, neste país, uma mulher sexy tem de ser jovem.

Intimamente, Alexis concordou com ele.

— Talvez seja uma solução permitir a Sal que deixe de ser uma pequena tola e ingênua e se torne uma mulher adulta.

Os olhos de Max brilharam, interessados.

— Ah... isso é muito interessante. Mas não sei se Delia vai concordar. Ela quer ter a chance de ser ela mesma.

Antes que Alexis pudesse responder, James completou:

— Um novo programa. É isso o que Delia quer, não é? Terminar com a garota Sal e estrelar uma nova apresentação.

Max confirmou com a cabeça.

— Claro!

— Está bem. — James suspirou. — Então diga as condições.

— Delia quer montar sua própria companhia de produção e filmar episódios de uma hora de duração estrelados por ela. Além do salário de estrela, livre de despesas, quer uma participação nos lucros em troca de seu trabalho de produtora.

James não escondeu sua admiração pela perspicácia da jovem. Com uma única e brilhante jogada ela passava de estrelinha sexy para atriz e produtora.

— Muitíssimo bem bolado! De quem foi a idéia? — perguntou.

Max sorriu modestamente.

— Gostaria de dizer que foi minha, mas não foi. A moça tem cérebro.

— Estou vendo... — murmurou Anthony. — Delia superou-se.

— Não sei... — disse Alexis, cautelosamente. — A IBS nunca entrou nesse tipo de compromisso. Temos de pensar bem.

Mas James foi categórico.

— Não vamos perder tempo com discussões. Acho que a idéia deve ser posta em prática.

— Quando terminarmos a filmagem dos episódios da nova temporada... — disse Alexis.

— Ah, não! — interrompeu-a James. — Não vale a pena esperar até lá. Vou amanhã mesmo para Los Angeles.

Anthony concordou prontamente.

— Boa idéia. Deve-se malhar o ferro enquanto está quente.

Alexis tinha suas próprias idéias sobre o que estava quente, mas resistiu ao ímpeto de dizê-las. Permaneceu em silêncio durante o resto da reunião, ouvindo Max enunciar tudo o que Delia queria em troca de seus serviços.

— Delia está ansiosa para colaborar — disse o agente a James. — O que ela mais deseja é ver-se realmente apreciada.

— Delia não terá nenhuma dúvida quanto a isso — disse James com uma risadinha de apreço puramente masculino, enquanto passava o braço em volta dos ombros de Max e o acompanhava até o elevador.

Anthony e Alexis saíram juntos da sala de reuniões e dirigiram-se para seus respectivos escritórios. Ao seguirem pelo corredor, ele observou-a com curiosidade. Seu rosto estava levemente corado e seus movimentos eram rígidos, como se ela estivesse tentando controlar-se.

Deplorando mentalmente a insensibilidade do amigo, ele arriscou umas palavras:

— Bem... foi uma reunião interessante, não?

Ela o olhou de soslaio.

— Não, não foi.

Ele suspirou.

— O que eu quis dizer é que isso nos possibilitou desenvolver novos programas sem arcar com os riscos da produção.

— Bela vantagem! — disse ela. Mas, diante do olhar atônito de Anthony, controlou-se. — Esqueça. Meus sentimentos não têm importância. James é a pessoa mais indicada para tratar com Delia. Afinal, eles eram... muito íntimos.

— Isso foi no passado — disse Anthony com frieza. — Aconteceu durante a guerra e está morto e enterrado!

Alexis esperava que ele tivesse razão, mas tinha suas dúvidas. James estava com quarenta e dois anos e continuava sendo um homem muito desejável e atraente. Não havia mudado nada. Mas a lembrança de seu cativeiro na Coreia, que ele ainda recusava-se a comentar, mergulhava-o às vezes em profunda depressão. Não seria nada surpreendente se, durante essas fases, ele sonhasse em romper as restrições impostas por sua posição.

O que se passava em sua mente era estritamente da conta dele. Nunca sonharia em intrometer-se em sua privacidade. Mas entendia muito bem com que facilidade os pensamentos podiam ser transformados em ação. E isso a preocupava.

CAPÍTULO XVII

O calor abafado e úmido no aeroporto de Los Angeles entrou pela camisa de James, assim que ele saltou do avião. Em Nova York era um dia de inverno cinzento e frio. Ali o sol brilhava e a leve brisa que agitava as folhas das palmeiras não trazia nenhum alívio.

Suspirando, tirou o paletó, jogou-o dobrado no braço e afrouxou a gravata. Estava insuportavelmente quente. Apanhou a mala e saiu à procura de um táxi. Deu o endereço de Delia em Bel Air e recostou-se no banco, deixando seus pensamentos divagarem.

Esperava resolver rapidamente o assunto da nova programação e voltar para Nova York no dia seguinte. Era sua terceira viagem à costa Oeste em três meses. A primeira resultara na assinatura de um compromisso entre Delia Follett e a IBS para armar o esquema de “Produções Delia”. Na segunda, no final de janeiro, haviam dado os retoques finais nos planos, que foram postos em prática imediatamente. Agora, em março, a lua-de-mel estava claramente encerrada. As frustrações começavam a se amontoar. Tudo o que ouvia de Max ultimamente era um rosário de queixas: o orçamento era apertado, Delia não gostava do estúdio, a IBS não estava colaborando... Como podiam esperar que tudo se resolvesse rapidamente se estavam separados por um continente e as negociações estavam sendo conduzidas através de intermediários?

— Delia pode vir a Nova York — sugerira James. Max olhara-o como se ele tivesse dito uma heresia.

— Delia vir aqui? Impossível! Ela é uma garota estritamente californiana.

— Quando a conheci, Delia era do Kansas.

O agente encolhera os ombros.

— Agora ela é uma estrela e não precisa bater na porta de ninguém. Nem mesmo na sua. Se quiser vê-la, tome o avião.

E era o que ele havia feito, sem cuidar de examinar seus verdadeiros motivos. Verdade que o novo show era importante para a IBS e os problemas tinham de ser acertados. Mas ele podia ter mandado um subordinado em seu lugar, ou simplesmente ter exigido que Delia fosse a Nova York. Ao invés disso, ele estava ali, e perguntando-se por quê.

— Este é o lugar, companheiro — disse o motorista, estacionando com uma freada brusca.

James saltou e seguiu a trilha ensaibrada ladeada de hibiscos escarlates. Dobrou uma curva e, ali, escondida entre as árvores, estava a casa. Delia o esperava nos degraus da entrada.

— Ouvi o carro subir a colina — disse ela com aquela voz suave e sussurrante que milhões de telespectadores conheciam tão bem.

Ele olhou em volta, admirando a vista do Pacífico que cintilava ao longe.

— Lindo aqui. Ainda não conhecia Bel Air.

— Sei disso. E achei que seria mais agradável nos encontrarmos aqui do que naquele escritório velho e abafado do centro da cidade.

Delia desceu as escadas e ele olhou-a com admiração. A forte luz do sol, não havia nela o menor vestígio de rugas. Os incríveis olhos verdes se mostravam límpidos e luminosos. Os cabelos avermelhados tombavam-lhe pelos ombros, e a figura voluptuosa era acentuada pelo suéter de verão metido num par de calças bem justas.

— Você está com ótima aparência...

Ela riu e tomou-lhe o braço com espontaneidade.

— Obrigada. E você continua sendo o homem mais charmoso que eu já conheci.

Ele olhou-a para ver se ela não estava brincando. Mas seus olhos pareciam sinceros e até inocentes. Não havia nenhuma insinuação de flerte, nenhuma indicação de que havia outras coisas na cabeça dela. Ele soltou-se. Afinal, Delia era apenas uma velha amiga com quem tinha negócios. Pensar que pudesse acontecer alguma coisa entre eles era rematada loucura.

Entraram e ela o introduziu na biblioteca. Apesar das janelas abertas, havia ainda camadas de fumaça azul de cigarro pairando no ar, acima da mesa coberta de papéis.

— Parece que você esteve trabalhando — disse ele. — Max disse que há problemas com o orçamento. Vamos tratar disso?

Delia suspirou, resignada.

— Se você insiste... Mas vou prevenindo desde já que sou uma artista, não uma mulher de negócios.

James fitou-a, pensando que ela era mais esperta do que queria fazer supor. Três horas depois, suas suspeitas se confirmaram. Parecia que os detalhes nunca terminavam. Delia contestava cada item da produção; músicas, coreografia, roteiro, guarda-roupa...

— Minha personagem é glamourosa, diferente da garota Sal. Tenho de apresentar-me bem vestida.

James tirou os óculos e suspirou. Nenhuma de suas contestações era fora de propósito; ao contrário, tudo havia sido cuidadosamente calculado e era basicamente irrefutável. Mas ele queria chegar rapidamente aos números finais.

— O orçamento original foi baseado em suas próprias estimativas — disse-lhe com gentileza.

— Nunca tive experiência com produção — desculpou-se.

— Bom, vamos ao que interessa. Esse programa é importante para nós. Sendo assim, o dinheiro tem de aparecer de algum lugar. Mas lembre-se: temos de ter lucro. Caso contrário não vale a pena insistir.

— Ah, eu entendo isso... Vamos ver se podemos economizar...

James recostou-se na cadeira e ficou ouvindo. As cifras escorregavam da língua de Delia com facilidade, e ele começou a sentir um assomo de admiração e respeito ao ver como ela estava bem informada. Sua voz era suave e melodiosa, e ele perdeu a noção do tempo. Surpreendeu-se, quando percebeu as primeiras sombras da noite tombarem sobre o jardim.

— É tarde — disse, consultando o relógio.

— Oh, sinto muito! Não tinha idéia de que havíamos demorado tanto. Você deve estar com fome. Vou preparar-lhe alguma coisa.

Ele levantou-se lentamente.

— Não se preocupe.

— Não é absolutamente incômodo algum — disse ela por cima do ombro, ao sair da biblioteca. — Bife com fritas está bem?

Ele voltou a consultar o relógio. Prometera telefonar a Alexis... Suspirando, seguiu-a até a cozinha e ficou parado no limiar.

— Seus fãs sabem que você gosta de cozinhar? — perguntou-lhe.

— Devem saber que gosto de todos os trabalhos domésticos.

— Influência do Kansas?

— Pode ser... Sabe no que eu tenho pensado muito ultimamente? Na Austrália, nos bons tempos de Brisbane... Você costumava cozinhar no meu pequeno fogão com todas as janelas do quarto fechadas para que ninguém da pensão pudesse perceber.

Ele assentiu sonhadoramente.

— Deixei queimar o feijão certa vez e a senhoria foi bater à nossa porta...

— E você desculpou-se, dizendo que havia sido ferido e que estava de dieta. E como ela podia se aborrecer com um sujeito tão atraente quanto você?

— Eu era assim mesmo? Atraente? — quis saber ele. Ela fez que sim, muito séria.

— Dou-lhe minha palavra. Você era sensacional. Todas as outras garotas tinham inveja de mim.

— Por outros motivos talvez. O show que você apresentava aos soldados era sensacional.

— Você acha? — Delia suspirou. — Parece que aconteceu há tanto tempo...

Mas acontecera, e, de repente, James teve a sensação de estar vinte anos mais moço. Seu sangue ardia e havia nele uma ânsia de saborear tudo o que a vida pudesse lhe oferecer até a última gota.

Perdera na Coréia o bem mais precioso de um homem jovem: a crença em sua própria imortalidade. E o desespero de saber agora que seu tempo era limitado arrojava-o para fora de suas fronteiras, à procura da chave que o libertaria de si mesmo.

Delia voltou-se para ele e leu-lhe o pensamento.

— James... quero que fique.

Ele a olhou demoradamente. Ela era muito bonita.

Cabelos avermelhados, profundos olhos verdes, pele cor de pêssego, boca sensual... Em sua mente, ainda vivia o jovem confiante que ele havia sido. Por meio dela poderia voltar, ainda que por breves instantes, aos seus verdes anos e dizer ao tempo: "Pare neste minuto!" Ela estendeu-lhe a mão, convidativa.

— Quer?

Ele hesitou apenas uma fração de segundo antes de dizer sim e deixar que seu sonho se materializasse na mulher que estava diante dele.

Quando James voltou para Nova York, uma semana depois, Alexis não perguntou por que a viagem, que deveria ser de um dia, demorara tanto. A incerteza a deprimia, mas ela estava disposta a aceitar qualquer compromisso a troco de continuar vivendo na ignorância. Pelo menos por enquanto. Sua relutância em enfrentar a verdade podia ser tomada por covardia, mas preferia coordenar forças, antes de enfrentar o pesadelo que caminhava para ela com passos de gigante.

Na noite de sua chegada, já estavam ambos na cama, quando ela começou a contar-lhe resumidamente o que acontecera durante a sua ausência.

— Matthew está encantado com uma nova e estranha espécie de música. Não se cansa de ouvi-la. Deve ter posto o disco na vitrola pelo menos uma centena de vezes.

James riu.

— É tão ruim assim?

— A letra consiste apenas em dois versos: “Todo o mundo, rock, rock, rock. Todo o mundo, roll, roll, roll...” Não sei o que significa isso. Só sei que a música deve ser ouvida a todo volume para ser bem apreciada.

— Vou falar com Matthew...

— Não, não faça isso! Ele é normalmente tão bem-educado que fico satisfeita em vê-lo um pouco mais solto.

— Tudo bem, desde que ele entenda que há um limite também para isso. E os gêmeos? Como se comportaram?

— Como sempre. Amanda lidera, e Jamie segue seus passos.

Ele soergueu-se, apoiando-se no cotovelo, e fitou-a.

— Senti sua falta.

Ela resistiu ao impulso de perguntar se era mesmo verdade.

— Eu também senti a sua. Vamos dar um jeito nisso?

O sorriso dele ampliou-se.

— Pensei que você nunca fosse pedir.

Talvez fosse imaginação dela, mas seu ato de amor, naquela noite e nas noites que se seguiram, pareceu ainda mais belo e apaixonado. E ela pensou no que determinara aquele ardor: se frustração ou culpa.

O trabalho, como sempre, provou ser uma ótima válvula de escape. E Alexis lançou-se nele com uma sofreguidão fora do comum. O segundo programa de Winston de uma hora de duração aconteceu em abril. “Vergonha da América” era uma pungente denúncia da política racial no Sul. Como alguns dos clientes tradicionais da IBS recusaram-se a patrociná-lo, o programa foi exibido quase sem intervalos comerciais. E estava ainda no ar quando começaram a chover violentos telefonemas de protesto.

— Fiquei surpreso, a reação foi violenta — comentou Anthony no dia seguinte, ao reunirem-se para discutir o assunto. — Mas isso prova que pusemos o dedo na ferida.

— Apesar dos protestos, parece que as pessoas estão ansiosas com o que virá a seguir — disse James.

Alexis sorriu.

— Não ficarão desapontados. Winston quer continuar denunciando a discriminação racial no Norte. Posso dar-lhe o sinal verde?

James franziu as sobrancelhas.

— No Norte? Há disso aqui?

— Ele diz que sim. O problema é nacional.

A aprovação foi dada, mas com a condição de que o programa fosse ao ar com um intervalo de pelo menos seis meses, os três concordando que, diferentemente, seria abusar demais da sorte.

Enquanto isso, Alexis tinha outras coisas na cabeça. As ações da UBC haviam começado a cair significativamente. Como imaginara, a política de diversificação adotada por Graham estava minando lentamente as bases da companhia. E o império que Charles Brockton construía principiava a afundar menos de quatro anos após a sua morte. Isso a entristecia e ao mesmo tempo a instigava a tirar vantagem da situação. Discretamente e aos poucos, para não atrair a atenção de ninguém nem interromper a queda das cotações, Alexis pôs-se a comprar de volta o seu bloco acionário.

Estavam em 1955 e, naquele verão, James teve de fazer várias viagens à costa Oeste para conferenciar com Delia. Seu novo programa deveria estreiar em setembro e havia ainda alguns pequenos problemas a serem solucionados. Na ausência dele, Alexis almoçava de vez em quando com Winston, mas restringiu as outras atividades sociais. Queria passar o maior tempo possível em companhia de Matthew e dos gêmeos.

Seu enteado estava com quinze anos e era um jovem bem desenvolvido, de modos gentis e mente brilhante. Era bastante popular entre as meninas de sua escola, e saía com algumas, embora não pudesse esconder seu nervosismo.

— Não sei o que dizer a elas — confessou ele a Alexis.

— Vai aprender. É só questão de tempo.

— Talvez... Mas as moças são mais desinibidas. Muitas já falam em ficar noivas e até em casar assim que tiverem terminado o segundo grau.

— São um pouco precoces — admitiu Alexis, que considerava os adolescentes daquela época um verdadeiro mistério. Matthew havia dispensado os discos barulhentos, preferindo agora os de Bill Haley e seus Cometas e os de Ray Charles. Sua profunda admiração por Grace Kelly ainda continuava, embora fosse também fã de Marlon Brando. Gostava de ler, e seu autor preferido era J. D. Salinger. Assistia a quase todos os programas da IBS, mas não perdia “Alfred Hitchcock Apresenta...” e “Red Shelton Show”, ambos da CBS.

Uma semana após o Dia do Trabalho, o “Delia Follett Apresenta!” estreou com sucesso. E Alexis foi obrigada a admitir que, além de linda, ela era também uma artista soberba. Sua imagem chegava através das câmeras sugerindo calidez, inteligência e bom humor. Imaginava que ela devesse ser assim também pessoalmente.

A necessidade de saber mais sobre a mulher que podia ser sua rival começou a obcecá-la. Não queria falar disso com James, mas não podia, absolutamente não podia, viver com aquela ânsia dentro do peito. Voltou-se então para a única pessoa que poderia recompor traço a traço a figura de Delia.

Maggie recebeu-a com alegria, como sempre. Preparou um café e convidou-a a tomá-lo no novo solário que dominava o jardim e a piscina.

— Que pena que o verão tenha acabado! Os meninos voltaram às aulas e está muito quieto por aqui.

— Pensei que você gostasse de um pouco de sossego — disse Alexis, pensando no alívio que sentira ao matricular os gêmeos no jardim da infância. — O pequeno Tony não dá trabalho?

— Não muito. Talvez porque seja o terceiro filho, eu o deixo mais à vontade. E ele parece gostar disso.

— E você não se aborrece de ter pouco o que fazer?

— Bastante. Anthony acha que devo freqüentar um desses clubes de mulheres.

— E você concordou?

— Não. Vou voltar à escola de enfermagem e recordar tudo o que aprendi. Quero renovar minha licença de enfermeira.

Alexis não pôde esconder o espanto. Pensava que Maggie fosse esperar até que Tony estivesse em idade escolar, antes de tomar qualquer iniciativa nesse sentido.

— E Anthony? Que foi que ele disse?

— Ficou furioso. Brigamos bastante no mês passado e ainda não há nenhuma trégua à vista.

A idéia de que Anthony e Maggie pudessem estar brigados não entrava na cabeça de Alexis. Havia sempre considerado o casamento deles perfeito.

— Sinto muito. Se puder ajudar em alguma coisa...

Maggie olhou-a com curiosidade, e sorriu.

— Obrigada, mas não é preciso. Não é a primeira vez que temos nossas diferenças. Mas vamos resolvê-las.

— Tem certeza? Parece que nenhum dos dois está querendo ceder...

— E provavelmente vai continuar assim. Ele terá de se conformar com minha volta à escola e eu com a desaprovação dele.

— E podem viver assim?

— Não tem outro jeito. Estamos juntos há mais de catorze anos. E nos amamos cada vez mais. Isso é um fato que nenhum de nós pode negar. Pertencemos um ao outro, mas isso não quer dizer que devemos concordar em tudo.

— Não?

— Acho que a parte mais difícil do casamento é dizer o que a gente pensa, mesmo sabendo que com isso vá causar sofrimento ao companheiro.

— Parece que você está falando com conhecimento de causa...

— E estou. Lembra-se quando, depois do episódio da Coréia, Anthony teve de fazer terapia no braço?

— Lembro, claro.

— Sua terapeuta era uma jovem sueca absolutamente fantástica: alta, cabelos cor de mel, curvilínea... E Anthony, que a princípio relutava em fazer o tratamento, ficou entusiasmado. Não parava de falar nessa tal de Ingrid. Até que um dia eu não agüentei mais. E perguntei-lhe à queima-roupa: “O que está havendo entre vocês dois?” Ele procurou disfarçar, mas acabou confessando que havia algo mais, além do relacionamento profissional.

Os olhos de Alexis arregalaram-se de surpresa. Não podia imaginar Anthony sendo infiel.

— Havia? — quis saber. Maggie voltou a sorrir.

— Não sei até onde eles chegaram. Mas percebi que Anthony tinha a necessidade de provar a si mesmo que, embora ferido, era ainda muito homem. Naquela época, eu o tratava como a uma criança. Ingrid, ao contrário, era um desafio à sua masculinidade.

— E Anthony ficou tentado em prová-la.

— Provavelmente, ele não queria cair em tentação. Suas constantes referências a Ingrid eram um modo indireto de me dizer que queria ser tratado de outro modo.

— Você entendeu a mensagem?

— Imediatamente e em boa hora. Depois, tudo voltou ao normal.

— Acha que tudo acabou bem porque foram francos e honestos um com o outro?

— Sim. Você tem de entender que o comportamento dele foi uma consequência do meu. Mas não é sempre assim. Às vezes, as coisas acontecem independentemente do comportamento de cada um. Importante mesmo é manter a confiança. Sem isso, não é possível haver amor.

— Pode-se perder a confiança...

Maggie olhou-a com firmeza.

— Sim, e é muito triste. Mas mais triste ainda é quando a confiança é jogada fora arbitrariamente. Pode-se achar algo que se perdeu, mas o que foi jogado fora está perdido para sempre.

Alexis lembrou-se disso nos dias e semanas que se seguiram, quando lutava para deixar de lado suas inquietações e enfrentar James diretamente. Não era tanto o medo da verdade que a assustava, já que havia chegado a um ponto onde nada podia ser pior do que a dúvida. O que temia, acima de tudo, era que, se obrigasse James a revelar a verdade, ele teria a liberdade de fazer o mesmo com ela. Era uma caixa de Pandora que não ousava abrir. Soltaria os demônios sem saber se poderia controlá-los depois.

Assim sendo, não fez nenhum esforço sincero de trazer o assunto à tona. Angustiava-se com a situação, mas não sabia como resolvê-la. E deixava-se ir ao sabor dos acontecimentos, como uma folha na correnteza.

Algumas semanas depois de sua conversa com Maggie, os Dodger venceram finalmente os Ianques, e Dom aproveitou a ocasião para despedir-se do beisebol. Passou então a dedicar-se inteiramente à IBS e, em dezembro, foi eleito diretor da divisão de esportes.

No início de 1956, a companhia conheceu um período de rápida expansão, aglutinando cerca de dez novas estações filiadas. A ascensão foi possível graças aos altos índices de audiência alcançados pela emissora e aos crescentes lucros que disso resultaram. Proprietária de cinco canais, o máximo permitido pelo Ministério das Comunicações, e mais dezoito estações filiadas espalhadas pelo país, a IBS atingiu a condição de uma verdadeira rede. Embora ainda longe das quatro maiores, NBC, ABC, CBS e UBC, podia ser considerada uma concorrente de respeito.

Dois escritórios comerciais foram abertos no Exterior, um em Londres e outro em Moscou, onde Nikita Krushev emergia como o homem forte. O líder soviético e Eisenhower viviam em atrito constante, e muitos julgavam um confronto direto inevitável.

Alexis estava a par das intrigas a que levava a luta pelo poder, mas estava mais preocupada com sua situação pessoal. À medida que a data de seu oitavo aniversário de casamento se aproximava, ela tomava-se cada vez mais inquieta, incapaz de suportar aquela tortura por mais tempo. Tinha de falar com James, fossem quais fossem as conseqüências!

Escolheu a casa da praia para o entendimento. Fora ali que haviam feito amor pela primeira vez. Não poderia haver lugar mais apropriado. Pediu a Matthew, agora com dezessete anos, para ficar com os gêmeos, e ele não só concordou, mas aceitou a responsabilidade com entusiasmo.

Quando Alexis falou-lhe na possibilidade de passarem alguns dias a sós, James concordou imediatamente. Sentia a tensão que havia nela e suspeitava a sua causa. E ansiava pela oportunidade de conversar abertamente com a esposa e explicar-lhe tudo. Não queria vê-la magoada.

A cena foi simples, muito mais simples do que Alexis poderia imaginar. Aconteceu na primeira noite que passavam na casa da praia, logo após o jantar. Estavam sentados diante da lareira acesa, tomando brandy. O braço de James estava confortavelmente passado por seus ombros, e ela sentiu todos os seus temores desvanecerem.

— Está lembrado do dia em que viemos aqui pela primeira vez?

Ele voltou-se para ela e a fitou nos olhos.

— Como poderia esquecer? Foi a primeira vez que fizemos amor.

— Você sabe que quando venho aqui com as crianças eu me sinto um pouco envergonhada?

— Pensando no que elas diriam se soubessem?

— Sim. É o velho conflito entre ser mãe e realizar-se como mulher.

James atraiu-a para si e ela encostou o rosto em seu peito.

— Você conseguiu conciliar isso muito bem.

— Acha mesmo?

— Certamente. Não diria, se não achasse. Você se saiu tão bem quando eu estava na Coreia que tive receio de que não fosse mais precisar de mim.

— Era por isso que você queria que eu pedisse demissão?

— Em parte. Ainda acho que uma mulher deve ficar em casa para cuidar de seus filhos.

— Não é suficiente para mim. Preciso de mais.

Ele mordiscou-lhe o lóbulo da orelha.

— Não vamos discutir novamente o mesmo assunto.

Ela o olhou com timidez.

— Não acha que devemos ser mais abertos um com o outro?

— Você quer mesmo insistir nessa história de trabalho, Alexis?

— Não, não se trata disso. Como você mesmo disse, não faz sentido ficarmos discutindo. Jamais chegaríamos a um acordo. É outra coisa.

James esperou, quieto, quase ansioso para que ela lhe dissesse tudo de uma vez.

— Às vezes eu penso se você não está tendo um caso com Delia — disse ela, de um só fôlego.

Ele não respondeu imediatamente. Estava triste, mas também orgulhoso pela coragem que ela demonstrava. Agora, restava ver se podia competir com sua força.

— Você acredita realmente nessa possibilidade?

— Delia é uma mulher atraente, e vocês tiveram um relacionamento íntimo no passado.

— Isso aconteceu há muito tempo. A última vez em que dormimos juntos foi em 43, momentos antes de eu partir para a Nova Guiné.

Alexis fitou-o, assombrada.

— A última vez?...

Ele sorriu.

— Sei que devia ter falado com você há mais tempo. Não devia ter deixado que tirasse conclusões erradas a esse respeito. Mas sentia-me tolhido...

— Não entendo...

— É difícil explicar... É algo que acontece freqüentemente com os homens de minha idade, embora casados e amando suas esposas. É uma inquietação, uma vontade de provar que somos ainda... viris. Não nego que fui tentado por Delia. As coisas chegaram num ponto perigoso durante aquela viagem que eu fiz em março...

— O que aconteceu? — perguntou Alexis, mal escondendo sua ansiedade.

— Estávamos sozinhos na casa de Delia... Ela não a conhecia. De certo modo, você não era real para ela. O que contava é que nós estávamos juntos novamente...

— E então?

Ele acariciou-lhe gentilmente o rosto.

— Você não era real para Delia. Mas para mim, sim. Quis poder voltar para casa e para você com a consciência tranqüila. — James riu. — Acabei bebendo demais e adormeci no sofá da sala.

— Delia não se aborreceu?

— Outra mulher qualquer, no lugar dela, não teria perdoado, mas ela me perdoou. Disse-me, no dia seguinte, que sempre soubera que, quando eu me apaixonasse, seria para sempre.

Alexis não ousou alegrar-se. James amava-a e não era culpado. Como iria aceitar sua traição?

— James... há algo mais... Tenho receio de dizer, mas acho que você tem o direito de saber.

Ele segurou-lhe o queixo com dois dedos e olhou-a no fundo dos olhos.

— Harcourt?...

Ela o olhou, envergonhada.

— Você... você sabe?

— Suspeitava... e queria lhe perguntar. Mas tinha medo da resposta.

Ela respirou fundo e começou:

— Na noite do funeral de meu pai... fui para a cama com ele. Estava com tanto medo e sentia-me tão sozinha... Seus amigos começaram a acreditar que estivesse mesmo morto. — A voz dela tornou-se um murmúrio rouco. — Sentia-me também morta. Winston estava lá e foi muito gentil. Foi um momento de fraqueza que eu depois lamentei profundamente.

James ouvia-a em silêncio. Feria-o saber que ela tivera relações íntimas com outro homem, mas nem por isso iria deixar de considerá-la uma criatura admirável.

— Aconteceu só essa vez?

Ela riu, subitamente aliviada.

— E foi mais do que suficiente! Winston é um bom amigo e eu o tenho em alta estima. Mas não quero que seja mais do que isso. Você é o único homem que eu sempre desejei.

James não se sentiu magoado nem humilhado pela fraqueza dela. O orgulho e a arrogância abandonaram-no subitamente, e ele sentiu-se inundado pelo calor do perdão. Não a perdera como havia temido a princípio. Ao contrário. Ela deplorava profundamente aquele único momento de frouxidão, tão compreensível nas circunstâncias em que havia ocorrido.

Tomou-a nos braços. Ela estava um pouco rígida, como se estivesse ainda insegura da reação dele.

— Querida, todos me julgavam morto. E se isso tivesse realmente acontecido, gostaria que você tivesse continuado a viver.

Ela o olhou, hesitante, mal se atrevendo a acreditar nele.

— Você me perdoa?

— Esqueça o que passou. De agora em diante, nada mais importa, exceto eu e você.

Alexis estendeu-lhe a mão, já liberta da opressão daqueles meses todos. Uma voz interior advertiu-a, sussurrando-lhe que a corrida ainda não terminara. Havia um último obstáculo, maior do que os outros, a transpor. Mas ela ignorou-o e concentrou-se unicamente no homem que era tudo para ela: amante, marido e amigo acima de tudo.

CAPÍTULO XVIII

Depois daquela conversa, quando haviam finalmente posto a nu seus sentimentos mais íntimos, falando de suas inseguranças e de suas dúvidas, a vida conjugal de Alexis e James revestiu-se de novos encantos. O amor que sentiam um pelo outro tornava-se mais profundo a cada instante que passavam juntos. E eles saboreavam-nos todos.

Não obstante, além de seu mundo de calma alegria, havia presságios de que mudanças lentas, mas profundas estavam para ocorrer sobre a face da Terra. Travava-se uma batalha invisível atrás dos bastidores; a nova geração preparava-se para vestir o manto do poder que pertencera a seus pais até então.

No começo de 1957, Alexis acelerou sua compra de ações da UBC. A companhia parecia realmente a ponto de ser destruída pela incapacidade administrativa de Graham. As evidências eram inúmeras naquela primavera, quando a IBS ultrapassou seus índices de audiência e começou a desafiar diretamente as três redes restantes.

Mas o sucesso provou ser uma faca de dois gumes. Por meio de uma complicada operação na Bolsa, houve uma tentativa de encampação da IBS por parte de um grande consórcio da área da comunicação. James e Anthony passaram longas horas lutando para resolver a questão, enquanto Alexis encarregava-se do andamento rotineiro da companhia.

No verão, a ameaça estava definitivamente afastada, mas a estafa, a preocupação e as longas horas de vigília produziram seus efeitos em todos eles. Alexis suspirou de alegria, quando se apresentou a oportunidade de gozar um longo período de férias em companhia de James e das crianças. Percorreram a França e a Inglaterra, antes de passarem uma semana na Irlanda, o lindo país onde os pais de seu marido haviam nascido. Amanda e James cavalgavam todas as manhãs, enquanto Matthew e Tessa preferiam os longos passeios pelos campos, contentes de usufruir a companhia um do outro.

Alexis fizera questão de levá-la, sabendo quanto a garota de onze anos gostava de Matthew e como ela iria sentir sua falta quando, no ano seguinte, ele fosse para a universidade. Achava que também seu enteado iria sofrer com a separação, porque houvera sempre uma amizade muito especial entre os dois.

Voltaram para Nova York no começo de setembro. Os gêmeos começaram seu segundo ano escolar numa escola particular do bairro. Estavam em classes separadas e Alexis achava isso ótimo, porque Amanda continuava a assimilar conhecimentos novos muito mais rapidamente do que Jamie. O menino era muito diligente e ela o admirava por isso, mas temia que a paciência dele pudesse esgotar-se.

Era o último ano de colégio de Matthew, que já começava a fazer planos para entrar para a universidade. Seguindo a orientação de seu conselheiro, ele preparava-se para entrar em Harvard, Yale e Princeton, com a intenção de seguir cursos de História e Literatura.

Habitualmente, Matthew costumava retirar-se para seus aposentos logo após o jantar. Mas, certa noite de fins de setembro, ele fez uma exceção e permaneceu na sala íntima com o resto da família.

Alexis e James estavam sentados no sofá, e os gêmeos deitados no chão, ocupados com álbuns de figurinhas. A televisão estava ligada, todos à espera do noticiário noturno da IBS.

“O presidente dos Estados Unidos declarou que as tropas federais serão enviadas imediatamente a Little Rock, para acabar com a resistência popular à admissão de nove crianças negras pelo Colégio Central”, anunciou Winston, dando início ao programa.

A seguir, a câmera focalizou um grupo de homens brancos com os punhos ameaçadoramente erguidos. Close de seus rostos contorcidos pela raiva eram alternados com flagrantes das nove crianças com expressões abatidas, que se afastavam lentamente dos portões do colégio.

“A Guarda Nacional de Arkansas está sendo diretamente controlada pelo presidente”, continuou Winston, quando a câmera voltou a focalizá-lo. “De acordo com Eisenhower, isso foi necessário para evitar atos de violência na região.”

— Mas é inacreditável! — murmurou Alexis, em voz baixa. — Não posso acreditar que isso possa acontecer neste país.

— É uma infelicidade... — suspirou James.

Sua expressão estava triste e seus olhos enevoados. A cena abalava-o mais do que ele queria admitir. Depois de toda a brutalidade que testemunhara no decorrer de sua vida, acreditava estar imunizado contra a insensatez humana. Mas a vista daquelas crianças sendo covardemente ameaçadas ia além do suportável.

— É uma obscenidade! - disse Matthew, levantando-se repentinamente. — Sinto vergonha de ser americano!

— Não diga isso! — exclamou James. — Este é ainda o melhor país do mundo. Temos problemas, concordo, mas iremos resolvê-los.

— Como? Desse modo? Não viu o que aconteceu: um grupo de crianças indefesas serem ameaçadas por um bando de adultos cheios de ódio? Isso é a América?

James abriu a boca para responder, mas Alexis colocou-lhe a mão no braço.

— Não, claro que não é — disse. — Isso é uma aberração, uma espécie de doença. Você tem de sentir pena dessa gente.

— Mas eles não são uma exceção, como você está querendo fazer supor. Este é um país de convicções profundamente racistas.

— De onde você tirou essa idéia? — quis saber James, que, mesmo não admitindo, estava horrorizado ao perceber que o país pelo qual lutara ia por água abaixo.

— De James Baldwin. Li seu último livro, Filho Nativo. Você devia fazer o mesmo. Aprenderá alguma coisa.

— Matthew... — interveio Alexis.

Mas James interrompeu-a, levantando-se de um salto.

— Chega! Não quero ouvir mais bobagens. Nós somos os melhores. Foi sempre assim. — Olhando desdenhosamente para Matthew, ele acrescentou: — Vai perceber isso, quando limpar direito suas orelhas.

O rapaz corou fortemente.

— Não sou mais uma criança. Não pode me tratar desse modo.

— Não posso? — repetiu James com ameaçadora suavidade. — Está esquecendo de quem é esta casa?

Alexis levantou-se imediatamente e interpôs-se entre os dois.

— James... Matthew... por favor! Estão ambos dizendo coisas que não sentem e das quais irão se arrepender depois. Parem com isso.

Pai e filho começaram a falar a um só tempo, mas calaram-se quase imediatamente. No súbito silêncio que se seguiu, perceberam que os gêmeos olhavam para eles com curiosidade.

— Por que estão brigando? — perguntou Amanda, com sua clara voz infantil.

— Não foi nada, querida — disse Alexis. — Apenas um mal-entendido.

Depois de uns momentos, Jamie entrou na conversa.

— Foi por causa dos meninos da televisão?

Seu pai suspirou.

— Sim...

A raiva o abandonara, fazendo-o lamentar aquela explosão de cólera. Não era de seu feitio perder a calma, mas a acusação de Matthew atingira-o profundamente. Embora deplorando os acontecimentos de Little Rock, sentia que seu filho voltara-se pessoalmente contra ele, condenando o mundo pelo qual ele lutara e que ajudara a construir.

— Vamos esquecer isso — disse, afinal, servindo-se de um drinque e voltando a sentar-se no sofá.

Depois de um momento, Matthew também sentou-se e Alexis aproveitou a trégua para convocar os gêmeos.

— Venham comigo, vocês dois. Está na hora do banho.

— É muito cedo — declarou Amanda. — Quero saber uma coisa.

— O quê? — perguntou Alexis, resignada.

— Aqueles meninos... Por que as pessoas não queriam que eles entrassem na escola?

Alexis olhou para James e depois para Matthew, num apelo mudo. Mas nenhum dos dois parecia ter algo a dizer.

— Porque acham que crianças negras não podem freqüentar a escola junto com crianças brancas — disse ela, por fim.

— Na nossa escola não tem crianças negras — observou Jamie. — Eu sei. Dei uma olhada.

— Como assim? — quis saber Alexis, curiosa.

— Ouvi as pessoas falarem nisso e eu quis ver se tinha algum negro na nossa escola. Não vi nenhum.

— Sua escola é particular, é por isso. E agora vamos. Está na hora do banho.

Horas depois, quando estavam todos deitados, James e Alexis voltaram a discutir o assunto.

— Não sabia o que dizer aos meninos — disse James. — Como se pode explicar a duas crianças de seis anos que, em certas partes do país, existe uma verdadeira guerra civil?

— E como se pode convencer um jovem de dezessete anos de que este país é ainda o melhor lugar do mundo?

— O que me aborreceu foi o que ele disse sobre a América. Será que ele não percebe quanta coisa boa há por aqui?

— Ele viu um grupo de adultos armados, ameaçando algumas crianças. Isso não deixa de ser perturbador. Principalmente para um jovem idealista.

Procuraram-se na escuridão, encontrando conforto no calor de seus corpos. Alexis repousou a cabeça no ombro de James e ele afagou-lhe ternamente os cabelos.

— Parece que, ultimamente, as coisas estão tomando um rumo preocupante.

— Os problemas existem — reconheceu ela. — Mas, no final das contas, não estamos nos saindo tão mal assim.

— Talvez não. Mas o que estamos fazendo de verdade, a não ser manter o caldeirão no fogo? A coisa pode explodir de um momento para o outro.

— Na recepção que Maggie e Anthony ofereceram antes de viajarmos para a Europa, falei com Tad e ele disse basicamente a mesma coisa. Está muito pessimista com a situação.

— Será que ele não quer parecer solene junto a seus constituintes?

— Não acho. Ele disse que ainda não resolvemos adequadamente nossas questões com a União Soviética, não estamos nos preocupando com a corrida armamentista nem com nossos próprios problemas internos. Parece que estamos simplesmente em compasso de espera.

— Do quê?

— Não sei... de algo novo, talvez. Ou de “alguém” novo. Alguém com propostas novas...

— O último homem que apareceu com propostas novas foi Joe McCarthy. E você viu no que deu.

— Estou me referindo a propostas que nos levem na direção certa.

James atraiu-a para si e acariciou-lhe as costas nuas.

— Sei de quem você está falando: Jack Kennedy. Só porque é um belo homem.

— Bom, tenho de concordar com isso. Aquele seu sotaque bostoniano é... absolutamente delicioso.

— Vou lhe dar algo muito mais delicioso — murmurou ele, puxando-lhe para cima a camisola escorregadia.

— Chama-se Sputnik — disse Joey, quando estavam todos sentados em volta da mesa de jantar dos Gargano. — Em russo quer dizer “camarada viajante”.

— Claro que é em russo — intrometeu-se Amanda. — Em que outro idioma poderia ser? A nave espacial pesa quase cem quilos e tem quatro antenas. E pode ver o que nós estamos fazendo aqui embaixo.

— Não pode — afirmou Jamie.

— Pode.

— Não!

Tessa acalmou-os.

— Não pode. Mas nós podemos vê-la se formos lá fora olhar para o céu.

Foi o que os meninos fizeram naquela noite e nas outras que se seguiram. Houve muitas discussões. Joey gostava dos livros de ficção científica, que se tomavam cada vez mais populares. As escolas começavam a adotar programas de estudo mais amplos sobre ciências físicas e biológicas, e os pais estavam plenamente de acordo com isso.

Não foi surpresa que, naquele Natal, houvesse uma enorme quantidade de “brinquedos científicos” debaixo das árvores. Mas, para Matthew, houve algo muito especial. Ele tinha sido aceito em todas as três universidades da Liga Ivy, e optara pela de Princeton.

Assim, ao abrir a porta, na manhã do dia de Natal, encontrou um brilhante MG vermelho estacionado diante da casa. Era presente de seu pai, que não cabia em si de orgulho pela façanha do filho.

Alexis achou que o carro representava uma certa extravagância, mas não disse nada. Entendia, intuitivamente, que era muito importante para James dar ao seu filho um presente generoso. Era o símbolo de seu sucesso, das alturas que atingira, partindo do nada.

Sua escalada continuou, alcançando novas alturas. Sob sua firme direção, novas estações foram convencidas a filiar-se à IBS. Como resultado, as ações da UBC caíram mais alguns pontos, o que permitiu a Alexis comprar mais um lote. Até a metade de 1958, ela já havia comprado, por meio de vários escritórios de corretagem, cerca de dez por cento do total das ações ordinárias da companhia de seu irmão. Estava chegando o momento em que não podia mais guardar sigilo sobre tudo isso.

A enormidade da tarefa ameaçava sobrepujá-la. Em princípio, seu plano parecia uma resposta justa a um ato ultrajante. Graham fizera-lhe uma injúria pessoal, conspirando contra James. Não podia deixá-lo impune. Mas, para fazer isso, tinha antes de convencer James da validade de seus direitos e persuadi-lo a ajudá-la no seu propósito de fazer justiça.

A aglutinação das últimas filiais foi uma oportunidade para a IBS oferecer um réveillon no Plaza a seus amigos, clientes e funcionários.

A festa foi um completo sucesso, e transcorreu num clima de total confraternização, os cameramen esforçando-se para tomar parte nela e ao mesmo tempo fazerem a cobertura completa para a televisão.

A orquestra tocava Às Três da Manhã, quando James e Alexis saíram, abrindo caminho por entre os convidados ainda agrupados na entrada do Plaza, esperando que os encarregados do estacionamento trouxessem seus carros.

— Foi uma grande festa — disse Alexis, entrando na limusine que fora apanhá-los.

James olhou-a deslumbrado. Sobre o vestido de noite de lamê prateado, ela usava um casaco de lince, o último de sua fabulosa coleção de peles. Brilhantes cintilavam em seus dedos, pulsos e colo, e o aroma de Arpège flutuava em seu redor.

Sorriu com satisfação. Ela estava mais bela e desejável do que nunca. Parecia uma deusa, perfeita em tudo. Mas o brilho de seu sorriso, a calidez de sua voz eram o de uma mulher. E ele estava orgulhoso de ser o homem que a conduzia para casa. Teria lutado com qualquer um por esse privilégio.

— Grande — concordou ele. — Temos de fazer isso mais vezes.

Ela riu.

— Acrescente então mais umas dez estações à nossa rede.

— É uma idéia tentadora — disse ele, esticando as longas pernas.

Alexis fitou-o. Ele usava o smoking, de corte perfeito, com uma naturalidade de fazer inveja ao mais elegante dos homens.

— Você tem bons motivos para estar alegre. É um homem de sucesso. Realizou muito em bem pouco tempo. Uma verdadeira proeza.

— Não foi tão pouco tempo assim.

— Doze anos, desde que você e Anthony fundaram a IBS naqueles pequenos trailers assentados num campo de batatas. Isso não é muito tempo.

— Meu Deus, como fazia calor dentro daqueles trailers. Passávamos a maior parte do tempo tendo de esfriar o equipamento.

— Atualmente você pode dispor de ar condicionado.

— Naquela ocasião, o orçamento era apertado. Tínhamos dificuldade até para comprar mantimentos. Lembro que alguém deu um livro a Maggie: cinquenta modos diferentes de fazer hambúrguer. E ela os experimentou todos!

— Foram tempos felizes, não?

— Certamente, mas só para recordar. Não gostaria de voltar para trás.

— Não... é impossível voltar para trás — murmurou ela quase para si mesma.

James notou seu ar melancólico.

— Algo errado?

— Não. Tomei champanha demais. E a bebida sempre me deixa um pouco triste.

— É raro você passar da conta...

— Achei que a ocasião merecia. Não está aborrecido, está?

Ele olhou-a com ternura.

— Não. Você é uma dama e tudo o que faz é perfeito.

— Mesmo minha insistência em trabalhar?

— Já me conformei. — Ele a olhou significativamente. — Mas, esta noite, prefiro a esposa à mulher de negócios.

Alexis corou e James deu uma risadinha. Aproveitando a escuridão do banco de trás, deslizou a mão para dentro do casaco de peles e tocou-lhe os seios. Beijaram-se, e seus lábios se uniram com ternura e sensualidade.

Quando se separaram, ela respirou fundo.

— Que homem ardente! Esta noite, não quero ser apenas sua esposa. Quero ser sua... cortesã.

A reação de James foi imediata. Baixando o vidro que os separava do motorista, ordenou:

— Mais depressa, por favor.

A limusine seguiu velozmente através da noite, deixando para trás praças silenciosas, árvores, ruas escuras, igrejas... Minutos depois, eles entraram em casa como dois conspiradores, sem fazer ruído.

Ao fecharem a porta do quarto, James tomou-a pelo braço e puxou-a para junto de si, virando-a de costas. O zíper correu silenciosamente, e o vestido caiu aos pés dela num amontoado cintilante. Ela se voltou para ele, lânguida e sensual, e acabou de despir-se. Depois, aguardou que ele fizesse o mesmo, com os lábios entreabertos, as pupilas dilatadas, os seios tremendo de impaciência pelo macho presente.

Quando o viu nu à sua frente, seus lábios entreabriram-se voluptuosamente, num estado de total ansiedade. Avançou rapidamente para ele e, lançando-lhe os braços em torno do pescoço, mordeu-lhe os lábios e desafiou-o, colando-se toda ao seu corpo.

Ele a ergueu nos braços e carregou-a para a cama. Mergulharam juntos numa onda de volúpia, possuindo-se em silêncio, totalmente imersos na busca do prazer.

A manhã veio encontrá-los extenuados, lado a lado, semi-imersos na embriaguez do ato de amor repetido.

— Foi incrível — murmurou James.

Alexis ouvia-o como que de uma grande distância. Antes de mergulhar na inconsciência do sono, pensou em utilizar-se do sexo para obter a ajuda dele na sua luta contra o irmão. Mas sentiu-se mesquinha e teve vergonha de si mesma. James não merecia isso.

No dia seguinte, quando estavam reunidos na sala de almoço para a refeição matinal, Matthew olhou-os com um sorriso nos lábios.

— A festa deve ter sido ótima. Ouvi quando vocês chegaram, era bem tarde.

— Desde quando você fica acordado à nossa espera? — perguntou James, curioso.

— Não costumo ficar acordado. Estava sem sono.

Amanda levantou os olhos do prato e disse:

— Mamãe e papai podem ficar fora de casa até a hora que quiserem.

— É isso, doçura — disse James. — E coma seu mingau.

— Não gosto de aveia.

— Fortalece os músculos — disse Alexis com paciência.

— Então vou comer. Vamos ter um campeonato de bambolê na escola.

— O que é isso?

— Aquele círculo de plástico que a gente gira em volta da cintura. Tessa é capaz de girar cinco de uma só vez.

— Que talento! — murmurou Matthew, irônico. Ao saírem, Alexis comentou:

— Que bom ser jovem novamente e ter o mundo girando em volta de um círculo de plástico!

— Eu preferiria me aposentar e ir morar no Taiti.

— Que idéia! O que iríamos fazer no Taiti?

Ele murmurou-lhe algo ao ouvido e ela corou fortemente.

— Podemos fazer isso aqui... Não foi o que fizemos ontem à noite?

— Você venceu! Esqueça o Taiti.

Quando entraram no carro, a conversa girou para os negócios. Separaram-se à entrada da IBS e dirigiram-se para seus respectivos escritórios. Alexis acabava de tomar seu cafezinho quando o corretor do escritório imobiliário telefonou-lhe:

— Achei que gostaria de saber. Parece que alguém está querendo comprar a UBC — disse o homem, sem muito rodeio.

Ela endireitou-se imediatamente e olhou para a porta, certificando-se de que estava fechada.

— Era esse o meu medo — confessou. — As ações caíram tanto de preço que achei que alguém mais iria ter interesse no negócio. Quem são os interessados?

O homem não tinha certeza, mas enumerou vários grupos, todos pertencentes a grandes companhias. Um deles fazia parte da mesma organização que tentara encampar a IBS no começo do ano.

— São eles novamente — concluiu Alexis. — Devem estar loucos para querer entrar na confusão armada por Graham.

— Não sei se são loucos. Suas intenções parecem sérias. Sugiro que tome suas providências imediatamente, sra. Callahan.

Alexis hesitou. Agora que o momento havia chegado, o medo assaltou-a.

— Preciso de algumas horas para formular meus planos. Telefono ao seu escritório à tarde.

Ela desligou o fone e recostou-se na cadeira, pensativa, fazendo alguns cálculos mentais. Considerando a atual cotação das ações, precisava de mais de cinco milhões de dólares para assegurar o controle da UBC. Não tinha esse dinheiro, mas a IBS era capaz de levantá-lo.

Num impulso súbito, tirou o telefone do gancho e pediu à telefonista que a pusesse em contato com James. Ele atendeu sem demora.

— Preciso vê-lo imediatamente.

— Certo... — disse ele, parecendo surpreso pelo tom ansioso de sua voz.

— Peça a Anthony que venha também.

— Na sala de conferências, então? Dentro de cinco minutos?

Ela concordou e desligou lentamente, pensando no que fazer para convencer James de que era para o bem de todos. Não era suficiente. Estava pálida e suas mãos tremiam, quando entrou na sala e tomou seu lugar à grande mesa de mogno.

Os dois sócios já haviam chegado e pareciam perplexos.

— O que aconteceu? — perguntou Anthony. — Caiu alguma torre de transmissão?

— Desculpe, mas não há tempo para muitas explicações — cortou Alexis. — Temos a chance de encampar a UBC. Mas temos de correr.

Os dois homens entreolharam-se, espantados. Depois de um minuto, James disse-lhe com gentileza:

— Doçura, isso não faz sentido. Precisariamos adquirir pelo menos quinze por cento das ações ordinárias, para termos o controle da empresa. Ou seja, mais de quinze milhões de dólares. Não podemos dispor dessa quantia.

— Não é preciso tanto. Cinco milhões seriam suficientes.

— Como assim? — disse Anthony. — De acordo com o último balanço, Graham detém dez por cento e...

— E eu também.

James olhou-a fixamente.

— É impossível! Você vendeu as ações e injetou o dinheiro na IBS.

— Não, esse dinheiro era de alguns investimentos que meu pai me deixou. Vendi as ações da UBC e coloquei o dinheiro em minha conta particular. Usei-o para ir comprando novos lotes, à medida que as ações da empresa baixavam de preço.

Anthony olhou-a com curiosidade.

— Está querendo dizer que andou comprando ações da companhia de seu irmão durante anos? Mas como foi que isso não apareceu no balanço?

— Comprei as ações por meio de vários escritórios de corretagem — confessou ela, sem olhar para James. — A atual cotação das ações está pela metade do que quando vendi meu lote original. Dobrei, portanto, meu número de ações sem que Graham soubesse. O único problema é que ele pode contar com uns dois ou três por cento que estão em mãos de seus amigos pessoais. Para vencê-lo, precisaremos de um pouco mais do que isso. De uns cinco por cento pelo menos.

Os dois homens permaneceram em silêncio, esperando que ela prosseguisse. James olhava-a, mas sua expressão era enigmática.

— Acabo de ser informada de que outro grupo está interessado na UBC. Temos de agir imediatamente.

— E você acha que com cinco milhões podemos ter essa chance? — perguntou Anthony, ainda incrédulo.

— Sim, podemos.

Era óbvio que Anthony começava a ficar interessado.

— Com essa fusão, levaremos vantagem sobre as outras redes...

— A queda da UBC resulta da incompetência administrativa de Graham. Mas é ainda uma empresa sólida — observou ela.

— Acredita mesmo que os órgãos federais competentes vão permitir a fusão? — perguntou James inesperadamente.

— Temos uma excelente folha corrida na prestação de serviços de interesse público. Isso conta.

Anthony sorriu.

— Claro. Os novos programas que lançamos e os serviços de orientação que prestamos ao público são uma garantia sólida de que podemos assumir essa responsabilidade.

James acendeu um cigarro.

— Parece que você pensou em tudo... Levou anos pensando em programas, levantando dinheiro, comprando as ações por meio dos escritórios de corretagem... Isso tudo deve ter exigido um planejamento cuidadoso.

Anthony olhou para ela e depois para James.

— Acho que não é hora de discutirmos como Alexis conseguiu isso. Temos de tomar uma decisão.

Alexis olhou-o, agradecida.

— Disse a meu corretor que lhe telefonaria à tarde. — Ela voltou-se para James. — Sei que isso deve ser um choque, mas, por favor, tente julgar a situação objetivamente. A UBC representará a coroação de todos os nossos esforços.

— Foi pensando na IBS que você se esforçou tanto?

Ela hesitou. Seria uma boa desculpa atribuir sua motivação à ânsia de fazer da IBS uma grande rede. Mas James não merecia nada além da verdade. Respirando fundo, confessou:

— Não, o motivo foi outro.

— Qual? — perguntou Anthony, intrigado.

— Quis vingar-me de Graham por sua participação no episódio da Coreia.

Anthony ficou surpreso.

— Mas eu pensei que você tivesse chegado à conclusão de que não havia provas da participação de seu irmão!

— Isso não tem a mínima importância — disse James com rispidez. — Alexis precisava de uma boa desculpa para atacar o irmão e eu fui o escolhido.

Sentada sozinha na outra ponta da mesa, Alexis fitou-o. Havia um abismo entre eles.

— O que está querendo dizer?

— Preciso explicar? Você é uma mulher inteligente. A hipótese da Coreia é sua, e nunca foi bem explicada. Mas está querendo servir-se novamente dela, em vez de admitir que isso não tem nada a ver com o ódio que devota a Graham. Quer vingar-se dele por uma única razão: seu pai deu a ele o que você queria para si mesma.

— Isso é ridículo! Fiz as pazes com meu pai, antes de sua morte. Se não fosse por isso, ele não me legaria o lote de ações.

— Nunca lhe ocorreu que ele sabia que você e Graham acabariam como gladiadores numa arena da antiga Roma?

Alexis ficou calada, mas seus olhos falaram por si. James percebeu e riu amargamente.

— O velho senhor deve estar rindo agora. As coisas estão acontecendo exatamente como ele planejou.

— Você está enganado. Fiz tudo pensando em você.

— Conversa fiada! Eu devia ter imaginado que havia alguma coisa se agitando sob sua aparência de grande dama. Você parecia satisfeita demais por fazer parte de nosso time. Fui ingênuo ao pensar que isso era suficiente para estancar sua avidez de poder.

— É verdade que eu sempre gostei do poder. Mas não a qualquer preço!

— Por que mentiu, então?

— Eu não...

— Mentiu a si mesma, sobre o episódio da Coreia — disse James, inflexível. — E me decepcionou profundamente, tramando tudo às escondidas.

Ela ergueu os olhos lentamente e disse numa voz cansada:

— Fiz o que devia ser feito. Se você soubesse, teria tentado me impedir.

— Mas se fosse para o bem da IBS deveria aprová-la, não?

Havia nos olhos de Alexis um enorme sentimento de dor, e Anthony teve pena dela. Mas não podia fazer nada. O ajuste de contas era entre os dois.

— Não, você não teria me aprovado. E por um único motivo: perceberia que a IBS ficaria dona de apenas cinco por cento das ações, ao passo que eu ficaria com dez. E isso me daria o direito de dirigir a UBC como se fosse a minha própria companhia.

Ele a olhou demoradamente.

— Além de mulher e mãe, você quis ser também a filha de seu pai. Mas devia saber que, mais dia menos dia, teria de prestar conta de seus atos. O que achava que aconteceria então?

— Pensava... esperava... que você entendesse e aceitasse.

Um silêncio pesado como rocha tombou sobre a sala, mas eles continuavam a se olhar. Os olhos dela continham um mudo apelo de compreensão; os dele permaneciam frios e hostis.

— Entendo as coisas bem demais. E quanto a aceitar... não há mesmo nenhuma possibilidade. Mas farei o que você quiser... apesar de tudo.

O sangue fugiu do rosto de Alexis. Preferia ter recebido uma recusa. Um profundo abismo os separava agora.

CAPÍTULO XIX

— Não vejo que diferença possa fazer que Kennedy seja católico ou não — disse Tessa.

Era uma bela tarde de primavera e estavam todos reunidos na casa dos Gargano, inclusive Matthew, que fora passar os feriados da Semana Santa com a família. Era seu primeiro ano em Princeton, e isso lhe dava uma confiança que o fazia parecer mais maduro.

Ele sorriu com indulgência.

— Não deveria importar, mas muita gente pensa o contrário.

— Nós somos católicos, e não achamos que isso seja assim tão importante.

— Mas há muita gente fanática.

Tessa arrumou, distraída, alguns fios de seus compridos cabelos escuros. Fazia calor e ela gostaria de dar um passeio pelo jardim, mas o jantar estava para ser servido.

— Está gostando da sua nova escola? — perguntou, olhando Matthew através dos olhos semi-cerrados. Seus fartos cabelos castanhos estavam um pouco mais compridos do que o habitual. E ela gostava que ele não o usasse curto como a maioria dos rapazes, ou alisado com brilhantina.

— Bastante. Estou pensando em inscrever-me no time de futebol.

— Não há nenhuma garota por lá?

Ele voltou a sorrir.

— Não admitem mulheres em Princeton. Como em nenhuma das outras universidades da Liga Ivy.

— Então nós, mulheres, teremos de freqüentar uma das Sete Irmãs?

— Certo. Acho que você deveria começar a pesquisar desde já, para depois decidir qual delas gostaria de freqüentar.

Tessa torceu o nariz.

— Não tenho certeza do que quero fazer. Ouvi dizer que todas elas são bastante esnobes.

— Mas o ensino é ótimo.

Ela deu de ombros.

— Estou pensando em fazer um curso de enfermagem. Como mamãe.

Matthew surpreendeu-se. Não tinha nada contra as mulheres que trabalhavam fora, mas via os problemas que isso estava causando entre Alexis e seu pai.

— Tem de fazer o que é certo para você. Uma porção de gente acha que as mulheres devem ficar em casa cuidando dos filhos.

Tessa lançou-lhe um olhar perscrutador.

— Você também acredita nisso?

Ele hesitou, desejando identificar-se com a imagem do irmão mais velho que ela parecia considerá-lo. Mas não queria aparentar uma segurança que não sentia.

— Não sei — disse, afinal. — Acho que as crianças merecem muita atenção e cuidado. Mas entendo que as mulheres tenham vontade de fazer mais do que isso. É um problema complicado.

— Acho que mamãe é mais feliz agora, depois que começou a trabalhar no hospital.

— Pode ser. E seu pai, o que diz?

Ela permaneceu pensativa por uns instantes.

— Ele a ama, sua felicidade depende dela. E o mesmo acontece com mamãe. Não é assim que as coisas deveriam ser?

— Sim... acho que é assim.

Ele deixou morrer o assunto, não querendo desiludi-la. Haveria tempo para ela aprender que as coisas nunca eram tão simples assim.

Maggie apareceu na porta e avisou-os que o jantar estaria pronto dentro de quinze minutos. Voltou então para a cozinha, onde Alexis a aguardava. Era o dia de folga da cozinheira e haviam decidido preparar um jantar simples, composto de lasanha, salada mista e pão italiano.

— Que cheirinho bom! — disse Alexis, enquanto punha a mesa. — Não sei como você arranja tempo para fazer coisas tão deliciosas.

— Eu também não sei. Meu trabalho é puxado. Temos pelo menos doze casos graves por dia. O tempo voa quando estou no hospital.

— Você não achava melhor ter começado numa seção que exigisse menos de suas forças?

— Considerando a experiência que adquiri durante a guerra, achei que o setor de emergência era o lugar que mais me convinha. Além disso, quero praticar um pouco, antes de dedicar-me novamente à cirurgia.

Maggie parecia satisfeita com sua escolha, e Alexis gostaria de poder dizer o mesmo. Nos dezoito meses que haviam decorrido desde a fusão das duas redes, trabalhara arduamente para reconstruir a UBC, desmantelada pela incompetência de seu irmão. Seus esforços estavam começando a dar algum resultado, mas, estranhamente, isso não lhe dava a satisfação que esperava.

Seu sonho, transformado em realidade, provara ser uma luta árida. Havia um vazio em seu interior, como se algo essencial a houvesse abandonado. Experimentara essa mesma dolorosa sensação no passado, quando sua mãe morrera.

— Alguma coisa errada? — perguntou Maggie, ao notar sua expressão triste.

— Não. As mesmas preocupações de sempre.

Maggie era muito discreta para insistir. Embora nunca houvessem tocado no assunto, Alexis estava certa de que a amiga não desconhecia o que acontecera entre ela e James no dia da decisão de comprar as ações da UBC.

“Não vou tentar impedi-la”, dissera ele, quando se tornara claro que Alexis estava determinada a prosseguir com seus planos. “Mas não espere que eu seja seu cúmplice.”

Nos meses que se seguiram ele não fizera comentários sobre seu trabalho ou sobre seu empenho em dirigir a UBC. Um muro invisível erguera-se entre eles, e crescia inexoravelmente. James portava-se com polidez, porém se situava à distância e mostrava-se pouco interessado nela, exceto à noite, quando a procurava na escuridão do quarto para fazerem amor.

E era por isso, pelo vínculo que apesar de tudo ainda os ligava, que estava decidida a fazer algo para salvar sua união. Não obstante os riscos que deveria enfrentar.

A sala estava cheia de fumaça e tensão, mas Alexis fez a sua exposição com simplicidade, sem nenhum sentido de drama.

— As boas novas são que saímos do marasmo e avançamos alguns pontos na preferência dos telespectadores. E as más são que ainda continuamos os lanterninhas.

Houve um coro de lamentações em torno da mesa de reunião. Todos sabiam que seus empregos dependiam da sobrevivência da UBC.

— Estamos nos esforçando ao máximo, e fizemos um bom trabalho. Os números são prova disso. Muita gente mudou de hábito, passando agora a assistir aos programas da UBC — disse um dos membros da equipe.

Alexis cortou a torrente de comentários inúteis que se pressagiava.

— Conseguimos melhorar a programação, mas ainda não conquistamos os telespectadores. Não em número suficiente para satisfazer os anunciantes. — Ela correu os olhos pela mesa, estimulando-os. — Alguém tem alguma sugestão a fazer?

— Mais promoções? — disse um dos jovens. — Mais publicidade? Não sei mais o que se possa fazer para chamar a atenção do público.

Alexis ficou desapontada.

— Já gastamos uma quantia considerável em publicidade. E parece que não adiantou muito. Não podemos continuar a jogar dinheiro fora.

Outras idéias foram propostas, mas nada de interessante resultou disso. E Alexis voltou ao seu escritório mais convencida do que nunca de que algo radicalmente diferente tinha de ser feito sem perda de tempo. Mas o quê?

Essa questão absorveu-a inteiramente nos dias que se seguiram. Passava longas horas no escritório que fora de seu pai e que havia sofrido alguma transformação. Dentre as peças maiores, somente a mesa de mogno permanecia em seu lugar. Alexis conservara-a porque era o símbolo de um homem que abrira caminho para o sucesso com grande ousadia.

Graham desertara do andar executivo, talvez para manter-se a distância, e ocupava agora outra sala. Isso a desagradava. Queria que ele não se enganasse quanto ao significado da fusão: era a volta da liderança que marcara, outrora, o sucesso da empresa e o fim da atual incompetência que quase a destruíra.

Os três sócios costumavam encontrar-se duas vezes por mês para discutirem assuntos de interesses mútuos. As reuniões tinham lugar no salão de conferências da IBS e aconteciam na hora do almoço, enquanto tomavam uma refeição ligeira preparada na cozinha executiva.

Ocasionalmente, outros membros da diretoria das duas redes eram também convidados, mas, naquele último dia do mês de maio, os três estavam a sós.

— Fiz tudo o que era tecnicamente possível, mas ainda não conquistamos público suficiente para atrair mais anunciantes — confessou ela entre dois bocados.

— O que pretende fazer? — perguntou James com voz neutra, como se o assunto não lhe dissesse respeito.

Alexis gostaria de lhe dizer que os destinos das duas redes estavam intimamente ligados, mas obrigou-se a ser paciente.

— Pensei que poderíamos oferecer horários alternativos para os programas de maior aceitação. Por exemplo: todos os noticiários noturnos são transmitidos entre sete e sete e quinze. Muita gente está jantando nessa hora; assim, por que uma das duas emissoras não o apresenta às oito? Ou então mais cedo. Digamos às cinco. O mesmo vale para programas humorísticos, shows, filmes etc.

Anthony pareceu cético.

— Não sei... Deveríamos pesquisar hábitos familiares, saber quando a família está reunida para assistir aos programas mais importantes...

— Esse tempo já passou. O que acontecia antes é que alguém da família escolhia a programação da noite; e os outros tinham de se conformar. Mas isso mudou. Agora, há mais de um televisor em cada casa e mais opções.

James largou o garfo. Estava interessado, mesmo não admitindo.

— Está querendo dizer que, em vez de programarmos para a família como um todo, deveremos pensar em cada um de seus membros?

— Sim, é isso mesmo que devemos fazer.

— Devemos?... A UBC e a IBS juntas?

— Nossas duas redes poderiam coordenar programações de modo a apresentar, por exemplo, um programa infantil e outro adulto no mesmo horário. Ou seja, pensar ao mesmo tempo nos pais e nos filhos.

— Isso significa que teremos de trabalhar em conjunto, Pelo menos parte do dia.

— Sim — disse ela com simplicidade, não querendo mostrar-se ansiosa demais.

O plano pretendia realmente fortalecer as duas redes, mas, também, estreitar o abismo que a dividia de James. Se ele a aceitasse tal como no mundo dos negócios, talvez isso pudesse também acontecer em suas vidas privadas.

— Poderemos trabalhar juntos, desde que cada um de nós seja responsável pelos programas de nossas respectivas redes.

E assim, durante aquele verão, enquanto as convenções políticas sucediam-se e a campanha presidencial delineava-se no horizonte, Alexis e James começaram a reunir-se regularmente para planejar a programação do outono. Como eram ambos muito ocupados, foi inevitável que os estudos e as trocas de idéias tivessem lugar em sua própria casa, onde não havia ninguém para distraí-los.

Matthew, que aproveitara as férias para trabalhar numa das divisões da UBC, dedicava suas noites a uma jovem das redondezas e não parava em casa. Os gêmeos encontravam-se num acampamento de verão. Amanda escrevia cartas entusiasmadas, ao passo que Jamie era mais reservado.

— Ele não se dedica a nada — observou James, certa noite. — Tinha esperança de que ele mudasse com o tempo...

— Ele vive à sombra de Amanda. Convenhamos que é duro competir com ela.

— Os homens detestam ter de competir com as mulheres. Isso os coloca num dilema.

— Como assim?

— Com as mulheres não se pode seguir nenhuma regra. Quando dois homens competem entre si, tudo é muito simples. Ambos querem vencer. Mas com uma mulher existe sempre a tentação de ser cavalheiro, de dar-lhe uma vantagem.

— Nunca pedi vantagem alguma — murmurou Alexis.

— Porque você não gosta de pedir.

Ele a estudou em silêncio, observando o jogo de luzes nos cabelos dela.

— Veja essa Jackie Kennedy, por exemplo. Que homem, em seu juízo perfeito, gostaria de competir com ela?

Alexis girou o copo de vinho entre os dedos.

— Acha que ela é bonita?

— É charmosa. E, se Kennedy vencer as eleições, todas as mulheres americanas irão imitá-la.

— Seguindo seu estilo de vestir?

— Exatamente.

— Um tanto monótono, não acha? Todas as mulheres usando chapéus redondos e conjuntos elegantes.

— Para você, que tem seu próprio estilo.

— E como é esse meu estilo?

Ele olhou-a demoradamente.

— É um estilo que reúne beleza... inteligência... força. — O sorriso dele ampliou-se. — Com mais facetas do que você possa imaginar.

Sua última observação deixou-a estranhamente magoada. Fazia-a parecer um ser misterioso. A maioria das mulheres talvez se sentisse desvanecida de ser julgada enigmática. Mas ela não. Depois de doze anos de casamento, gostaria de acreditar que seu marido a entendia e respeitava seus pontos de vista.

A agitação da campanha presidencial a distraía de suas preocupações pessoais. Tendo como pano de fundo a guerra fria, que atingira proporções alarmantes, a campanha parecia significar mais do que uma simples decisão política e do destino de um homem. Segundo as pesquisas,

Nixon detinha uma ligeira vantagem, mas Kennedy era mais agressivo, não perdendo nenhuma oportunidade de arrebatrar a confiança dos americanos.

Alexis comentou o fato com Winston, algumas horas antes do debate entre os dois candidatos, a ser transmitido pela TV.

— É evidente que Nixon quer ser presidente a qualquer custo. Kennedy parece igualmente determinado e desempenha com convicção seu papel de vitorioso, sem parecer arrogante ou complacente.

— A imagem que a televisão transmitirá dele esta noite será tão importante quanto suas palavras. Acho que isso poderá vir a ser a crucial diferença.

— Precisamos eleger um homem, não uma imagem.

Winston riu.

— Somos nós que criamos a imagem do vencedor.

— Se você diz... Correm rumores de que Kennedy está enfrentando problemas de saúde.

— Teriam de pensar nisso antes de o homem candidatar-se ao posto. Agora é deixá-lo ir adiante.

Conversaram mais alguns minutos. Winston tinha sempre o dom de alegrá-la. Evidentemente reconciliado com o fato de que nunca seriam mais do que bons amigos, ele não exigia nada.

O mesmo não podia ser dito de James. Ele era teimoso, exasperante, chegava a enfurecê-la. “Não concordo com isso, Alexis. Não acho que devemos fazer desse modo. Sugiro que considere outra alternativa...” Quantas vezes não ouvira frases semelhantes, enquanto discutiam assuntos referentes às duas redes? Claro que também ela tinha o que dizer. E, no final, acabavam sempre procurando uma terceira opção que agradasse a ambos.

Pareciam dois adversários medindo-se cautelosamente, resguardando-se, enquanto procuravam descobrir a fraqueza um do outro. Onde estava a paixão que havia caracterizado seu relacionamento? Onde a vulnerabilidade que, estranhamente, lhes dava a coragem de ousar? Até mesmo seus atos de amor eram cortesias e cautelosos.

A impressão, muito forte nela, de que algo precioso se perdia irremediavelmente, levou-a a pensar cada vez mais em sua mãe. Estava com oito anos a mais do que Olívia Brockton ao tempo de sua morte. Mas não estava ainda pronta para encarar a sua própria e inevitável mortalidade. Como sua mãe conseguira romper os vagos elos que a uniam ao mundo?

Certa vez, pensara conhecer a resposta. Mas, agora que vivera mais anos do que ela, estava mais perturbada do que nunca. No trigésimo aniversário de sua morte, um dia frio e triste de outono, foi ao cemitério. Não sabia por que era compelida a isso. Sentia-se chamada e seguiu, hesitante, seu impulso. Ao chegar, permaneceu sob o olmo, no lugar onde seu pai a deixara quando menina. Pouca coisa mudara desde o dia do enterro. A grama estava bem aparada e havia crisântemos nos vasos de bronze.

Dois nomes estavam agora gravados na pedra de mármore: “Olívia Georgetta Brockton, 1900-1930” — “Charles Philip Brockton, 1890-1951”.

Alguns versos vieram-lhe à mente:

“E enquanto arde a tua primavera
Lembra que o frio do inverno ainda te espera”...

Nenhum dos dois havia vivido muito, mas sua mãe... Ah, na penumbra do entardecer, procurou seu rosto. E mesmo agora, passados tantos anos, não pôde reprimir um longo estremecimento de horror.

Perdeu o sentido do tempo, e viu-se a menina de outrora, subindo os degraus de dois em dois, na excitação de contar as proezas que fizera com seu novo pônei. Reviu nitidamente o longo corredor acarpetado, os aposentos vazios, a porta do banheiro aberta... Sua mãe, sempre tão cuidadosa, tão perfeita em tudo, escolhera o frio chão de mármore para seu último repouso. Seu négligé estava ensopado com o sangue que lhe escorria dos pulsos cortados, e os imensos olhos cinzentos desmesuradamente abertos. Sentira a angústia da partida?

A brisa ergueu-se, os galhos estalaram acima de sua cabeça, folhas tombaram e voaram em torno de seus pés. Alexis tremeu sob o casaco, compreendendo lentamente que não havia resposta alguma na terra muda ou na pedra silenciosa. Era dentro de si mesma que devia buscar a verdade.

Anos atrás, quando se debatera, angustiada, procurando desvendar seu segredo gelado, chegou à conclusão de que Olívia se suicidara porque fora sempre uma vítima, um brinquedo nas mãos de homens descuidados: primeiro seu pai e depois seu marido. Sem poder controlar seu próprio destino, retirara-se da vida como um convidado impaciente em deixar uma festa aborrecida.

Mas, à medida que ganhava experiência de vida, percebera que essa dedução, no final, não explicava nada. Ninguém nascia com o precioso dom da liberdade. Era preciso lutar para conquistá-la e, às vezes, com grandes sacrifícios.

James a acusara de querer ser tudo: mulher, mãe e ainda a filha de seu pai. Mas estava enganado. Queria ser apenas ela mesma. E, se falhara em seu propósito, era a si própria que devia censurar.

O vento emudeceu, o ar impregnou-se de sua angústia. Não se ouvia nenhum som em parte alguma. Sentiu um repentino pavor e deixou o cemitério, cambaleando sobre o terreno desigual. Precisava do conforto seguro dos braços de James.

Ele já estava em casa quando ela chegou. Ficou parada no limiar por um instante, olhando-o. Estava com as pernas displicentemente esticadas, o corpo relaxado e a expressão absorta, exatamente como o vira tantas vezes.

James levantou os olhos de repente e a viu.

— Estava pensando aonde você poderia ter ido... — Ele interrompeu-se ao notar sua aparência.

O vento úmido desmanchara-lhe os cabelos. Seu rosto estava pálido, seus olhos estranhamente brilhantes. Permanecia com os braços em volta do corpo, como se estivesse sentindo muito frio.

Levantou-se de um salto e caminhou para ela.

— Querida... o que aconteceu?

Ela sacudiu a cabeça, aturdida, lutando contra o absurdo desejo de chorar de alegria ao vê-lo ali, forte, sólido, real.

— Nada... eu...

Ele passou-lhe os braços pela cintura e puxou-a para si.

— O que aconteceu? — voltou a perguntar, ansioso, temendo que ela estivesse doente. — Onde esteve?

— No cemitério... É o aniversário da morte de minha mãe. Não sei por que, mas eu tinha de ir.

— Por que não me disse? Teria ido com você.

— Não, tinha de ir sozinha. Senti tanto medo... uma fraqueza...

James a fitou. A incerteza, a angústia e o medo fundiram-se numa raiva absurda e descontrolada. Sacudiu-a pelos braços.

— Mas por quê? Por que tem sempre medo de não ser bastante forte? Quando vai perceber que não precisa ser forte comigo?

— Talvez quando você perceber o mesmo em relação a mim.

— Não entendo...

— Entende, sim. Quer que eu seja completamente dependente de você, mas não quer depender de mim. Quer ser o líder em nosso relacionamento porque tem medo do que possa acontecer. Esse foi sempre o problema que houve entre nós. Não quer acreditar que é suficiente que nos amemos um ao outro. Não se sente seguro a não ser quando está no controle de tudo.

— E você não é igualmente insegura?

— Vai levar algum tempo, mas vou me livrar disso. Tinha medo de que, se me entregasse ao amor, trairia a mim mesma. — Ela fez uma pausa e completou com voz suave: — Minha mãe suicidou-se porque não tinha coragem de amar ninguém, a não ser ela própria.

— Suicidou-se?...

— Nunca consegui dizer isso em voz alta. Mas é verdade, e foi disso que eu tive medo até agora. Ela dependia de todos e no final tornou-se nada. Não quero que isso aconteça comigo.

James olhou para dentro de si mesmo. O erro que Alexis cometera fizera-o sentir-se melhor e superior, mais forte e o único que podia estar no comando. Num certo sentido, esperava que ele se penitenciasse por seu momento de fraqueza com Winston, sufocando seus sonhos e suas esperanças e contentando-se em viver por meio dele. Mas, diferentemente de sua mãe, Alexis não quisera conspirar para a sua própria destruição.

Para merecer-lhe o amor, ele tinha de colocá-la num plano igual ao seu. Não podia afirmar com certeza se conseguiria isso. Mas sabia que lutaria com todas as suas forças, mesmo que na luta empregasse o resto de sua vida.

CAPÍTULO XX

Fazia frio, naquele dia de janeiro de 1961, e a neve que caía em suaves flocos brancos adornava a cúpula do Capitólio. Os palanques estavam armados para a cerimônia de posse. O novo presidente, um jovem chamado John F. Kennedy, ia prestar juramento.

Terminada a breve cerimônia, ele se aproximou do átrio e iniciou seu discurso. Alexis e James permaneciam atentos e apertaram-se as mãos, quando ouviram-no proclamar que a tocha havia sido passada para as mãos de uma nova geração. Ambos sabiam o que ele queria dizer. O longo aprendizado da juventude estava encerrado. Havia penetrado, afinal, dentro da sua própria individualidade.

Para James, o carismático e jovem presidente era o símbolo de tudo pelo que sua geração vivera e lutara, e, à medida que os meses passavam, identificava-se cada vez mais intimamente com os erros e os acertos da nova administração.

Alexis, no entanto, era presa de sentimentos contraditórios. Tomava parte nas brilhantes soirées, em que as conversas espirituosas fluíam tão livremente quanto o champanha. Mas era perturbada por uma sutil e estranha sensação que não podia absolutamente identificar. Sob toda aquela elegância e graça, movia-se furtivamente uma impaciência em provar que o poder conquistado era merecido e que seria bem usado.

No baile de fim de ano na Casa Branca, quando, após a catástrofe da baía dos Porcos, a confiança havia sido de algum modo restaurada, ela finalmente revelou suas preocupações à única pessoa que poderia entendê-la. Diferentemente de seus colegas jornalistas, Winston tinha uma visão crítica da “Nova Fronteira”.

— Parecem um bando de gentis cavaleiros de brilhantes armaduras à procura do Santo Graal, não duvidando sequer um instante de que terão sucesso em seu intento.

— Não é uma visão um tanto cínica? — protestou ela gentilmente.

Ele deu de ombros, imperturbável.

— Penso que o mundo é mais complicado do que eles querem admitir.

Alexis lançou um olhar ao presidente, que ria e conversava com uma linda jovem.

— Você não pensa, certamente, que ele seja um ingênuo.

— Não — disse Winston —, não usaria esse termo. É essa... absoluta convicção de que somos os melhores, de que poderemos forjar nossos próprios destinos e de que, se fizermos tudo certinho, poderemos alcançar o que quisermos que me preocupa.

— Não acredita nisso?

— Não. Não podemos ter sempre o que queremos.

Alexis evitou os seus olhos e, depois de alguns instantes, ele mudou de conversa. Dançaram então até que James chegou e a arrebatou para uma valsa.

A UBC continuava a ganhar pontos graças, principalmente, à estratégia adotada por Alexis de horários alternados. Ela e James continuavam a trabalhar juntos, mas as discussões eram raras. Ele começava a vencer as suas próprias inseguranças e a aceitá-la pelo que ela era: uma mulher forte e de capacidade.

À medida que ele se tomava mais aberto e confiante, ela tornava-se mais condescendente com seus pequenos lapsos. Um deles ocorreu em outubro de 1962, quando começaram a circular vagos rumores de que podia haver novos atritos com Cuba.

— Algo está fervendo — disse Alexis, certa noite, quando se preparavam para dormir.

James sorriu com condescendência.

— Você está imaginando coisas.

— É algo bem concreto. O contato da UBC em Miami enviou um relatório, dizendo que os russos reiniciaram suas atividades em Cuba.

— Oh... verdade? E quem é esse contato?

Ela disse o nome do homem e a conversa morreu aí. Dias depois, o chefe do departamento de notícias avisou-a de que o contato desaparecera como que por encanto.

— Manuel não está enviando notícias. E estou estranhando, porque ele é muito correto.

— Dê um tempo e tente novamente — sugeriu ela. Mas, como não houve meio de encontrarem o homem, Alexis enviou um funcionário de sua confiança a Miami para saber notícias do repórter desaparecido. O rapaz voltou contando uma história extraordinária. Testemunhas oculares afirmavam que o homem fora enfiado à força num sedã preto por um grupo de homens fortes e musculosos.

— Uma das testemunhas afirmou que eles pareciam agentes federais.

— Como podia saber?

— Pelo jeito deles, as roupas que usavam... você sabe.

— Mas por que os federais haveriam de querer Manuel?

— Parece que o rapto tem algo a ver com o relatório que ele nos enviou.

Isso queria dizer que alguém o denunciara aos agentes do governo. Mas quem? Ela fez uma lista das pessoas que sabiam do relatório e levou um choque, ao perceber que James era uma delas. Era um absurdo pensar que ele tivesse algo a ver com isso, mas...

Naquela noite, Kennedy apareceu na televisão para anunciar que a instalação de mísseis soviéticos em Cuba levava os Estados Unidos a pedir urgentemente sua remoção e a impor o bloqueio naval à ilha, para evitar novas remessas soviéticas.

Durante vários dias, o mundo pareceu à beira da catástrofe nuclear. Amanda queixava-se de que, na escola, eram ensinados a se esconder debaixo das carteiras para se protegerem de um ataque nuclear.

— É idiota, mamãe — disse a garota com lábios trêmulos. — Se jogarem bombas, morreremos todos.

— Ninguém vai jogar coisa alguma — tranqüilizou-a Alexis, ocultando sua preocupação.

Quando a crise foi superada e o mundo respirou de alívio, ela enfrentou James.

— Você sabia o que estava acontecendo, quando eu lhe falei de Manuel.

— Havia negociações muito delicadas sendo entabuladas. Um vazamento poria tudo a perder.

— Por que não me contou?

— Não vi nenhuma necessidade disso.

— Por que não? Tinha de decidir se levaria ou não a história de Manuel ao ar.

— Você tomou a decisão certa, ao não colocá-la no ar.

— Tomei essa decisão porque não pudemos chegar a uma conclusão. Você sabe que ele está desaparecido?

— Vai voltar são e salvo. Acredite em mim, Alexis, foi para o bem de todos.

Ela pensou no assunto e chegou à conclusão de que não podia realmente condená-lo. Eram francos e honestos um com o outro, mas deviam lealdade também a outras pessoas. James depositava uma fé ilimitada no presente que tanto admirava. E ela não podia contestar-lhe o direito de seguir uma linha de conduta diferente da sua.

Estavam totalmente de acordo, no entanto, quando se tratou de decidir sobre os eventos que iriam ter lugar em Washington no verão seguinte. Ambos concordaram que a “Marcha pela Liberdade” receberia toda a cobertura possível.

— Pode ser uma das mais importantes manifestações pacifistas da história — disse Alexis à sua equipe noticiosa. — Quero uma cobertura completa do evento, até onde for humanamente possível chegar.

— Esperemos que seja mesmo pacifista — murmurou um dos cameramen. — Caso contrário, as coisas podem ficar fora de controle.

Alexis pediu a Deus para que isso não acontecesse. Matthew iria lá com Tessa. Seus pais haviam tentado convencê-los do contrário, mas os dois permaneceram irredutíveis.

— É muito importante — disse Tessa. — O que acontecer em Washington determinará nosso futuro.

Alexis olhou para a jovem de dezessete anos e decidiu ir também. Sentia a necessidade de testemunhar o que estava para acontecer, fossem quais fossem as conseqüências.

Durante as primeiras horas, permaneceu no trailer de transmissões da UBC, seguindo os eventos pelo vídeo. Mas, à medida que as imagens se sucediam no monitor, experimentou uma irresistível vontade de sair e unir-se à multidão que se movia lentamente, com quieta dignidade. Jovens e velhos, brancos e negros caminhavam, todos juntos, pelo vasto gramado que ligava o monumento a Washington ao Lincoln Memorial. Eram milhares de pessoas, um mar humano seguindo a corrente do sonho sagrado.

Alexis ficou na ponta dos pés, mas não conseguia ver o orador na plataforma. Sua voz pairava acima de todos, serena e pausada. A voz de Martin Luther King.

— Defendemos verdades que são evidentes por si mesmas: todos os homens são iguais perante o Criador.

A multidão juntou sua voz numa única resposta:

— Amém.

— Tive um sonho: um dia, nas vermelhas colinas da Geórgia, filhos de ex-escravos e filhos de ex-proprietários de escravos sentarão juntos à mesa da irmandade.

— Amém.

Sob o céu azul, as palavras cresceram e transformaram-se numa louvação, num cântico que trazia a esperança de renovação à face do mundo.

— Mais um pouco de sonho — gritou a multidão. E ele lhes deu o sonho do futuro, quando a injustiça seria banida da face da Terra e as crianças cresceriam conhecendo a liberdade.

Alexis sentia as lágrimas escorrerem-lhe pelo rosto, mas não se importou de enxugá-las. Abriu seu coração e deixou que as emoções fluíssem através dela, livres. Uma chama percorreu-a e seu corpo tornou-se uma única pulsação, a bater mais forte, inundando-a de uma intensa felicidade.

Ao entrar no centro operacional da UBC naquela sexta-feira, por volta de uma e meia da tarde, Alexis teve a sensação de que algo estava para acontecer. Ouviu os três toques do teletipo, sinal de um boletim, e enfiou a cabeça na sala de noticiário.

Um dos rapazes correu para a máquina, apanhou a longa tira de papel e começou a ler em voz alta:

“Da UPI — Dallas, novembro 22.

Foram disparados três tiros na direção do cortejo do presidente Kennedy, na cidade de Dallas.”

— Meu Deus! — A voz de Alexis era um soluço estrangulado na garganta.

Um murmúrio se elevou em toda a sala, e ela respirou fundo e falou mais alto para ser ouvida:

— Dave, telefone ao nosso escritório do Texas. Consiga todas as informações que puder e deixe a linha livre. Pete, avise a cabina de controle que estamos esperando um boletim dentro de cinco minutos. Jack, avise-me quando as notícias chegarem.

— O escritório de Dallas diz que o presidente pode estar seriamente ferido — gritou o homem que estava ao telefone.— Ele foi levado ao Hospital Parkland.

— Mande alguém para lá! — ordenou ela, com voz trêmula. O teletipo trabalhou outra vez.

“Suíte — Dallas.

Kennedy seriamente ferido... talvez fatalmente, por uma bala assassina.”

Procurando ocultar sua dor, Alexis voltou-se para as pessoas que entravam na sala.

— Iremos para o ar imediatamente e continuaremos a transmitir durante vinte e quatro horas.

O jovem que estava no teletipo sacudiu a cabeça, como se não quisesse acreditar no que estava acontecendo.

— Ele vai ficar bom... tem de ficar!

A secretária de Alexis chamou-a:

— Sra. Callahan, seu marido ao telefone.

— Estamos no ar — disse James, sem mais preâmbulos. — E vocês?

— Nós também. — Ela baixou a voz. — Acha que ele vai se salvar?

— Não sei... recebi uma notícia... sem confirmação, de que ele já recebeu a extrema-unção.

— Oh, Deus...

As duas e trinta chegou o derradeiro boletim: “Presidente Kennedy morto”.

As horas que se seguiram ficaram indelevelmente impressas na mente de Alexis. Enquanto lutava para supervisionar a cobertura, lutava também para não entrar em pânico. Corriam boatos de que outros atentados iriam acontecer, visando desestabilizar o governo dos Estados Unidos. As escolas fecharam suas portas e as rádios e os canais de televisão transmitiam apenas notícias referentes ao presidente morto.

No sábado, coberto por uma bandeira, o ataúde presidencial foi exposto à visitação pública no salão leste da Casa Branca. Imagens da cena eram intercaladas nos vídeos com flashes do que acontecia no mundo: os londrinos assistindo a uma missa de réquiem na Abadia de Westminster, os berlinenses numa marche aux flambeaux, os moscovitas chorando, enquanto apunham suas assinaturas no livro de pêsames da embaixada americana. De Tóquio, Paris, Nairóbi, Berna, Seul... as imagens corriam pelo vídeo. O mundo em luto chorava o jovem presidente da esperança.

No domingo, Alexis e James foram a Washington. Havia sido convidados para fazerem parte do grupo de dignatários reunidos na rotunda principal, onde o corpo permaneceria exposto até o dia seguinte.

O ataúde jazia sob a cúpula, banhado pelos raios dourados que atravessavam as janelas da galeria superior. Enquanto os elogios fúnebres se sucediam, os olhos de Alexis buscavam a figura enlutada de Jacqueline Kennedy. A mulher com quem havia estado permanecia com quieta dignidade, com o rosto encantador transformado em máscara de tragédia grega. Quando as vozes se calaram, ela aproximou-se do caixão com sua filhinha e juntas ajoelharam-se para o adeus final.

Mais tarde, de volta ao hotel, Alexis assistiu novamente à cena pela televisão e perguntou-se qual seria a fonte de onde a jovem retirara tamanha força e tamanha realza.

As notícias de que Lee Harvey Oswald fora mortalmente atingido por um tiro enquanto os serviços fúnebres aconteciam na rotunda provocaram mais um estremecimento de horror numa época de horrores.

Deitada na cama ao lado de James, ela pensou nas palavras que Winston dissera: “Não podemos obter sempre o que queremos”.

Kennedy tentara, e morrera no seu esforço. Assim como tantos outros. Mas ela não, porque lutara a vida toda para ser apenas ela mesma. E tivera sucesso em medida suficiente para compartilhar sua individualidade com James. Talvez não tanto quanto desejava nem com tanta frequência porque, na vida real, não havia soluções definitivas. Mas podia estar ali, ao seu lado, e servir-lhe de apoio; podia tomá-lo nos braços e confortá-lo, enquanto ele chorava.

Ao meio-dia de segunda-feira, os sinos das igrejas da capital dobraram a finados. As rodas de ferro da carreta fúnebre rangeram; os tambores rufaram surdamente; as batidas cadenciadas dos cascos dos cavalos ecoaram no ar gelado.

“Pai nosso que estais no Céu...”, orou o padre na missa fúnebre.

Alexis baixou a cabeça e procurou a mão de James. Apertou-a gentilmente e sentiu-a tremer.

Quando o esquife saiu para a fria claridade do outono, um menino saudou-o. Ele completava três anos naquele dia e seu pai estava morto. E nem todos os dignitários do mundo nem os louvores, as bandeiras desfraldadas, os tambores rufando baixinho, nada podia mudar isso.

O longo cortejo fúnebre passou pelo Lincoln Memorial, antes de atravessar a ponte, rumo ao Cemitério Nacional de Arlington. Ao passarem diante do templo neogrego da liberdade, Alexis olhou para cima. E, por um breve instante, teve a impressão de que a estátua chorava.

Aos pés das verdes colinas, repouso final dos guerreiros honrados pela pátria, foram oferecidas as últimas orações. E então um esquadrão de cinquenta jatos, representando a União, cruzou os ares, seguido por um único da Força Aérea, que voava sozinho.

Quando a nave solitária desapareceu no horizonte, tudo acabou. O cavaleiro de brilhante armadura chegara e fora embora, como se nunca houvesse existido. Mas levava a esperança consigo.

Epílogo

O dia de Ação de Graças foi triste. Alexis e James relutaram, mas por fim decidiram-se a comemorá-lo, pensando nas crianças. Amanda e Jamie estavam abalados com o luto dos adultos e com a súbita presença da morte em suas jovens vidas. Precisavam sentir que havia ainda algum sentido de ordem e continuidade no mundo.

Matthew chegara de Princeton. Falou muito pouco sobre o que acontecera, e Alexis sentiu que ele estava profundamente chocado. Seu coração apertou-se, mas havia pouco que pudesse fazer para confortá-lo. Seu enteado já estava em idade de compreender que a vida era, às vezes, terrivelmente injusta. Mas, pelo menos, não tinha de suportar sua angústia sozinho.

Tessa estava sentada ao seu lado, na mesa familiar, encantadora no simples vestido branco. Ela telefonara a Alexis dias antes, pedindo permissão para passar o dia de Ação de Graças com eles. Seus pais haviam aprovado, entendendo como era importante para ela estar com Matthew.

Quando o peru foi colocado no centro da mesa, James levantou-se.

— Não iremos pretender que este dia de Ação de Graças seja igual aos outros. Agora, somos levados a crer que o mundo é terrível. Mas não é assim. Há ainda muita coisa boa, muita coisa que devemos conservar.

Ele fez uma pausa e seus olhos buscaram os de Alexis.

— O amor irá torná-los vulneráveis, mas, no final, será a única coisa que lhes dará uma segurança real. Tudo poderá ser retirado de vocês, inclusive a própria vida, mas o amor permanecerá.

Fitou os meninos, e completou gentilmente:

— Não espero que tenham entendido. Mas espero que se lembrem de minhas palavras no futuro. O tempo passa muito rápido e logo este mundo, com toda a sua carga de dor e de beleza, será de vocês.

No silêncio que se seguiu, ele e Alexis se fitaram. Em seus olhos estava escrito o que havia em seus corações. Para eles, o amor não chegara num instante. Fora uma lenta e penosa conquista, a última vitória sobre o perigo e a morte. Mas chegara para ficar.

Por baixo da mesa, sem que ninguém notasse, Tessa colocou sua mão sobre a de Matthew.